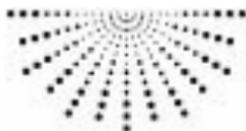


ANJO
de FOGO

TANYA ANNE
CROSBY

AUTORA NA LISTA DE MAIS VENDIDOS DO NEW YORK TIMES

ANJO DE FOGO



TANYA ANNE CROSBY
TRADUZIDO POR ELAINE MOREIRA



Direitos Autorais

Dedicatória

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Epilogo

“Anjo de Fogo”

Escrito por Tanya Anne Crosby

Copyright © 2015 Tanya Anne Crosby

Todos os direitos reservados

Traduzido por Elaine Moreira

 Created with **Vellum**

À ascensão da Fênix...
“com seus milhares tons de ouro cintilando na plumagem...”

CAPÍTULO UM



O cheiro que se espalhava pelo salão caiado era do prato favorito de Gilbert de Lontaine, faisão ao molho de laranja. Estava se tornando um cheiro bem familiar, pois havia agraciado quatro vezes a mesa do lorde nas últimas cinco noites. O problema era que o senhor de Lontaine encontrava-se ausente, então suas filhas gêmeas estavam sentadas em silêncio, comendo o último faisão da despensa.

Enquanto sua irmã era toda sorrisos, Chrestien acreditava nunca ter se sentido tão intratável. Adelaine estava elegantemente sentada em sua cadeira, degustando o faisão e uma porção de legumes cozidos com tamanho vigor que Chrestien não podia deixar de invejá-la. O pai sempre alegou que Chrestien era a mais forte das duas. Mas ali estava Adelaine, calma e serena, recusando qualquer sentimento de preocupação, enquanto Chrestien mal podia engolir a comida por causa da guerra que estava sendo travada em seu estômago.

Havia três portas em arco no salão principal: uma levava aos aposentos da torre, uma, ao jardim, e outra, ao pátio. Porém, havia outra porta atrás do estrado, escondida pela tela de madeira, que levava ao quarto do pai — vazio nos últimos três meses.

Chrestien olhava, sem ver, a porta que levava ao pátio, espetando o trincho cheio com grande desapontamento. Não era tanto o fato de estarem sem faisões que a aborrecia. O pai não era tão exigente para se importar com o que era servido para recebê-lo em casa. Mas sua ausência ininterrupta provocava uma sensação desconfortável na boca do estômago. E ainda mais angustiante que a sua ausência era o silêncio que ecoava de Rouen.

No momento, o salão principal fervilhava de servos: alguns estavam limpando as mesas de cavalete, outros começavam a tediosa tarefa de remover os farelos de comida das palhas que forravam o chão. Como a maioria dos cavaleiros do castelo tinha acompanhado seu pai até Rouen, as mesas baixas já tinham sido retiradas e desmontadas, já que, para começar, estavam desprovidos de ocupantes. Atualmente Lontaine contava com uma escassa guarnição militar — tão escassa quanto a despensa ficaria caso o pai não retornasse imediatamente.

Adelaine a olhou de esguelha, com reprovação.

— Ele retornará tão logo o assunto esteja acabado, Chrestien. Deixe de se preocupar e coma.

Chrestien apertou o punhal em sua mão.

— Céus, mas já faz meses! Ele nunca se ausentou por tanto tempo assim.

Como era devido, seu pai não hesitou em tomar partido de Roberto Curthose, acreditando que era o direito do duque manter posse daquilo que lhe fora designado como herança. Aparentemente Henrique, o irmão caçula, não concordava com isso. Perto da morte, o velho Conquistador dividira suas terras entre os filhos, deixando por herança o reino da Inglaterra para Rufus — que agora estava morto, assassinado por Henrique, segundo diziam — e o ducado da Normandia para Roberto, o filho mais velho. Isso deveria bastar para que os dois governassem contentes, mas agora, ao que parecia, Henrique também ambicionava o ducado. O que era bastante compreensível. Politicamente, a divisão entre Normandia e Inglaterra atormentava os nobres — muitas famílias possuíam propriedades dos dois lados do canal. Caso a disputa entre os dois irmãos brigões não pudesse ser resolvida amigavelmente, eles com certeza teriam que colocar seus soldados em batalha. Era isso o que provavelmente mais afligia a mente de Chrestien.

Adelaine deu outra olhada de soslaio, então Chrestien se colocou na defensiva:

— Eu não estaria tão agoniada se Curthose não tivesse exigido que ele mobilizasse *todas* as suas tropas antes de partir. Para mim, isso cheira a guerra. Ora, por que faria tal pedido se não por acreditar que isso acabaria em luta?

Adelaine respondeu com um sorriso paciente que irritou Chrestien.

— Irmã, por favor. Deixe de lamúrias... A verdade é que papai pode entrar por esta porta a qualquer momento.

— Assim espero — retrucou Chrestien. — Mas nós duas sabemos que é pouco provável.

Adelaine cortou uma generosa porção do faisão que estava à mesa com maestria, depois o levou à boca. Mastigou, engoliu, depois lambeu os dedos, lançando a Chrestien um olhar indulgente.

— Um homem tolo fica acordado à noite, pensando em muitas coisas. Quando a manhã chega, ele está cansado de preocupação e o problema ainda está lá.

Chrestien resistiu à vontade de tapar os ouvidos.

— Por favor! Não recomece com isso. Se eu ouvir mais uma dessas baboseiras escandinavas, enlouquecerei!

Adelaine agitou a adaga de refeição em censura.

— Como acha que papai se sentiria se você morresse de fome antes que ele tivesse a oportunidade de voltar?

Chrestien revirou os olhos.

— Ninguém jamais pereceu pela falta de uma única refeição — argumentou ela. — De qualquer forma, já estou muito enjoada de faisão. — Empurrou o trincho para longe. — Fico muito satisfeita em ficar sem a ceia desta noite. — Deitou o punhal sobre a mesa, e Adelaine finalmente perdeu a calma.

— Devia se envergonhar! — exclamou a irmã. — Você se preocupa demais.

— E você de menos — retrucou Chrestien, satisfeita por pelo menos ter conseguido deixar as bochechas de Adelaine um pouco vermelhas.

Por Deus, por que ela sempre tinha que se preocupar sozinha?

Gritos repentinos surgiram além da muralha de pedra de três metros de espessura de Lontaine, e os guardas do castelo gritaram em resposta.

Mais gritos vieram do pátio. As gêmeas, ao mesmo tempo, abriram um grande sorriso quando reconheceram o clamor.

— Viu! Eu não disse? — declarou Adelaine. Os olhos dela brilhavam de puro prazer.

Empolgada, e nem um pouco interessada em repreensões, Chrestien saiu em disparada de seu assento, puxando Adelaine do dela. Foram juntas do salão principal até o pátio, sem nem parar para que Adelaine recuperasse direito o equilíbrio. Na verdade, Chrestien estava quase arrastando sua gentil irmã atrás de si, tão delirante estava pelo retorno do pai. Adelaine, dividida entre a alegria e a irritação com a atitude de Chrestien, livrou-se daquele puxão e parou para espanar as migalhas da saia de cendal azul, ansiosa por estar apresentável diante do pai. Uma vez composta, e ao seu tempo, foi depressa atrás de Chrestien.

Lá no pátio, os vilões já tinham se reunido junto ao portão do castelo, mas todos se afastaram para abrir caminho para as adoradas filhas do lorde. O

silêncio pesou no pátio quando a ponte baixou e tombou com um baque. Um único homem vinha cavalgando pela ponte. Uma sensação de pavor tomou Chrestien quando o escudeiro do pai surgiu das sombras e do nevoeiro.

Ela encarou a irmã com apreensão, sentindo nós de temor se formando no estômago quando os olhos de Aubert avisaram de antemão quais seriam as suas palavras...

Desmontando, com olhar sombrio, o escudeiro de Gilbert de Lontaine aproximou-se das jovens filhas de seu senhor, desprezando a tarefa que agora lhe cabia. Assim que parou diante delas, permaneceu em silêncio por um instante enquanto formava as palavras que sabidamente devastariam as duas. Com um gesto da mão, secou as gotas de suor que se acumulavam na testa, retraindo-se com a dor da própria perda. Com certo esforço, manteve a compostura e falou baixinho, os olhos revelando todo o pesar que havia em seu coração.

— Minhas senhoras... A mensagem que trago é das mais deploráveis...

Seu olhar buscou Chrestien. De alguma forma, beneficiar-se da força dela tornava sua missiva um pouco mais fácil. Mas antes que pudesse falar mais alguma palavra, Adelaine desmaiou. Os braços de Chrestien esticaram-se para amparar a irmã, como se ela tivesse antecipado a reação. Ela caiu de joelhos, puxando Adelaine consigo, e ali ficou sentada, aninhando a cabeça da irmã no colo enquanto aguardava pelas temíveis palavras de Aubert.

— Seu pai tombou em Tinchebray — admitiu ele. — O duque foi capturado, assim como muitos outros. Não fosse pela graça de nosso Senhor Deus... e... por seu pai... — Ele sacudiu a cabeça com pesar. — Eu nunca teria escapado com minha própria vida.

Chrestien ficou sentada sem se mexer, apertando a irmã.

— Henrique atacou com seu Lobo.

Ela estremeceu visivelmente à menção do tão temido nome, pois o assassino de Henrique era bem conhecido por todos, desde as florestas mais remotas até as costas mais distantes. Vilas inteiras foram incendiadas no rastro de sua passagem.

— Quando o estandarte prateado surgiu, muitos nas nossas tropas se viraram e fugiram — disse ele. — Seu pai não. Manteve-se firme... lutou... morreu com honra.

Chrestien enfim ergueu os olhos. Aubert estudou seu olhar em busca de algum sinal de que desmaiaria, como Adelaine, mas os únicos traços que revelavam sua dor eram aqueles profundos olhos cinzentos. Não havia lágrimas, mas a tristeza no fundo deles era de apertar o coração. Ele carregaria o fardo dela se pudesse.

Em silêncio, abaixou-se para erguer Adelaine nos braços. E em silêncio, Chrestien se levantou para guiá-lo até o quarto delas na torre. Aubert a seguiu, carregando o corpo frouxo de Adelaine, e juntos, num silêncio soturno, os três subiram os curtos degraus de madeira até o salão principal.

Lá dentro, os servos já tinham retomado seus afazeres, ocupando-se com a limpeza da refeição da noite. Tiveram o cuidado de evitar o olhar de Chrestien. A notícia já tinha se espalhado pelo castelo e ninguém suportava ver o rosto de sua senhora, pois, por mais que se importassem com seu senhor, amavam muito mais suas filhas.

Desajeitadamente, Chrestien retirou uma tocha acesa do suporte e guiou o caminho, subindo um lance de degraus de pedra em espiral até seu quarto particular. Uma vez lá, pôs a tocha num gancho da parede, enquanto Aubert levava Adelaine para uma cama com belo dossel. Passando por Chrestien, Aubert viu seus ombros sacudirem de leve e ouviu um lamento abafado. Percebeu que ela estava lutando contra as lágrimas, então lhe deu um momento de privacidade, evitando seu olhar.

Sem uma palavra, colocou Adelaine sobre a cama e foi com impotência que observou Chrestien sentar ao lado para acariciar rosto dela com carinho.

Envergonhado, Aubert desviou o olhar da cama da irmã.

Gilbert e suas filhas não sabiam que Aubert conhecia a verdade sobre seu próprio nascimento. Nunca teve a permissão de entrar no quarto delas, então agora era como se estivesse traindo de alguma forma Gilbert por estar ali.

Gilbert de Lontaine sempre protegeu ferozmente as filhas, mantendo todos afastados com tamanha diligência que poucas pessoas de fora dos muros do castelo sequer sabiam que eram gêmeas. A maioria acreditava que Adelaine era filha única, o que parecia servir bem a Chrestien, que pretendia permanecer solteira. Gilbert, nada surpreendentemente, expressou agrado com tal pretensão, pois inúmeras vezes havia confessado a Aubert que temia pelo bem-estar de Chrestien, caso terminasse com um homem impaciente. Embora Gilbert amasse demais as duas, Chrestien era de longe a sua favorita. Ele não suportava pensar em algum homem maltratando a filha por causa de sua personalidade entusiasmada. Sempre preferiu que fosse uma moça bonita e selvagem e detestaria modificá-la. Então, ele incumbiu Aubert de ser seu eterno protetor – um papel que ele aceitou sem reservas, pois, apesar de ser voluntariosa, Chrestien era o sangue que corria pelas veias daquela propriedade. Ela era o deleite de todos que a conheciam.

O choro abafado de Chrestien interrompeu os pensamentos de Aubert, que se

virou de costas para secar do olho uma lágrima desobediente, não querendo que fosse vista. Não conseguia sequer se lembrar de ouvir Chrestien chorando, portanto, ouvi-la agora era um estímulo para suas próprias lágrimas. Aprendera a amar as filhas de Gilbert – suas meias-irmãs – e ver as duas em tamanho desespero só servia para atormentá-lo. O quarto estava silencioso e cinzento. A noite tinha caído e o ar frio invadia seus ossos, um frio que não podia ser minimizado pelo fogo fraco do braseiro.

De costas para ele, Chrestien engasgou com as palavras antes de perguntar, assim que se recompôs:

— E Aleth de Montagneaux? Ele também escapou?

Havia ressentimento no tom de Aubert.

— Aleth não foi a Tinchebray, *milady*. — Gilbert partiu *ciente* disso e pareceu não culpar o homem pela irresoluta aliança com Roberto, então não cabia a Aubert fazer julgamentos.

CHRESTIEN ASSENTIU, a respiração vacilando num soluço.

Recordava-se agora.

Seu pai havia dito que Aleth não assumiria aquela luta como sua. Adelaine ao menos teria como recorrer a Aleth. Nem ela nem Adelaine o conheciam bem, mas o pai adorava Montagneaux, de quem receberam as terras em vassalagem. Chrestien só podia imaginar que se o pai gostava dele tanto assim, devia haver uma causa justa para tanto.

Infelizmente, ela e Adelaine só o viram apenas duas vezes – muito tempo atrás – mas se sua memória ainda estava boa, ele era um homem gentil. Vinte anos mais moço que seu pai, Aleth possuía um rosto atraente além do temperamento jovial. E, de fato, seu pai lhe oferecera a mão de Adelaine em casamento certa vez. Aleth declinara, só porque já estava comprometido com outra, mas ele jamais se casou com a cobiçada moça e agora parecia permanecer solteiro.

Mesmo que pudessem manter aquelas terras sem um homem, não eram tempos de paz. Adelaine não podia ficar ali sem um homem para protegê-la. Nem Chrestien, aliás, pois seu destino não era o mesmo que o de sua gentil irmã.

Ela pensava em Aleth de Montagneaux e esforçava-se para lembrar qualquer coisa que conseguisse. Fazia muito tempo. Na primeira vez em que o encontraram, elas fizeram aquela brincadeirinha, garantida pelo sigilo do pai, de fingirem ser a mesma pessoa: uma brincadeira que seu pai parecia sempre

apreciar, não importava quantas vezes fosse realizada.

Adelaine compartilhou do trincho com Aleth por curto tempo, depois pediu licença por um instante. Chrestien retornou no lugar dela, trajando vestido parecido, mas estava com tanta fome que quase se denunciou, pois comeu com o fervor de um animal faminto. Aleth nem desconfiou do fato de estar sentado ao lado de uma pessoa inteiramente diferente. Apenas achou engraçado que ela comesse por dois. O pai riu daquilo com entusiasmo.

Claro, Aleth havia visitado Lontaine algumas outras vezes, não muitas, mas o pai sempre mandava Chrestien e Adelaine ficarem no quarto até os visitantes partirem.

Ainda assim, segundo recordava, Aleth era bem amigável, então Chrestien esperava que ele fosse um marido gentil com Adelaine. Será que ele consideraria o casamento agora? Afinal aquelas terras tinham sido de Montagneaux, que sem dúvida gostaria de readquiri-las. Tomar posse de Lontaine só fortaleceria sua reivindicação.

— Aubert, está certo quanto a papai? — Ela precisava ter cem por cento de certeza de que o pai tinha mesmo partido antes de colocar o plano em ação.

Aubert acenou com a cabeça.

— Eu o vi cair com meus próprios olhos.

Chrestien cobriu o rosto com as mãos, seus ombros sacudiram de leve. Aubert ficou parado, sem jeito, querendo aproximar-se, mas incapaz de confortá-la como um verdadeiro irmão.

Sabia que ela estava relutando a notícia. Ele mesmo mal podia crer, mesmo vindo direto da cena da morte de Gilbert.

Tinha, de fato, visto Gilbert tombar, embora o motivo fosse um mistério. Seu pai era um guerreiro habilidoso e tinha mais um homem, além de Aubert, guardando-lhe as costas – um dos vinte homens contratados que Aleth oferecera a Gilbert em vez de atender ao chamado de Curthose. Aleth não hesitou em ficar longe de Tinchebray. Não acreditava na vitória de Curthose e tinha muito a perder com o reinado de Henrique. Foi uma aposta, na certa, pois não havia como saber que Henrique prevaleceria. Se fosse qualquer outro lorde, Curthose o teria esmagado a caminho de Tinchebray, mas as terras de Montagneaux estavam longe de serem poucas e até mesmo Curthose o temia. Agora Aleth parecia ser o homem mais sábio, pois Gilbert estava morto e Montagneaux só perdera vinte homens – homens que vestiam a farda de Gilbert, de modo que Henrique não soubesse de nada.

No campo de batalha, Aubert se afastou de Gilbert apenas o suficiente para

vencer um atacante. E retornou apenas para ver Gilbert dobrar ao chão, o sangue jorrando de um ferimento na nuca. Caído, mortalmente ferido, Gilbert conseguiu forçar apenas quatro palavras de seus lábios ensanguentados.

— *Nós fomos traídos!* — disse ele. — *Fuja!*

A expressão nos olhos do pai, aquele terrível apelo, fizeram Aubert tirar os joelhos do chão. Refletindo melhor, ele agora percebia que foi a maneira que Gilbert encontrou para protegê-lo de destino semelhante: o gesto de amor de um pai moribundo ao filho que jamais reconheceu. Aquilo o tocou profundamente. Ainda assim, havia algo nas últimas palavras de Gilbert que agora o assombravam.

Traídos, dissera ele.

Mas como?

Adelaine se mexeu, trazendo os pensamentos de Aubert para o presente.

Por mais que as duas se parecessem, nunca existiram duas pessoas mais diferentes. Adelaine raramente levantava a voz ou desobedecia Gilbert; Chrestien era espirituosa e sagaz. Adelaine era talentosa com a agulha e entendia bastante de ervas medicinais. Chrestien não. Além do mais, se Adelaine era bem apegada aos livros de aprendizado, Chrestien estava só interessada em cavalgar e caçar – sempre implorava ao pai que a levasse nas caçadas.

Gilbert presenteara Chrestien com seu próprio capão, Relâmpago, que ela nunca podia cavalgar na companhia de convidados. Ela adorava aquele cavalo.

De natureza travessa, parecia que Chrestien estava sempre arrastando Adelaine em seus caprichos. Mas Gilbert, longe de ficar zangado com a filha geniosa, parecia se divertir com suas travessuras. Ele, é claro, às vezes fingia estar aborrecido com ela, mas suas censuras não tinham firmeza e era só questão de tempo para que Chrestien estivesse aprontando algo novo.

Por causa de sua natureza inquieta, todos ficaram surpresos no verão anterior quando Chrestien anunciou seu desejo de devotar-se à Igreja. Fosse Adelaine a fazer tal revelação, não teria sido tão espantoso, já que era ela a mais apropriada à vida no convento. Mas Chrestien? Que o Senhor auxiliasse a abadessa da Santíssima Trindade!

A mãe das gêmeas havia morrido no parto, e Gilbert não casou novamente. O amor que tinha pela esposa tinha sido grande demais. Era um amor muito puro e muito raro naqueles tempos em que a união matrimonial era pouco mais do que um jogo político. Em vez disso, Gilbert dedicou sua alma a criar as filhas de Elizabeth. E mesmo que Gilbert jamais fosse admitir a verdade, Aubert sabia que o pai não suportaria ficar sem mimar suas amadas filhas. Então, Gilbert jamais

forçou a questão do casamento. Só estipulou que Chrestien fosse para a abadia quando ele morresse, nunca antes disso.

De qualquer forma, Adelaine era a mais velha, mesmo que por meros minutos. Ela era a herdeira de Gilbert e estava obrigada a casar de acordo com os desejos do pai – só que Gilbert não tinha vivido o suficiente para que se soubesse qual o marido escolhido.

Aos dezoito anos, as gêmeas eram um par estonteante. Tinham passado da idade de casar, mas não havia homem na Cristandade que não pularia de entusiasmo diante da oportunidade de tê-las mesmo assim.

E valha-me Deus se descobrissem que eram duas! Toda a Normandia estaria no portão de Lontaine com um ariete, pronto para batalhar pelo privilégio de casar com uma delas. Disso Aubert tinha certeza.

Adelaine se recobrou sob os cuidados gentis de Chrestien, erguendo as pálpebras para revelar seus olhos cor de âmbar, levemente salpicados de verde. Os olhos, refletiu Aubert, eram a única maneira física de distingui-las. As duas possuíam olhos lindos. Mas os de Chrestien eram da cor de fumaça, profundos e escuros, coroados de verde, enquanto os de Adelaine eram como uma taça de caldo dourado.

Adelaine gemeu, e Chrestien reagiu passando os braços pelo pescoço da irmã. As duas se abraçaram com força, e Aubert sentiu que estava sendo um intruso.

— Ah, Chrestien — soluçou ela. — O que será de nós sem papai? — As lágrimas escorriam pelas faces pálidas. Chrestien as secou com carinho.

Aubert desviou o olhar.

A voz de Chrestien era calma e tranquila, apesar do turbilhão que ela devia estar sentindo.

— Eu não sei como nossos corações suportarão — admitiu ela, honestamente. — Mas ficaremos bem... desde que nosso plano siga em frente. Você deve procurar por Aleth — disse ela, vendo que Adelaine parecia momentaneamente confusa.

Adelaine arregalou os olhos com horror.

— Não! Isso não funcionará! — declarou.

O tom da voz ficou ainda mais agudo quando Chrestien contrapôs com a cabeça.

— Funcionará — disse Chrestien com firmeza.

— Por Deus, Chrestien! Seria a coisa mais ridícula de toda a Cristandade se eu fosse tratar do meu próprio casamento! Acho que você está mesmo doida!

— Você concordou — argumentou Chrestien, lembrando-lhe.

— Simplesmente para que você ficasse quieta! Nunca acreditei realmente que isso aconteceria!

O semblante de Chrestien permaneceu calmo. Aubert sabia que reagir com apreensão às preocupações de Adelaine só serviria para arruinar a única solução prática disponível para elas. Por mais ridículo que parecesse, não havia mais nada que as meninas pudessem fazer. E Henrique não demoraria a enviar seus emissários para assegurar Lontaine. Eles já deviam estar se apropriando de seus prêmios, tal qual os ganhadores de um jogo contando suas moedas. Elas não dispunham de muito tempo.

— Não! — Adelaine protestou novamente. — Chrestien, Aleth me acharia impura e inadequada caso eu fosse tão ousada.

— Ela diz a verdade — interveio Aubert, achando que Chrestien ficaria ofendida porque ele estava tomando o partido de Adelaine naquele assunto.

— Sim — aceitou Chrestien. — Mas é por isso que decidi ir falar com Aleth por você... como sua guardiã.

— Bom Deus! Não, Chrestien! Você não pode.

— Posso e vou, Adelaine! Aleth não sabe de mim. Eu simplesmente direi que sou seu primo. E farei com que ele acredite que era o desejo de papai que vocês dois se casassem. Ele decidirá se aceita ou não, mas se não aceitar, levarei você comigo para a abadia.

Adelaine retorceu o rosto, e Chrestien aproveitou a oportunidade para convencer a irmã.

— Papai desta vez ficaria contente com nossa brincadeira. Aleth não sabe que papai tem duas filhas – gêmeas, ainda por cima.

Como nem Adelaine nem Aubert deram qualquer sinal de concessão, ela começou a dar detalhes de como o ardil seria realizado.

— Primeiro, cortarei o cabelo.

Aubert gemeu ao pensar nos cachos que Chrestien perderia. O cabelo dela tinha sido o deleite de seu pai: um tom tão bonito de dourado, com mechas claras de sol correndo pelas ondas que pendiam abaixo da cintura. Era mais sedoso e bonito do que qualquer um que Aubert já tivesse contemplado – tirando os de Adelaine, claro.

Chrestien o encarou com olhos estreitos, avisando sem palavras que não devia dizer mais nada.

— Não terei escolha se eu quiser fazer com que Aleth acredite que sou sobrinho do meu pai. Não terá importância nenhuma, já que partirei para a

abadia tão logo Adelaine esteja devidamente casada. Garanto que lá as irmãs não se importarão nem um pouco com o comprimento do meu cabelo, nem Deus.

Adelaine suspirou, e Aubert assentiu com resignação.

— O que você quer que nós façamos? — cedeu ele.

— Para começar, quantos homens do meu pai restam?

O trajeto até Aleth não era longo, mas seria uma jornada perigosa, com bandidos à espreita para emboscar qualquer alma imprudente. Enquanto Henrique não aparecesse estalando seu chicote de ferro, aquelas agora eram terras sem lei.

— Nenhum... só eu — confirmou Aubert, para a consternação de Chrestien.

— Pois bem... então colocarei armaduras nos vilões — disse com resolução — e em mim também... Fingiremos ser uma pequena tropa.

Ela estava determinada a não fracassar.

Se falhassem, algum parasita sem dúvida fugiria com Adelaine na esperança de tomar posse da herança, e Chrestien jamais se perdoaria. Na verdade, ela não duvidava que já houvesse algum caça-fortuna a caminho de Lontaine naquele mesmo instante.

— Não acho que tomariam você por homem — avisou Aubert.

Adelaine deu um grande suspiro, o som da derrota.

— Ficaria espantado, Aubert, com o que minha irmã consegue fazer.

QUALQUER LACAIO PODERIA conduzir aquela missão.

A tarefa era muito simples – simples demais, na verdade. Devia ser isso o que mais irritava Weston FitzStephens: que Henrique desperdiçasse seu tempo com uma tarefa tão inferior uma vez que havia terras muito mais importantes para se defender.

A brisa da tarde era fresca, mas, confinado na armadura, ele estava pegando fogo. O metal do elmo puxava o calor do sol, e o aquecimento extremo afetava seus sentidos com intensidade. Precisava se livrar um pouco daquele elmo sufocante.

Puxando as rédeas do corcel, e provocando distúrbio na sua tropa, ele afrouxou o protetor do nariz e tirou o elmo da cabeça, expondo a coifa da cota de malha que havia por baixo.

Não era comum que o líder deles sucumbisse ao próprio desconforto, e não havia nenhuma razão aparente para aquela pausa. Estavam cavalgando há dois

dias, desde Tinchebray, parando apenas quando a exaustão exigia. Agora deviam estavam confusos por vê-lo parar, visto que restavam pouquíssimas horas de luz para continuar cavalgando.

Os entalhes deixados pelo elmo cônico na carne de Weston destacavam-se visivelmente no rosto moreno. A mandíbula forte dispunha a boca numa linha rígida, dando provas de sua insatisfação.

Uma coisa era certa. Além dos óbvios ganhos políticos, Tinchebray havia lhes proporcionado terras ricas e férteis. Agora que percebia isso com clareza, compreendeu exatamente por que Henrique detestava a ideia de perdê-la: colinas e campos verdejantes que se estendiam por quilômetros.

O perfume do alecrim selvagem atormentava seus sentidos, mas seu desconforto era grande demais para que o cheiro tentador despertasse qualquer fome.

Só Michel Steorling, seu capitão, aproximou-se, curioso.

— O que foi?

Weston virou-se para encarar seu amigo de longa data e ler a preocupação em seu rosto.

— Estava me sentindo confinado, só isso.

Indicou o elmo cônico, e Michel respondeu com um deliberado aceno de cabeça, um sorriso torto curvando os lábios.

— Não está muito satisfeito com essa tarefa, presumo?

— Não — admitiu ele, inclinando-se para pegar um odre de água nos alforjes. Bebeu profusamente, depois ofereceu o odre a Michel.

Michel recusou, erguendo a sobranceira.

— Tenho o meu, obrigado, lobo velho.

Weston ergueu uma sobranceira escura.

— Se zombar de mim de novo – argh! Se eu soubesse que ia me perturbar sem cessar por causa do emblema que escolhi... Teria pegado outro.

— Não... Serve-lhe bem, meu amigo. Garanto que é por isso que foi mandado para cá. Esses normandos verão seu estandarte e abrirão o portão mais depressa do que uma prostituta escancara as pernas por dinheiro.

Weston fez cara feia.

— Se meu emblema nos trouxe aqui, então é verdade, eu deveria ter escolhido outro.

Michel deu uma risadinha, suas provocações recordando Tinchebray.

— Não, mas valha-me Deus, você reduziu o número dos nossos inimigos já no instante em que reconheceram esse seu estandarte berrante. Henrique foi

sábio ao marcar o momento da sua chegada. No instante em que a sorte poderia ter virado, a oportuna chegada do Lobo Prateado venceu a determinação deles. O surgimento de reforços em si teria sido apavorante, mas vi como os homens largaram as armas quando viram seu estandarte.

Os dois homens voltaram o olhar para o galhardete que Guy, o escudeiro que compartilhavam, erguia com tanto orgulho. O fundo inteiramente negro empunhava no meio um lobo rosnando, bordado em fio prateado. Os destemidos olhos vermelho-sangue olhavam-nos como um demônio saído da escuridão. A brisa sustinha o estandarte esticado, brincando com suas dobras, contorcendo a cabeça do lobo, dando a impressão de que o animal arreganhava suas presas poderosas em alerta.

De certa forma, a imagem, junto com o relato de batalha feito por Michel, irritou ainda mais Weston, que recolocou o elmo na cabeça sem dizer uma palavra, incitando o corcel a seguir em frente.

Suas tropas o seguiram em procissão. Seu destino imediato: Lontaine.

CAPÍTULO DOIS



Estavam ficando sem tempo, percebeu Chrestien. Por mais perigosa que fosse a tarefa, permanecer em Lontaine era muito mais perigoso. A tropa era inadequada para guardá-los em caso de ataque. O máximo que podiam esperar seria protelar um cerco, já que a muralha ao menos era forte e bem conservada. Mesmo assim, ela não era tola para arriscar a vida da irmã por um fim tão incerto. Não, levá-la para Aleth era a coisa certa a ser feita e Chrestien se entregou à tarefa com firme propósito.

Aubert reuniu quantos vilões Lontaine podia dispor e, no dia da partida, Chrestien distribuiu entre eles qualquer armadura que pôde ser salva do arsenal do pai – nada de muito valor.

Para alguns, ela deu escudos batidos, mas não espadas. Para Adam Grande, deu um elmo amassado, mas depois o tomou, rodando o elmo prateado nas mãos enquanto o inspecionava com cuidado. Ela não sabia se serviria na cabeça do Adam Grande. Concluindo que não, entregou-lhe no lugar a cobiçada espada larga. O elmo foi entregue ao Theo Pequeno, o menor homem entre eles. E como Theo Pequeno era muito miúdo, ela ficou com pena e deu-lhe uma espada também. Outros quatro tiveram a sorte de receber espadas largas, mas o restante recebeu adagas. Era uma ninharia, ela sabia. Mas quando não se tem nada, uma adaga era muita coisa. Cada peça boa de armadura fora para Rouen com seu pai e, salvo por Aubert, nada retornou. Assim como os faisões, e a despesa, o arsenal havia sido limpo. Assim que ela terminou, havia dezenove soldados remendados parados diante dela, cada um deles orgulhoso de defender suas senhoras. Ela estava orgulhosa deles também, pois eram corajosos e fiéis.

Aubert parou atrás dela, estudando a pequena tropa com braços cruzados.

— De perto, podem nem fazer uma criatura tremer — admitiu ela com um sussurro. — Mas de longe... Espero que sim.

Aubert guardou sua opinião para si, preferindo concentrar-se na cota de malha que Chrestien tinha confiscado de uma pilha de metal que seria derretido pelo armoreiro, que ralhou com ela por isso.

— Quería que você ao menos tivesse uma cota nova — lamentou ele. — O desenho mais atual é mais pesado, mais encorpado. Manteria você mais segura.

— Sim — concordou Chrestien, incomodada com a negatividade dele. — Mas não pretendo ser esfaqueada mesmo, então não tem importância.

Aubert a encarou com reprovação.

— Nem o rato do campo, até ser pego pelas garras de uma águia.

Chrestien o encarou com olhos apertados.

— Meu Deus! Você é exatamente como Adelaine com essas parábolas malditas que eu nem sei o que querem dizer! Está me comparando com um rato? — perguntou ela, furiosa.

Aubert deu uma risada pesarosa.

— Só quis dizer que ninguém sabe onde o perigo está à espreita, Chrestien, até ser tarde demais, e isso quase sempre significa a morte para quem não está preparado.

Chrestien revirou os olhos.

— Talvez devesse ser direto e esquecer essas charadas. De qualquer forma, não está me dizendo nada que eu já não saiba. O que quer que eu faça? Esperar o tempo que o armoreiro levará para refazer esse camisão? Não! Até lá seria tarde demais, e Adelaine estaria presa nas garras de algum abutre inglês. Não mesmo! Isso *tem* que funcionar, e como tem que ser assim, funcionará — disse ela, resoluta.

Aubert cedeu, dando de ombros, percebendo a futilidade da discussão. Chrestien nunca cederia.

— Vá me achar a Adelaine — ordenou Chrestien, claramente irritada. — Você se aflige como se fosse uma velha, e isso me dá nos nervos!

Aubert deu um passo para trás.

— Velha? Tem coragem de me chamar assim sendo a rainha da preocupação?

Com a paciência no fim, Chrestien fez um gesto para atirar o elmo nele, mas se deteve quando viu o horror na expressão de Aubert.

— Não! — berrou ele. — Este é o último elmo bom! Você vai amassar essa

coisa. Ai, com certeza, em vez de um cavaleiro experiente, parecerá um estafermo espancado.

— Tenha vergonha, Aubert! Sei que você não concorda com a minha decisão, mas não temos escolha.

— Está enganada, Chrestien. Não discordo — argumentou ele. — Só não acredito que vá funcionar e me desalenta ver você se rebaixar. Existe uma diferença.

— *Funcionará*, seu pessimista! Agora me deixe, antes que eu perca a paciência.

— Antes que a perca? — murmurou Aubert. — Valha-me Deus, mas para início de conversa, você nunca nem teve isso. Garanto que poderia aprender uma coisinha ou duas com Adelaine, se quisesse.

Chrestien atirou o elmo prateado, arremessando-o na direção de Aubert. Como pretendia, o elmo aterrissou longe dele. Chrestien apontou para o objeto.

— A verdade é que se eu não me controlasse, você já teria encontrado isso no meio dos seus dentes vinte minutos atrás. — E ela garantiu: — Eu não teria errado.

Aubert se aproximou e abaixou para pegar o elmo, esfregando o topo amassado.

— Veja o que fez. Além do meu, esta era a única peça de armadura que estava um tanto passável. Darei o meu para você.

— Não vai, não. O seu é seu. De que me adianta você vestido de maneira inadequada?

— De que me adianta estar vestido de maneira adequada se as minhas duas senhoras estiverem mortas?

Aubert inspecionou o interior do elmo, pressionando em vão o metal amassado.

— Por que devo ficar diferente do resto dos meus homens? — perguntou Chrestien, mas daí ela franziu a testa e mordeu o lábio, observando a preocupação dele. — Dá pra remendar?

Ele a fitou com ar chateado.

— Não antes de partirmos. Você simplesmente vai ter que ir com um elmo torto — informou ele com franqueza. Depois sorriu e acrescentou: — Para combinar com sua cabeça torta.

— Ah! — exclamou Chrestien. — Vá! Agora! Encontre Adelaine e me deixe em paz, ou juro que será o fim da minha sanidade.

Ele parecia estar muito disposto a dizer mais alguma coisa, mas enfim se foi.

Porém, quando voltou as costas para ela, os ombros dele sacudiram de maneira suspeita.

Chrestien suspirou. Ela adoraria atirar mais alguma coisa naquele grosseirão, mas não havia nada ao seu alcance.

Como sentiria falta daquele imbecil doce e adorável!

Muitos considerariam a discussão deles indigna, mas ela e Aubert eram de temperamento semelhante; parecia que ele gostava do jogo de palavras tanto quanto ela. Ele era o único que já tinha ousado se impor a Chrestien – nem mesmo seu pai tinha feito tal coisa. Sob todos os aspectos, Aubert era como um irmão – um irmão brincalhão. E ela o adorava imensuravelmente.

Assim que estivesse enclausurada, percebeu, jamais o veria outra vez. Entristecida com aquele pensamento, ocupou-se com a tarefa de colocar a sela em Relâmpago. Embora não quisesse chorar, uma lágrima escorreu pela face, incentivada pela imagem do pai ao sair cavalgando pelo portão de Lontaine para se juntar ao duque. Como ele e seus homens eram temíveis de se ver!

Diferentemente de seu infeliz bando de maltrapilhos.

Ele tinha colocado a melhor armadura naquele dia, adquirindo a aparência que ela imaginava para o lendário guerreiro Arthur da Bretanha. Os menestréis ainda cantavam sua coragem feroz. E ela imaginou, ainda que brevemente, se haveriam baladas cantando os mortos de Tinchebray.

Henrique da Inglaterra tinha aconselhado seu pai a não apoiar o duque, alertando que seria um ato de traição, mas seu pai não enxergava dessa maneira. As terras que Gilbert de Lontaine tinha recebido como dote da mãe de Chrestien foram confiscadas pelo barão Grey com a morte dela. Se ele não tivesse abdicado de suas propriedades na Inglaterra em benefício do seu avô, talvez tivesse pensado de maneira diferente, mas na atual configuração, Gilbert só possuía terras na Normandia do duque – tinha jurado lealdade ao duque. E foi assim que ele montou em seu corcel, trajando armadura completa para cumprir seu dever... para jamais retornar.

O único conforto de Chrestien era saber que o duque tinha valorizado seu pai, que havia morrido por algo em que acreditava. Ah, mas ao que parecia, Gilbert tinha sido um dos poucos homens leais ao duque, embora ela não conseguisse compreender por que Aleth não defendera seu suserano. Qualquer que fosse a razão, seu pai a conhecia e, obviamente, a aceitara – então ela podia fazer o mesmo.

Já controlada, apesar do rumo amargo dos pensamentos, ela se dedicou à tarefa de aprontar a montaria de Adelaine também. Assim que Aubert retornasse

com sua triste irmã, estariam prontos para partir. Chrestien de repente sentiu como se uma guerra estivesse sendo travada em seu estômago. Mesmo com a demonstração de bravata, ela não estava nada segura de que poderia levar isso a cabo.

Mas o que aconteceria, caso não conseguisse? E se Aleth não acreditasse nela? E se ele já tivesse planos de casamento? E se ele decidisse tomar as terras sem se importar com sua querida Adelaine?

Ela não podia pensar em nada disso agora. Pelo que sabia, ele era um homem honrado. Havia uma tarefa a ser feita. E agora que o caminho estava traçado, não havia como voltar atrás.

Quase trinta minutos depois, com Adelaine em seu encalço, Aubert apareceu no pátio e parou para admirar a transformação. Riu por dentro com a visão que Chrestien apresentava.

Ela trajava um calção masculino enfiado em grossas botas de couro marrom e uma cota de malha que quase alcançava suas canelas – no pai, a cota atingia os joelhos. Mas se o disfarce o fez sorrir, a testa franziu quando seu olhar percebeu o cabelo. Agora estava poucos centímetros acima dos ombros, cortado à moda de um rapaz camponês. O rosto perfeito estava escurecido com fuligem para fazer a pele sedosa parecer mais envelhecida. Portava na bainha a pesada espada larga do avô, de punho encrustado de joias, e carregava na mão o escudo sobressalente de Gilbert, que era de alongado formato oval e exibia sua escolha de insígnia – um leão dourado alado, em posição de voo.

Era impressionante que ela conseguisse ficar de pé ereta na cota do pai, por mais pesada que fosse. Aubert tinha levado anos para adquirir a destreza de carregar sua cota com facilidade. Porém, ali estava a filha de Gilbert, suportando com orgulho todo aquele peso em seu corpo miúdo. Ela mal atingia seu peito em altura. Podia ver de cima o topo da cabeça dela, mas sim, Chrestien parecia um homem naquele momento – melhor, um rapaz, já que não possuía barba, só uma pele tão lisa quanto traseiro de bebê. A pesada cota, vestida por cima de uma larga túnica, achatava os seios sem esforço. E as botas pesadas, estufadas com tecido, escondiam as curvas delicadas das pernas. Para assumir a aparência de alguém já experiente, ela sujou as mãos com fuligem, escurecendo a pele até aquilo praticamente ser parte de sua carne. Depois, aplicou gordura nos cachos rebeldes que caíam pela nuca.

— Jesus! — exclamou Adelaine. — Eu não acreditaria se não visse com meus próprios olhos!

Chrestien deu uma risada, exibindo um sorriso branco como pérola. Aubert já

tinha sido mordido por aqueles dentes perfeitos, quando os dois não tinham mais do que seis anos, por ter roubado a torta dela.

— Serve? — perguntou ela, parando ereta e sorridente diante de Adelaine. Depois, voltou-se para Aubert, erguendo os ombros delicados enquanto esperava pelo veredito.

Aubert e Adelaine a examinavam, sem piscar.

— Então? — inquiriu Chrestien, já que ninguém falava nada.

Aubert era um verão mais jovem, mas parecia ter muito mais idade do que ela. O cabelo loiro e os traços bem-feitos lembravam tanto o seu pai que ela costumava suspeitar que ele fosse um bastardo. Mas como seu pai nunca admitiu tal coisa, Chrestien, por respeito, nunca fez pressão para saber. Mesmo assim, ele era um irmão em cada sentido da palavra.

— Serve sim — assegurou ele, com um sorriso carinhoso.

Adelaine deu uma risadinha, cobrindo a boca. Enrugou o nariz com graça.

— Nossa, eu ficaria muito insultada se achassem que você é meu gêmeo agora — disse ela, fingindo severidade, mas o brilho nos olhos traía seu divertimento.

Chrestien engrossou a voz.

— É bom saber disso, minha adorável *prima* — retrucou ela.

Aubert sacudiu a cabeça.

— Por favor, não faça isso, Chrestien.

Ela encarou Aubert, engrossando a voz de novo.

— Fazer o quê?

— Falar assim.

Chrestien pôs uma das mãos no quadril, desafiando-o.

— Então como?

— Pelo amor de Deus, *não* como se tivesse engolido um sapo.

— Sapo, pois sim! — Ela encarou a irmã enfaticamente. — Agora falando sério, não cometa o engano de me chamar pelo meu nome de batismo. De agora em diante, sou Christopher.

— Terei que praticar! — disse Adelaine.

Chrestien fez cara feia.

— Por favor, pratique – e muito! Se descobrirem nosso truque, nenhum de nós gostará muito da repercussão.

Como Adelaine era muito distraída, Chrestien jurou vigiar cada palavra que a irmã dissesse, já que Adelaine também não era uma mentirosa muito convincente. Ela suspirou fundo. Se alguma vez existiu uma alma honesta, esta

devia ser a de sua doce irmã, por isso sentia-se um bocado culpada por fazê-la participar daquele logro.

Era para o bem dela.

Aubert ajudou Adelaine a montar na égua castanha, depois se voltou para Chrestien e viu, embaçado, que ela tentava pular no lombo de Relâmpago. Errou completamente o alvo e escorregou pelo agitado cavalo, aterrissando feito um amontoado de metal brilhante no chão.

Ele mal conseguiu conter a risada quando Chrestien se levantou do chão, espanou-se e começou a escalar o pobre animal outra vez. Era bem do feito dela pensar que seria capaz de montar num cavalo do tamanho daquele capão vestida com vinte quilos de armadura. Aquela abençoada garota parecia se achar invencível.

Era hora de ir em seu socorro, pois ela jamais pediria ajuda.

— Permita-me ajudá-la, petulante — disse, com uma risadinha.

Ele se inclinou para fazer um apoio com as mãos unidas. Mesmo tendo oferecido auxílio, teve que admitir que detestava colocar um fim naquela comédia.

Chrestien ficou com expressão melancólica e sussurrou apenas para os ouvidos dele:

— Seria prudente, eu acho, eu nunca montar na frente dos outros, senão pensarão que sou um fracote.

Aubert concordou, trincando o queixo com força para evitar a risada. Contudo, sob seu ponto de vista, não havia nada em Chrestien de Lontaine que fosse fraco ou tímido. Que Deus ajudasse qualquer homem que ousasse se colocar em seu caminho!

O pai a mimou, com certeza, mas ela jamais se deixou mimar. Essa era uma distinção bem importante de se notar. Ele sabia que Gilbert ficaria orgulhoso de ver a maneira como ela se encarregou do futuro dela e de Adelaine. Na verdade, ela havia transformado uma situação desesperadora num plano admissível. Primeiro, mandou uma mensagem para Montagneaux, explicando que Lorde Gilbert de Lontaine, que Deus o tenha, era favorável à união entre Lorde Aleth e sua única filha, Adelaine. Além disso, no caso da morte precoce de Gilbert, qualquer contrato de casamento proposto devia ser negociado com o sobrinho de Gilbert, Christopher, que aguardaria a decisão a ser tomada em relação a Lontaine. Ele gostaria de se casar com Lady Adelaine, ou não? Como toque final, a carta recebeu a data de dezoito de maio do ano de Nosso Senhor de 1106 – a data em que Gilbert partiu de Lontaine. O pergaminho foi enrolado e selado.

A resposta retornou depressa. Sim, Aleth desejava casar com Lady Adelaine, e Christopher deveria levá-la para Montagneaux o mais depressa possível. Tudo foi simples assim. Quanto a ela mesma, que não tinha desejo de casar, procuraria o convento assim que Adelaine estivesse casada. Aubert não suportava sequer pensar.

Enfim, estavam prontos para partir.

Chrestien remexeu-se com inquietação na sela, sabendo muito bem que, uma vez que partissem, talvez jamais fosse ver o interior daquela muralha outra vez.

Aqueles que não os acompanhariam tinham se reunido para assistir a partida, e agora ela sentia uma terrível pontada de pesar ao pensar que talvez não fosse ver aquela gente novamente. Janelle, a mãe de Aubert, tinha corrido atrás dela com um pente para pentear seu cabelo mais vezes do que conseguiria se lembrar. O filho do falcoeiro, agora crescido, tinha lhe ensinado a cuidar do aviário. E o mestre do estábulo a cumprimentava todas as manhãs antes das cavalgadas diárias, geralmente com uma piscadinha deliberada, pois sabia que o pai dela não havia dado permissão. Os olhos deles a acompanharam, cintilando com as lágrimas não derramadas. Alguns secavam os cantinhos dos olhos e enxugavam as faces.

Era como se mil dedos nervosos cutucassem a pele de Chrestien quando ela acenou com a mão para o porteiro. Não conseguia encontrar a voz para dar a ordem. Ele baixou a ponte de uma vez, e quando ela caiu, a ansiedade de Chrestien aumentou até as palmas ficarem úmidas e o elmo prateado ameaçar escorregar da mão. Controlando os nervos, ela pôs o elmo cônico na cabeça e ajustou o protetor do nariz.

Afortunadamente ou não, era hora de partir.

Ela esperou que Aubert subisse na própria montaria, daí liderou o caminho pelo portão até a ponte de madeira, transpondo o fosso seco que circulava a muralha de pedra de Lontaine.

Ela não ousou se virar quando a procissão de cascos galopou atrás dela, ecoando ruidosamente enquanto cada homem atravessava a ponte. E então, depois que todos passaram, ela se virou e acenou para que o portão fosse fechado novamente, sabendo que o guarda não o reabriria até Aubert retornar... sozinho... para cuidar da fortaleza para Aleth uma vez que Gilbert não possuía nenhum filho legítimo para herdá-la. Gilbert sempre lamentou que seu nome chegaria ao fim com suas filhas, e agora isso certamente aconteceria.

Por apenas um instante, Chrestien ergueu o olhar para a torre, destacando-se acima da muralha, desejando ser um homem. Toda sua história tinha sido escrita

ali... e o dia de hoje marcava o fim da vida que ela conhecia. Se tudo corresse como planejado, ela jamais atravessaria aquele portão outra vez, jamais andaria por aqueles salões.

Lamentar não mudaria nada.

Aprumando-se na sela, olhou novamente para o porteiro e lhe deu um último aceno, lágrimas ardendo nos olhos. E depois, sem olhar para trás novamente, virou-se e guiou a tropa para longe do castelo normando.

A manhã prosseguiu sem incidentes.

Depois de três horas, a cavalgada tinha coberto muito mais território do que Chrestien julgava possível. Mas ela estava ansiosa para completar a jornada.

— Quanto falta? — perguntou a Aubert.

Abrigando os olhos, ele inspecionou o horizonte.

— É difícil dizer. Montagneaux não fica a mais de trinta quilômetros em linha reta, mas...

— O caminho não é em linha reta, Aubert.

Aubert a encarou com desolação – o mesmo olhar que lhe dera por boa parte do dia.

— Como eu estava dizendo, petulante... sozinho eu conseguiria chegar em Montagneaux em menos de um dia. Mas...

— *Mas* — lembrou ela — você não está sozinho. — Ela se debruçou para perto dele para acrescentar: — Você precisa parar com as ruminações agora, pois sua incerteza está atormentando Adelaine. Não podemos reverter as circunstâncias — avisou-lhe.

Os dois compartilharam um olhar deliberado. Chrestien sabia que ele estava tão sentido com a situação quanto ela. Mas não havia nada que pudesse ser feito. Seu pai não tinha pedido para morrer; eles tampouco tinham outra escolha. A constante negatividade de Aubert desde a partida de Lontaine tinha enchido a cabeça de Adelaine com dúvidas. Nem Chrestien era imune a elas.

Aubert suspirou, apesar de assentir. Resignado, ele disse:

— Só veremos o nosso destino amanhã, eu acho.

Nossa! Chrestien teve a ousadia de esperar que dormiriam numa cama naquela noite, mas percebeu que a caravana de vilões os atrasara consideravelmente. A maior parte daqueles homens jamais montara num cavalo antes, ainda mais de armadura. Além disso, os cavalos eram velhos. Adam Grande estava sentado num cavalo com tanta artrite que Chrestien jurava ouvir os ossos do animal estalarem. Ainda assim, apesar do humor amargo e do desconforto, eles prosseguiram cavalgando sem protestar, mesmo com o sol

queimando sobre suas cabeças.

O próprio elmo de Chrestien se tornou um verdadeiro forno, mas mesmo assim ela não reclamou. Se seus vilões podiam sofrer em silêncio, ela também podia.

Felizmente, o anoitecer pareceu surgir antes do esperado, trazendo consigo uma bem-vinda trégua do calor. Mas com o cair da noite viria o frio, então Chrestien ficou preocupada com sua gente. O verão tinha minguaado feito a inocência da juventude e o outono havia trazido consigo um frio agourento que espetava os ossos.

Uma vez que os homens estavam exaustos demais para continuar cavalgando e a noite começou a chegar, Aubert encontrou um local adequado para montar o acampamento daquela noite.

Chrestien acomodou Adelaine na pequena tenda, cuidou das necessidades dos vilões, depois se juntou a Aubert e Adelaine para compartilhar da última refeição juntos.

Sob a luz de uma única vela, os três se sentaram num silêncio contemplativo – Adelaine com uma expressão tão melancólica no rosto que Chrestien ficou com vontade de confortá-la, mas acabou desistindo. Se ela demonstrasse qualquer pontinha de fraqueza quanto à situação, Adelaine ficaria preocupada. E se Adelaine comesse a se afligir, tudo estaria perdido. Uma coisa era reverter o desagrado de Aubert e outra coisa seria persuadir o bom humor da irmã.

— O que você acha do Aleth? — perguntou Adelaine de repente, voltando seus olhos dourados para Aubert.

— Acho que ele é muito atraente — interveio Chrestien, antes que Aubert pudesse falar. — Não acha?

Ela tinha certeza de que Adelaine não encontraria nada de errado nele, mas queria ouvir isso dos próprios lábios da irmã. Chrestien avisou Aubert com os olhos para que tomasse cuidado com as palavras.

— Sim — disse Adelaine. — Ele é. Mas eu preferia não ter que casar com um homem que eu não conheço.

— Ele a tratará muito bem — garantiu Aubert. — Não tem com o que se preocupar, Adelaine. — Mas ele largou o guardanapo e pediu licença, parecendo mais taciturno do que Chrestien jamais vira.

Assim que ele se foi, Adelaine tirou a túnica para dormir só com o vestido. Puxou a vestimenta pela cabeça enquanto continuava com as preocupações.

— Espero que ele se agrade comigo também.

— Devia parar de se afligir — ralhou Chrestien, embora, na verdade, seus

pensamentos se ocupassem com pouca coisa além disso desde que colocaram o plano em ação. Esperava o mesmo, do fundo do coração, e não gostava nem um pouquinho de não lembrar muito bem do homem que o pai considerava um amigo.

Tentou imaginar sua irmã casada e suspirou diante da imagem que se apresentou em sua cabeça: longos vestidos fluidos e um véu de renda, fitas de cetim em seu cabelo dourado – coisas que Chrestien jamais ousou considerar para si mesma.

Ainda estava um tanto incomodada com Aleth porque ele não tinha apoiado Curthose junto com seu pai, mesmo sabendo que seu pai havia aceitado o fato, mesmo sabendo que Aleth havia lhe cedido cavaleiros para fortificar as tropas. Havia alguma coisa naquilo tudo que incomodava Chrestien e enchia sua cabeça com pensamentos que ela preferia não contemplar.

Mas elas não tinham outra escolha. Aquela era a triste verdade.

Dobrando seu traje, Adelaine fez uma ordeira pilha perto do único colchão na tenda e deitou ao lado de Chrestien.

Garantindo que o elmo e a espada estivessem ao alcance, Chrestien soprou a vela e acomodou-se no escuro, completamente vestida.

Chrestien ouvia lá fora a voz de Aubert, que conversou com um homem antes de se estabelecer diante da tenda.

— Chrestien — sussurrou Adelaine. — Acha mesmo que vamos enganar Aleth?

Apesar das sombras, Chrestien não encarou a irmã para que a preocupação em seu rosto não fosse percebida.

— Sim — respondeu, sem hesitação.

— E se ele descobrir o truque?

Chrestien deu de ombros.

— Ele pode simplesmente achar divertido... ou pode ficar zangado... ninguém tem como saber. Ele parecia ser bastante amável.

— Acha que devo contar pra ele, depois que você se for?

— Se quiser, mas é melhor deixar pra quando eu estiver bem longe.

No silêncio que se instalou entre elas, Chrestien sentiu o peso da preocupação da irmã e tentou distraí-la.

— Diga... Por que nossa descendência viking a fascina tanto?

Adelaine suspirou.

— Papai tinha orgulho da nossa linhagem – mas claro, ele seria o primeiro a admitir que às vezes os nossos ancestrais percorriam demais o caminho da

violência. O sangue de Aleth vem dos escandinavos também... Você acha que ele é um homem violento?

— Papai era um homem violento? — retrucou Chrestien, já sabendo a resposta.

— Não — respondeu Adelaine, pensativa.

Lá fora, os ruídos dos movimentos dos homens cessaram por completo quando todos se acomodaram para dormir.

Chrestien sentiu uma pontada no coração.

— Talvez um dia você me esclareça sobre nossa descendência, agora que papai se foi — sugeriu ela, com um nó na garganta. — Podemos escrever cartas, você e eu. As freiras provavelmente vão me compelir aos estudos.

Ela jamais admitiria que já estava estudando. Nem que costumava dar uma espiada no diário que Adelaine mantinha, mesmo que desejasse lhe contar o quanto sua prosa era comovente. Era impressionante que sua irmã pudesse passar longas horas compondo versos tão bonitos. Tinha aprendido de tudo através dos manuscritos dela, de poesia dos escandinavos a emprego de ervas medicinais. Quando os vilões ficavam doentes, procuravam por Adelaine. E quando as vacas não produziam leite, recorriam à sua gentil irmã também.

Para grande desalento de Chrestien, as perguntas de Adelaine retomaram Aleth de Montagneaux.

— Papai não teria tanta consideração por Aleth se ele fosse um homem violento, não é?

Chrestien instintivamente soube o que tanto preocupava a irmã.

— Não precisa se afligir, Adelaine. Não há nada que você pudesse sequer fazer para merecer uma chicotada, irmã querida. Os avisos de papai foram todos para o meu proveito, garanto.

— Vão dormir! — Aubert ousou repreendê-las de fora da tenda. — Amanhã será um longo dia.

Chrestien sorriu e virou-se de lado, repuxando a cota com incômodo. A malha estava espetando sua carne através da túnica, e era muito irritante ter que ficar vestindo aquela coisa desagradável. Como os homens conseguiam suportar? Não era mais simples acabar com as lutas sem sentido de uma vez por todas? Ela não conseguia conceber a ideia de dormir usando aquela coisa irritante, mas era exatamente o que ela estava para fazer, temendo que alguém se deparasse com o acampamento e descobrisse duas mulheres indefesas e uma tropa de fazendeiros disfarçados de cavaleiros. De nada servia que Aubert fosse bem treinado nas artes da guerra. O que um homem poderia fazer contra muitos?

Ela olhou para a irmã no escuro, desejando que as coisas fossem diferentes – desejando que o pai delas estivesse vivo. Olhou por tanto tempo que Adelaine fechou os olhos, sua respiração ficou lenta e Chrestien soube que ela estava dormindo.

Esticando-se, deu um beijo delicado na bochecha da irmã, deitou a cabeça e tentou dormir. E, de alguma forma, apesar da malha espinhenta, estava tão cansada que acabou sucumbindo.

CAPÍTULO TRÊS



Feito de pedra mais escura, o castelo de Montagneaux assomou diante deles. As muralhas de seis metros de espessura erguiam-se quase vinte metros no ar.

Uma aura de inegável agouro tomou conta da pequena tropa, e os pelinhos da nuca de Chrestien arrepiaram-se diante da monstruosidade.

Detendo seu capão branco como a neve, ela reconsiderou a probabilidade de ludibriar o senhor daquela propriedade. O suserano parecia ter tomado todas as precauções contra intrusos. Seis torres mantinham olhos vigilantes no horizonte.

O castelo estava assentado sobre uma colina sólida e íngreme, que se elevava ao menos uns doze metros em si. Um reservatório artificial juntava-se a um lago artificial à esquerda, circundando a maior parte da maciça muralha. A única entrada visível era através do portão principal, que estava posicionado junto à extensão de água mais estreita.

A muralha em si era um monumental eclipse de pedras, e não havia uma única cabana de camponês abaixo da fortaleza, levando Chrestien a acreditar que elas estariam aninhadas dentro dos braços protetores da muralha.

Aleth, observou Chrestien, devia ser muito gentil para se importar tanto com sua gente, e com esse pensamento veio um pouco de alívio. Adelaine, de fato, estaria segura com o senhor de Montagneaux.

Aubert conduziu sua montaria até ficar entre o capão de Chrestien e a égua de Adelaine.

— Esta não é a hora para dúvidas — disse ele, mais para Chrestien do que para Adelaine. Cutucando o capão de Chrestien com sua bota preta, ele acenou a cabeça na direção da torre mais próxima, onde os vagos contornos de homens

podiam ser vistos.

— Eles sabem da nossa aproximação... Não é como Lontaine, onde há apenas uma torre e poucos homens para guarnecer a fortaleza.

Chrestien sabia que ele não queria lembrá-la de que a morte do pai tinha deixado Lontaine em dilema, sem qualquer proteção real, mas isso a entristecia mesmo assim.

Assentiu com um aceno curto da cabeça. Então, sem aviso, seguiu para o castelo, tomando a dianteira antes que sua mente pudesse adverti-la a dar meia-volta.

Feito uma língua negra saída das profundezas de uma boca, a ponte levadiça foi arriada e a pequena tropa passou a trote largo com irreprimível reverência.

Os olhos de Adelaine arregalaram-se com apreensão.

Os vilões mantiveram as cabeças abaixadas – em parte devido ao medo, em parte por respeito.

Imediatamente após a muralha externa, o terreno fazia um declive. Passaram pelo pequeno barbacã para a muralha mais baixa, onde fileiras e mais fileiras de cabanas de pau-a-pique salpicavam o panorama inclinado. Uma muralha mais baixa abarcava o lado esquerdo da fortaleza, separando as cabanas do muro do meio, e um portão lateral aberto revelava um lago extenso mais além. Duas torres guardavam sentinela sobre as águas de modo que ninguém pudesse se aproximar daquela direção sem ser visto.

Parecendo mais prisioneiros do que convidados, homens vieram escoltá-los até o pátio do meio, que estava florido com jardins bem-guarnecidos. Depois veio a última cortina interna, e além dela ficava um belo pátio. Por fim apareceu a fortaleza – uma imensa construção retangular, tão grande que poderia engolir três dos minúsculos torreões de Lontaine.

De fora das muralhas de Montagneaux, teria sido completamente impossível determinar a vasta extensão de terra que a fortaleza continha.

Ou o mestre daquela cidadela era muito extravagante... ou simplesmente não confiava em ninguém.

Chrestien preferiu acreditar na primeira opção porque um homem que não confiava em ninguém não podia confiar em si mesmo. Não era o que seu pai costumava dizer?

De pé diante da porta de sua fortaleza, Aleth de Montagneaux esperava por eles com ansiedade.

Continuava sendo o homem impressionante de quem Chrestien se recordava, e muito amável, mesmo que só com Adelaine.

No momento em que pôs os olhos nela, ele pareceu ficar bastante inebriado com sua irmã, e vice-versa. Chrestien conseguia enxergar facilmente por que Adelaine estava tão enlevada com o aliado de longa data de seu pai. Ele possuía olhos de um azul profundo, que beiravam o cinza. Tinha certeza de que um olhar dele poderia enfraquecer os joelhos de uma mulher – embora não pudesse jurar, já que ele nem sequer olhava na direção dela por tempo suficiente para que pudesse confirmar.

O cabelo dele, que era castanho-avermelhado na cor, desafiava o tradicional cabelo ruivo com sua aparência excepcionalmente sedosa. Era de fazer querer sentir sua maciez, refletiu Chrestien. Não era alto, mas o peito era grande. Seus ornamentos elegantes ostentavam riquezas que estavam muito além do que ela e Adelaine sequer imaginariam. O manto e a veste eram de um veludo carmesim italiano pouco visto naquelas partes, cobertos com joias de todo o tipo – inclusive algumas gemas que Chrestien não reconhecia.

No que lhe dizia respeito, Aleth a tratou com um indiferente respeito – se é que poderia ser chamado assim. Ele permitiu que ela e Aubert sentassem à mesa do lorde para a ceia, apesar de negligenciar os dois em favor de sua irmã. E mesmo que não estivesse satisfeita com o pouco-caso do noivo de Adelaine, Chrestien estava inteiramente aliviada, já que era muito mais fácil manter o disfarce em silêncio e sem exposição.

Tiveram a satisfação de descobrir que tinham chegado a tempo para a refeição da hora nona, a principal do dia, já que Aleth ordenara que só fosse servida quando eles chegassem. Todas as mesas rangiam sob o peso dos assados de porco, boi, carneiro e arenque saborizado com creme e ervas. Maçãs, peras e pêssegos fatiados estavam arrumados no formato de um pássaro voando, e um sortimento de queijos enchia as bandejas que estavam espalhadas pela mesa.

O único item intragável era o vinho. Era azedo e rascante, e um gole bastou para que Chrestien se lembrasse de certa vez em que ela e Adelaine fizeram tortas de lama no riacho perto de casa. A de Adelaine ficou tão parecida com uma de verdade que Chrestien, aos cinco anos de idade, decidiu prová-la, para sua grande consternação.

Mas com vinho acre ou não, sua única reclamação verdadeira era ser forçada a compartilhar um trincho com um cavaleiro detestável de nome Gervais, alguém que lhe era um desconhecido até então. E ainda teve que ouvi-lo falar que sua espada era procurada por todos, pois ele era, claro imbatível nas artes da guerra. Ah, e todas as mulheres apreciavam sua *outra* espada, pois podia empunhá-la até muito melhor do que a feita de aço.

Jesus! Se ele tivesse a mesma destreza para encontrar a própria boca enquanto comia, talvez pudesse acreditar nele. A barba estava cheia de pedaços de comida e gotas de vinho manchavam a armadura. Seu hálito fedia a vinho estragado e pouca higiene; Chrestien não sabia o que era mais repulsivo. E se ele batesse nas costas dela mais uma vez, ou narrasse outra repulsiva história de conquista feminina, ela o esfaquearia com sua própria adaga de refeição... e acusaria Sir Rolfe, o irmão mais velho de Aleth, que a examinava do outro lado da mesa com a intensidade de um falcão avaliando sua presa.

Ela descobriu que não estava gostando muito de ser homem.

Procurando por Aubert, que estava sentado perto do loiro Rolfe, exibiu-lhe um vislumbre de sua ira. Para seu desalento, a única reação dele foi rir.

Adelaine deu uma risadinha com algum comentário de Aleth. Chrestien se virou e viu as bochechas da irmã ficando coradas. Os olhos de Adelaine encontraram então os de Chrestien e baixaram-se com constrangimento.

— O que ouviu de tão divertido? — perguntou Chrestien com ingenuidade, sorrindo, pois estava precisando muito de algo engraçado para animar seu espírito. Enquanto esperava pela resposta da irmã, o rubor de Adelaine se intensificou para um tom quase de roxo e, pela primeira vez na vida, ela se recusou a dividir um segredo.

Chrestien fez cara feia.

Aleth pigarreou.

— Eu apenas disse à minha adorável noiva – Christopher, não é? – que eu a princípio planejava me casar em uma semana a contar de hoje... Mas isso foi antes de colocar os olhos nela. Sua doce prima desabrochou numa linda dama.

Aleth tomou a mão ruborizada e fez menção de beijá-la, mas parou abruptamente e olhou diretamente nos olhos de Chrestien.

— Se você não tiver objeções... quero casar com ela pela manhã. Mesmo — garantiu ele — que isso signifique que insultei meus convidados abreviando a celebração. — Ele então se voltou para Chrestien e seu sorriso morreu. Seus próprios olhos cinzentos fixaram-se nos de Chrestien, deliberadamente, com o que parecia ser condenação. — Eu simplesmente não posso – não vou – esperar.

Será que isso era um aviso para não interferir? Será que ele a transformara num inimigo sem nem conhecê-la? Tal ideia embrulhou o estômago de Chrestien e piorou seu humor.

Quando se voltou novamente para Adelaine, Aleth era todo sorrisos outra vez.

Pois bem, estava claro para Chrestien que o convidado que ele não se importava de ofender era ela. Ora, seria muito bom para ela não permanecer

naquele covil de lobos. Mas era difícil aguentar o pouco-caso com o único parente vivo de Adelaïne.

Aleth se virou novamente e pareceu estar esperando pela resposta dela.

Chrestien manteve as emoções bem mascaradas e simplesmente acenou a cabeça em consentimento, a raiva segurando as lágrimas reveladoras.

— Esplêndido... esplêndido — declarou Aleth. — Então acredito que estamos entendidos quando digo que lhe desejo uma boa viagem de volta para casa. E de onde é mesmo que você veio?

— Ah! Christopher viveu em Lontaine quase a vida toda — improvisou Adelaïne às pressas.

Aleth enrugou a testa, mas aceitou a resposta com um curto, ainda que polido, aceno da cabeça antes de voltar a ignorar Chrestien.

Estava claro que ele acreditava mesmo que Chrestien era um homem, pois havia uma possessividade nítida em seu olhar – um aviso que parecia se dirigir a Chrestien. Obrigada a desfrutar de sua própria companhia, lamentou que Adelaïne, a única família que ainda lhe restava, sairia de sua vida muito em breve. E ao que parecia, ela estava destinada a se tornar uma pária na casa de seu marido. Não que isso importasse. Uma vez que estivesse enclausurada, provavelmente jamais sairia da abadia. Ela enfiou a adaga com força no trincho. Foi o suficiente para que sentisse muita pena de si mesma, sendo que não costumava agir assim. Era uma emoção estranha – uma que não apreciava.

Adelaïne bocejou alto, fazendo com que os sentidos de Chrestien recobrassem o foco.

— Bem, meu senhor Aleth, o dia foi deveras exaustivo e preciso muito descansar, senão estarei muito esgotada para as festividades de amanhã. Podemos nos retirar, primo Chris?

Adelaïne parecia orgulhosa de si mesma por lembrar de usar o nome correto.

Os olhos de Aleth se arregalaram e quase saltaram das órbitas quando ele concentrou sua fúria em Chrestien. A princípio, Chrestien não compreendeu a ira no olhar dele. Mas então se apercebeu do ocorrido e temeu pelo fim da farsa. Santa Mãe! Ela seria obrigada a confessar tudo simplesmente para não ser transpassada pela espada de Aleth. Nossa, mas como Adelaïne era estúpida!

Chrestien não se deu ao trabalho de se levantar, apesar da vontade de fugir daquela mesa.

— Minha senhora, posso garantir que seu quarto é seguro! — declarou ela, encarando a irmã com descrença.

Voltou-se para Aleth e encarou seu olhar zangado no esforço de se inocentar

de suas acusações silenciosas.

— Minha querida prima tem muito medo de dormir em lugares estranhos — explicou ela. — Se o senhor tiver a bondade de garantir que o quarto dela será devidamente protegido... não haverá necessidade de uma inspeção minha.

Por incrível que parecesse, ela nem titubeou com a explicação, que foi dada de forma muito plausível. Era assustador perceber a boa mentirosa em que estava se transformando – que Deus a perdoasse! Uma vez que estivesse aos cuidados da bondosa abadesa, faria então suas penitências. Voltou seus olhos cinzentos para Adelaide, sorrindo sucintamente.

— Não é verdade, Lady Adelaide?

Aleth relaxou a postura ameaçadora, mesmo que só um pouco.

— Seu quarto é bastante seguro, minha senhora... Mas se quiser me acompanhar, eu mesmo o verificarei. — Levantou de seu assento, os olhos apertados ainda postos em Chrestien, e conduziu uma Adelaide muito contrita pela mão.

Chrestien assistiu sua irmã e Aleth desaparecerem do salão e suspirou com alívio ainda maior quando Aleth retornou poucos minutos depois.

Pelo menos Adelaide dormiria em paz.

O mesmo não poderia ser dito de si mesma, que certamente dormiria com os homens no salão principal – no chão recoberto de palha, sem dúvida.

Com grande ordenação, as mesas foram limpas, os servos se dispersaram e o salão esvaziou, exceto pelos homens de menor distinção, dentre os quais, é claro, *Christopher* estava incluído.

Ela assistiu com horror quando os homens começaram a se despir na frente dela e prepararam-se para descansar nos colchonetes finos e infestados de pulgas. Encolheu-se involuntariamente quando percebeu que Sir Rolfe ainda a observava, mas estava determinada a fazer um esforço. Ocupou-se arrumando sua esteira de palha perto da de Aubert – ao mesmo tempo em que praguejava porque ele havia sumido outra vez.

Quando Rolfe finalmente deixou o salão, Chrestien se acomodou na cama, inteiramente vestida pela cota, e fechou os olhos. Tentou conjurar imagens de Lontaine... fingir que estava em sua confortável cama em casa. Mas nada lhe vinha à mente, exceto pensamentos sobre o iminente casamento de Montagneaux e sua irmã. O consolo só veio quando a voz de Aubert interrompeu seus pensamentos preocupados.

— Não dormirei esta noite — sussurrou ele baixinho ao ouvido dela. — Não tema. Ficarei vigiando você, petulante.

Ela abriu os olhos e mirou os familiares olhos azuis de Aubert.

— Obrigada — respondeu agradecida.

Ele sorriu e disse:

— É o mínimo que devo fazer.

Deixando escapar um suspiro de alívio, ela se acomodou novamente na cama, ignorando a sensação de pequenos insetos passeando por seu cabelo. Era apenas sua imaginação, ela assegurou a si mesma. Logo tudo aquilo estaria acabado.

A NOITE ESTAVA límpida e fresca quando Rolfe atravessou o pátio em direção ao estábulo.

Aquele tal de *Christopher* não era quem aparentava ser, disso tinha certeza. Ele havia ouvido rumores certa vez de que Gilbert de Lontaine possuía filhas gêmeas, mas imaginou que fosse conversa fiada. Ainda agora, depois de tanto tempo, era irritante saber que a linda Lady Adelaine fora oferecida como esposa ao seu irmão e que, mesmo com a recusa de Aleth, Gilbert sequer se incomodou em oferecê-la a Rolfe.

Desta vez, ele mascarou sua raiva muito bem. Foi ele quem convenceu Aleth a se casar com a jovem. Homens mortos não precisavam de esposa e, se Rolfe conduzisse o plano concebido, seu irmão faria pouco proveito de uma mulher em sua cama.

Agora, pelo menos dessa vez, ele não teria que se contentar com a partida do irmão. Tendo conhecido *o primo*, Rolfe possuía poucas dúvidas quanto à veracidade do antigo rumor. Christopher de Lontaine era parecido demais com Lady Adelaine para que não fosse verdade. Talvez Aleth fosse estúpido demais para notar, mas mesmo considerando o disfarce – que era realmente muito bom – Rolfe conseguia enxergar a inquietante semelhança. O cabelo, apesar de muito mais curto e bem liso de sujeira, era da mesma rica cor de dourado que o de Adelaine. O rosto desprovido de barba, apesar da imundície, era liso como porcelana. Um bom banho revelaria muito, sem dúvida. Mas restava uma diferença entre elas: os olhos – que olhos escuros e ardentes a sem nome possuía, quase enfeitiçadores.

Se o óbvio fosse verdade, e Christopher fosse na verdade uma donzela... Também seria verdade que a sem nome era a mais bela das duas? Por qual outro motivo Lontaine a manteria escondida? Ou era um monstro ou uma beldade, mas ele podia ver muito bem que ela não era nenhum monstro. Gilbert de Lontaine

era renomado por seus modos avarentos e acumuladores. Não era verdade que afastava qualquer um que chegasse aos seus portões? Rolfe com certeza fora enxotado várias vezes! Claro que Gilbert manteria seu mais valioso tesouro sempre por perto – era como ele agia.

Rolfe ficou perto da sem nome apenas uma vez naquela noite, e mesmo que ela fedesse a suor, também havia o inconfundível odor de água de rosas vindo de seu cabelo. Queria muito ir até ela agora, remover suas roupas de homem, lavar o rosto sujo e ver o que havia por baixo daquela imundície. Mas por enquanto se contentaria com o que pudesse descobrir dentro do estábulo. As condições de sua montaria diriam muita coisa, e ele pretendia verificar a sela e as bolsas dela em busca de evidências.

Não conseguia imaginar por que ela se daria tanto trabalho de permanecer desconhecida agora que o pai estava morto, mas seus esforços não adiantariam de nada, pois Rolfe a pegaria de qualquer maneira. Ela precisava de um homem que a protegesse, e ele cismou que seria este homem.

Rolfe esfregou a virilha ao imaginar tudo o que faria com a garota. Sim, ele esperaria até ela partir de Montagneaux e a capturaria. Quando descobrissem que ela estava desaparecida, quem a localizaria em seu castelo em Poitiers? Ele havia escapado impune antes – mas não! Fez um gesto com a mão para afastar aquelas lembranças distantes com a mesma rapidez com que surgiram. Aquela garota seria uma vadia acalorada e receptiva quando ele já não quisesse mais nada com ela, disso ele tinha certeza. Ela não seria nada parecida com Gwynith. E se Gervais fizesse seu serviço esta noite, a garota e seus homens estariam cansados demais para oferecer qualquer resistência pela manhã. Um rubor quente surgiu no rosto dele ao pensar nela deitada ao seu lado.

Sim, ela seria um belo prêmio de consolo... Muito belo, na verdade.

CHRÉSTIEN ENCOLHEU-SE quando o cavaleiro Gervais bateu em suas costas delicadas novamente.

— Valha-me Deus! — disse ele. — Como você consegue dormir sobrecarregado assim? — Ele estava se referindo à cota, claro, mas não esperou resposta. — Pobre magricela. Você não tem nada que outro homem não tenha, mas não tem importância — gralhou ele. — Essa garota que eu convidei pra minha cama vai queimar seus ouvidos e você vai passar a noite toda acordado de qualquer maneira.

Ele estava abraçando uma ruiva robusta pela cintura e a puxou para sua

cama, a barriga ribombando com a risada que deu pela própria sagacidade.

Chrestien rangeu os dentes e olhou com incômodo para Aubert.

Aubert deu uma risadinha, e ela enterrou o rosto na cama e estendeu um braço por trás da cabeça na tentativa de conter o barulho.

As tochas foram apagadas, e Chrestien ficou no escuro, ouvindo sem vontade os choramingos e gemidos desavergonhados que vinham das sombras ao seu lado.

— Grosseirão — murmurou ela, quase inaudivelmente.

Mas Aubert ouviu e deu uma risadinha, aproximando-se dela para murmurar baixinho:

— Não se preocupe, petulante. Ele não consegue vadiar a noite inteira. Vai custar uma força fabulosa mexer aquela barriga pesada e aposto que ele vai desabar antes que você perceba.

Chrestien abafou uma risadinha, e ele desgrenhou a parte de trás do cabelo dela com afeição.

— Na verdade, aposto que nós dois teremos que arrancar o corpo da ruiva dali de baixo quando ele tiver terminado.

Chrestien riu outra vez e ficou com vontade de dar um beijo em Aubert por ter levantado o seu ânimo. Em vez disso, ficou rindo até as costelas doerem e caiu no sono contente.

UMA VEZ QUE o casamento chegou ao fim, não demorou muito para que Aleth os enxotasse para fora de seus portões.

Após um breve adeus a Adelaine, Chrestien e Aubert levaram o séquito de vilões para longe de Montagneaux. Ainda que lamentasse deixar a irmã, Chrestien estava profundamente aliviada por sair daquele lugar angustiante. Agora só precisava chegar em segurança em Caen, na abadia da Santíssima Trindade, e depois Aubert retornaria para permanecer em Lontaine até Aleth decidir o que fazer com a propriedade.

No fundo, sabia que nenhuma das duas voltaria a viver lá. Sua irmã não precisava de Lontaine, não quando possuía Montagneaux. Lontaine, em comparação, não passava de uma cabana. Sua irmã não precisaria de nada sendo esposa de Aleth. Isso, pelo menos, era um consolo.

A caminho de Caen, eles passariam por Lontaine, mas Chrestien não suportaria ir até lá para partir novamente. Melhor seguir direto para Caen e começar sua nova vida de uma vez.

Não tinham partido de Montagneaux há muito tempo quando as primeiras gotas de chuva tamborilaram em seu elmo. Chrestien a ignorou, determinada a não deixar que nada a desencorajasse, mesmo que o corpo estivesse ensoado até os ossos.

Ela deu um profundo suspiro.

— O casamento foi lindo. Meu único pesar foi não poder arrumar Adelaine para a cerimônia como eu sempre sonhei que faria.

— Valha-me Deus, Chrestien, parecia mesmo que Aleth tinha olhos na nuca — concordou Aubert.

— Idiota ciumento! Nem me deixaria chegar perto da minha irmã — reclamou Chrestien. — Muito menos entrar no quarto dela. Mesmo assim, ela foi a noiva mais bonita que já vi. — Ela deu uma olhada em Aubert. — Claro, ela também foi a única noiva que já vi — lamentou.

— Se seu pai foi protetor demais, petulante... foi só porque ele desejava as filhas ao lado dele por quanto tempo pudesse. Ele não pode ser criticado por isso, pode?

Chrestien estremeceu, mais por causa da perspectiva de ser forçada ao matrimônio do que resultado da fria umidade.

— Não, na verdade, se ele não fosse tão resguardado, eu agora estaria a caminho do altar – mas não para receber o hábito. Para mim, isso é motivo para ser muito agradecida.

— Mas não lamenta que esse seja o destino de Adelaine?

— Não. — Chrestien meneou a cabeça. — Adelaine nasceu para ser uma boa esposa. É da natureza dela ser zelosa e amorosa, por isso nada melhor do que ter um marido para cuidar.

Suspirando com melancolia, Chrestien deixou que os pensamentos retornassem ao casamento. Sua irmã usara uma lindíssima túnica de brocado azul-claro com intrincada costura em fio de ouro e um manto de veludo azul adornado com arminho – o traje mais luxuoso que já havia visto, quanto mais vestido. Uma grinalda de cordão dourado, do qual pendia um véu sedoso, adornara-lhe o loiro cabelo trançado. E Chrestien experimentou uma momentânea pontinha de pesar porque jamais se vestiria com tal riqueza, mas sabia que seria melhor assim. Quantas vezes seu pai não verbalizara em voz alta as surras que Chrestien receberia? Não, ela dificilmente serviria para ser esposa de alguém – ao menos sabia disso.

Para algo preparado no último minuto, o banquete de casamento também foi bastante impressionante. Havia toda a sorte de comida, além de vinho direto do

barril – um fraco e arenoso, mas vinho mesmo assim. Com sorte, Adelaine lhes ensinaria como fazer um bom tonel de *vin* – só isso lhe valeria a eterna estima de Aleth.

Para Chrestien, a única situação que estragou a celebração foi a consumação. Enquanto Adelaine era preparada por suas criadas, os homens ergueram Aleth no ar e o carregaram para o quarto. E antes que Chrestien tivesse percebido o que estava por vir, foi arrastada por uma horda de homens para dentro do aposento junto com o novo casal, onde o bando bêbado entou suas exigências. Se Adelaine não tivesse implorado a Aleth para expulsar aquela gente dali... Chrestien fez o sinal da cruz só de pensar. Ela teria sido forçada a despi-lo para a irmã.

Acima deles, os céus enchiam-se de furiosas nuvens causticantes que ameaçavam liberar suas violentas torrentes. Enquanto observava o escuro turbilhão lá no alto, Chrestien só podia esperar que a escuridão estivesse mais para ameaça do que advertência. Mas dentro de poucos segundos estava chuviscando, e depois o céu desabou com toda a fúria acumulada. Ela ficou encharcada até os ossos em poucos minutos.

Chrestien acompanhou o passo acelerado de Aubert até a tropa entrar no abrigo protetor da floresta. Daí ela tomou a liderança. Aubert retardaria a viagem, ela sabia, na tentativa de escapar do aguaceiro.

— Não gosto da rota que escolhemos — disse Aubert, cauteloso.

Chrestien não podia deixar de concordar.

— As florestas estão cheias de sombras.

As árvores ainda não tinham perdido toda a folhagem de verão, impedindo que a pouca claridade que ainda restava invadisse seu sombrio domínio. Ela foi tomada de tremor quando percebeu que aquela rota, embora fosse a mais curta e a que os manteria secos, também os colocaria à mercê de assassinos. Chrestien engoliu em seco convulsivamente, pois sua única esperança era que seus vassalos fossem suficientemente intimidadores para manter os saqueadores longe.

WESTON SENTOU COM as costas em um velho carvalho. Os galhos velhos e retorcidos lançavam-se ao solo escuro feito imensos braços estendidos. Perto dele, Michel estava de pé, entalhando uma cabeça de lobo em um dos galhos que pendiam baixo. Estava se tornando um verdadeiro adepto de entalhar a figura e sentia orgulho de seu recém-descoberto talento artístico, mas a visão daquela imagem apenas irritava Weston.

— Vai deixar minha marca em todas as árvores por onde passarmos?

Michel deu de ombros.

— Um cachorro mijá para marcar seu território — retrucou ele afavelmente. — Por que deveria ser diferente com um lobo?

Weston revirou os olhos.

Michel acrescentou com um sorriso largo:

— Não há maneira melhor de alertar a Normandia da sua presença aqui — assim eles podem correr para trancar as portas de casa e rezar para que o Lobo Prateado os poupe. — Ele então deu uma risadinha, contente com a descrição.

Weston nada disse e não riu.

Michel sabia que ele não apreciava tal reputação, mas não conseguia parar com os gracejos. Eles se conheciam há muitíssimo tempo e já eram amigos muito antes de se tornarem vassalo e senhor. Na verdade, as histórias sobre a crueldade de Weston eram extremamente exageradas. Por mais que ele fizesse os maiores esforços para poupar vidas quando possível, parecia que só acreditavam no seu pior. Já vira damas e vilões fazerem o sinal da cruz ao verem seu estandarte e, mesmo no calor da batalha, testemunhara homens feitos — supostos guerreiros — se mijando. Weston não era um homem com quem se brincar, é claro, mas também não despedaçava inocentes nem matava bebês nas próprias camas.

Percebendo que seu gracejo não foi bem recebido, Michel procurou mudar de assunto.

— Foi bom dar um descanso aos homens esta noite. A chuva teria provocado febre neles.

Weston lhe lançou um olhar sinistro.

— Devíamos estar quase em Lontaine agora, mas em vez disso estamos sentados à toa, admirando seu talento artístico.

— Verdade — concordou Michel, ignorando a alfinetada. — Mas também estaríamos praticamente mortos. Que serventia um exército morto teria?

— Na verdade — prosseguiu Weston — a chuva teria sido uma vantagem, encobriria a nossa aproximação. — Arrancando uma folha de capim para morder entre os dentes, acrescentou: — Quando nos avistassem, já seria tarde demais. Afinal, Lontaine deixou apenas uma filha guardando sua fortaleza e ela seria muito tola se não tomasse as precauções necessárias.

Michel assentiu, mas não concordava inteiramente. Mulher ou não, não tinha tanta certeza de que Lontaine se renderia à Inglaterra tão fácil. Contudo, amigo ou não, Weston era seu suserano e parecia tão certo disso que Michel não ousava

contestá-lo, particularmente com o humor que ele estava agora.

Michel tinha a impressão de que Weston não tinha muito respeito pelas mulheres, mas podia compreender muito bem o porquê. A mãe dele era uma dama, o pai era um cavaleiro sem terras – mas não o marido dela. O marido de sua mãe aceitara encobrir o escândalo, não queria que o mundo soubesse que sua esposa havia se deitado com outro. Então, relutantemente, Lorde de Burghe aceitou Weston como seu filho. Mas a verdade não ficou escondida por muito tempo. Com os anos, o cavaleiro sem terras tornou-se um lorde por mérito próprio e fez questão de reconhecer o filho primogênito. Por essa razão, Weston de Burghe, terceiro filho de um barão, tornou-se Weston FitzStephen, o filho bastardo de um mísero lorde, que por acaso possuía três filhos legítimos para ocupar seu lugar. E a Weston não restou nada senão o respeito de seus homens.

Para piorar o desgosto de Weston pelo gênero feminino, todas as damas da corte – principalmente aquelas casadas – pareciam se atirar aos seus pés caso lhes desse o mais passageiro dos olhares. Weston só precisava erguer uma das sobrancelhas para que elas o acompanhassem até seu colchão feito cadelas no cio. Por algum motivo, a reputação de Weston parecia intrigar todas elas. Cada uma queria ser aquela a domar o indomável Lobo Prateado.

Vendo o azedume no rosto de Weston, Michel passou a falar de um tópico mais leve.

— Ouvi dizer que Lontaine em si foi uma doação feita por Montagneaux.

Weston deu de ombros.

— Isso serve para mostrar o quanto os dois eram próximos.

— Então você duvida da lealdade de Montagneaux a Henrique?

Weston o encarou enfaticamente.

— Não cabe a mim questionar as relações do rei.

— Não foi isso o que eu perguntei e você sabe muito bem.

Weston deu de ombros novamente.

— Sei pouco sobre Montagneaux, mas não gosto nada do que sei.

— E o que sabe sobre Lontaine?

— Só o que dizem os rumores — admitiu Weston. — Parece que o homem era um recluso.

Michel assentiu e sorriu, pensando que pelo menos desta vez havia descoberto um pouquinho a mais do que o seu proficiente suserano. Weston costumava fazer questão de descobrir tudo o que podia sobre o adversário antes de montar cerco.

Michel quis esclarecê-lo.

— Ouvi dizer que a esposa de Lontaine morreu em seus braços durante o

nascimento da única filha... na torre. Dizem que o espírito dela ainda assombra o velho castelo... e que o viúvo Lontaine trancafiou a filha na mesma torre em que a mãe morreu. Soube que ela é deformada, que foi contorcida no nascimento, e que é por isso que ele não deixa nenhum homem adentrar seus portões. Vergonha dela, é o que ele sente.

Weston o encarou com irritação, mas isso não deteve Michel.

— Falam, na verdade, que Lontaine costumava receber os mensageiros fora do perímetro dos muros, dispensando-os sem a cortesia de uma comida quente e uma noite de descanso. Muitos dizem que ele enxotava seus próprios aliados se chegassem sem aviso.

— Como eu disse, o homem era um recluso — concordou Weston — mas ele está morto e não pode se defender. Desde quando você deu para fofocar feito uma velha, Michel?

— Como você está rabugento hoje — contrapôs Michel, franzindo o cenho, mas só ousou dizer isso porque estavam afastados do resto dos homens, que estavam ocupados montando acampamento ali perto.

— E você parece estar se divertindo bastante com o meu desconforto — contrapôs Weston. — Já não aguento mais ver essa cabeça de lobo entalhada em toda...

Vozes chamaram a atenção deles... Vozes que não eram da tropa.

Michel levantou a cabeça.

— Por falar em mulheres — disse ele, as sobrancelhas colidindo.

Weston enrugou a testa também.

Curiosos, os dois homens espreitaram através do mato e esperaram que as vozes se aproximassem. E então, eles viram – os dois ao mesmo tempo.

Weston sacudiu a cabeça com descrença e Michel riu alto. Weston agarrou o braço dele.

— Nunca vi um cavaleiro tão minúsculo — assombrou-se Michel. — Esses normandos não eram descendentes dos escandinavos?

Weston não disse nada, apenas observou a pequena tropa cavalgando em sua direção.

— O elmo do sujeito parece que vai cair dessa cabeça de anão. É grande demais para esse baixinho. Será que ele roubou a armadura, Weston? Isso com certeza não pertence a ele!

Weston esfregou o queixo, deliberando sobre essa possibilidade enquanto a pequena tropa passava ruidosamente. O capão branco não era um animal para cavaleiros pobres e levava o rapaz com bastante familiaridade. Os dois estavam

juntos há muito tempo.

— Não — disse ele por fim, olhando para Michel. — Você o acompanharia se *ele* não fosse bem-nascido?

Michel sacudiu a cabeça e murmurou:

— Tem razão. Mas valha-me Deus! Olhe para eles... Alguns têm elmos, mas sem protetor de nariz. Outros estão com as cotas mal-ajeitadas, cheias de buracos... Mas outros nem têm nada. Que tipo de soldado se equipa tão mal?

— Não são soldados — disse Weston com certeza.

A névoa da manhã subia do chão da floresta, engolfando as pernas de todos os cavalos e cavaleiros.

— Estão carregando o estandarte da Normandia — apontou Michel. — Será que devemos interceptá-los?

Weston levou o dedo aos lábios para silenciar o amigo e continuou a observar detidamente a procissão passar.

— Não — sussurrou ele. — Esses homens não podem fazer mal nenhum a Henrique. Deixe-os em paz.

Michel acenou com a cabeça enquanto o último integrante da triste tropa desaparecia ao redor de uma curva e, quando já estavam longe, ele e Weston sacudiram as cabeças e começaram a voltar para o acampamento.

Tinham dado só alguns passos quando um trovejar de cascos ecoou atrás da pequena tropa, então os dois mergulharam no refúgio do mato novamente — bem a tempo de assistir uma segunda tropa passar voando.

Essa viajava com um objetivo, e em poucos segundos o clangor de metal pôde ser ouvido a curta distância. Gritos de angústia atravessavam o ar — o som de homens morrendo.

Weston não perdeu seu tempo ouvindo.

CAPÍTULO QUATRO



Pelo menos quinze já tinham caído quando Weston e seus homens chegaram para salvar a pequena tropa. Era impossível dizer a qual senhor os mortos pertenciam, pois suas roupas estavam irreconhecíveis de tão ensanguentadas. Os atacantes foram surpreendidos pela chegada de uma terceira tropa. A perplexidade foi a sua ruína.

Weston derrubou dois cavaleiros antes que soubessem o que os derrubara. Quando enxergou o minúsculo cavaleiro no capão branco, encurralado, tentou alcançar seu atacante, mas foi interceptado por outro. O derramamento de sangue continuou por tempo suficiente para que Weston abatesse mais dois homens. O segundo grupo se dispersou e desapareceu na floresta, feito ratos ao raiar da luz do dia. Uma vez que os atacantes tinham sumido, ele buscou novamente pelo pequeno cavaleiro, querendo capturá-lo já que tinha certeza de que a tropa sitiada largaria as armas e aceitaria a derrota assim que seu líder fosse rendido. Sua intenção era simplesmente encerrar a batalha, interrogar o homenzinho e depois deixá-los ir. Não queria mais derramamento de sangue. Mas de nada adiantaram as suas boas intenções: ele foi frustrado novamente pelo homem mais formidável na tropa do pequeno cavaleiro.

Aubert reconheceu a insígnia do Lobo Prateado, mas jurou entregar sua vida para proteger seu sangue. Contava com o elemento surpresa a seu favor, e foi bem-sucedido ao arrancar o Lobo da montaria. Infelizmente, sua lança prendeu numa dobra da armadura do Lobo, então ele tombou no chão molhado junto com o nefasto guerreiro de cota prateada.

O Lobo foi mais rápido para se recolocar de pé.

Aubert se ajoelhou e levantou com um grito de guerra, erguendo alto a espada larga, mas foi furado na barriga antes que pudesse recuperar a base.

Chrestien gritou quando viu Aubert cair.

Os joelhos dobraram quando ela ergueu sua pesada espada e, com uma força que não sabia possuir, investiu contra o cavaleiro prateado parado junto de Aubert. Soube que o pegou desprevenido pelo ar de espanto que surgiu no rosto dele. A espada entrou logo abaixo da escápula da armadura; a sensação de rasgar carne a deixou enjoada.

O sangue espirrou do ferimento quando ela removeu a espada, seu estômago reagiu com ânsia de vômito. Mas foi a última coisa que viu antes de ouvir o clangor de seu próprio elmo contra o crânio e beijar o chão.

— É UM TALHO BEM FEIO, milorde.

Weston fez uma careta quando Guy, seu jovem escudeiro, aplicou uma dose generosa de *vin* antes de perfurar a carne com a agulha de marfim.

O capitão parou diante dele, o rosto jovial contorcido por um sorriso irônico. Weston lamentou que sua condição o impedisse de dar uma boa sova no seu velho amigo, que obviamente estava se divertindo com sua dor.

Os ombros de Michel tremeram com uma risada mal reprimida. Quando ele não conseguiu mais se segurar, jogou a cabeça para trás e morreu de rir.

— Valha-me Deus! Se soubessem que o poderoso Lobo foi derrubado por um maldito gnomo...

Weston estava quase a ponto de ignorar os ferimentos e bater no amigo até desmaiar quando foram interrompidos por outro de seus homens. Com o rosto vermelho – meio por vergonha, meio por raiva – Weston virou-se para o rapaz e ergueu a cabeça.

— O que foi?

— O que devemos fazer com os prisioneiros, meu senhor?

— Diga ao guarda que estarei lá assim que Guy terminar de costurar meu ferimento.

O nervoso mensageiro se virou para sair justo quando Guy indicou com um gesto da mão que já havia terminado.

Levantando-se, Weston olhou para Michel com ar de advertência.

— Você, meu amigo... — Ele sacudiu a cabeça. — Não me provoque. — Passou por ele e saiu de encontro à noite, no limite do mau humor.

Tirando o sorriso dos lábios, Michel o seguiu para fora da tenda.

Juntos entraram na tenda designada para os prisioneiros, onde Weston examinou os três homens deitados diante dele. Infelizmente só sobraram dois vivos da primeira tropa, e ele nem sabia se não pereceriam também. O mais alto estava gravemente ferido – pela própria mão de Weston, infelizmente, mas ao menos se contorcia de dor. O outro, o mirrado que Weston supunha ser o líder, estava deitado tão imóvel quanto se sua vida já tivesse se extinguido.

O terceiro prisioneiro era da segunda tropa, e era com ele que Weston lidaria primeiro. Após inspecionar o ferimento que o sujeito recebeu na carne, teve certeza de que ele estava fingindo estar inconsciente. Provou isso tirando a adaga da cintura e aproximando-a da garganta do sujeito. O homem abriu os olhos de imediato.

— Quem é o dono de sua espada? — perguntou Weston com voz baixa, mas firme.

O homem não respondeu.

— A quem você serve? — exigiu saber. — Diga ou arranco o pomo da sua garganta.

A resposta do homem foi escarrar e cuspir saliva nas botas de Weston, cuja ponta da bota preta foi parar direto no rosto do sujeito.

O homem limpou o sangue da boca fendida, sorrindo ao fazê-lo. A bota de Weston atingiu seu rosto novamente, mandando-o para o limbo.

Por enquanto Weston ficava satisfeito em deixá-lo inconsciente.

Com um desgraçado fora do caminho no momento, ele se virou e ajoelhou ao lado do cavaleiro anão, inspecionando sua cabeça com cuidado. Levantou as pálpebras fechadas, depois ficou de pé e esfregou a barba rala, considerando o homem pensativamente. Não conseguia saber de qual lugar aqueles homens procediam porque a armadura não possuía nenhuma insígnia – tampouco a tropa portava qualquer estandarte. Mas Weston acreditava que não poderiam ter passado por Montagneaux sem terem sido vistos. Na verdade, apesar de não poder jurar, acreditava que todos tinham vindo daqueles arredores.

Chrestien permaneceu imóvel.

Tão logo viu a aba da tenda mexendo, fechou os olhos de imediato. Não ousava encarar o rosto de seus captores ainda. Eram os assassinos do rei Henrique, e ela odiava aqueles monstros por terem matado seu pai. E agora haviam ferido Aubert, que provavelmente estava ali ao lado dela morrendo. Sim, ela tinha visto a cabeça do lobo uivando no estandarte exposto do lado de fora da tenda e amaldiçoou baixinho o inglês assassino.

Jesus, como ela tinha conseguido se meter em tamanho aperto? Sua cabeça

estava latejando com toda a fúria de um ariete. Será que tinha sido atingida na parte superior da cabeça? Acreditava não estar ferida em mais nenhum outro lugar.

Ouviu botas esmagando o chão quando o homem entrou, depois o silêncio sobreveio novamente.

Será que estava sozinha?

Ou será que ele estava parado perto dela, olhando?

Abriu lentamente as pálpebras e espiou através dos cílios escuros. Havia dois homens voltados para a entrada da tenda, de costas para ela agora. O mais alto ainda estava com a espada na bainha. Se conseguisse reunir coragem... poderia apanhá-la... Mas se tentasse e fracassasse, ela provavelmente seria morta.

Por outro lado, se nem tentasse... ela poderia ser morta de qualquer maneira.

Ah, ela precisava tentar.

Uma olhada à sua direita revelou um homem de rosto ensanguentado, inconsciente.

O homem desarmado deixou a tenda para colocar ordem em alguma discussão lá fora, deixando a espada completamente sozinha – ou quase sozinha, se não fosse pelo fato de estar atada ao Lobo.

Mas se conseguisse pegá-lo desprevenido...

Ela reconhecia que ele, mesmo de costas, era o mesmo cavaleiro vestido de prateado que havia derrubado Aubert – e derrubado ela também, embora nem conseguisse lembrar como. Agora estava vestido de preto, havia se despido da armadura. Mas nossa... mesmo sem sua proteção, ele era tão monstruoso quanto ela lembrava.

Como será que ela tinha atravessado aquela fera com a espada?

Um tremor desceu pela espinha quando recordou a maneira como ele estava parado junto do pobre Aubert. Um rápido golpe da espada levava Aubert ao chão. Ainda assim, o Lobo não tombou com a estocada. O cheiro do sangue que ainda estava sobre ela atestava seu feito. Mas ele simplesmente estava ali, parecendo perturbado, quando deveria estar morrendo – maldito fosse e que apodrecesse no inferno!

O coração dela disparou quando o Lobo se inclinou para sair da tenda.

Bom Deus, não havia mais tempo. Era agora ou nunca: a espada estava indo embora!

Ficando em pé de súbito, Chrestien arremeteu contra as costas do Lobo. Travando o braço ao redor do pescoço dele com toda a sua força, tentou furiosamente desembainhar a espada gigantesca. Parecia inútil! Aquela coisa

pesava mais do que uma porca gorda! Frustrada, resolveu morder o ombro dele.

Weston sentiu uma pancada nas costas, depois se encolheu com a súbita dor no ombro. Tentou arrancar o peso das costas, mas o homenzinho era mais forte do que ele supunha. Então agarrou o cabelo do pequeno demônio, mas, quando o fez, sentiu um puxão no seu próprio cabelo e outra picada afiada no pescoço.

Estava sendo mordido pelo gnomo!

Estendendo as duas mãos para trás, tentou arrancar seu atacante das costas, mas a pressão em seu pescoço aumentou brutalmente. Com um último e forte puxão nas pernas magras que estavam entrelaçadas na sua cintura, ele as separou e atirou o gnomo demoníaco para longe.

O garoto aterrissou com um baque, estirado de costas no chão, mas ficou de pé muito mais rápido do que Weston havia previsto e atacou novamente – desta vez, sem sucesso. Weston o agarrou e ergueu no ar sem qualquer esforço, mantendo o garoto longe de si.

Michel entrou na tenda e deparou-se com Weston segurando o pequeno demônio no ar.

— Valha-me Deus! O que está acontecendo aqui?

Weston encarou com fúria os olhos escuros que o fitavam, garantindo que a criatura irritante estivesse bem longe de seu corpo, senão perderia o uso de sua masculinidade com um chute veloz. O diabrete esperneava e chutava feito uma criança repreendida.

Havia um brilho da má intenção naqueles olhos destemidos. Mas então, de repente, eles se arregalaram, cheios de pavor, e o protesto cessou abruptamente.

Weston estreitou o olhar, observando seu prisioneiro. Ele havia cometido o erro de subestimar aquele pequeno desgraçado uma vez, mas não cometeria o mesmo erro de novo.

Chrestien parou de esbravejar quando as mãos do Lobo foram parar abaixo do seu busto. Se continuasse esperneando, as mãos dele sem dúvida parariam bem nos seus seios. E se ele descobrisse que era uma mulher? Nossa Senhora! Nem queria imaginar! Fixou o olhar nos olhos do Lobo, temendo se mexer e ser revelada.

Ele possuía olhos azuis muito autoritários – não eram calorosos... mas também não eram frios. O cabelo preto, que atingia os ombros, era uma massa desordenada salpicada de prata que camuflava o semblante jovem. Ele era desconcertante de tão bonito – quase ameaçador, por isso ela prendeu a respiração quando os lábios dele se entreabriram para falar. Foi num repente que ele a largou feito uma árvore que se livra de uma fruta podre: por inteiro e sem

aviso.

Ela caiu no chão com um baque alto, sentindo a cota se incrustar feito pequenas adagas na sua pele já sensível. Enquanto ela permanecia ali em silêncio, ele lhe deu as costas e abandonou a tenda – o que já não era sem tempo, pois Chrestien não conseguia pensar sob a mira do olhar dele.

Michel teve a prudência de sair do caminho de Weston, mas o observou com curiosidade.

— Que diabos foi aquilo?

— O desgraçado me mordeu!

Weston pretendia dar uma boa sova no gnomo, mas, por trás daquele rosto sujo, viu apenas um garoto apavorado – não um homem. O rosto era imberbe e liso, então ele largou o moleque sentindo um verdadeiro nojo porque um jovenzinho como aquele era um cavaleiro. Apesar de ter sido nomeado cavaleiro no campo de batalha aos dezessete anos de idade, Weston pelo menos conseguia erguer uma espada ensanguentada.

Ele passou os dedos pelo cabelo.

— Quando fui sair da tenda — explicou com voz um tanto mais calma — o demoniozinho me atacou.

Levou a mão ao ponto em que os dentes do gnomo tinham afundado em sua pele; quando olhou para seus dedos, havia vestígios de sangue. Weston cuspiu uma praga e estendeu a mão para mostrar a Michel a prova que estava em seus dedos.

— Ele me *mordeu* — repetiu ele, incrédulo. — Pode acreditar? — Deixou escapar um som que era em parte um gemido, em parte uma risada. — Desgraçado desprezível!

Michel estava se esforçando muito para não rir. Weston percebeu o denunciador brilho de seus olhos.

— O que faremos com ele?

Sentindo-se frustrado, Weston respondeu:

— Eu devia ter deixado que ele enfrentasse sua própria batalha! Mas não deixei, e enquanto eu não decidir o que fazer com ele, quero que dois homens o vigiem o tempo inteiro.

— Então a intenção é levá-lo conosco para Lontaine?

Weston suspirou.

— Parece que não temos escolha.

— Poderíamos libertá-lo — sugeriu Michel, franzindo os lábios.

Michel estava brincando com ele, mas Weston não lhe daria a satisfação de

se deixar irritar.

— Não. O rapaz tem perguntas a responder, e enquanto eu não estiver satisfeito com as respostas, ele não irá a lugar nenhum.

Hesitando diante de sua tenda, alisou o queixo com a mão.

— Dê-me um momento para pensar... e depois me traga o demoniozinho.

Michel fez um aceno exagerado com a cabeça, depois virou-se para partir. Weston empurrou a aba de sua tenda e entrou.

Estava furioso consigo mesmo por dar as costas ao prisioneiro, pela estupidez de deixar a guarda aberta para o rapaz – não só uma, mas duas vezes. A primeira vez foi compreensível, pois fora socorrer o novato e supôs-se merecedor de um pouco de agradecimento, não de uma perfuração no peito. Mas uma segunda vez? Isso era injustificável. Era tolice desprezar um inimigo, qualquer que fosse o seu tamanho. Pegando o jarro de cerveja que estava sobre o baú com os fundos de guerra, tomou um grande gole antes de se abaixar para endireitar o banco caído. Sentou-se nele, bebendo a cerveja enquanto aguardava. Não demorou muito para que Michel entrasse, atirando o prisioneiro diante dele. Weston observou o garoto por um minuto antes de fazer um gesto para que seu capitão saísse. Ficou ainda mais carrancudo ao ver Michel esboçar um sorriso. Como bálsamo para sua raiva, cravou no garoto seu olhar mais intimidador.

— Quem é você?

— Quem é você? — contrapôs o garoto, os olhos escuros cintilando de rancor.

Weston se aproximou dele, a paciência quase no fim.

— Sou eu quem faz as perguntas, garoto. — Agora tinha certeza de que aquele *garoto* não era nada além disso, pois a voz era mais de criança que de homem. Ainda assim estava intrigado porque alguém tão pequeno conseguia ter a coragem que homens com o dobro do tamanho não possuíam, então repetiu a pergunta, a voz contida pela paciência que ainda restava: — Quem é você?

ERGUENDO O QUEIXO EM DESAFIO, Chrestien encarou o Lobo com olhar glacial.

Ele a agarrou pelo braço de repente, torcendo-o num rude alerta.

— Fale, ou eu quebro esse braço.

Chrestien engasgou com as palavras. Não duvidou nem por um instante de que aquela fera cumpriria a ameaça.

— Christopher — disse, encolhendo-se. Seus dedos cravaram-se nos dele, tentando forçar a liberdade.

O Lobo estreitou os olhos, como se não acreditasse nela, mas felizmente

diminuiu a pressão sobre o braço. Mas conforme a dor cedia, a coragem de Chrestien aumentava, a ponto de fazê-la sentir o calor da raiva outra vez.

— De onde você vem... *Christopher*?

Ele proferiu o nome com tanto desgosto que lágrimas de raiva ameaçaram inundar os olhos de Chrestien. Por fora, ela permanecia calma, mas por dentro estava uma pilha de nervos.

Minha Nossa Senhora! Não havia nada de gentil naquele homem. Os olhos azuis eram frios, mas ardiam com a chama do desprezo.

— Não direi nada além do meu nome! — retrucou ela, com praticamente o mesmo desdém que estava recebendo, lutando desesperadamente para conter as lágrimas. Um cavaleiro jamais choraria, disse a si mesma.

Ele a encarava, parecendo mais alto do que qualquer homem que já houvesse conhecido – e seu pai tinha sido um homenzarrão. Vestido de preto da cabeça aos pés, parecia diabólico com aquele sorriso de lobo que lhe contorcia o lábio. Na verdade, ele era a imagem de seu emblema, cujo sorriso feroz adornava a túnica.

Uma rápida torção no braço serviu para lembrá-la da dor que ele infligiria. Instintivamente, Chrestien tentou tirar a mão do Lobo de seu braço, cravando as unhas nas articulações dos dedos dele enquanto se debatia.

Ele meramente apertou ainda mais o punho dela.

— Você luta feito uma moça — desdenhou ele. E com pouquíssimo esforço, atirou-a no chão. Chrestien bateu com a cabeça no canto de metal do baú, e seus olhos enevoaram-se de dor.

— Se não me disser — avisou ele — ficará exatamente onde está até contar. Ou consigo o que quero, garoto... ou você não terá descanso.

Estava óbvio que a raiva do Lobo mal podia ser contida, então Chrestien decidiu que era melhor não dizer mais nada. Observou com cautela o imenso baú disposto ao seu lado ser aberto por ele, que de lá extraiu uma grossa corda dourada. Percebendo que ele pretendia amarrá-la, tentou fugir. Mas antes que pudesse se colocar de pé, as mãos dele voaram para detê-la. Ele usou a corda para amarrar suas mãos às costas, depois puxou uma adaga da bota e cortou a corda que ficou sobrando nos punhos. A sobra foi usada para amarrar seus pés. Feito isso, ele saiu da tenda e retornou poucos segundos depois com um jovem escudeiro que ele chamava de Guy.

Sem nem olhar para o corpo caído de Chrestien, Guy começou a trabalhar imediatamente, removendo o cinturão do cinto do Lobo. Feito isso, tirou a túnica negra e a cota de couro acolchoado, inspecionando-as com cuidado quando lhe

foram confiadas em suas mãos.

Os olhos do Lobo não abandonaram Chrestien enquanto o escudeiro o despia. Quando Guy voltou sua atenção ao buraco que descobriu no couro, o Lobo enfim desviou o olhar. Pegou o jarro de cerveja novamente, aproveitando-se bem dele antes de devolvê-lo ao baú e correr os dedos pelo matizado cabelo preto, parando só por um instante para esfregar as têmporas.

O anúncio veio com um suspiro.

— Precisa de reparos, milorde.

Na opinião de Chrestien, Guy falava com uma banalidade na voz que desafiava a lógica. Como falava assim de forma tão impaciente com alguém de aspecto tão sinistro quanto o Lobo? Bem, ela não conseguia nem entender.

O Lobo balançou o queixo em aquiescência.

— Pois bem, então leve... mas volte logo assim que terminar. Quero que fique de olho em *Christopher* esta noite.

— Christopher? — Foi então que Guy admitiu a figura largada no chão, erguendo as sobranceiras com ar examinador. Depois, quando acenou a cabeça, preparando-se para sair, o Lobo o deteve. — Diga a Michel que cuide dos outros prisioneiros.

— Sim, Sir Weston — respondeu o rapaz. Dai ergueu a aba da tenda e desapareceu na escuridão.

Então esse era o nome dele... Weston?

Por que o escudeiro o chamava pelo nome e não pelo título? Será que esse lobo não possuía um covil? De qualquer maneira, Chrestien preferia pensar nele como o Lobo. Ele não merecia um nome de batismo.

O Lobo – esse era o único nome apropriado para ele – tirou a camisa de linho, jogando-a de qualquer jeito sobre o baú, depois inclinou a cabeça para examinar seu mais novo ferimento.

Chrestien já tinha assistido os homens de seu pai treinarem com os estafermos – o que costumavam fazer com o peito despido durante o verão escaldante – mas nunca viu um corpo tão musculoso. Estava chocada com a extensão daquele peito. E aí o olhar dela recaiu no talho que tanto atraía a atenção do Lobo. Aquilo foi tudo o que conseguiu fazer? Ele merecia morrer por tudo o que tinha feito a seu pai e seus homens. Chrestien resmungou uma praga – mesmo sem saber o significado de metade daquelas palavras – e o Lobo lhe deu uma olhada, os olhos adquirindo um tom esfumado de azul. O sorriso torto apareceu novamente, mas então ele voltou a ignorá-la. Arrancou as botas pretas, depois deu atenção às bandagens das pernas. Chrestien não conseguiu evitar e

observou os músculos dos braços dele dançarem enquanto os dedos remexiam nas amarras. Uma vez soltas, o Lobo deu atenção às amarras do calção. Os olhos de Chrestien se arregalaram quando ele desfez o laço.

Nossa Senhora! O Lobo estava se despindo, percebeu ela um tanto tardiamente. Se desviasse o olhar agora, ele poderia suspeitar. Em sua confusão, conseguiu apenas observar, mas logo foi tarde demais. O calção estava no chão.

Ela engoliu o nó de nervosismo na garganta enquanto assistia o corpo nu inclinar-se para apanhar o jarro de cerveja no baú. Ele estava praticamente de costas, mas Chrestien tinha uma visão perfeita de seu perfil e estava hipnotizada pela força pura do corpo poderoso, inteiramente musculoso – embora certa parte não parecesse se encaixar muito bem naquele instante, notou ela, satisfeita por encontrar nele um defeito. O Lobo não era tão perfeito afinal, concluiu, sentindo-se triunfante – mesmo que não conseguisse entender o porquê.

Observou-o tomando outro gole do jarro, os músculos do braço erguido ondulando enquanto sustentavam o objeto de sua atenção. O Lobo estava de costas para ela, que acompanhou, com olhos arregalados, quando ele se encaminhou para o colchão, os músculos das pernas e do traseiro tensionando e relaxando conforme caminhava.

Sabia que não deveria estar olhando de maneira tão devassa, mas o Lobo acreditava que ela era um homem, então não tinha nenhuma importância... E ela estava completamente impressionada com o físico dele. O Lobo passou os dedos hábeis pelas mechas rebeldes e, com as pontas dos dedos, esfregou o escalpo rapidamente, deixando-os pararem por um instante antes de passá-los pela massa de ondas enroladas na nuca. Cada movimento que ele fazia parecia falar de uma virilidade indomada.

O escudeiro entrou na tenda com um cobertor de pele na mão, atirando-o aos pés do Lobo. Mas o Lobo não se incomodou em cobrir-se.

— Deixou na tenda dos prisioneiros, milorde.

Ele assentiu. Chrestien reconheceu o cobertor como aquele no qual estivera deitada e observou com curiosidade o Lobo apanhá-lo, afundar no colchão e estendê-lo por cima de si mesmo, deixando uma perna tremendamente musculosa para fora do cobertor. Apoiando-se num dos cotovelos, ele esfregou as pálpebras fechadas com a mão livre, depois deitou de vez a cabeça no colchão para descansar enquanto o escudeiro cuidava de sua armadura.

— Tem um rasgo no meu calção também — informou ao jovem. — Deixei-o ali no banco.

— Trarei de volta imediatamente — respondeu o escudeiro, que foi apagar a

única vela acesa dentro da tenda. O Lobo o impediu. — Deixe aí. Quero que procure John. Revezem-se... Vocês vigiarão Christopher esta noite. Ele não deve dormir. Quero que fique bem cansado para não me causar arrependimentos amanhã.

Uma praga veio na ponta da língua de Chrestien, mas ela conseguiu suprimi-la. Já estava bastante cansada naquelas condições e, apesar do medo, ela mal conseguia manter os olhos abertos. O que ele achava que ela poderia fazer contra um monstro como ele? Suspirando com resignação, pousou a cabeça no chão de terra, pensando que poderia muito bem descansar enquanto o criado não voltava com reforços.

Ah, Aubert! O coração dela ficou pesado ao pensar nele. Desejava mais do que tudo que ele estivesse ali ao lado dela. Se ele morresse naquela noite, ela jamais se perdoaria. Mas o descanso dele estava para ser bem mais recuperador do que o dela. Assim que os servos do Lobo chegaram, cada minuto de sono foi arduamente conquistado. Enquanto o Lobo roncava feito uma fera grosseira, ela foi empurrada e cutucada a noite inteira. Sempre que seus olhos fechavam, ela recebia o golpe colérico de um cotovelo ou pé. Sabia que os criados estavam descontando a privação de sono nela, então a machucaram até deixá-la com a pele roxa.

Fechando um olho para descansá-lo, lutou para manter o outro aberto, sacudindo a cabeça no esforço de manter-se acordada: qualquer coisa para poupar seu pobre corpo dolorido de outro golpe. Mas seus esforços não valeram de nada. Os olhos fecharam, o queixo caiu e ela levou outro chute na coxa. Minha Nossa Senhora, como se ela já não tivesse hematomas suficientes!

Ouviu vozes dispersas, mas não se importava mais com o que elas diziam — nem a quem eram endereçadas. Se ao menos conseguisse descansar um pouco...

Os olhos fecharam mais uma vez. Ela foi acordada num solavanco, erguida com grosseria pelos braços.

Desta vez ela não conseguiu abrir as pálpebras para ver quem era, mas não tinha importância. Desta vez a dor não durou muito. A escuridão a envolveu feito um cobertor quente e acolhedor no inverno.

CAPÍTULO CINCO



O cheiro de terra molhada misturado ao de transpiração humana saudou as narinas de Chrestien. Ela se imaginou dentro de um buraco fundo, deitada junto de Aubert e os outros que morreram tentando protegê-la. O solo úmido caía em montes pesados para cobrir seu corpo surrado, enterrando-a, sufocando-a...

Será que havia morrido durante a noite? Mas não, ela não estava morta! Seus lábios se moveram para falar, mas nenhuma palavra saiu. Havia apenas o silêncio e aquela sensação estranha de estar sendo sufocada até a morte.

Despertou de repente na parte de trás de uma carroça, as mãos ainda presas, o rosto enfiado em palha suja. Só as pernas estavam soltas. Seu primeiro pensamento foi correr, mas uma olhada ao redor avisou que esse feito seria impossível. Cavaleiros armados rodeavam a carroça desprovida de molas, e ela sabia que não iria além do chão antes que eles recaíssem sobre ela.

Pelo menos Aubert estava com ela na carroça, ainda vivo, e ela sentiu um alívio tangível.

Observou-o em seu descanso, o coração enchendo-se de orgulho. Ele havia ficado ao seu lado no decorrer de tudo, protegendo-a como faria um irmão. E mesmo podendo ir oferecer seus serviços a outro lorde, ele não o fez. Gilbert de Lontaine teria sentido orgulho dele, com certeza. Mas Aubert estava imóvel demais.

Quando mais observava seu corpo inerte, mais Chrestien temia que ele jamais acordasse.

Colocando a bochecha sobre o peito dele, examinou o subir e descer da respiração. Mesmo que a pele de Aubert ardesse em febre, ela se sentiu tão

tranquilizada com o ritmo de sua respiração que fechou os olhos e caiu novamente num sono intermitente.

— Devem ser amantes — murmurou Weston, apontando a cabeça na direção dos prisioneiros que agora dormiam.

Michel sorriu.

— Isso explicaria por que o alto chamou pelo nome do garoto a noite inteira. Acordei várias vezes com ele chamando por *Chris*.

Weston ergueu uma sobrancelha.

— Dormiu na tenda dos prisioneiros?

Michel assentiu e Weston fez cara feia.

— Sozinho?

— Não, sozinho não, embora eu não soubesse que você se importava tanto. — Michel piscou e recebeu outra olhada feia.

Uma torre enclausurada por um muro surgiu ao longe no horizonte, seu tamanho incomum contrariando sua força latente. Era uma pequena fortaleza, segundo os principais padrões. Não havia nada de absolutamente excepcional para se ver nela. A muralha em si parecia ter apenas uma altura moderada, e a fortificação retangular portava seteiras minúsculas e bem localizadas no lugar de janelas.

Conforme se aproximavam, puderam enxergar uma profusão de cabanas bem conservadas pontuando o cenário. Estava óbvio que os telhados de palha eram novos e cada cabana era suprida por sua própria horta, ainda que pequena. Galinhas ciscavam e crianças brincavam, enquanto isso os vilões estavam ocupados com uma atividade ou outra. Pararam o que estavam fazendo quando a tropa se aproximou.

Reconheceram seu estandarte, sem dúvida, e, como era a intenção de Henrique, Weston soube que cederiam sem que precisasse erguer uma única espada.

Várias mulheres se benzeram. Uma desmaiou. As mães trouxeram seus filhos para perto.

Era uma cena com a qual ele já devia estar acostumado, mas se sentia corroído por dentro ao testemunhá-la.

Contudo, quando Weston alcançou o portão, este permaneceu imóvel. O guarda não fez qualquer movimento para abri-lo, então ele tirou o elmo em sinal de paz. Caso fosse compelido, tomaria Lontaine à força, mas, se pudesse evitar, não haveria derramamento de sangue hoje – mesmo que o gesto o colocasse em perigo.

— Nós viemos em nome do rei Henrique da Inglaterra, quarto filho de Guilherme, o Conquistador, agora duque da Normandia!

O guarda que estava no parapeito permaneceu em silêncio e irredutível. O homem não disse nada e parecia estar analisando Weston e seus homens, o olhar cheio de desprezo. Então, de repente, o olhar aborrecido do homem foi tomado pelo choque e ele quase caiu de seu posto.

Chrestien ouviu vozes e abriu os olhos um tanto grogue. O coração dela disparou quando percebeu onde estavam. Ela se pôs de pé num pulo, quase caindo da carroça no processo.

Minha Nossa Senhora! Era Lontaine!

Será que ele tinha percebido quem ela era?

Não – não havia como ele saber, senão não a teria tratado com tanta maldade. Ou talvez o horrendo Lobo de Henrique não se importasse de abusar de uma dama bem-nascida.

Ela respirou fundo e tentou falar, mas a voz não saiu. Contudo, não sabia se devia falar alguma coisa. O guarda não abriria o portão sem uma ordem dela.

Mesmo assim... se não fizesse o guarda abrir o portão... Ela olhou ao redor, temerosa. Havia pelo menos trinta cavaleiros completamente armados. Os vilões seriam presa fácil, mas ela não os faria sofrer por causa de sua teimosia. Dezenove homens já tinham morrido por ela – assassinados feito ovelhas pelo Lobo.

Com os joelhos tremendo, ela olhou para Aubert. Ele precisava da mãe. Janelle saberia cuidar dele, pois sua febre estava alta.

— Abra o portão! — gritou, e então segurou a respiração quando todos os olhos se viraram para ela.

O Lobo virou-se para encará-la, os olhos faiscando numa fúria súbita.

Se tivesse percebido que ele estava indo para Lontaine, talvez Chrestien tivesse revelado sua identidade – ou pelo menos dito que Lontaine era seu lar.

A porta levadiça ergueu-se de imediato e a ponte foi baixada. Ela tombou com um baque.

Por um instante, ninguém ousou colocar os pés na ponte de madeira. Todos pareciam estar esperando para ver o que o Lobo faria.

Chrestien desviou o rosto daquele homem odioso, grata a Deus por Aubert estar dormindo neste momento terrível. Sabia sem sombra de dúvida que ele teria se levantado para defendê-la.

O Lobo ordenou que seus homens atravessassem, então a tropa passou depressa pela prancha de madeira. Ao fim da fila, a carroça saiu num solavanco,

quase tirando Chrestien de prumo.

O Lobo ficou esperando que a carroça que transportava Chrestien estivesse ao seu lado, daí esporeou sua montaria num trote lento para acompanhá-la. Os músculos de seu queixo se retorciam, seus olhos brilharam frios.

— Por que não me contou que era de Lontaine?

A voz soava tensa pela ira contida e a cor de seus olhos escureceu até torná-los tão negros quanto o céu à meia-noite, dando-lhe uma aparência maléfica.

Chrestien não lhe daria a satisfação de ver que seus joelhos estavam tremendo, então os escondeu ajoelhando-se com o pretexto de inspecionar o pobre Aubert. Uma vez recobrada a compostura, ela encarou o Lobo e perguntou em tom de desafio:

— Por que não me disse que tinha interesses em Lontaine?

— Desde quando devo discutir minhas intenções com meu prisioneiro? — perguntou o Lobo, trincando os dentes, novamente fazendo com que os músculos da bochecha saltassem.

— Preciso eu discutir com meu captor...

— Basta! — gritou ele, silenciando-a. — Qual a sua ligação com Lontaine? — insistiu, a mão segurando o punho da espada num gesto que era mais instinto do que intenção. — E não fale... apenas dê as respostas que procuro, garoto. — Seu tom era baixo, os olhos eram raivosas chamas azuis. — Qual sua ligação com Lontaine? — repetiu.

Chrestien não ousou discutir para que ele não decidisse fustigá-la – ou pior, matá-la.

— Sou filho de Gilbert de Lontaine.

— Mentira! Ele só tem uma única filha!

— Ele *tinha* uma filha e um filho. Meu pai agora está morto, como você bem sabe!

— É? E onde está a filha? Ela está aqui dentro para confirmar sua história?

— Minha irmã Adelaine está com Aleth de Montagneaux — respondeu Chrestien honestamente. Era a verdade e não havia nada que o Lobo pudesse fazer para remediá-la agora. — Casou-se com ele faz menos de uma semana. — Os olhos dela ficaram úmidos. — Então não, você não a encontrará aqui dentro — disse com desalento. — Não encontrará ninguém aqui dentro senão homens e mulheres inocentes. — O queixo baixou quando Chrestien encarou o chão em derrota. — E sombras do meu passado — disse bem mais baixinho.

Weston deixou que a carroça seguisse adiante, observando-a passar. Chrestien conteve o fôlego e esperou para ver o que ele faria.

Aparentemente ficou bastante comovido com suas palavras para decidir desamarrar suas mãos. Deu essa honra ao escudeiro.

Chrestien ficou tão agradecida que quase beijou os pés de Guy por libertá-la, mas ele parecia se encolher a cada vez que a tocava, fazendo-a imaginar que ele a considerava pestilenta. Ela desceu imediatamente da carroça, e Janelle – abençoada fosse – veio correndo do salão principal, atirando-se aos braços dela. Assim que a soluçante criada colou a bochecha gorducha junto da dela, Chrestien quase chorou de alívio. Janelle não era apenas uma criada; era bem mais do que isso para Chrestien. Seu lar estava nos braços dela. Mas uma olhada em Aubert arrancou uma lamúria dos lábios da mãe dele, e Chrestien sentiu o sal de suas próprias lágrimas.

— Ajude-me a levá-lo para a cama — orientou. — Ele ficará bem. Só precisa do seu cuidado amoroso, Janelle. — Não sabia se isso era mesmo verdade, mas esperava que sim.

Enquanto o Lobo e seus homens observavam sem erguer um dedo, ela e Janelle puxaram Aubert da carroça. O coração de Chrestien doeu ao ver as lágrimas silenciosas que se amontoavam nos olhos da criada. Janelle sustentou os braços do filho, mas antes que Chrestien pudesse segurar-lhe os pés, a voz ribombante do Lobo as deixou paralisadas.

— Não! — ordenou. — Você vem comigo. — Chrestien estava de costas para o Lobo, mas sabia que ele estava falando com ela. — Meu escudeiro cuida dele.

O escudeiro tomou os pés de Aubert das mãos de Chrestien imediatamente.

Zangada, ela se virou para acompanhar o Lobo até o salão principal. Os passos ecoaram no piso de madeira quando Weston se dirigiu ao estrado e sentou na cadeira do pai dela como se ele mesmo fosse o senhor de Lontaine.

Chrestien parou no meio do caminho, furiosa com as liberdades que ele estava tomando, mas o Lobo pareceu não notar sua ira. Simplesmente fez um gesto para que se aproximasse.

Weston encarou o garoto, cheio de orgulho e raiva, e sentiu uma estranha pontada de simpatia pelo rapaz imundo. Sua vida estava aos pedaços, e Weston se sentia parcialmente responsável por aquela drástica mudança.

— Não desejo nenhum mal a você e seus servos — garantiu ao rapaz. Tentou explicar da maneira mais gentil possível que Lontaine agora era propriedade do rei Henrique. — Permaneceremos aqui até que nosso rei mande ordens...

— Ele não é *meu* rei! — protestou o garoto.

Weston fez cara feia.

— Melhor se livrar dessa ideia, garoto, pois Henrique seria bem menos

compreensivo com sua impertinência. Como eu estava dizendo, permaneceremos aqui até recebermos ordens de Henrique. Até lá, permitirei que cuide livremente de sua fortaleza... desde que dois homens meus o acompanhem o tempo inteiro. Entendeu?

O rapaz ficou confuso por um momento, mas logo pareceu ficar aliviado. Weston ponderou se deveria revelar mais, porém decidiu que não. Tendo transmitido a mensagem, levantou-se da cadeira do lorde e tomou o rumo da porta. Dois homens entraram atendendo ao seu chamado, depois ele desapareceu no pátio, deixando o garoto com suas reflexões.

CAPÍTULO SEIS



Chrestien não estava contente com os bufões designados para vigiá-la, mesmo que pelo menos estivesse livre para andar por sua casa em paz. Esforçou-se ao máximo para tirá-los da mente quando saiu em busca de Aubert e Janelle. A porta da cabana de Janelle estava aberta e, para sua grande alegria, Aubert estava acordado, mesmo que grogue e sentindo dor. Estava deitado numa cama, sob os cuidados da mãe, que aplicava bálsamo nas suas feridas.

— Vejo que ainda estavam vivos, é uma lástima — disse Chrestien com um sorriso quando foi para junto da cama e deu-lhe um beijo na bochecha.

Ouviu um rosnado baixo atrás de si e viu que um dos guardas tinha lhes dado as costas. O outro estava segurando o riso. Chrestien se voltou novamente para Aubert, decidida a deixar que eles diminuíssem seu ânimo. Janelle saiu um pouco do lado da cama para preparar mais bálsamo, deixando Aubert e Chrestien conversarem sozinhos.

— Somos prisioneiros? — perguntou ele de vez.

Chrestien acenou com a cabeça que sim.

— Lembro de pouca coisa — confessou Aubert. — Como chegamos em Lontaine?

Chrestien tocou os lábios dele com os dedos, silenciando-o. Inclinando a cabeça, indicou os guardas na porta. Aos sussurros, explicou:

— Você está com febre desde ontem à noite.

A expressão nos olhos dele estava cheia de pavor.

— O Lobo de Henrique?

Chrestien acenou com a cabeça novamente.

Aubert fechou os olhos.

— Que Deus nos ajude.

— Não havia muito que pudéssemos ter feito — garantiu ela, tomando-lhe a mão e beijando-a com afeição.

Outro rosnado de desaprovação veio da porta. Chrestien lançou um olhar irado ao sujeito, depois voltou sua atenção novamente a Aubert.

— Meu pai teria ficado orgulhoso de você, Aubert. Você é corajoso e leal.

Aubert fez uma careta e tentou sorrir, mas as lágrimas desceram pelos olhos de Chrestien de repente. Pela primeira vez desde a morte do pai, deixou que elas corressem livremente.

— Pensei que perderia você — soluçou. — Não sei o que faria sem você, Aubert!

Ela pousou a cabeça no peito de Aubert, sobre seu coração. Ele se encolheu de dor e puxou o rosto de Chrestien para descansar junto ao dele, deixando que as lágrimas escorressem sobre sua bochecha sem protestar. Os braços a envolveram com fraqueza, mantendo-a junto dele, deixando-a chorar. Isso já devia ter acontecido há tempos.

— Seu pai teria sentido orgulho de você também, petulante. Eu vi como empunhou aquela espada. — Deu uma piscadinha quando Chrestien o encarou, daí secou as lágrimas dos olhos dela.

— Eu costumava assistir papai treinando você — confessou.

Aubert sorriu com aquela admissão.

— Pelo menos você deu ao Lobo algo que o fará lembrar de você — disse sombriamente. — Junto com o líder daquele primeiro bando — lembrou de repente. — Foi um talho feio aquele que você fez nele, Chrestien – bem embaixo do olho, eu acho. Mais um centímetro e teria arrancado o olho fora.

Na verdade, Chrestien não se lembrava de ter ferido mais ninguém. A experiência inteira permanecia um borrão – tanto sangue e tanta morte – tudo aconteceu depressa demais. Os gritos de seus impotentes vilões a assombrariam até seu último sopro de vida. Todos aqueles homens possuíam família, e ela ainda tinha que lhes prestar seu respeito. Havia tanto a ser feito, mas era necessário que os homens do Lobo a deixassem em paz.

— Aubert... o homem em que fiz o talho... você o reconheceu? Ele me parecia familiar, de alguma forma.

Aubert lhe sustentou o olhar, uma expressão séria nos olhos.

— Não sei dizer quem possa ser, mas perceba, Chrestien, ele deve ter vindo de Montagneaux.

— Como pode ter tanta certeza?

Aubert resmungou quando se reposicionou na cama para sussurrar mais de perto.

— Ficou óbvio para mim que ele estava atrás de você — revelou.

Chrestien considerou aquela revelação, imaginando quem poderia ser e o que esperava ganhar. Aleth praticamente a empurrou para fora de seus portões, então sabia que isso não teria sido feito com o consentimento dele. A única coisa da qual tinha certeza, na verdade, é que todos eles teriam perecido sem a intervenção do Lobo, por mais que ela detestasse confessar isso.

— Dói dizer isso, mas parece que estamos em débito com o Lobo.

Aubert assentiu com seriedade.

Ela sorriu.

— Essa fera odiosa ainda acha que sou um garoto.

— Porque está parecendo um — criticou Janelle, retornando para inspecionar o ferimento e a febre de Aubert. Olhou Chrestien com desaprovação. — É uma blasfêmia o que fez com aquele cabelo!

Chrestien levou os dedos aos lábios dela.

— Shhh, Janelle. Não havia como evitar.

— Juro que seu pai está se revirando no túmulo — insistiu ela.

— De qualquer forma, eu ataquei o Lobo — admitiu Chrestien. — Na tenda dele. Eu o mordi, e acho que ele jamais me perdoará por isso.

Janelle a encarrou com horror.

— E como isso honraria o seu pai? — Ela fez o sinal da cruz, e Aubert se engasgou com uma risada fraca.

— Você o mordeu? — perguntou, incrédulo.

Chrestien assentiu devagarinho, o rosto corando de constrangimento.

— Você ainda vai ser a causa da minha morte — jurou a criada. — Vá logo se lavar! Não é surpresa que tenha enganado eles tão bem! Quem ia acreditar que existe uma dama debaixo dessa sujeira toda?

— Ai! Você me atormenta igualzinho ao seu filho! — reclamou Chrestien, que, com um suspiro cansado, levantou-se do lado da cama de Aubert. — Pois bem. Tomarei banho. Você fica deitado — exigiu de Aubert e se virou para ir embora, maravilhando-se com o quanto eram parecidos, mãe e filho. Nenhum deles parecia lembrar de suas posições, mas Chrestien os amava do jeito que eram.

Para seu espanto, o guarda carrancudo a empurrou quando ela tentou passar. O grosseirão parecia gostar muito de atormentá-la, concluiu Chrestien, quando

finalmente teve licença para sair.

A caminhada até a fortaleza foi solitária, já que ninguém ousava se aproximar dela. Olhavam-na de soslaio, mas se atentavam às tarefas, incertos do que fazer para ajudar. A visão daqueles dois guardas musculosos certamente bastava para manter até o diabo longe.

O Lobo estava novamente acomodado na cadeira de seu pai no estrado do salão principal, e vê-lo ali fez com que o ressentimento aumentasse dentro dela. Lançou-lhe um olhar feroz antes de virar-se para pedir que Eauda, uma criada, levasse água para seu banho, depois subiu a escada até seu quarto. Pensando que os guardas esperariam lá fora, sem nem considerar que eles desejariam entrar, tentou fechar a porta de seus aposentos. O carrancudo colocou o pé dentro da porta para impedi-la de barrá-lo. Ai, sorrindo, ele entrou no quarto dela.

Minha Nossa Senhora! O que ela faria agora? Não podia tomar banho com nenhum deles presente! Começou a perambular quando Eauda entrou, trazendo uma procissão de criadas atrás dela, cada uma carregando dois grandes baldes de madeira. Ergueram os baldes sobre a grande banheira de madeira ornada e, um por um, esvaziaram o conteúdo do recipiente. Por fim, quando a banheira estava cheia, saíram depressa – todas menos Eauda, que permaneceu para banhá-la.

Deus do céu, ela não iria tomar banho num cômodo cheio de homens! Devia haver um jeito de colocá-los para fora – antes que sua água esfriasse! O Lobo foi firme ao dizer que seus homens a acompanhariam o tempo inteiro, e ela tinha certeza de que ele dera as mesmas instruções aos guardas, então, sem dúvida, pedir que saíssem seria inútil. Olhando para a banheira com ansiedade, ficou andando de lá para cá até a raiva suplantar seu desconforto. Se continuasse esperando, a água viraria gelo... e depois de tudo o que havia suportado, ela pelo menos merecia um banho quente!

De repente, lembrou-se do punhal cravejado de joias – aquele que seu pai lhe dera – escondido debaixo do colchão. Antes que pudesse considerar as consequências, foi buscá-lo, virando-se aos gritos para os guardas.

— Fora! Fora! — A lâmina assobiou furiosamente entre eles. O sorridente deixou o quarto na mesma hora. O guarda feio e carrancudo ficou ainda por mais alguns segundos, depois saiu apressado como o canalha que era.

— Ele não vai deixar isso de graça, senhorita — disse Eauda, benzendo-se.

— Ele não colocará a culpa em você — garantiu Chrestien. — Culpará a mim. Agora venha. — Acenou para que Eauda a ajudasse a embarrear a porta com um baú – não encontrava em lugar nenhum a barra de madeira que ela

costumava usar. Será que ele a removera assim tão depressa?

Uma vez feita a barricada com o baú, Eauda ajudou Chrestien a retirar a pesada cota, a engordurada túnica e o calção imundo, sacudindo a cabeça com desgosto o tempo inteiro. Contudo, diferente de Janelle, Eauda jamais a repreenderia.

Chrestien observou a vestimenta cair no chão com repulsa. Mais do que ofendida com o cheiro das roupas, ficou enjoada só de pensar que precisaria vesti-las de novo. A pobre Eauda estava de acordo, pois mal suportava colocar as mãos naquele material nojento. A criada fez uma cara repugnada, e Chrestien deu de ombros.

— Terei que roubar uma túnica limpa do quarto do meu pai — disse ela, enfiando uma das pernas sujas na banheira. Mergulhando na deliciosa água aquecida, ela suspirou pensativa, exausta, e Eauda imediatamente se pôs a lavar o cabelo de Chrestien com o sabonete com perfume de rosa de Janelle. Chrestien aspirou fundo o perfume doce, e por um instante fingiu que tudo estava como era antigamente: seu pai esperando lá embaixo e Adelaine costurando no solar.

Uma vez que a sujeira havia escorrido, Eauda olhou as manchas preto-azuladas que marcavam a pele clara, mas não disse nada. Ela não faria perguntas, Chrestien bem o sabia, mas os olhos dela estavam cheios de preocupação.

— O Lobo ficará zangado — afligiu-se ela novamente.

— Sim, mas não quero pensar nisso agora. Serei obrigada a encará-lo logo em breve — disse Chrestien, esticando as pernas para que água aquecida as aliviasse.

Eauda a banhava com delicadeza.

— Que Deus esteja com você então, *milady*.

Hunf! Onde estava Deus quando seus vilões estavam gritando? Era o que se perguntava Chrestien, taciturna. Apesar de tudo, foi, na verdade, o Lobo quem chegou em seu auxílio.

Não conseguia amainar muito a raiva que sentia dos homens que foram responsáveis pela morte de seu pai, nem conciliar o flagelo de toda a Normandia com o homem que provavelmente salvara a vida dela e de Aubert, mas o Lobo a salvara, por mais que ela detestasse admitir.

Neste exato momento ele estava lá embaixo, governando seu povo. Ainda assim... quando soube que ela possuía o sangue de Gilbert, o Lobo permitiu que tivesse livre domínio de seu lar. E às vezes surgia uma expressão em seus olhos que falava de bondade. Aquele homem não podia ser o mesmo cujo nome

evocava tamanho pavor nos corações de homens e mulheres. Assim como acontecia com seus ancestrais vikings, só os rumores sobre ele eram aterradores.

Mas, sim, ela teria que lidar com o Lobo mais tarde.

Por enquanto, Chrestien estava na mais completa alegria por estar submersa naquele líquido purificador. Fazia tempo que não podia repousar com tanto luxo, então fechou os olhos para saborear o cheiro de água de rosas enquanto Eauda enxaguava seu cabelo com a mistura perfumada. A água escorreu pelo rosto e, por um instante, ela se imaginou tomando banho debaixo de uma esplêndida cachoeira, deleitando-se com o calor dos raios de sol. Então um som estrondoso atingiu seus ouvidos e, antes que pudesse cobrir-se, a porta foi escancarada.

Ela segurou o fôlego enquanto assistia o pesado baú colocado na porta tombar no chão, como se não passasse de uma pena ao vento. Ficou de repente muito ciente de sua nudez, pois o Lobo foi se aproximando a passos largos, com um brilho perigoso nos claríssimos olhos azuis.

Eauda gritou e correu para fora do aposento enquanto o Lobo avançava até se colocar diante da banheira de madeira. Chrestien não podia culpá-la, pois também sentiu vontade de fugir, mas não ousaria se erguer de seu refúgio dentro das bolhas.

— Jamais ameace meus homens novamente! Está escutando o que digo, garoto? Se quiser continuar com livre trânsito por este lugar, você *deve* ficar com os meus homens o tempo inteiro – e isso inclui a hora do banho! E não fique tão mortificado, pois você não tem nada que não tenha sido visto por meus homens antes.

Chrestien apenas o encarava, boquiaberta. Os lábios do Lobo estavam se mexendo, mas ela não conseguia ouvir nada do que ele estava dizendo porque o sangue estava correndo por seus ouvidos, bloqueando qualquer som, salvo o das batidas de seu coração.

CAPÍTULO SETE



Weston ficou furioso quando seus homens relataram a explosão de raiva de Christopher. Já tinha visto tal loucura em mulheres, mas nunca em seus vinte e nove anos de vida havia sequer conhecido um homem – ou garoto – que fosse tão estúpido ou demente para desafiar a ele e seus homens. Não saberia discernir qual era o caso, mas só um idiota atacaria dois cavaleiros armados com apenas um punhalzinho.

A única razão pela qual seus homens deixaram o cômodo para chamá-lo foi o temor de esmagar o diabrete. Weston dera instruções explícitas de que o garoto não devia ser ferido, mas no momento lamentava ter dado tal ordem. Suas têmporas latejavam furiosamente, os músculos do pescoço estavam tensionados de fúria. Estava tão cego de raiva que nem conseguia ver com clareza a pessoa deitada dentro da banheira.

Decidiu ir embora antes que cometesse alguma imprudência, mas algo lá dentro de sua mente reconheceu o que seus olhos não viram, então Weston tornou a se aproximar da banheira para espiar o corpo ali dentro.

Ele piscou de surpresa.

Nada em todos os seus anos de vida poderia ter preparado Weston para a visão que contemplava agora. Encarou com descrença os contornos da pele clara que foram assimilados por seus olhos. Dois perfeitos montes gêmeos elevavam-se da poça de água de sabonete, e a mulher não conseguiu fazer nada senão olhá-lo estupidamente.

Christopher era uma mulher.

Com a pele tão pura e macia quanto seda nova.

Aquele era o mesmo moleque imundo de poucas horas atrás?

Seu olhar pousou no rosto – feições que ele jamais acreditou que existissem por trás de toda aquela gordura e sujeira.

Mas o que lhe tirou o fôlego foram os olhos, os lagos mais escuros que já vira... tão profundos e encantadores quando os de uma floresta à meia-noite.

Sentiu-se atraído por eles...

A virilha apertou, trazendo-o rudemente de volta à realidade, mas Weston não disse uma palavra de tão espantado com a descoberta. Foi andando de costas até as pernas tocarem a cama. Quando percebeu que não poderia recuar mais, girou e foi-se embora, apressado, antes que seu corpo recusasse seu comando.

Chrestien observou horrorizada o Lobo se afastar dela com uma expressão de absoluta repulsa. A mortificação de ser descoberta logo se transformou em autopiedade – uma emoção que jamais experimentou antes. A expressão no rosto dele quase a levou às lágrimas.

Será que ela era tão horrenda assim?

Mas Adelaine era muito bonita.

Será que seu temperamento realmente a deixava tão amedrontadora?

Será que o cabelo tinha sido sua glória? Sem ele, ela simplesmente não possuía nada que escondesse seu rosto. Sabia que isso não devia ser verdade, pois o pai dizia que ela era bonita, mas ninguém jamais a olhou com tamanha abominação.

O eco dos passos dele diminuiu. Chrestien se determinou a terminar o banho, tomando todo o tempo que ousou. Depois levantou-se da água suja.

Janelle entrou no cômodo com cautela, fechando a porta para esconder a nudez de sua senhora. Pegando um penhoar num baú, colocou a peça sobre os ombros de Chrestien, que ficou aliviada por ver sua fiel criada.

— Eauda chegou esbravejando sobre o demônio no seu quarto. Eu subi a escada o mais rápido que pude. Ele não machucou você, não é?

Apenas seu orgulho – o que era ridículo, concluiu. Chrestien sacudiu a cabeça, fechando bem o penhoar enquanto se deitava na cama que antes compartilhava com a irmã. Daria qualquer coisa para que Adelaine estivesse com ela agora.

Nunca na vida se sentiu tão sozinha.

— Chrestien! Nunca vi você sentindo pena de si mesma, e não vai começar agora! — ralhou Janelle, com a familiaridade de uma criada que estava há muito tempo em serviço.

Foi até um dos baús e o abriu.

— Aqui! Isso deve fazer você se sentir melhor — disse ela, pegando um vestido de cendal verde, acompanhado de uma túnica de seda branca. Seu pai tinha comprado o tecido de um mercador em quantidade suficiente para que ela e Adelaine pudessem ter vestidos parecidos. Era o vestido que tinham usado para enganar Aleth na primeira vez em que ele visitou Lontaine. A lembrança a fez sorrir.

Colocando o traje sobre a cama, Janelle entregou o vestido a Chrestien. Assim que o vestiu, ela ergueu os braços para que Janelle colocasse os ornamentos restantes por sua cabeça. Uma vez que o traje estava completo, ela se levantou para alisar as dobras da túnica, feliz por não estar mais vestindo aquela cota detestável. Felizmente, o vestido escondia suas manchas roxas muito bem.

Janelle levou a mão carinhosa à bochecha de Chrestien e piscou.

— Sorria, Chrestien! Você tem um rosto bonito demais para ficar franzido — mesmo com seu cabelo massacrado como está. — Chrestien deu um sorriso irresoluto, mas Janelle a tranquilizou. — Não se preocupe. Ele não fará nada para machucá-la agora que sabe que é uma mulher de berço nobre.

ALGUM LOGRO ESTAVA ACONTECENDO ALI, mas Weston não conseguia compreender precisamente de que natureza. Estava mais do que nervoso com a descoberta de uma mulher na banheira lá em cima. Embora parte dele suspirasse de alívio por saber que não tinha sido admirado por um homem em sua tenda, sentia-se em grande parte furioso consigo mesmo por não ter percebido antes — e por ter sido pego desprevenido duas vezes, não por um homem, mas uma mulher fracote! Mas a coisa que mais pesava em sua mente era a mentira em si. Deus do céu, o que aquela garota esperava ganhar com tamanho ardil? Obviamente, Lontaine não possuía filho nenhum... Mas isso também significava que a filha também não estava casada com Montagneaux porque ela estava ali em Lontaine, sozinha, vestida como um garoto.

Que homem desejaria uma mulher tão cheia de *vin aigre*?

Havia tomado a apressada decisão de deixar Lontaine horas atrás, pois temia ceder a uma necessidade muito primitiva de sufocar aquele pescocinho macio caso permanecesse perto da pequena megera. Saiu cavalgando da fortaleza com raiva, deixando metade de seus homens com Michel para guarnecer a fortaleza recém-adquirida, mas acima de tudo guardar a pequena feiticeira mentirosa, maquinadora, bela e encantadora.

O fato de ser mulher não mudava nada. Não podia confiar nela e, aparentemente, também não podia subestimá-la. O ferimento no ombro coçava só de lembrar daquela enganação, como que zombando dele. Weston se recusava a tocá-lo.

O sol estava baixando. Detestava a ideia de montar acampamento tão perto do castelo de Montagneaux, mas também queria inspecionar o campo de batalha do dia anterior, para ver se conseguia encontrar alguma pista sobre o motivo da batalha. De qualquer forma, ele havia levado seus homens quase à exaustão, então uma boa noite de descanso faria muito bem a todos. O dia seguinte se provaria bem longo.

Henrique dera duas ordens a Weston: a primeira era tomar posse de Lontaine; a segunda era assegurar a lealdade de Aleth de Montagneaux à Coroa... desde que os motivos para a ausência de Aleth estivessem alinhados aos interesses de Henrique.

Henrique tinha apreciado o fato de Montagneaux não ter levado seus homens para Tinchebray e queria recompensá-lo permitindo que mantivesse suas propriedades bem-guarnecidas.

Não era segredo nenhum que Montagneaux possuía homens armados suficientes para ter pesado muito a favor de Curthose. Ceder à ordem de não liderar suas tropas para a batalha agradou muito a Henrique. Mas Weston se sentia irritado porque Montagneaux não havia tomado o lado de Henrique abertamente. Não confiava em indecisos, mas não estava no direito de Weston questionar os decretos do rei.

Quanto à megera? Quando ele retornasse a Lontaine, simplesmente lhe informaria que trocaria Lontaine pelos confortos da corte de Henrique. Ela agora era um problema do rei. E por mais que Weston amasse seu país e seu rei, não hospedaria a pequena víbora por mais tempo que o necessário.

RESIGNADA EM SE tornar a prisioneira mais obediente que o Lobo de Henrique poderia esperar, Chrestien desceu para o salão principal, completamente preparada para fazer qualquer coisa que ele exigisse para manter a paz. Só encontrou metade dos cavaleiros dele à mesa, e o Lobo tinha ido embora. Mas se ela estava confusa com o fato, não estava nem de perto tão perplexa quanto os guerreiros do Lobo.

Aquele chamado Michel demonstrou pouca surpresa quando ela apareceu sem seu disfarce. Os outros ficaram boquiabertos quando Chrestien entrou no

salão. Ela se sentiu uma excentricidade com todos aqueles olhos treinados sobre si. Parte dela queria fugir... para se esconder.

Michel sentiu seu desconforto e foi cumprimentá-la.

— *Milady*, devo desculpar-me por meus homens... Não é sempre que são presenteados com tamanha beleza como a sua à mesa.

Ela sabia que eram apenas palavras gentis de uma língua charmosa, mas as boas-vindas sinceras aumentaram muito o ânimo de Chrestien, que decidiu que gostava de Michel.

— Junte-se a nós — pediu ele. A tensão se dissipou completamente quando Michel a tomou pela mão e a guiou à mesa do lorde. Inclinou-se para perto dela e sussurrou-lhe ao ouvido: — Presumo que seu nome não seja Christopher. — Ele sorriu marotamente, esperando pela resposta dela.

Chrestien não conseguiu deixar de retribuir o sorriso.

— Chrestien — disse ela.

Assustou-se quando Michel ergueu a adaga de refeição e bateu num cálice de prata. O gesto foi bem desnecessário, pois todos os olhos já estavam sobre eles.

— Meus bons camaradas — disse ele. — Contemplem Lady Chrestien de Lontaine. Por favor, prestem-lhe todo o respeito devido a uma dama de sua posição.

Houve murmúrios de aprovação e, com todas as formalidades encerradas, o salão irrompeu numa conversação em que todos falavam ao mesmo tempo.

Sussurravam-se gracejos sobre o Lobo Prateado ter sido vencido por uma mulher. Por fim, quando disseram que Weston fugiu ao invés de enfrentar sua bela conquistadora, Michel se sentiu compelido a banir o ofensor do salão. Mas Chrestien notou a suave risadinha que ele deu antes que se levantasse para repreender o jovem cavaleiro sorridente.

Por sua vez, Michel era bastante agradável e muitíssimo loiro, notou ela. As sobrancelhas mal podiam ser vistas no bonito rosto de menino. E ele possuía uma disposição muito jovial. Chrestien se afeioou a ele imediatamente. Era muito parecido com Aubert, refletiu, já que também era um ouvinte solidário. Chrestien contou a ele, enquanto os outros cavaleiros acompanhavam a conversa, sobre a morte de seu pai e a viagem ao castelo de Montagneaux para casar a irmã. Falou sobre sua irmã, Adelaine, sobre o corte de seu cabelo e o cavaleiro chamado Gervais.

Michel jogou a cabeça para trás numa gargalhada quando ela contou sobre a cerimônia de núpcias. A essa altura todos os cavaleiros tinham se juntado ao redor dela, ouvindo com grande interesse as histórias de sua breve existência

como o cavaleiro Christopher.

Chrestien contou até sobre a mulher que o cavaleiro Gervais levou para a cama, estando a menos de sessenta centímetros do seu rosto. Aquela história ganhou uma rodada de sinceras gargalhadas. Ainda assim, a que ganhou o maior estrondo de gargalhadas foi a de sua intenção de assumir o hábito. Chrestien não conseguia entender o que havia de tão engraçado em se tornar uma freira. De qualquer forma, decidiu não ficar ofendida.

Michel encheu o cálice dela pela terceira vez e dispôs mais queijo e pedaços de carne em seu trincho. Ela franziu o cenho quando ele lhe tomou a mão de maneira muito pretenciosa. Mas Michel meramente deu um leve beijo nas costas de sua mão e declarou:

— Você é um encanto, Lady Chrestien. — Daí um sorriso iluminou os lábios dele quando sussurrou baixinho: — Meus homens estão enfeitiçados por você, até demais. Cuidarei para que sua porta seja bem vigiada esta noite. — E piscou para ela.

Os olhos de Chrestien arregalaram.

— Está dizendo que eles poderiam...

— É mais provável que se prostrem aos seus pés. É apenas por precaução — garantiu ele.

— Entendi... — Chrestien assentiu, mas não entendia nadinha. O salão estava girando e o ar parecia estar ficando mais quente. Mas um gole de vinho poderia clarear seus pensamentos, resolveu ela.

Michel deu uma risadinha e tomou o cálice de sua mão.

— Acredito que já tenha aproveitado bastante, embora a culpa seja minha. A maioria das mulheres que eu conheço consegue consumir o dobro dessa quantidade. Mas, *milady*... você não é como a maioria das mulheres. Não é?

Chrestien fez cara feia.

Que tipo de pergunta era aquela?

Claro que ela era como as outras mulheres! Não havia nada que elas tivessem que ela tivesse, ou melhor, que ela não tivesse, ou será que ela... Nossa, já não conseguia mais pensar direito! O vinho estava, de fato, confundindo sua cabeça.

Michel a olhou achando graça.

— Melhor deixarmos que sua criada... — Ele acenou com a mão para Janelle. — Aquela esperando do outro lado do salão com ar circunspecto... que a conduza ao seu quarto.

Chrestien olhou para Janelle do outro lado do salão e suspirou.

— Ela é como uma mãe para mim — confessou, sentindo um sobressalto no peito. Descobriu, para seu desconolo, que estava com uma súbita crise de soluços. Nunca em toda a sua vida se sentiu assim tão confusa, mas o vinho não podia ser culpado por tudo isso.

Auxiliada por Janelle, Chrestien foi tropeçando pelos degraus de pedra até o quarto. Janelle ficou tão silenciosa quanto um túmulo até Chrestien estar aninhada entre os lençóis de sua cama. Depois chiou com toda a força de seus pulmões, dizendo sabe-se lá o quê, pois Chrestien não estava ouvindo.

Seus pensamentos estavam centrados no Lobo.

Ainda o odiava, claro, e sentia-se maravilhosamente perversa por saber que fora a causa de sua agonia e partida – sabia isso bem no fundo, mesmo que Michel não chegasse a admitir. Porém, odiava saber que ele a considerava tão repugnante de se olhar que precisou sair de Lontaine para evitar vê-la.

O vinho fez com que ela se sentisse quente e latejante, daí ela pensou nos lábios dele. Eram cheios demais para os de um homem. O cabelo escuro, com manchas prateadas, selvagem e revoltado, fazia com que ele parecesse muito perigoso – assim como tudo o mais a respeito dele. O rosto era inequivocamente bonito... muito masculino – não como o de Michel, com sua aparência loira e jovial. Não, não havia nada efeminado no Lobo, refletiu ela.

As pálpebras fecharam sonolentas enquanto ela visualizava o rosto bem-definido – o queixo poderoso sombreado pela barba rala... e os profundos olhos azuis. E naquela noite na tenda... o corpo poderoso, os músculos sólidos como rocha nas coxas. Sim, era certeza que o odiava, concluiu antes de cair no sono, grata pelo conforto de sua cama boa e macia.

WESTON ACORDOU ANTES dos sinos de Montagneaux tocarem a hora prima.

Montagneaux enviou um grupo de recepção composto por seis cavaleiros completamente armados para escoltá-lo aos portões do castelo. Não eram páreos para os quinze de Weston, mas este não estava ali para iniciar uma batalha, então os acompanhou como foi requisitado.

Lá dentro, Montagneaux o cumprimentou com certa reserva. Só depois que Weston declarou o propósito de sua visita inesperada foi que ele relaxou, oferecendo-lhe todos os luxos – inclusive a honra de ser banhado por sua esposa, a quem Weston agora aguardava.

As servas o tinham levado a um quarto particular no qual uma banheira de madeira bastante ornada agraciava o centro. Enquanto aguardava, ele analisava

as figuras nuas entrelaçadas que se estendiam pela borda da banheira. Mas enquanto ele as analisava, pensou ver certa semelhança com a megera no rosto entalhado no delicado trabalho em madeira. Weston sacudiu a cabeça para tirar o pensamento ridículo da mente e deu atenção ao cômodo, que seria seu até partir de Montagneaux.

A imensa cama de madeira que ocupava o canto esquerdo do quarto possuía um colchão de penas com centímetros de grossura. Uma lareira de carvalho muito grande, extremamente embelezada, cobria a parede à sua frente, e um sortimento de baús estava alinhado na parede direita. A única porta estava às suas costas – uma posição com a qual não se sentia confortável – então ele se ergueu sobre os quadris e virou-se para a porta, e foi quando esta se abriu para revelar uma jovem.

A princípio, ele desacreditou em seus olhos.

Depois amaldiçoou a si mesmo pela visão.

Não poderia ter esquecido aquele rosto tão cedo e estava zangado consigo mesmo por permitir que a megera se suplantasse em seus pensamentos a ponto de fazê-lo ver uma aparição em seus sonhos... em seus pensamentos... no entalhe da banheira, e agora na mulher que viera banhá-lo. A visão disse uma saudação e, ao fazê-lo, Weston teve certeza de que não estava vendo fantasmas. E ao invés de ficar zangado consigo mesmo, ficou zangado com ela: como foi que ela conseguiu segui-lo até Montagneaux?

Ele a observou se aproximando da banheira em sua rica vestimenta, a cabeça coberta por uma touca de linho branco – sem dúvida para esconder seu feio cabelo curto.

— Vejo que descobriu um jeito de chegar aqui — disse ele zangado.

A mulher conseguiu sorrir com doçura mesmo assim. Infelizmente, isso não ajudou a diminuir sua raiva, pois, depois da maneira como ela se comportou, a atitude dócil só serviu para aumentar sua desconfiança. Se lhe virasse as costas, será que receberia uma facada?

Adelaine estava chocada com a grosseria do homem.

Ela veio assim que foi informada do dever de banhar o convidado de Aleth – um emissário de Henrique. Ela já tinha decidido colocar de lado a inimizade, mas se sentiu mais do que confusa com os modos rancorosos daquele homem. Mas se seu marido gostava dele, refletiu, devia tentar fazer vista grossa para aquele mau humor. Em silêncio, pegou um trapo com o sabonete de cheiro rançoso aos pés da banheira e lavou com cuidado as costas do Lobo. Ele permitiu, mas ficou rígido, espiando-a com maldade.

Mas, Deus do céu, o que ela tinha feito para merecer um olhar tão cruel?

Ocorreu-lhe que apesar de deixá-lo limpo, ele logo federia a barreira, um odor que era mais asqueroso do que o azedume daquele homem. Mas era o que ele bem merecia. Sorrindo consigo mesma, resolveu que Janelle faria seu sabonete com perfume de rosas assim que chegasse de Lontaine. Felizmente seria tarde demais para desperdiçá-lo com uma fera rabugenta como aquela. Estava bastante contente porque Aleth tinha aceitado que Janelle e Aubert viessem para sua casa – o lar dela, como ele já lhe dissera inúmeras vezes até agora. Sentia tanta falta de Janelle quanto de Chrestien, mas como Chrestien não precisaria de Janelle na abadia, não se sentiria culpada por tirá-la de Lontaine. Na verdade, Aleth enviara seus homens para buscá-los em Lontaine naquela manhã, e foi assim que se depararam com o acampamento do Lobo de Henrique.

Claro, Aleth tinha razão para suspeitar do Lobo e seus quinze cavaleiros armados por terem adentrado as terras de Montagneaux. Era uma coisa que adorava em seu marido. Ele a tratava com respeito, confiava nela abertamente. Tinha sido honesto com Adelaine quanto ao temor com Henrique. Tinha até confessado que não fora à batalha porque bem no fundo sabia que Henrique ganharia. Mas apesar disso, ele havia amado tanto o pai dela que enviou cinquenta de seus próprios homens para que cavalgassem sem estandartes ao lado dele contra Henrique da Inglaterra. Mas não podiam contar isso ao Lobo.

Todavia, Adelaine sabia que Aleth não era um covarde – ela mesma tinha visto a prova. Apesar de não se arriscar no que se referia às suas terras, Aleth esperava cair um pouco nas graças de Henrique por tratar com honra o seu cavaleiro preferido. Por isso, ela foi enviada para dar banho naquela rude criatura.

— Parece que o gato comeu sua língua!

Adelaine piscou.

— Pelo menos me diga seu nome para que eu possa cumprimentar a esposa do diabo.

Adelaine chegou ao seu limite. Ficou de pé, com as mãos na cintura, encarando o homem.

— Agora me escute bem, senhor — retrucou ela, agitando o trapo molhado perigosamente perto do rosto dele. — Posso ouvir seus insultos, mas não permito que fale mal do senhor meu marido! Mais um comentário e eu...

Do nada, ele saiu do banho e a agarrou, atirando-a de costas na banheira. Uma cascata escorreu pela cabeça de Adelaine quando ela emergiu da água

fedorenta. Lágrimas assomaram aos seus olhos enquanto observava a forma nua de Weston sair a passos largos do cômodo para o salão, nem um pouco envergonhado de ser visto em sua nudez.

A voz dele reverberava pelo salão, provocando calafrios na espinha de Adelaine. Ele urrou o nome de Aleth repetidas vezes. Logo, o marido dela estava no cômodo.

Aleth ofegou ao vê-la dentro da banheira e seu olhar se tornou ameaçador.

— Que diabos está acontecendo aqui, FitzStephen?

CAPÍTULO OITO



Weston estava zangado demais para notar o olhar assassino de Aleth.

— Como ousa mandar essa mulher para me dar banho?

— Está questionando a posição de minha esposa em minha casa?

A surpresa de Weston transpareceu em seu tom.

— Sua esposa?

— Sim, FitzStephen, você julgou adequado jogar minha esposa na sua água de banho! Eu lhe avisei que a mandaria para banhá-lo!

Weston olhava atordoado para a garota na banheira. Ela permaneceu em seu desajeitado repouso até Aleth tomá-la e erguê-la nos braços. Mais parecendo uma ama do que um guerreiro, ele sussurrou baixinho junto à cabeça molhada da esposa enquanto a carregava para um banco. Gentilmente, retirou a touca ensopada da cabeça dela, deixando que a cabeleira úmida tombasse até a cintura. Uma vez que o cabelo foi revelado, Weston só conseguiu ficar olhando atordoado para a garota molhada e trêmula sentada no banco à sua frente.

Pensando bem, concluiu que não havia como a pequena megera que ele deixou em Lontaine resistir a isso de maneira tão dócil.

Aleth estava no processo de secar sua trêmula esposa quando Weston falou novamente. Notando o cumprimento do cabelo, soube sem sombra de dúvida que ela não era a mesma mulher, apesar de ser a imagem cuspidada da megera que ele deixou em Lontaine. Ele tentou dar uma desculpa.

— Perdão, *milady*... Eu acabei de chegar de Lontaine...

A esposa de Aleth saltou do banco.

— Você viu minha irmã, Chrestien? Mas não! Ela estava indo para Caen

quando saiu daqui!

A expressão de surpresa do marido se transformou em raiva.

— O que disse, esposa? Está dizendo que aquele seu primo mirrado era na verdade sua irmã?

A dama começou a soluçar por causa do olhar zangado do marido.

— Por favor, meu querido marido, aceite minhas desculpas. Se eu soubesse que você seria tão gentil, jamais teria concordado com essa artimanha.

A explicação dela pareceu amansar Aleth, pois o olhar dele rapidamente se abrandou. Ele a puxou para seus braços. Adelaine secou os olhos, daí acrescentou:

— Por favor, me perdoe, Aleth... Meu pai jamais ordenou que nos casássemos como fiz você acreditar. Sei que ele o favorecia, mas foi Chrestien quem decidiu que eu devia vir até você...

— Basta — disse Aleth. — Estou em grande débito com sua irmã. — Ela o abraçou impetuosamente e ele retribuiu a afeição. — Na verdade, se estou zangado com tudo isso é só porque Gilbert nunca me revelou que tinha filhas gêmeas. Acreditei que houvesse confiança entre nós, mas parece que não. — Ele engoliu em seco e disse: — Quando eu era garoto... seu pai arriscou muito para me proteger quando ninguém mais estava disposto, quando todas as terras de Montagneaux foram usurpadas por homens leais à Inglaterra.

— Eu não sabia — disse Lady Adelaine, encarando-o. — Papai nunca contou.

Aleth assentiu com solenidade.

— Sim... Quando meu pai foi morto, foi Gilbert quem me abrigou até eu ter idade para defender minhas propriedades.

Weston se sentia um intruso naquele momento, mas permaneceu quieto, esperando descobrir que tipo de homem juraria lealdade a Curthose e ainda assim o trapacearia, não oferecendo apoio quando ele mais precisava. Se ele acreditava que Curthose era o herdeiro legítimo, por que havia tomado o lado de Henrique na última hora?

Aleth afastou o cabelo úmido do rosto da esposa e a admirou com adoração.

— Na verdade, foi por causa de Gilbert que aceitei nosso noivado, mas não me arrependo. E agora tudo me parece muito claro, todas as vezes que seu pai não me permitiu viajar até Lontaine. Ele sempre preferiu vir a Montagneaux... Parece que não confiava nem em mim quanto às suas filhas adoráveis.

— Ah, mas Aleth! Ele confiava em você! — argumentou a dama. — Acho que papai temia tanto por Chrestien que a escondeu até de você. Mesmo assim,

acredito que às vezes ele queria que você soubesse a verdade.

Aleth ergueu as sobrancelhas com perplexidade, e sua esposa deu uma risadinha.

— Lembra de quando ele o convidou para ir a Lontaine dez anos atrás? — Ele assentiu, e ela deu outra risadinha. — Bom, na ceia, você dividiu o trincho comigo e com Chrestien... Mas nem percebeu. Acho que éramos muito novas para chamar a sua atenção, mas você não suspeitou de nada. Quando pedi licença e Chrestien tomou o meu lugar, fiquei vendo por trás da tela enquanto ela se entupia de comida... E tudo o que você conseguiu comentar sobre aquele excesso foi que ela tinha comido o bastante por dois. Ah, como papai riu! Lembra?

Aleth agora estava sorrindo.

— Sim — disse ele com rispidez. — Se me recordo bem, ele derramou vinho no arminho do meu manto.

— Derramou sim! — afirmou a esposa, a voz dela muito mais gentil do que a da irmã. — Você deu um pulo da mesa e correu justo na minha direção! Ah, você devia ter me visto correr. — Ela riu. — A pobre Janelle pensou que eu estivesse doida.

Gentilmente, Aleth afastou um cacho dourado do cabelo molhado da esposa e plantou um beijo casto em sua testa.

Ela sorriu e, para Weston, foi um sorriso puramente etéreo. De repente, ele quis saber se a irmã poderia produzir semelhante tesouro.

Num tom quase musical, a dama deu uma risadinha e disse:

— Senhor meu marido, não se perguntou porque eu não deixei que meu *primo* despisse você para as núpcias?

Aleth franziu a testa, depois deixou escapar um ganido de risada. Abraçou a esposa abruptamente e depois se voltou para Weston, desculpando-se, já que tinha claramente esquecido que ele estava ali no quarto.

— Por favor, faça-nos companhia na ceia, FitzStephen. A senhora minha esposa planejou um banquete suntuosíssimo em sua honra. — Lançou-lhe uma olhada significativa. — Mas, por favor, vista alguma coisa que seja menos reveladora. Você faria minhas criadas derrubarem as bandejas ao ver essa monstruosidade!

Como se só agora lembrasse da nudez de Weston, a esposa de Aleth arregalou os olhos de repente e, ficando vermelha, pediu desculpas e voou para fora do cômodo sem olhar para ele novamente.

— Lady Adelaine é uma alma bastante gentil — explicou Aleth.

Weston assentiu, mas não conseguiu deixar de lembrar como a irmã o examinou na tenda. Isso só serviu para destacar a disparidade entre as duas.

Os dois homens compartilharam um olhar e riram. Aleth bateu com força nas costas de Weston.

— Engraçado, não é? Veio banhá-lo sem qualquer vergonha. Mas em qualquer outro momento teria desmaiado de mortificação por ver seu monstrengo.

— De fato — disse Weston. — Mas claro, é como as coisas devem ser.

Ele não conseguiu deixar de imaginar se autorizaria a irmã megera a banhar os convidados em sua casa. Tal pensamento azedou seu estômago, mesmo que a ideia de casar com a pequena megera o espantasse e atraísse ao mesmo tempo.

Para afugentar aquele rumo dos pensamentos, disse:

— Fique agradecido por não ter casado com a irmã. Elas compartilham a mesma aparência, mas sem dúvida *não* compartilham do mesmo temperamento.

Montagneaux riu novamente antes de sair para que Weston se vestisse, mas, uma vez despertos, seus pensamentos não se deixavam afugentar.

Maldita fosse a pequena bruxa!

DE FATO, o banquete de Lady Adelaine foi suntuoso.

Aleth não poupou nada na elegante refeição. Fazia muito tempo que Weston não provava um deleite culinário assim, apesar de ter passado muito tempo na corte de Henrique. Geralmente, quando a comida era servida nas mesas mais baixas, as melhores carnes tinham acabado. E até o vinho, mesmo que um pouco arenoso, era de qualidade bem melhor que o da corte. Durante a refeição, Weston observou Aleth lançar olhares amorosos para Lady Adelaine – olhares que a faziam baixar a cabeça timidamente.

Quanta diferença entre aquelas duas irmãs, ponderou ele. E havia algo de diferente também naqueles rostos idênticos, embora ainda não conseguisse identificar bem o quê.

O cabelo de Adelaine era da mesma cor dourada, apesar de mais longo. Mas era a submissão que parecia transformar toda a sua aparência. Não sentir por esta a mesma atração que sentia pela outra o deixava incrivelmente confuso.

Pela milésima vez, pensou na garota deitada dentro da banheira de Lontaine, a pele clara do busto sobressaindo acima da água de sabão, e a imagem mais uma vez contraiu sua virilha e disparou uma vontade pulsante, quente e exigente,

por seu corpo.

Quando foi a última vez em que cobiçou um corpo tanto assim?

Quando foi a última vez em que ansiou ver certo rosto atraente?

— Milorde, agora que você sabe... O que fará com minha irmã?

A doce voz de Lady Adelaine tirou Weston dos pensamentos luxuriosos.

— Lady Chrestien? — O nome rolou pela língua, e ele saboreou o som. — Eu não decidi.

Ele levou uma porção de carneiro aos lábios, considerando as possibilidades. Henrique certamente encontraria serventia para ela. Mas o simples pensamento de entregá-la ao rei deixava um gosto amargo na boca. Mesmo assim, ela não era problema seu para se preocupar. O que quer que Henrique decidisse, seria seu dever executar.

A voz de Lady Adelaine era hesitante.

— Minha irmã ficaria... Nós ficaríamos... bem agradecidas se você a escoltasse até a abadia da Santíssima Trindade.

Weston piscou.

— Abadia? — perguntou, incrédulo. — O lugar daquela mulher não é numa abadia! — Era um desperdício de uma boa mulher, sem falar que o temperamento dela era inteiramente inadequado para a Santa Igreja. Não tomaria parte nisso, pois não havia penitência que pudesse ser feita para salvá-la da ira do próprio Deus. Mas se arrependeu de suas palavras tão logo as pronunciou. Todos no salão estavam prestando atenção agora, e ele podia ver as lágrimas se formando nos olhos de Lady Adelaine.

— Mas, milorde — choramingou ela. — Era desejo do meu pai que minha irmã fosse para o convento quando ele morreu. É o desejo de Chrestien também! — acrescentou. — Era o destino dela quando partiu daqui de Montagneaux!

O estômago de Weston revirou ao propor a ideia.

— É provável que Henrique a receba em sua proteção — garantiu ele. — Ela seria bem cuidada até ele conseguir encontrar um marido adequado para ela. — Ele abaixou o garfo, sem apetite.

— Ah, mas não! Meu querido pai — que sua alma descanse em paz. — Lady Adelaine se benzeu antes de continuar. — Ele sabia que minha irmã não seria uma esposa boa e obediente, milorde. Se ela caísse nas mãos de um homem cruel... — Lady Adelaine parou de falar e baixou a cabeça para secar as lágrimas. — Nem consigo imaginar — declarou ela.

Weston não tinha dúvida de que ela falava a verdade. Tinha visto mulheres

tão doces quanto Lady Adelaine serem espancadas por menos do que já testemunhara com a bruxa da irmã dela.

Rolfe, o irmão mais velho de Aleth, perguntou enquanto coçava um talho que cicatrizava na bochecha:

— De qual abadia você falou? Garanto que poderíamos providenciar alguma coisa.

Lady Adelaine sorriu agradecida.

— Santíssima Trindade... em Caen, *la place de la Reine Mathilde*.

Weston não entraria numa discussão acalorada quanto ao bem-estar da irmã dela, particularmente porque já tinha testemunhado em primeira mão que o papel de esposa era inadequado para tal paradigma do fogo do inferno. O assunto lhe azedou o estômago, e Rolfe conquistou sua ira só por ter oferecido ajuda – o porquê disso o deixava confuso. A megera não era preocupação sua.

— Devo lhe dizer o que farei, Lady Adelaine. Enviarei uma mensagem a Henrique falando do pedido de seu pai. Apesar do que foi dito pelos vassalos de Curthose, Henrique é um homem justo. Se ele aceitar honrar o pedido, eu mesmo escoltarei sua irmã até Caen. Combinado?

Os olhos castanho-dourados de Lady Adelaine ficaram radiantes com a bondade, e ela sorriu com alegria.

— Ah, obrigada! Eu seria eternamente grata, milorde!

Mais uma vez Weston se perguntou se Chrestien era capaz de dar um sorriso tão maravilhoso. Mais, ele se perguntou se podia ser aquele a provocá-lo, depois ignorou tal ideia. O destino da garota não se misturava ao seu, e nem ele o desejava. Verdade fosse dita. Ela não compensava mais problemas, garantiu a si mesmo.

Sim, consultaria Henrique em nome de Lady Adelaine. Contudo, também garantiria que Henrique soubesse que Chrestien não era talhada para o hábito. Era justo que Henrique soubesse o que entregaria à Santa Igreja. Já havia bastante divergência entre a Igreja e a Coroa, pois Henrique tinha herdado muitas das querelas de Rufus. Uma vez que todos os fatos fossem apresentados, Henrique tomaria a decisão certa... e Weston a acataria. Era simples assim.

O OUTONO ESTAVA chegando ao fim.

A floresta era um pano de fundo dourado e castanho para a campina âmbar. A campina em si estava quase destituída de flores. Os pássaros, de seus poleiros nas árvores quase sem copa, chiavam seu alarme secreto por causa do avanço

do inverno.

Chrestien arrancou uma das solitárias flores selvagens que tinham desabrochado mais tarde e a colocou no cabelo, voltando sua atenção ao fiel cavalo, cujo focinho acariciou com grande afeição. Adelaine, Janelle e Aubert tinham partido. Relâmpago era tudo o que lhe restara, e agora ela passava todas as tardes cavalgando pela mutável campina.

Quantas vezes não tinham cavalgado juntos ao longo dos anos? Incontáveis vezes. O capão tinha se tornado um companheiro fiel que ela amava demais. Levaria o capão consigo para Caen. Não aceitaria se separar dele, não importava o que abadessa dissesse!

Secou uma lágrima que surgiu no olho ao pensar na irmã. Não se sentia infeliz – não exatamente. Michel e os outros eram gentis, atenciosos, corteses e bastante divertidos. Cada um, ao seu modo, a ajudava a tonar esse momento tão penoso um pouco mais suportável.

O capitão do Lobo era espirituoso e galante – a imagem que ela fazia de seu pai com aquela idade. Michel, na verdade, cuidava dela como se fosse uma mãe, garantindo que nunca ficasse sozinha na companhia de seus homens. Agora mesmo ela conseguia ver que um grupo deles espreitava do topo de uma colina distante, tentando ser discreto. Estava agradecida por Michel tomar tamanho cuidado com ela. De certa forma, isso preenchia o vazio deixado por seu pai.

Grata pelo momento de paz que lhe concediam, Chrestien sabia que era hora de voltar. Montando no cavalo, guiou-o na direção de Lontaine, e o magnífico capão galopou conscientemente na direção do portão. Só agora ela lamentava o cabelo tosquiado, pois quase podia sentir o vento ondulando suas longas madeixas – quase.

Os quatro homens que Michel destacou para protegê-la permaneceram extasiados enquanto Chrestien se aproximava. Quando Relâmpago parou diante deles, todos os quatro correram para junto dela – feito abelhas atraídas por uma flor de primavera. Ela sorriu ao vê-los clamando para ajudá-la.

William foi o primeiro a se aproximar.

— Posso ajudá-la a desmontar, *milady*? — ofereceu-se. As mãos voaram com uma ansiedade irreprimível.

James, que era um tanto mais alto e musculoso do que William, conseguiu abrir caminho até Chrestien às cotoveladas, empurrando o rival para o lado, e ficou sorrindo, a expressão da vitória pintada em seu rosto jovial. Seu cabelo loiro ondulava ao vento.

Chrestien riu por dentro ao notar o vivo rubor que subiu pelo rosto dele quando

ela sentou na montaria, e ela não teve coragem de dizer que não pretendia desmontar ainda. Os outros dois, John e Ned, ficaram atrás dos mais exaltados. Competiam ao seu modo pela atenção de Chrestien, mas parecia que um sorriso era o bastante para apaziguá-los, enquanto que William e James quase caíam aos socos sempre que ela colocava os olhos neles.

Michel apareceu, aparentemente do nada, como se pressentisse a rivalidade entre seus homens.

— Você ficou fora por muito tempo essa manhã, *milady*. Fiquei preocupado.

— Ele deu uma olhada em sua matilha de jovens cães, ordenando-lhes silenciosamente que dessem espaço para ela respirar. Levando a montaria para junto da dela, Michel inclinou-se para suspirar:

— Vejo que anda muito ocupada com meus cachorrinhos apaixonados.

— Não é um fardo, se é o que quer dizer — garantiu ela, observando os quatro homens montarem em seus capões para dar ao capitão um momento a sós com ela. Chrestien não tinha visto Michel despachá-los, mas ele claramente o fizera porque, feito marionetes, todos fugiram imediatamente.

— Pensei que talvez pudesse me acompanhar num breve passeio — sugeriu Michel.

— Seria um prazer, milorde.

Ele parecia estar admirando o rosto de Chrestien, que desviou o olhar, embaraçada. — Já lhe disseram, tenho certeza, que seu sorriso poderia mover uma montanha, *milady*. E me aventuro a dizer que se você tivesse empunhado seu sorriso ao invés da espada, Weston talvez jamais tivesse se recuperado. — Ele deu uma risada. — Acho que devo agradecer-lá por poupá-lo.

Um calor cobriu as bochechas de Chrestien.

— Você me bajula demais, sir!

— Por motivos puramente egoístas. Quero vê-la sorrindo sempre.

O rubor de Chrestien aumentou, e ela fingiu abraçar a crina de Relâmpago, quando o que realmente queria fazer era fugir da chuva de cumprimentos de Michel. Ele nunca agiu tão cheio de adulações antes, e mesmo que fosse atraente com seu ar maroto e o cabelo dourado, ela preferia pensar nele como um irmão mais velho.

Além disso, não estava acostumada com esse tipo de atenção. Estava bem mais acostumada ao atrevimento e escárnio.

A expressão dele se tornou um tanto moderada.

— De qualquer forma, há algo que eu gostaria de discutir com você, *milady*.

Chrestien apurou-se na sela, curiosa quanto ao que havia deixado a tom

dele tão sério de repente.

Por um instante, pareceu que ele não conseguia encontrar as palavras adequadas, pois Michel as considerou cuidadosamente.

— Ainda pedirá a Weston que a leve para Caen?

— A questão é: será que ele honrará meu pedido?

— Bom, é por isso que pergunto. Ele mandou uma mensagem de Montagneaux dizendo que peticionou sua clausura ao rei. Mas tem certeza de que é isso o que você realmente deseja? É provável que você seja muito bem recebida na corte de Henrique.

Chrestien desviou o olhar e mirou o horizonte, desejando compreender aquele terrível anseio que se instalara em seu coração. Tinha pouco a ver com sua irmã, ou mesmo com seu pai, mas sempre que pensava em entrar na abadia, via o rosto de Weston diante de seus olhos – mas ela nem mesmo o conhecia.

Michel a observava com atenção.

Não contaria que, na verdade, ele mesmo havia escrito para Henrique em favor dela. Com todo o respeito devido, Michel estava certo de que Weston não sabia nada sobre os muitos atributos valiosos da moça e achava que inteirar Henrique de tais assuntos não era traição ao seu amigo e senhor.

— Você estaria sob a tutela de Henrique, entende? E sob a proteção dele. Você poderia arranjar um casamento próspero.

Ela sacudiu a cabeça imediatamente.

— Não posso. Garanto que meu pai não gostaria que eu buscasse a proteção do inimigo dele.

— Compreendo, *milady*. É que eu simplesmente abominaria vê-la enclausurada quando pode existir toda uma vida para você aqui fora. Cada respiração é preciosa... Você tem muito vigor pela vida. Seria um pecado negar ao mundo seus lindos encantos.

Chrestien desviou o rosto novamente.

— Não falarei mais nisso, milorde — retrucou ela, soando desesperada. Mudou de assunto abruptamente, lançando-lhe um olhar curioso. — Diga-me... Como arranjou um sobrenome tão singular? Steorling...

Michel deu uma risada, aceitando a mudança de assunto. Na verdade, fazia muito tempo que ninguém se importava em perguntar sobre sua vida antes de servir a Coroa.

— Eu o recebi há muito tempo, quando era apenas um escudeiro na corte de Rufus. — Ele riu com a lembrança. — Creio que seja uma história bem trivial.

— Eu gostaria de ouvi-la — afirmou Lady Chrestien, acariciando a crina do

capão.

Michel anuiu, cedendo, mesmo que só para se demorar um pouco mais na companhia dela.

— Certa manhã, Rufus estava sofrendo com as botas e, em sua frustração, perguntou ao seu camareiro o preço delas. Quando o homem respondeu que custavam apenas três xelins, Rufus as arremessou nele e exigiu que suas botas fossem compradas ao custo de pelo menos um marco de prata. Daí o camareiro veio até mim e ordenou que eu encontrasse essas botas novas para o rei. E apesar de procurar, não consegui encontrar nenhuma, então fui forçado a comprar botas bem mais baratas do que Sua Majestade havia solicitado. Fiquei me sentindo extremamente arrependido, então decidi pagar por elas da minha própria bolsa. Mas quando fui até o camareiro com as botas novas, a explicação e o marco de prata, ele apenas riu e me mandou ficar com a moeda. Garantiu que não revelaria nada ao rei... e não revelou. Rufus ficou com aquelas botas, pensando que valiam um marco de prata. No fim, ele bateu as botas com elas nos pés.

— Mas isso não explica o nome!

— Sim, explica. — Ele sorriu. — O marco de prata que recebi era cunhado com as estrelinhas de Rufus. Todos que sabiam do ardil passaram a me chamar de Steorling, que significa “com estrelinhas”. E assim passei a ser conhecido como Michel Steorling, mas poucos sabem a verdadeira razão.

De repente, Michel agarrou as rédeas da montaria de Lady Chrestien, puxando-a para perto. Em segundos, uma tropa pôde ser vista se aproximando ao longe.

— Devemos voltar depressa para Lontaine, milorde?

Enxergando o estandarte prateado, Michel relaxou.

— Não, é Weston, retornando de Montagneaux.

Chrestien enrijeceu sobre a sela.

— Como pode ter certeza?

— O lobo prateado do estandarte dele reflete o sol — respondeu simplesmente.

Ela lhe deu uma olhada, a expressão subitamente bem menos simpática, e Michel pressentiu a tensão no corpo dela.

— É por isso que o chamam de Lobo Prateado?

Michel a fitou atentamente, querendo saber se pressentia atração ou medo. Sabia sem sombra de dúvida que Weston não era imune a ela.

— Por isso... e por outras razões — disse ele, bastante certo de que ela não queria ouvir sobre suas conquistas na cama.

— Ah. — Foi tudo o que ela disse, mas a crescente tensão era quase palpável.

Nervosa, ela ficou deslizando os dedos pelas rédeas de couro trançado de Relâmpago. E então, sem aviso, puxou-as e apressou seu corcel na direção dos portões. Michel deu um puxão nas rédeas, evitando que ela fugisse, e Chrestien não conseguiu nada senão irritar sua montaria. Michel assentiu com a cabeça, tranquilizando-a.

— Ele não irá feri-la, *milady*. Não tema.

Weston enxergou os dois a cavalo e se encaminhou naquela direção, irritado pelo modo como as cabeças deles estavam próximas. Ele se demorou vencendo a distância, mas assim que os alcançou, evitou o olhar de Michel por um momento.

Estava louco de curiosidade sobre a megera que havia deixado em Lontaine, e agora finalmente colocava os olhos nela outra vez, o que lhe arrancou o ar. Sua beleza era sem comparação, mesmo em contraste com a adorável irmã gêmea. Havia algo nela que era mesmo impressionante – os olhos, concluiu ele. Profundos e escuros, penetravam sua alma feito a flecha de um galês: com uma exatidão de tirar o fôlego.

O cabelo dourado estava na altura dos ombros, mas em vez de liso e gorduroso, como em sua lembrança, ele caía em lindas ondas ao redor do rosto. Chrestien era como a noite para o dia se comparada à dama formosa e gentil que ele conheceu no castelo Montagneaux. Eram muito parecidas aquelas irmãs, mas ainda assim não se pareciam em nada. Ele jurou ficar longe daquele anjo de fogo.

O corcel empinou com impaciência, reagindo à tensão do dono, então Weston dirigiu abruptamente o olhar a Michel.

— *Por que* ela está longe de Lontaine?

Os músculos na mandíbula estremeceram em protesto contra os dentes trincados. Precisava liberar sua raiva e parecia que Michel era o seu alvo mais viável. Seu velho amigo estava auxiliando e encorajando seu tormento. Desde que pusera os olhos naquela mulher, ela havia se suplantado em sua mente – algum truque de prostituta, sem dúvida, pois sabia que ela não era nenhuma dama.

Michel largou as rédeas de Chrestien e impeliu a montaria adiante, sinalizando para que Weston o seguisse. Avançaram apenas alguns metros e conversaram aos sussurros.

Chrestien observou os dois conversando com as cabeças bem juntas, resistindo à vontade de fugir, pois percebeu que quem a perseguiria seria Weston.

Ele estava procurando um motivo para desconfiar dela. Mas se ele esperava pelo pior, ela se recusava a lhe dar motivos.

Mas o que Michel disse o encolerizou o bastante para que acenasse com fúria para seus soldados, incitando-os a segui-lo. Então, sem esperar para ver se obedeceriam, Weston disparou na direção de Lontaine.

Michel retornou para perto dela, parecendo preocupado.

— O que você disse a ele?

— Nada — mentiu ele. Chrestien sabia que era mentira porque Michel não a olhou nos olhos. — Faça um favor a si mesma, *milady*... Fique fora do caminho dele.

CAPÍTULO NOVE



Gentil? Virtuosa? Piedosa?

Michel usou tais palavras para descrever Chrestien. Será que ela o deixara cego? Será que ele era idiota? A única coisa que Weston podia dizer sobre ela era que sua beleza tinha o poder de confundir os sentidos de um homem.

Deixá-la em paz?

Que atrevimento! Deixá-la em paz... Era ela que não o deixava em paz!

Henrique ainda não tinha mandado de volta o mensageiro de Weston, que estava ansioso para tirar a megera de sua vista. Quanto antes ela fosse levada à abadia, melhor para todos os envolvidos. Com esse intuito, permaneceu no castelo Montagneaux pelo máximo de tempo possível para evitar um período prolongado na presença daquela garota. Temia sinceramente estrangulá-la caso ficasse perto dela por qualquer tempo que fosse... por causa de sua insolência... por ter sido mordido. As marcas que ela deixou no seu ombro estavam roxas agora, proclamando ao mundo a sua estupidez. E ele a culpava ainda mais por habitar seus sonhos.

Jurava por tudo o que era sagrado que deixaria a garota para Michel, já que seu capitão parecia estar se entendendo muito bem com ela. A essa altura, sem dúvida, ela tinha lhe oferecido alguns de seus favores.

Na verdade, não temia perder a lealdade de Michel. Nisso Weston poderia confiar até a morte: havia socorrido Michel inúmeras vezes enquanto eram educados juntos. Não, havia muito entre eles para que suspeitasse de uma troca de lealdade, então não tinha receio nenhum de deixá-la aos cuidados de Michel... desde que Michel a mantivesse longe das vistas dele.

Felizmente, ele encontrou Lontaine praticamente do mesmo jeito que deixou.

Os vilões estavam ocupados, cuidando de seus afazeres. O assobio e o retinido de aço contra aço podia ser ouvido pelo pátio. O cheiro de suor saudou seus sentidos, e ele soube que seus homens não tinham afrouxado no treinamento. Um sorriso curvava os lábios de Weston ao desmontar e conduzir o corcel para o estábulo. Um pouco de suor aliviaria tudo o que o afligia, concluiu ele, planejando se juntar aos seus homens para o treino de espada.

Antes de desviar a atenção de seu capão, deu-lhe um tapinha nas ancas negras, desejando silenciosamente que as mulheres fossem tão leais quanto seu cavalo. Um bom cavalo podia fazer ou arruinar um cavaleiro. E mesmo que um homem pudesse viver sem o permanente apêndice de uma esposa, cedo ou tarde, a maioria se via preso a uma. Uma esposa ruim podia ser definitivamente a sua ruína.

Ele costumava levar mais tempo acomodando seu estimado corcel no estábulo, pois qualquer cavaleiro que prezasse pelo título sabia que sua vida dependia de sua montaria. De fato, já testemunhara muitos cavalos despreparados entrarem em pânico em face de uma batalha, deixando seu cavaleiro encarar a morte certa... ou ser pisoteado no meio do embate. Mas Weston já tinha ficado tempo demais afastado de seus homens e agora estava ansioso para retomar os treinamentos, então saiu depressa do estábulo, deixando seu cavalo aos cuidados do mestre-cavaliário de Lontaine.

Atravessou o pátio a passos largos e cheio de propósito, mas deteve-se diante da visão com que se deparou. Cada um de seus homens – exceto por Michel, que agora se encaminhava até Weston – tinha deixado de treinar e estava parado, admirando a senhora de Lontaine. Três de seus homens correram para junto dela e estenderam os braços para ajudá-la a desmontar.

Weston sacudiu a cabeça com completa descrença.

Seus homens estavam claramente enfeitiçados!

O desejo de treinar se foi, a alegria que buscava se perdeu naquele instante. Já que Michel estava parado diante dele, finalmente soltou sua fúria.

— Três homens, Michel! Não um? — Ele mal podia crer em seus olhos. Pior ainda, os três idiotas estavam quase se empurrando pelo privilégio de auxiliá-la. — Deus do céu, eu salientei que fossem cortesões, mas isso é ridículo!

Juntos, os dois assistiram James conseguir afastar os outros competidores e erguer Lady Chrestien com delicadeza do capão, colocando-a no chão diante de si. Ela ofereceu um lindo sorriso ao sujeito. Weston revirou os olhos.

— Ela monta um maldito capão como se fosse homem! — Não havia notado

a montaria lá na campina, só o rosto dela, e se amaldiçoava pela distração. *Não, amaldiçoava aquela mulher!* — Que tipo de mulher cavalga num maldito capão?

Quando Michel abriu a boca para dar uma explicação, Weston o interrompeu.

— Não se preocupe, eu já sei qual é a resposta!

Weston a viu entregar as rédeas da montaria para John, que as segurou com avidez, agindo como se tivessem lhe confiado as joias da Coroa. Weston foi contudente ao olhar feio para seu capitão, concluindo que Chrestien devia ser *extremamente* generosa com os favores para que seus homens agissem feito idiotas embriagados. Tinham se tornado uns tolos trôpegos e insensatos em questão de dias! Sim, na verdade, aquela mulher era uma feiticeira!

— ESTOU DIZENDO, eu a vi — insistiu James.

— Não acredito em você — disse William.

— Não me importa se você acredita. Eu vi um fantasma na noite passada!

Chrestien ouviu a conversa a caminho do estábulo e sorriu. Apesar de nunca ter visto a Lady de Lontaine, tanto Janelle quanto Adelaine alegavam tê-la visto. Seu pai também jurava que o fantasma da mãe delas habitava o cômodo superior da torre – o quarto em que ela havia morrido. Foi naquele quarto que seus pais tinham começado a vida de casados, mas seu pai o abandonou depois da morte da esposa, incapaz de suportar as lembranças. Mas ninguém em Lontaine tinha medo da aparição. Ela surgia de repente, deslizando pela escada feito um sopro frio, e desaparecia feito o vento, sem fazer mal a ninguém. Quando muito, deixava a escadaria na completa escuridão, apagando as velas com a leve brisa que soprava pela torre feito um suspiro de lamento. Na verdade, Chrestien sempre se sentiu muito confortada por acreditar que a mãe permanecia ali com eles. Adelaine a visitava com frequência nos aposentos da torre, para conversar com seu espírito, segundo alegava.

A ideia de deixar Lontaine a entristecia mais a cada dia, o que era inevitável, então tentava não pensar no assunto.

Chrestien planejou a semana de modo a não ver o Lobo de Henrique. Nos primeiros três dias após o retorno dele, ocupou-se dentro do estábulo, trabalhando com o mestre-cavaliário para colocar um pouco de ordem. Embora a maioria dos cavalos de Lontaine há muito tivesse partido, o fluxo de novas montarias havia sobrecarregado o estábulo. E mesmo que Michel tivesse lhe informado educadamente que Lontaine agora era um confisco de guerra, ela se importava muito com os pobres animais para deixar que vivessem em condições pouco

favoráveis. A tarefa oferecia uma agradável distração, então ela a abraçou com completa entrega.

Tudo teria corrido muito bem se o Lobo não tivesse resolvido se aventurar no estábulo e escutar às escondidas a sua conversa com um cavaliário. Era como se ultimamente ele aparecesse em qualquer lugar em que ela estivesse, encontrando defeitos em qualquer coisa que ela tentasse.

No dia seguinte, Chrestien decidiu ficar refugiada em seu quarto na tentativa de evitá-lo por completo, mas, por volta do meio-dia, começou a se indagar sobre o que ele estaria fazendo – afinal, aquela era a casa dela – e abriu a janela para dar uma olhada no pátio. E não é que o maldito estava logo ali, olhando para a sua janela? Tudo bem que ele estivesse treinando seus homens naquela hora, mas não precisava ser pega espionando!

Mais tarde, naquele mesmo dia, ela se ocupou com os preparativos da refeição da noite e pensou em estabelecer uma trégua. Estavam preparando seu prato favorito, frango assado, e Eauda dispôs a mesa do lorde com os melhores utensílios. Chrestien queria ter certeza de que tudo estaria perfeito naquela noite. Por quê? Não conseguia imaginar, mas de alguma forma precisava da aprovação de Weston.

Será que era porque aquele homem horrível estava sempre de cara feia com ela? Costumava sentir que o olhar dele a acompanhava nos últimos dias, e quando decidia certificar-se, via que Weston estava realmente observando, o rosto uma máscara de absoluto desprezo. Era um tormento querer que ele a olhasse de maneira... diferente. Céus, ele era seu inimigo, não o seu amado!

Dando uma última inspeção no salão, viu que tudo estava em ordem e, depois de conferir os lavatórios para ter certeza de que a água estava bem perfumada, decidiu subir para vestir-se. Esta noite ela usaria seu melhor vestido. Será que ainda assim o Lobo encontraria defeitos nela?

Tirou do baú um vestido de seda turquesa e uma bela túnica de brocado marfim. As mangas e o decote foram bordados com rosinhas, cada uma exibindo uma diminuta pérola. Mesmo sem o bordado delicado, o vestido era uma visão para se contemplar, já que a leve seda era tão diáfana quanto uma fina teia e abraçava cada curva sua com certa paixão. Aquele vestido era para ser a roupa de casamento de Chrestien... caso um dia fosse se casar. Mas isso nunca aconteceria, então ela podia muito bem vesti-lo pelo menos uma vez antes de ficar enclausurada para sempre. Nada poderia ser feito com seu cabelo curto, então se contentou com uma massa de cachos revoltos. Essa era sua penitência por cortar suas madeixas de donzela. Parecia que não havia nada que pudesse

fazer para domar sua selvageria inata. Era bem feito, diria seu pai. Chrestien o penteava sempre, mas ainda assim o cabelo parecia se comportar por conta própria. Com um suspiro insatisfeito, examinou-se novamente no espelho e concluiu que tudo o que poderia ser feito estava feito. Então respirou fundo e decidiu descer.

O tempo pareceu parar quando ela entrou no salão.

Era como se dez mil olhos estivessem focados nela e, não mais do que de repente, Chrestien desejou poder afundar no chão. Mas ela ergueu os ombros e caminhou diretamente até o estrado, tomando seu lugar de costume na mesa do lorde.

Michel sentou ao lado dela, Weston à esquerda dele.

Ela conseguia sentir os olhares, mas não ousava ver se ele estava olhando. Sabia que estava, pois o salão nunca ficou tão silencioso. O silêncio fez a pele dela formigar. Eram os nervos, concluiu, pois ficava assim sempre que estava na presença dele.

Parecia que todos temiam falar. Céus, aquele silêncio era enlouquecedor!

Weston mal podia acreditar em seus olhos.

Sempre que via essa mulher, ela parecia ficar mais magnífica. Chrestien possuía algo impressionante, algo misteriosamente sedutor que estava além da beleza física. Possuía o encanto de uma deusa pagã.

Ele se fartou olhando a curva gentil dos quadris conforme ela atravessava o salão num passo deslizante. A cintura era tão fina que ele tinha certeza de que poderia circundá-la com as mãos.

Daí o olhar recaiu sobre o vestido e Weston se percebeu rangendo os dentes. O tecido quase transparente moldava as curvas do corpo esguio, acentuando o busto esplêndido e os quadris suaves.

Será que não havia fim para sua malícia?

Será que pretendia seduzir todos os homens no salão esta noite? Sem dúvida apreciava a maneira com que todos a observavam.

Sabia instintivamente que todos os olhos estavam nela, mas, quando examinou o salão, ficou chocado ao descobrir que ele era na verdade o alvo de todos os olhares, que brilhavam deveras protetores. Era quase como se fossem agredi-lo caso dissesse a coisa errada à moça. Chrestien com certeza havia enfeitado todos eles – inclusive ele mesmo, pois não conseguia tirar os olhos dela nem por um instante.

A refeição prosseguiu num silêncio ensurdecedor.

Chrestien pensou que fosse morrer de tensão. Não ousou olhar nem uma vez

na direção de Weston – fosse por medo ou por outra emoção que não ficou imediatamente evidente. O que estava evidente, no entanto, eram as batidas de seu coração. Ele batia selvagememente no peito. E quando foi que, pouco a pouco, ela deixou de pensar nele como o detestável Lobo e começou a pensar nele apenas como Weston?

Os pensamentos a confundiam, mas não mais do que a dor no coração de saber que Weston simplesmente não a olhava com gentileza.

Quando não conseguiu aguentar mais, ela se retirou da mesa, endireitou os ombros com orgulho e deixou o salão em busca da proteção do jardim.

O diminuto jardim era um dos seus lugares preferidos. Sempre que desejava solidão, era para lá que escapava. Adelaine também possuía seu próprio lugar: a torre. Mas diferentemente da irmã, Chrestien não suportava ir lá em cima.

Foi revigorante sentir o ar fresco da noite depois da atmosfera sufocante do salão. Ali, dentro da alcova das rosas, nenhum olho podia espiar sua alma, refletiu ela. Mas foi aí que ela suspirou, pois não era simplesmente de qualquer olhar que buscava refúgio, só do dele, caso a verdade fosse dita.

Chrestien arrancou uma rosa e se aninhou debaixo da alcova para desfrutar da fragrância doce e inebriante.

Era a flor favorita de sua mãe, e a de Adelaine também. Certa vez, seu pai contou que sua mãe tinha trazido os brotos originais da casa do próprio pai na distante Inglaterra. Seus pensamentos ficaram turvos ao pensar no avô. Às vezes costumava imaginar como ele era, já que seu pai não falava muito dele... exceto para dizer que tinha permitido que a mãe de Chrestien se casasse por amor. Mas isso só porque lady Elizabeth Grey era a quarta filha, que, sem melhores perspectivas, dificilmente faria bom casamento. Mas essa boa ação, entretanto, não eximia seu avô da falta de atenção com as netas. Chrestien jamais o perdoaria. Não que isso importasse muito, já que ele com certeza não dava a mínima. O barão Geoffrey Grey nunca sentiu um pinga de preocupação pelas filhas da filha caçula. Chrestien teria sido poupada de tanto sofrimento depois da morte do pai se pudesse contar com a família da mãe, mas, dada a situação, ela não conhecia nenhum deles, salvo os nomes.

Agora, ao que parecia, sua família seria as boas irmãs da Santíssima Trindade... E ela estava começando a temer que jamais veria Adelaine novamente. Tal pensamento fez seus olhos ficarem úmidos com as lágrimas.

Observando a porta, Weston se ergueu de seu assento no estrado, querendo se retirar para os aposentos do lorde, mas foi vencido pela curiosidade e acabou tomando a direção do jardim. O salão tinha se esvaziado completamente depois

que *ela* saiu, então suspeitou que ela podia estar se encontrando com alguém no jardim. Gostaria apenas de saber... com *quem*. A julgar pelo séquito de pretendentes, podia ser qualquer um: James, William, John, Ned, até Michel.

Valha-me Deus, todos estavam completamente loucos por ela!

Lá fora, o jardim estava escuro e indistinto, iluminado apenas pela luz prateada da lua. Weston ficou parado por um bom tempo debaixo da arcada para que seus olhos pudessem se acostumar com a escuridão. Logo que as sombras diminuíram, ele sondou o jardim murado. Não conseguiu ver nada, ouvir nada. O jardim estava vazio, exceto pelas ervas.

Deu um passo ou dois, quase tropeçando na lateral de um pequeno canteiro. Uma risadinha flutuou com doçura até seus ouvidos. Seu olhar instintivamente focalizou na direção da origem da risada, e ele mal conseguiu discernir um brilho dentro do buraco escuro na parede mais distante à direita. Weston se colocou imediatamente a caminho de lá.

Se alguém merecia cair de cara no chão, esse alguém era aquele homem horrível!

Chrestien segurou a respiração quando Weston parou bem na frente dela, sua agigantada figura delineada pelo luar. Ela levou a mão ao peito, desejando que seus batimentos parassem, quase certa de que o coração batia tão alto que ele também devia estar ouvindo.

Por um longo instante, só existiu silêncio entre os dois.

— Não está com frio? — perguntou ele enfim, a voz bem mais gentil do que nunca.

Chrestien ficou aturdida com a pergunta tola. A noite estava fresca, mas não fria, e a brisa era quase nenhuma. Os lábios se moveram para responder, mas ela não conseguiu encontrar a voz. Gostava mais de quando ele estava zangado, pelo menos assim ele era previsivelmente irritante. Assim ela nunca ficava sem saber o que dizer. Na verdade, além de ser a primeira vez em que falava com ela desde o retorno de Montagneaux, Weston jamais se dirigia a ela com gentileza.

— Não — acabou respondendo.

A voz estava calma, embora Chrestien não se sentisse assim.

— O que está fazendo aqui fora assim tão tarde? — perguntou ele, o tom agora era acusador.

Aparentemente, a preocupação dele foi efêmera. Chrestien conteve a resposta impetuosa, preferindo dizer:

— Venho aqui quando preciso pensar, milorde.

— Ora, e quando é que precisa pensar, senhorita? — perguntou, como se isso

fosse um conceito inusitado.

Chrestien notou o sarcasmo na voz dele, o que a deixou irritada. Ficou logo de pé, morrendo de vontade de lançar a palma da mão naquele rosto bonito. Já estava mais do que saturada daquela insolência e do tom desagradável.

— E onde está escrito que *pensar* é um privilégio masculino, milorde?

Weston mal conseguia enxergá-la nas sombras. Ela parecia ofegante, como que se contorcendo de paixão – ou pelo menos era assim que ele a imaginava. Obrigou-se a reprimir a vontade súbita de provar aqueles lábios, lembrando que ele não seria o primeiro. O sangue lhe ferveu nas veias, mas não de raiva, caso a verdade fosse dita.

Não entendia muito bem por que o fato de não ser casta o incomodava. Por acaso havia conhecido alguma mulher casta na vida? E mais: havia recusado alguma com esse pretexto?

— Perdoe-me — disse ele. — Mas esqueci que você nunca foi uma dama.

Ele previu com precisão a reação dela. Quando a mão voou até a sombra de seu rosto para dar um tapa, Weston a segurou pelo punho, com força, momentaneamente apaziguado por sentir o calor da pele dela em sua mão. Foi tudo o que pôde fazer para não arrastá-la para seus braços e beijar aqueles lábios que pareciam tão prontos para falar mal dele.

Uma fragrância doce e inebriante tomou-lhe os sentidos, fazendo-o ceder um pouco a pressão sobre o punho. Involuntariamente, Weston se aproximou até conseguir sentir a maciez dos seios contra seu peito. Segurando-lhe a nuca, forçou o rosto de Chrestien a se aproximar até conseguir sentir a respiração dela no rosto.

— Largue-me! — exigiu ela.

Sem pensar, Weston levou os lábios aos dela, esmagando-os num beijo feroz, contra o qual ela lutou.

O gemido de Weston veio do fundo da garganta, os olhos se fecharam enquanto ele saboreava a sensação sedosa daquela boca. A doçura dela quase o levou ao limite. Agora a respiração estava difícil, as narinas dilatavam com o perfume dela, e ele se pressionou contra o corpo trêmulo de Chrestien, procurando as curvas calorosas.

No instante em que o beijo se suavizou, ela choramingou, gemendo baixinho enquanto a língua deslizava entre seus lábios, úmida e quente. A cada ataque da língua, uma fúria negra infiltrava-se pela mente de Chrestien, que admitia o fato de já não estar lutando contra ele, mas agarrando-se com imoralidade.

Será que ela se entregava com tamanha vontade para todos? Era o que

Weston se indagava, irado.

Com a raiva crescendo, ele sussurrou em sua boca, a voz ao mesmo tempo uma carícia aveludada e uma ameaça.

— Quem você estava esperando aqui esta noite? Michel? — perguntou com rouquidão. — James?

Ela tentou se desvencilhar, esbofeteá-lo novamente, e mais uma vez ele lhe segurou o punho.

Chrestien o encarava em meio às sombras.

Consumido de desejo, desesperado para saciar a sede e poder se livrar daquela ânsia terrível, Weston não lhe deu mais nenhuma oportunidade de reagir, apenas lhe tomou a boca com outro beijo abrasador, queimando-lhe os lábios com os seus. As mãos deslizaram pelas curvas dela, soltando-lhe os pulsos quando as palmas buscaram pela cintura, puxando-a contra si.

Chrestien gritou, empurrando-o com resolução, mas o corpo dele não cedia, firme como uma rocha.

— Como ousa abusar de mim como se eu não passasse de uma simples prostituta!

Ele ergueu uma sobrancelha escura.

— Simples? — O tom dele era suave como veludo. — Simples é uma coisa que você não é... *demoiselle*.

Com um sorriso ferino, Weston se afastou, soltando-a enfim. No segundo em que teve a oportunidade, ela o empurrou com raiva e saiu em disparada, voando para o salão e deixando cair a rosa branca na pressa de se afastar dele.

WESTON A OBSERVOU CAMINHANDO pelo escuro labirinto de canteiros elevados sem errar. Quando ela sumiu, ele também tomou a direção do salão e, assim que o adentrou, notou a rosa branca caída entre as palhas. Abaixando-se para apanhá-la, levou a flor branca como a neve às narinas, aspirando fundo sua fragrância, reconhecendo com facilidade o perfume do jardim. Ela estava segurando a rosa na mão quando tentou estapeá-lo, refletiu. Sem dúvida teria ficado satisfeita em deixar um espinho ou dois no seu rosto.

Enquanto permanecia ali admirando a flor perfeita, Michel surgiu no salão com Roger, o mensageiro que fora enviado até Henrique, exibindo um grande sorriso enquanto conduzia o rapaz até Weston.

Ao ver o mensageiro, Weston sentiu um estranho pesar em vez de ficar animado porque enfim se veria livre do seu tormento.

Com mãos trêmulas, o rapaz entregou o pergaminho que portava o selo de Henrique a Weston, que aceitou a missiva, dispensando o mensageiro com um brusco aceno de mão. Desconcertado com a rapidez com que o rapaz fugiu dali, acompanhou a figura que se retirava e ergueu uma sobranceira para Michel.

— Por onde andava?

Michel exibiu um sorriso capcioso e encolheu os ombros.

— Esqueça — respondeu Weston. — Já sei o que andou fazendo — com metade das mulheres do castelo, sem dúvida. — Mas estava aliviado por saber que Michel não estava com Chrestien.

Cuidadoso, para não danificar o delicado pergaminho, Weston rompeu o selo. Executou todo o procedimento com calma, confiante na mensagem contida. Conhecia Henrique muito bem, podia prever facilmente o que ele faria, então não havia pressa em saber a notícia comunicada. Um movimento do punho foi suficiente para endireitar o pergaminho para ser lido, mas quando Weston leu o dito, seu queixo caiu.

Demorou um instante para que ele recuperasse a compostura, mas quando o fez, o queixo ficou tenso e os olhos se estreitaram enquanto agitava o pergaminho diante do rosto de Michel.

— Você tem alguma coisa a ver com isso?

Michel franziu a testa.

— Como é que vou saber, se a carta estava selada?

Weston empurrou a missiva na mão de Michel e tomou o rumo da escadaria da torre, querendo dar a notícia a Chrestien — mais do que isso, garantir a ela que isso jamais aconteceria. Henrique tinha se enganado, sem dúvida!

Observando-o ir, Michel endireitou o pergaminho para lê-lo e sua expressão inicial espelhou a de Weston, mas foi logo trocada por um sorriso.

A instrução do rei simplesmente afirmava que Weston e Lady Chrestien deveriam se casar o mais rápido possível e enviar uma prova da união para Henrique em seguida.

Chrestien levou um susto quando a porta do quarto foi escancarada de repente.

A forma imponente de Weston preenchia o vão; era como se seus olhos estivessem tão turbulentos quanto uma violenta tempestade de verão. Mas ela não se importou em descobrir a razão daquela raiva. O instinto lhe avisou que era melhor se guardar bem, então seus olhos vasculharam o cômodo em busca de uma arma de defesa. Percebendo que não havia nenhuma ao alcance, empalideceu, pois o punhal lhe fora tomado depois do incidente com os vigias e a

única coisa que ela tinha nas mãos não passava de um pente de madeira.— O que está fazendo no meu quarto sem permissão?

Ela permaneceu congelada no meio do quarto, segurando o pente na mão.

Ele não respondeu, apenas a encarava, mas o desprezo nos olhos dele era mais do que poderia suportar.

— Milorde, perguntei porque está aqui!

Weston avançou na direção dela de repente.

Com o coração batendo loucamente, Chrestien recuou e caiu sobre a cama que estava às suas costas. O penhoar se abriu. Ela arfou quando o olhar dele se fixou nos seios expostos, mas não fez nenhum movimento para se cobrir de tão espantada com aquele olhar tenebroso.

Sim, ele estava ali para falar sobre a ordem de Henrique... para garantir-lhe que aquilo jamais aconteceria – mas, de repente, Weston mudou de ideia. Se um homem devia arranjar uma esposa, ela era tão boa quanto qualquer outra, então ele realmente a levaria para Caen, para que se casassem naquela mesma noite! No fim das contas, Henrique devia ter um bom motivo para tal decreto.

Umhas poucas passadas o levaram até a cama, onde, sem dizer uma palavra, ele abriu um dos baús de madeira. Notando com rancor que ela nada fazia para cobrir a nudez, pegou no baú a primeira roupa que seus dedos encontraram, uma camisola de linho branco, que atirou nela com desgosto. Quando percebeu que Chrestien não se mexia para pegá-lo, decidiu ele mesmo vesti-la.

— Não! Você não vai! — berrou ela, que caiu na cama, esperando e rechaçando seu toque.

Exausto com o esforço, ele jogou o peso do corpo sobre o dela para acabar com a luta. Foi a coisa errada a se fazer, mas Weston só percebeu tarde demais. Os pinotes do corpo dela só serviram para inflamar sua virilha, e ele fechou os olhos para controlar a magnífica sensação de tê-la debaixo de si. Os músculos da mandíbula se contorceram enquanto ele tensionava o corpo para controlar a vontade crescente, além da raiva. Chrestien não estava facilitando as coisas – pelo amor de Deus, ele era apenas um homem.

— Não, não!

Os gritos de pânico se tornaram prantos quando ela se entregou à histeria. Por fim, Weston conseguiu prender-lhe as mãos acima da cabeça. A parte inferior do corpo foi paralisada quando ele sentou sobre ela, prendendo-a facilmente entre as pernas pesadas. Sua intenção era simplesmente vesti-la, mas ficar a poucos centímetros do rosto dela fez com que ele perdesse a razão. O cabelo dourado caía em cachos sedosos que emolduravam o rosto. Os lábios, rosados e carnudos,

o chamavam.

E, mais uma vez, a doce e inebriante fragrância de rosas atingiu suas narinas. Por um breve instante, Weston se perguntou se era a rosa branca que havia cheirado no jardim ou se era a própria Chrestien, pois era quase impossível diferenciar os dois. Por instinto, debruçou-se para roçar os lábios dela.

— Pare — implorou ele. O perfume dela era intoxicante, turvava seus pensamentos. A suavidade dos lábios o convidava... provocava... e ele pôde senti-la reagindo, abrindo os lábios à sua pressão gentil.

Foi mais do que um choque quando os dentes dela morderam seu lábio inferior.

— Aiii! Maldita!

A mão direita foi inspecionar o lábio latejante, ter certeza de que não estava sangrando, enquanto a mão esquerda continuava prendendo-a à cama, os braços fixos acima da cabeça. Os dedos apertaram-lhe os punhos sem piedade enquanto apanhava a camisola com a mão livre e, com certo esforço, enfiava o linho transparente pela cabeça, quase rasgando o tecido enquanto o puxava para baixo.

Foi só então que ela pareceu perceber a intenção de vesti-la. E, aparentemente, ela estava tão espantada por não ter sido deflorada que permaneceu imóvel enquanto Weston deslizava o tecido por seu corpo.

Ele não lhe deu chance de pensar ou fazer perguntas. Ergueu-a como se fosse uma bagagem e a carregou sem qualquer cerimônia pela porta do quarto.

Chrestien berrou.

Não era preciso ser um homem – ou mulher – inteligente para saber que, qualquer que fosse a intenção dele, aquilo não seria bom. Weston a colocou no chão e ela desabou de traseiro, desejando poder fincar raízes.

A voz dele soou baixa e os olhos ficaram estreitos ao dizer:

— Levante-se, *demoiselle*.

— Não! Não levanto, não enquanto não disser exatamente para onde está me levando vestida em nada mais do que minha camisola!

Weston apenas a encarou e foi com horror que ela se viu agarrada novamente e atirada sobre o ombro dele, expondo as coxas para que todos pudessem ver.

Cerrando os punhos, ela socou as costas dele até as mãos doerem.

— Seu bastardo grosseirão, porco, selvagem – solte-me!

Ela pontuou as imprecações com um golpe dos punhos no meio das costas dele, depois fechou os olhos com força para impedir o fluxo das lágrimas.

— Aonde está me levando? — exigiu saber, tornando a esmurrar as costas

dele novamente.

— Para Caen.

A mão de Chrestien parou no meio do ar.

— Para a abadia?

— Sim!

Logo após o espanto, uma inesperada tristeza a envolveu. Mas pelo menos agora ela podia parar de se preocupar com o que Weston faria com ela.

— Não precisa me carregar feito uma trouxa — protestou ela.

Ele admitiu a queixa com um resmungo e a recolocou no chão. Segurando-a com força pelo punho esquerdo, Weston a conduziu com cuidado pela escadaria de pedra, sem permitir mais do que trinta centímetros de distância entre os dois.

Chrestien estava tão aliviada por estar em pé novamente que não fez objeção à pressão em seu braço. Nem se lembrou que estava vestida com nada mais do que uma fina roupa íntima. Com as costas eretas, os ombros erguidos na tentativa de salvar sua dignidade, ela caminhou com orgulho à frente de Weston, ignorando os olhares curiosos dos homens deles. Eauda se benzeu e lançou um olhar de lástima quando os dois passaram. Só quando estava sentada no corcel negro com o corpo quente de Weston queimando sua carne, e o vento frio mordendo-lhe a pele, foi que se apercebeu do que estava vestindo – ou melhor, do que não estava vestindo.

— Espere! Não posso ir para a abadia assim! O que pensarão de mim?

— Pensarão o que quiserem — garantiu ele, que incitou a montaria, determinado a não deixar que nada se colocasse em seu caminho.

Weston gritou mandando que os guardas abrissem o portão e eles o obedeceram imediatamente. Passou em disparada, como se os cães do inferno estivessem mordiscando seus calcanhares.

O cheiro de Chrestien era intoxicante e ele conseguia sentir o ardor de sua urgência se agitar novamente, acelerando a respiração, preenchendo seu calção.

Num esforço para abrigá-la do frio e proteger a si mesmo do toque dela, removeu o manto e o colocou sobre os ombros dela, rudemente, pois era culpa dela estar ardendo novamente.

— Minha capa é tudo o que você precisa — garantiu-lhe.

Com um pouco de sorte, ela não perceberia sua intenção até estarem diante do altar, daí o consentimento dela não teria importância assim que ele mostrasse ao padre a ordem que portava o selo de Henrique. Enquanto certos homens ambicionavam ouro, ele ambicionava a sensação do corpo dela. Possuído de desejo, Weston estremeceu com pensamentos de torná-la sua.

A CADA HORA passada no abraço dele, a raiva de Chrestien derretia. Como poderia continuar a abominá-lo se seu toque era tão gentil? Suas palavras diziam uma coisa, mas as ações diziam outra. Por duas vezes ele puxou a capa sobre ela para abrigá-la do ar noturno, e a cada vez que ele apertou o arminho branco logo abaixo de seu busto, dando-lhe um abraço firme, mas gentil. Na visão de Chrestien, esse não era o gesto de alguém que sentia tanta repulsa por ela. Disso ela tinha certeza. Sentia-se tonta com a afeição desconhecida que recebia. Por uma vez, Weston enterrou o rosto em seu cabelo e ela pôde sentir que os lábios dele roçaram seu crânio com um beijinho gentil.

Chrestien sabia que ele não fazia ideia do que lhe dizia com seu gesto, pois ela não tinha se esquecido das palavras amargas, e nem ele as esqueceria tão cedo. Mas agora compreendia algo que não tinha percebido antes: o homem sentado às suas costas era tão imune a ela quanto ela a ele. Podia sentir a excitação dele mesmo através do calção. Talvez nunca tivesse conhecido um abraço carnal antes, mas não havia como se enganar quanto à espada às suas costas. E esta não era feita de aço, nem era cruel, apenas a pressionava sem cessar, dizendo sem palavras que ele a desejava.

A respiração áspera em seu ouvido disparava um arrepio pela espinha. Apesar da leve brisa, ela sabia que era Weston quem evocava o arrepio, pois o corpo dele a mantinha tremendamente aquecida. Weston aninhou o rosto no cabelo de Chrestien, que estremeceu com a ternura do toque.

Cavalgaram pelo que parecia ser uma eternidade e já era madrugada quando chegaram numa estalagem.

Desmontando, Weston puxou o manto para cobri-la melhor com seu rico veludo preto.

— Fique aqui — ordenou. — Retorno num instante.

Ele a examinou com cuidado e começou a se afastar, mas notou que a camisola ainda estava visível – mesmo com o pesado manto jogado por cima. Então franziu a testa e retornou para fechar mais o manto diante de Chrestien.

— Mantenha isso fechado — ordenou, dando-lhe uma olhada muito exasperada.

Chrestien tentou não rir.

— Não fale com ninguém, Chrestien, e mantenha-se coberta. Entendeu?

Chrestien assentiu, sorrindo consigo mesma.

— Não pode falar para confirmar que entendeu o que eu acabei de dizer?

Depois de ter sofrido tanto incômodo, ela não pôde deixar de irritá-lo.

— Sim, mas você não acabou de me mandar não falar com ninguém? — perguntou com doçura.

— Sim, mas eu... Deixe pra lá, Chrestien!

Ela apenas pestanejou.

— Mas você não me disse...

Ele movimentou o queixo, ainda parecendo relutante em partir.

— Sim!

— Pois então, muito bem. Prometi que não falaria e não falarei com ninguém.

Ele lhe deu uma última inspeção.

— Desça! — Ele a tirou do cavalo e saiu puxando-a possessivamente, levando-a consigo.

Chrestien apertou os lábios para evitar uma risadinha. De repente, ela compreendia tudo. Incrível o que uma simples cavalgada com tamanha proximidade podia revelar.

A única coisa que poderia desanimá-la era o fato de estar sendo levada para a clausura em Caen, mas ela decidiu pensar que tudo aquilo era uma aventura. Mais tarde ela consideraria o que poderia ter sido. Chrestien nunca esteve numa estalagem – nunca tinha visto uma, mas já tinha ouvido os soldados do seu pai falar muito delas.

Infelizmente, com base nos relatos, ela esperava uma coisa bem mais... pitoresca – não o interior cinzento e mal iluminado cheio de fumaça rançosa que fedia a cerveja azeda.

Ao entrar, ficou logo constrangida com a condição de seu traje, pois o cômodo abrigava uma horda de homens de todas as posições de vida. Havia igualmente camponeses e nobres espalhados pela fétida taverna, partilhando bebidas e acariciando as serventes. Minha nossa, Weston tinha pensando em deixá-la lá fora sozinha? Por mais que estivesse embaraçada, estava muitíssimo feliz por ele ter mudado de ideia.

Ele identificou o estalajadeiro de imediato, e puxou Chrestien atrás de si enquanto se encaminhava até o sujeito de aparência corpulenta.

— Gostaria de comprar provisões suas, meu bom senhor.

Os olhos do estalajadeiro arregalaram quando perceberam o lobo na túnica. A voz dele entregou seu medo.

— O que quer de mim? Peça qualquer coisa e será sua!

Chrestien não prestou muita atenção quando Weston recitou uma lista e o corpulento senhor saiu apressado para atender ao pedido, quase tropeçando em si

mesmo na pressa.

Quando o estalajadeiro retornou, os braços estavam carregados com tudo o que Weston solicitou e mais. Ele tirou a trouxa dos braços do homem, entregando-lhe algumas moedas em troca. Depois, sem dizer uma palavra, agarrou o punho de Chrestien novamente e quase a arrastou para fora da taverna, praguejando consigo mesmo.

Pelo resto da jornada, poucas palavras foram trocadas entre os dois, mas quanto menos ele soubesse da fraqueza que ela sentia por ele, melhor! Muito em breve ela estaria enclausurada e o Lobo de Henrique não passaria de uma lembrança.

Mas era assim que devia ser, disse a si mesma.

O SOL SUBIU e desceu novamente.

Quando Chrestien finalmente desmoronou no braço de Weston, ele soube que ela havia enfim pegado no sono, mas estava um pouquinho impressionado porque a fadiga tinha demorado muito para reclamá-la. Aquela ali era cheia de espírito. E ela bem que precisaria ser assim, pois a vida de um cavaleiro sem terras não era nada fácil. Chrestien não reclamou nenhuma vez depois que ele lhe entregou o manto – nem mesmo para reclamar do cansaço – e ele tinha que admirar sua resistência. Não conhecia muitas mulheres que resistiriam tanto tempo numa sela.

Um sorriso curvou seus lábios quando pensou no momento em que a conheceu. Tinha sido estocado pela moça. E depois, mordido. Deus do céu, ela manteve a coragem e o desafiou feito um homem – não era de surpreender que a tivesse tomado por um, mesmo sendo um tolo cego por não notar a beleza por trás da imundície.

Por outro lado, sua própria irmã desabou em lágrimas poucos minutos depois de conhecê-lo. É verdade que ela foi maltratada ao ser atirada dentro da banheira, mas Chrestien não tinha sofrido três vezes mais sem nenhuma lágrima?

Sim, Chrestien era mesmo dotada de espírito, determinou ele com um aceno conclusivo da cabeça.

Cavalgaram até o anoitecer e só quando ele estava quase tomado pela exaustão também foi que montou o acampamento para passar a noite. Encontrou um local isolado – um lugar onde ninguém poderia se deparar com eles.

Queria muito ter providenciado um quarto na estalagem, mas quando a imaginou dormindo cercada de tanta sujeira e homens salivando sentiu um

ímpeto assassino na boca do estômago.

Desmontando, tomou-a nos braços, colocando-a sobre o ombro com cuidado. De alguma forma, conseguiu esticar um cobertor e, quando terminou, colocou-a sobre ele, cuidadosamente, para não despertá-la. Depois cobriu-a com seu pesado manto. Deixou-a dormindo enquanto prendia o cavalo e depois deitou ao lado dela, tomando o cuidado de não tocá-la. Não compartilhou do manto, não ousava tanta proximidade.

O sono não chegaria fácil, então Weston ficou por um longo tempo observando as estrelas. Quando o estômago roncou, lembrou-se que havia o que comer no alforje, mas não quis pegar. Esperaria Chrestien acordar antes de partilhar a comida. A pobre garota não tinha comido nada além de um pedaço de pão e carne salgada comprada na estalagem, então ele não comeria enquanto ela não pudesse dividir a refeição com ele.

Ignorando o volume que persistia no calção, fechou os olhos sob o frio da noite e tentou se valer de um descanso muito merecido. Contudo, uma friagem invadiu-lhe os ossos e Chrestien estremeceu debaixo do manto. Com um resmungo, passou cuidadosamente o braço pela cintura de Chrestien, puxando-a para perto, enterrando o rosto no cabelo dela, só para descobrir que a fragrância divina do cabelo dela o mantinha miseravelmente acordado.

Involuntariamente, Chrestien se aproximou do calor do corpo dele e Weston sorriu, e cochilou... um pouco. Foi acordado por uma dor latejante na virilha.

A noite agora estava negra e ele não conseguia ver nada, pois quase não havia luar. Mas Weston não precisava de luz para saber que aquele traseiro macio estava descansando no vão das suas coxas.

Dormindo, Chrestien remexeu as nádegas. Mesmo sabendo que era um movimento involuntário, a massagem gentil contra sua virilha já acalorada disparou um fogo em suas veias.

Ela se remexeu mais uma vez. Weston começou a suspeitar que ela estava fazendo de propósito, então segurou o quadril dela com a mão, esperando que Chrestien revelasse que estava acordada.

Mas como ela não fez nenhum movimento para continuar, Weston concluiu pela respiração suave e regular que ela estava mesmo dormindo, então ousou puxar o manto sobre os dois.

Os dedos ardiam de vontade de pesquisar, e Weston conseguiu sentir a suavidade da pele alva debaixo do tecido fino da roupa. Claro que ela não acordaria se ele deslizasse a mão com muita leveza pela maciez da coxa, refletiu ele. Afinal, Chrestien logo seria sua esposa e ele a queria com loucura...

Antes que sequer concluísse o pensamento, percebeu as mãos atravessando as pernas... e depois o traseiro, elogiando a sensação sedosa da pele na memória.

Chrestien se remexeu de novo e ele segurou a respiração, lutando contra o desejo de tomá-la ali e agora.

Não era como se ela fosse uma virgem, refletiu. Se fosse, o corpo dela não estaria procurando o dele tão instintivamente – mesmo enquanto dormia.

A curva do corpo dela encaixava perfeitamente no dele, adaptando-se à sua masculinidade quase como se aquele fosse exatamente o lugar dela. Weston queria muito enterrar-se entre suas pernas e aliviar a dor.

Descuidado de tanta vontade, a mão dele deslizou pelo tecido da camiseta, indo descansar debaixo do volume do peito. Weston fechou os olhos para recuperar um pouco do controle que sentia sumindo a cada toque... Só que suas mãos traíram sua vontade e, enquanto sua mente recontava as razões para deixá-la em paz, o polegar aproximou-se com determinação do bico do seio. E a imediata reação ao seu toque foi o que tornou tudo mais estimulante...

CAPÍTULO DEZ



Chrestien permaneceu imóvel enquanto ele a acariciava.

Parte dela queria gritar para que ele parasse, dizer que o que ele estava fazendo era inadequado, mas Weston havia despertado um desejo adormecido dentro dela que a impedia de falar. Por outro lado, não podia dar consentimento àquela ousadia, então manteve o silêncio e deixou que ele acreditasse que estava dormindo. Por Deus, não havia mal nenhum em deixar que ele continuasse mais um pouquinho. Ele exploraria... e ela descobriria mais sobre essa sensação desconcertante... e depois ele pararia, sem saber de nada.

Certo?

Certo.

Weston se tornou mais ousado. Ela fechou os olhos enquanto ele acariciava delicadamente o mamilo entre os dedos, e teve que passar a língua pelos lábios subitamente secos. Chrestien lutou desesperadamente para manter a respiração regular e rasa, mas, contra a vontade, esta acelerou e o coração bateu ainda mais rápido – e alto. Ela não pôde conter o gemido que escapou dos lábios quando a mão dele deslizou debaixo da camisola e foi parar no vale entre suas coxas.

Ela estava úmida.

A descoberta fez o coração de Weston pular.

E descobrir que ela esteve acordada durante o tempo inteiro deram às mãos dele um novo propósito, um pouco mais de pressão, conforme deslizavam propositalmente pela barriga, descendo até o suave monte de cachos.

— Não — sussurrou ela, mas o corpo a traiu, procurando pelos dedos, acompanhando-os quando ele os afastava. A sedosa umidade tirou o fôlego de

Weston, que queria levar os dedos aos lábios para provar o néctar do corpo dela.
— Por favor — implorou ela.

Weston sabia que ela desejava que ele continuasse... e ele continuou.

Ela não disse mais nada, então ele ergueu a camisola e a enrolou para cima, percorrendo os lábios até os seios como um predador que busca a presa.

— Você não vai parar? — perguntou ela baixinho, o que soou como um apelo para que ele continuasse.

Ele deixou o rosto a centímetros do dela.

— Não — sussurrou, entreabrindo-lhe as coxas, os dedos procurando a reveladora umidade. Encontrando-a, adentrou o calor dela, fechando os olhos com a intensa sensação de senti-la, o corpo tremendo por causa do controle que perdia... e de repente ele sentiu – a barreira que separava a menina da mulher... Ela ainda a possuía.

Foi tomado de remorso.

Ela era virgem.

Não podia tirar a virgindade dela antes de ser seu devido marido.

Uma parece protetora ergueu-se diante dele feito uma fortaleza impenetrável para manter sua ardente luxúria longe. Pairava ali a mácula de seu próprio nascimento, dando-lhe a vontade para suprimir o desejo devastador. Era muito raro encontrar uma mulher virtuosa e ele não podia deflorá-la, nem permitir que seu filho fosse concebido do lado errado do matrimônio – ainda mais porque ela logo seria sua.

De repente, toda a raiva que sentia recedeu, substituída por uma vontade poderosa de protegê-la de tudo o que poderia machucá-la. Não disse nada para ela. Ele não a insultaria ainda mais contando que pensava que ela já era desonrada.

Weston não sabia por quanto tempo ficou ali deitado, mas ao ouvir os gemidos abafados, ele a tomou nos braços, apertando-a bem. Chrestien aceitou o abraço. Com soluços que vinham das profundezas de sua alma, ela deixou que Weston a embalasse até cair no sono.

Depois de muito tempo, ele murmurou ao seu ouvido:

— Vou fazer as coisas direito, Chrestien.

Observou-a choramingar enquanto dormia, a respiração arfando de quando em quando numa lástima, e um turbilhão de emoções o varreu de imediato. Não conseguiu dormir com a confusão que o turbilhão provocou.

Assim que raiou o dia, Weston se apoiou num dos cotovelos para olhar o rosto de Chrestien dormindo. Com os olhos fechados, os cílios espessos eram como fios

de seda sobre bochechas rosadas. A boca era tão suculenta e viçosa que de repente ele se lembrou de que nem havia beijado Chrestien na noite passada. Ficou nauseado ao pensar que teria tirado sua virgindade sem um único gesto de carinho.

Ele raramente beijava as mulheres com quem dormia, preferia manter a relação simples e ir direto ao ponto. Afinal era apenas uma maneira de satisfazer o corpo, e ele nunca sentiu a vontade de despejar beijos de adoração em alguma amiga dama. Mas... Chrestien era diferente.

Lembrava-se de quando a prendeu na cama em Lontaine, querendo desesperadamente saboreá-la – apesar de pensar que ela já era deflorada. Sim, ele já a queria mesmo então.

Subitamente furioso consigo mesmo, levantou-se e preparou o cavalo para a jornada do dia.

Quando Chrestien acordou e se arrumou, Weston a colocou sobre o corcel sem dizer nada, tomando o grande cuidado de não olhar naqueles olhos fumacentos, por temer enxergar o desprezo dentro deles.

Chrestien mordeu o lábio.

Tinha acontecido alguma coisa na noite anterior: algo que era muito horrível ou que era muito bonito.

Ela o observou preparar o cavalo para a viagem, querendo desesperadamente que Weston falasse alguma coisa que revelasse que se importava com ela – mesmo que só um pouquinho – mas ele não disse nada e manteve o olhar afastado.

Será que a considerava uma devassa?

Assim que terminou de acomodar os alforjes, ele enfim olhou para ela, mas Chrestien virou o rosto como se chamuscada por seu olhar. Não podia suportar olhar para Weston agora que ele sabia o que havia em seu coração. O poder que detinha sobre ela era assustador, pois nunca em sua vida se sentiu tão afetada por um homem

A uma hora do monastério, Weston parou no abrigo da floresta e desmontou. Tirando uma trouxa de tecido de um saco de aniagem que estava dentro dos alforjes, ele o desdobrou e revelou um modesto vestido de cendal – a suave cor rosa era acentuada por uma barra de fio marfim. Ele o entregou a Chrestien.

Ela o encarou confusa.

— Para mim? Como conseguiu?

A voz dele estava cheia de remorso.

— Comprei na estalagem. Pertencia à esposa do estalajadeiro. Gostou?

Era o vestido mais simples que já tinha visto – certamente nada parecido com os vestidos novos que Adelaine estava usando – mas naquele instante era como se o veludo mais luxuoso estivesse em suas mãos.

— Sim, milorde! É adorável!

A culpa de Weston foi amenizada pelo sorriso radiante.

— Não gostaria que se casasse usando só uma camisola — disse, decidindo que era melhor contar sobre a ordem de Henrique. Não seria justo nem gentil deixar que ela descobrisse no altar.

A testa dela franziu e o sorriso sumiu.

— Não entendi... Não estava me levando pra Caen?

— E estou, mas não para enclausurá-la na abadia, Chrestien. Em vez disso vamos a Santo Estêvão, onde me casarei com você.

Ele pensou ver um ar de sorriso nos olhos, mas os lábios dela não esboçaram o mesmo. Ainda assim, Chrestien não protestou, então Weston decidiu não contar que tinha sido uma ordem de Henrique, já que ela não parecia descontente, apesar de um pouco perplexa.

— Vai se casar comigo, milorde?

Ele achou graça da surpresa dela e riu baixinho.

— Sim, Chrestien, casarei com você. Agora vá colocar o vestido — disse com gentileza.

Um arremedo de sorriso retornou aos lábios dela. Os olhos azuis de Weston dançaram com súbita alegria quando ela acenou a cabeça em aquiescência e refugiou-se nos arbustos.

Espontaneamente, o sorriso de Chrestien se alargou quando deu as costas para Weston.

Há poucas semanas ela teria zombado da ideia de casamento – um fato pior que a morte, era o que teria dito! E ela o evitaria a todo custo.

Agora? Bom, após testemunhar o lindo casamento de Adelaine, sentiu todo o tipo de lástima quanto ao seu próprio futuro. Porque de repente aquilo era tudo o que mais queria: filhos, seu próprio lar, o amor de um bom homem.

Não, não era tola para acreditar que Weston já amava, mas tinha certeza de que ele a queria. Não tinha demonstrado sua gentileza na noite anterior? E com a consciência pesada ou não, ele não teria que se casar com ela pela perda da virgindade. Não, mas o amor viria com o tempo, concluiu. Weston a amparou com carinho em seus braços por muitas horas e a confortou, mesmo que o abraço pecaminoso fosse tanto culpa dela quanto dele.

Enquanto colocava o vestido rosado por cima da cabeça, sua mente se voltou

para os momentos íntimos que passou com ele. Chrestien apreciou vergonhosamente tudo o que ele fez com ela, mas de certa forma não se sentia realizada.

Será que era só aquilo mesmo? A confusão embaralhou seus pensamentos, até ela não conseguir pensar mais, então agitou a mão como se para afastar aquele incômodo raciocínio.

Quando saiu de trás do arbusto, Chrestien percebeu que ele estava satisfeito, mesmo que o rosto não exibisse nenhum traço de emoção, exceto pelos olhos: estavam abrasadores de evidente desejo. Nossa, mas que olhar penetrante! Chrestien baixou o olhar para fugir da contemplação deliberada, mas ainda assim podia sentir o exame detalhado.

Sem uma palavra, Weston se aproximou de repente, os braços envolvendo-a num abraço. Chrestien abriu os olhos para buscar os dele e desta vez, mesmo desesperada para esconder suas confusas emoções, manteve o olhar fixado no dele. Sem aviso, os lábios cobriram os dela, e naquele instante Chrestien soube que ela lhe pertencia para fazer o que quisesse.

O gemido veio do fundo da garganta de Weston. Ela possuía um sabor doce, feito hidromel condimentado. A língua empurrou a suavidade dos lábios, querendo entreabri-los.

Ela parecia incerta do que ele queria que ela fizesse, então, inicialmente, a confusão a levou a apertar os lábios, arrancando dele uma risada rouca. O atordoamento dela o agradou, excitou-o ainda mais, e a gentil pressão que ele exerceu a persuadiu a abrir um pouquinho os lábios. Imediatamente o beijo se aprofundou, o prazer foi imenso quando Weston tomou a parte que ela estava disposta a lhe entregar.

Afastando-se, ele observou as emoções cambiantes que se registravam no rosto de Chrestien e sentiu um momento de gratidão pela decisão de Henrique afinal.

De repente, não conseguia pensar em nada melhor do que retornar para os braços dela a cada noite e quis logo que Chrestien pronunciasse as palavras que a uniriam a ele para sempre.

Sem aviso, Chrestien se viu erguida no ar quando ele a levantou quase sem esforço. E, por um instante, antes de ser colocada na sela, ela pode sentir o calor da respiração dele disparar um arrepio por sua espinha.

— Você é minha — disse Weston, em tom rouco.

Jesus! O que ele tinha feito com ela? Era como se cada olhar, cada toque colocasse seus sentidos em desordem. O corpo a traía ao mais levíssimo toque —

por mais inocente que fosse o contato. E as palavras dele a insuflavam até o íntimo.

Assim que estavam montados, Weston envolveu-lhe a cintura com um braço musculoso, prendendo-a firme ao peito, e murmurou em seu ouvido palavras que a fizeram estremecer em seus braços.

— Vou me unir a você e mantê-la segura... sempre. — E assim que comunicou isso, deu um beijo firme, porém gentil, em sua cabeça antes de apoiar nela a bochecha.

Céus, como é que aquilo tinha acontecido?

Antes Weston estava disposto a abominá-la – ou será que não? Refletiu sobre a primeira vez em que realmente a viu... na banheira. Ele partiu de Lontaine em fúria – *não* porque estivesse zangado com ela. Se quisesse ser honesto consigo mesmo, o desejo o deixou suficientemente confuso para fugir. Mas enquanto permaneceu em Montagneaux, mal conseguia parar de comparar as duas irmãs, e mesmo sem conhecer Chrestien sentia que tinha uma ligação com ela. Ela era um anjo enviado para reclamar seu coração.

Será que ela tinha mesmo feito isso.

Sim, tinha sim.

Talvez tivesse acontecido naquela noite em que entrou flutuando no salão, vestida tão lindamente, surgindo no ambiente como se possuísse asas douradas. Ou talvez tivesse acontecido no jardim, quando não conseguia vê-la... apenas sentir sua doce presença... ouvir seu espírito ousado.

Riu consigo mesmo ao pensar nos cavaleiros apaixonados em Lontaine. Quantos não teriam feito as mesmas perguntas a si mesmo?

A óbvia resposta fez com que Weston franzisse a testa, uma poderosa onda de proteção sobreveio sobre ele. Naquele instante soube que mataria qualquer homem que ousasse tocá-la. Ela lhe pertencia, ora!

De fato, ele jurou mantê-la afastada de qualquer homem. O efeito que Chrestien provocava neles era muito desconcertante. Não tinha chegado bem perto de se transformar num idiota cobiçoso e estúpido? Sim, estando disposto a reconhecer a verdade ou não, ela... tinha quase conseguido.

Ficou espantado ao ver os olhos cinzentos observando tão atentamente por cima do ombro.

— Não me disse onde iremos morar, milorde.

Talvez porque ele não soubesse.

A pergunta fez com que os lábios dele franzissem na mesma hora. Será que ela seria feliz com um cavaleiro sem terras? De repente a sua visão de chegar

em casa para encontrar sua esposa pareceu turva e incerta.

— Você possui terras na Normandia? — insistiu ela em saber.

As rugas na testa de Weston aumentaram.

— Não, não tenho.

— Conte sobre sua casa na Inglaterra, milorde.

— Não tenho muito o que falar — disse Weston, um tom quase entediado na voz. — É um lugar selvagem, não é lugar para uma dama bem-nascida: frio e cheio de conflitos.

O tom dela mudou de imediato, como se ele de repente tivesse atijado seu mau-humor.

— Pensa que nunca enfrentei o frio, ou que a Normandia é livre de conflitos? Não, milorde. Nada do que mencionou me é desconhecido.

Um sorriso surgiu nos lábios de Weston, que concluiu que não importava o lugar no qual deitaria a cabeça à noite, pois poderia considerá-lo um lar só por tê-la por perto. E ele faria tudo que estivesse em seu poder para garantir que Chrestien jamais lamentasse estar deitada ao seu lado.

CAPÍTULO ONZE



A cerimônia foi muito rápida, já que não havia necessidade de celebração com apenas eles dois presentes. O padre pronunciou as palavras sagradas, com testemunho dos monges. Logo assim que terminou, eles estavam novamente na sela.

A sobriedade da ocasião pesava no ar, misturando-se às nuvens cinza-escuras lá em cima, cujos ventres distendidos ameaçavam regurgitar seu excesso. Não foi muito depois de partirem de Caen que as nuvens cumpriram a ameaça, molhando os dois viajantes e o cavalo num aguaceiro turbulento.

Para Chrestien, a sensação de desespero tinha começado imediatamente assim que entraram na catedral de Santo Estêvão. A enorme abóbada de cruzaria fazia com que ela se sentisse minúscula, irrelevante... um espinho na costela de Weston. Não sabia porque sentia-se um fardo, mas agora temia que ele só tivesse se casado com ela por culpa – porque tinha tirado sua virgindade. Não queria que ele tivesse se casado com ela por esse motivo.

A chuva prosseguiu por quilômetros, às vezes se tornando um chuvisco, mas incessante. Chrestien notou no fim da tarde que estavam perto do lugar em que Weston a capturou naquele dia horrível.

— Existe um abrigo aqui perto que nos protegerá da chuva — disse ele, encaminhando-os para o abrigo, buscando refúgio na densa floresta.

Puxando as rédeas do corcel, Weston desmontou e ajudou Chrestien a fazer o mesmo. A pé, ele a guiou pela densa vegetação até algo como um abrigo natural: um dossel de árvores que protegia tão bem o chão da floresta da chuva que mal a luz adentrava pela folhagem. Quando entraram no abrigo, os olhos dela se

arregalaram como os de uma menininha – um grande contraste com a imagem que ele fazia de uma megera. O cabelo pendia em cachos molhados, as bochechas estavam rosadas na pele de marfim. Mas era o vestido molhado que garantia que ela não era uma criança. O tecido ensopado abraçava cada curva do corpo, e ele notou que os mamilos se destacavam maravilhosos e eretos sob o vestido agora desbotado. Chrestien estava encharcada até os ossos, mas não reclamou nenhuma vez. O coração dele se condeceu por não ter nada melhor com o que vesti-la. Ela merecia baús de seda e capas de veludo. Assim que pudesse, ele a vestiria com o luxo que merecia, mas sua tarefa no momento era remover o tecido molhado e aquecer-lhe os ossos. Tirando o cobertor do alforje, espalhou-o no chão e dobrou seu manto sobre ele. Depois acenou para que Chrestien se aproximasse.

Dando passinhos rígidos, ela se encaminhou até Weston, os dentes batendo.

Weston franziu o cenho, sabendo que se não tirasse logo o vestido molhado do corpo frio, ela poderia ficar doente. Impaciente para vê-la seca, tomou-a nos braços e colocou-a ao lado do cobertor. Ele a ajudou a tirar o vestido gotejante, daí Chrestien sentou quase nua, exceto pela camisola e os sapatos, na cobertura simples e seca que ele havia disposto. Tremendo, ela puxou o manto sobre os ombros. As sapatilhas de pelica estavam arruinadas, notou ele ao se curvar para removê-las dos pés. Chrestien estava dormente demais para reclamar quando ele a ajudou a tirar a camisola também.

Ele ficou sem fôlego quando pôs os olhos no corpo nu. Chrestien era mais linda do que ele se recordava, refletindo que a espuma da água de banho tinha escondido muito mais do que ele havia percebido. O desejo se inflamou em sua virilha, mas Weston ordenou que sua mente o controlasse antes de recolocar o manto sobre os ombros dela.

Não a tocaria naquela noite, jurou. Chrestien estava deplorável e com frio, então esperaria até ela poder oferecer o mesmo fogo que demonstrou na noite anterior.

— Sente-se melhor?

Os dentes batiam protestando contra o frio, mas Chrestien acenou que sim com a cabeça.

— Percebeu, Chrestien, que este é o mesmo lugar em que nos encontramos pela primeira vez?

Ela não tinha percebido.

Erguendo a cabeça, Chrestien deu uma boa olhada ao redor. Imagens daquele dia a saudaram e um tremor de recordação a tomou.

— Parece um pouco diferente — disse enfim, os dentes ainda batendo.

— Na verdade, nosso cobertor está no mesmo ponto onde minha tenda foi erguida. E pensei mesmo que você fosse um garoto — confessou ele.

Chrestien estremeceu.

— Você nem sabe quanto medo senti de que você descobrisse a verdade. — Ela deu uma risada baixa. — Acreditava que você fosse um destino pior que a morte.

Ele ergueu a sobrancelha.

— Não foi como você olhou para mim. Na verdade, pensei que fosse um afeminado de tanto que me examinava. Você está com frio — disse, vendo-a estremecer de novo. — Só quero mantê-la aquecida. — Tirando as próprias roupas molhadas e colocando a túnica e a cota de couro num galho baixo, e começou a desatar os laços e bandagens.

Os olhos de Chrestien arregalaram de repente quando o calção de Weston caiu no chão, desembaraçado das bandagens.

Minha Nossa Senhora! Ela não lembrava daquilo!

Pela primeira vez desde a noite anterior ela se perguntou se de fato continuava virgem, pois com certeza teria sentido aquela monstruosidade. Na verdade, não era *assim* que se recordava da masculinidade dele.

Um sorriso lento e arrogante tomou os lábios de Weston quando ele percebeu a reação dela.

Era a reação que esperava arrancar de Chrestien, e agora estava certo de que ela era completamente inocente de tudo o que ele silenciosamente a acusou.

Ela era dele e só dele.

Sentando novamente no cobertor, Weston puxou a coberta sobre seus corpos nus, procurando o calor que a roupa molhada não podia mais oferecer-lhes. Puxou Chrestien com delicadeza para seus braços, esfregando-a carinhosamente com as mãos, aquecendo-a.

O silêncio pairou entre os dois enquanto ele ouvia os dentes dela baterem.

Instintivamente, Chrestien enterrou o rosto no peito de Weston, que a aninhou mais entre os braços, sussurrando baixinho junto ao cabelo úmido.

— Você é adorável — disse, falando a verdade.

Depois de um tempo, os tremores dela cessaram um pouco. A escuridão caiu enquanto ele permanecia sentado junto dela, sentindo-a tremer através da coberta que os cobria.

Chrestien não conseguia parar de tremer, mas na verdade não sentia mais frio. Ela estava em chamas com a sensação de tê-lo ao seu lado. A lembrança do

toque gentil permaneceu em seus pensamentos, e o corpo dela ansiava por alguma coisa desconhecida que ela sabia instintivamente que só o marido podia lhe dar.

Os seios dela já estavam antecipando as carícias que ele lhe fizera na noite anterior. Quando Weston levou os dedos quentes aos mamilos, ela estremeceu em resposta. Mas tão logo as pontas dos dedos os acenderam, o corpo dela quis seu toque em outras partes.

Os lábios dele tomaram o lugar dos dedos, sugando e experimentando os mamilos rijos, e foi como se ele passasse uma eternidade saboreando um seio e depois o outro, até Chrestien quase ficar louca com o intenso prazer proporcionado. Ela queria gritar – queria implorar para que Weston a ajudasse a se libertar daquele estado de tortura em que ele a havia colocado. Queria que ele parasse... queria que ele continuasse... Na verdade, não sabia o que queria.

Seria possível morrer de tanto prazer?

Os dedos dele deslizaram por sua pele, parando para brincar na região proibida. Ela pensou em pedir a ele que parasse, mas conforme os dedos fizeram sua mágica dança, os protestos dela morreram na garganta, substituídos por gemidinhos suplicantes. Não sabia direito o que queria dele, só sabia que teria. Fosse lá o que fosse, por Deus, ela teria. Pela misericórdia de Deus, ela teria. O fogo que estava crescendo em sua barriga já não era mais sutil, era angustiante. Tornou-se tão intenso que ela mal podia suportar – tentou dizer a Weston, mas só o nome dele saiu de seus lábios secos.

Weston ficou alegre com o som de seu nome saindo da língua dela. Nunca na vida se sentiu tão encantado pelo sotaque normando. Sabia que tinha levado o desejo dela quase à loucura, mas era uma doce tortura que ele precisava suportar também. Delineou um mamilo com a língua experiente, depois afundou pelo vale entre os seios, retomando os lábios enfim, a língua acompanhando o contorno deles, exercendo levíssima pressão, até que ela os abrisse à sua suave sedução.

Investigou o formato dos dentes, desfrutando a sensação dos pequenos sulcos na sua língua. Quando a língua avançou mais fundo na boca suavemente partida, Chrestien ousou levar a língua à dele, igualando à paixão dele sem comedimento. Weston gemeu de prazer.

O ar da noite estava frio, traindo o suor que brotava na testa dele. Céus, ele estava ardendo como se imerso em chamas, e os gemidos sensuais com que Chrestien o recompensava aumentavam seu desejo em dez vezes. Mas ele estava desesperado para reter o controle que precisaria para tornar a primeira vez

menos dolorosa. Tinha pensando em deixá-la em paz, mas no fundo sabia que não conseguiria.

Deitando-a, e separando as coxas com delicadeza, as mãos dele tremiam enquanto lutavam para invadi-la com a força da paixão. Os dedos apreciaram a umidade que era a evidência do desejo dela.

Continuou seu ataque gentil, os lábios cobrindo os seios, beijando-os loucamente, lambendo-os com sua provocação sedutora. Depois ele trilhou a pele clara do pescoço. Mordiscou o lóbulo dela, provocando um estremecimento por todo o corpo de Chrestien, fazendo-a agarrá-lo pelos cabelos, afastando-o do local sensível... puxando-o na direção da boca.

Feito um homem faminto, ele impeliu à língua um ritmo que logo seria imitado em regiões inferiores, saboreando e pilhando a cada frenético ataque. Abraçando-a forte, sussurrou rouco:

— Preciso de você, Chrestien... Renda-se a mim, minha querida.

Queria que ela desejasse isso tanto quanto ele, queria que ela se deitasse debaixo dele e recebesse o corpo dele no seu. Colocando-se sobre ela, cobriu-a, apreciando o calor que criavam juntos.

Em resposta, Chrestien tomou a língua dele com a boca, querendo que Weston continuasse, movendo os quadris debaixo dele sugestivamente.

A ânsia dela quase o enlouqueceu na hora. Deslizando as mãos para abarcar o traseiro dela, Weston posicionou-se entre as coxas, querendo entrar devagar, delicadamente. Mas estava sobrepujado pelo calor de Chrestien, então se enfiou nas profundezas sedosas do corpo dela, tomando-a completamente, rompendo a barreira da virgindade num movimento fluido.

Instintivamente, cobriu-lhe a boca com a dele para absorver o grito de dor que Chrestien talvez não fosse conter. Enquanto a beijava, permaneceu imóvel dentro dela, deixando a dor ceder, esperando um sinal que lhe dissesse que ela estava pronta.

Ele a acalentou devagar, aumentando a força de suas investidas até Chrestien não suportar mais. O corpo dela arqueou instintivamente para aceitá-lo por inteiro, a mão puxando-lhe o cabelo. Ela se movia febrilmente debaixo dele, arqueando e ondulando o corpo, até que por fim algo pareceu explodir dentro dela. Chrestien gemeu baixinho, adorando a sensação deliciosa. Weston acompanhou os gemidos dela com um gemido gutural, investindo uma última vez, penetrando bem fundo e ficando ali dentro das profundezas do corpo dela.

Weston demorou a encontrar forças para sair de cima da esposa. Rolou para o lado dela, apreciando os doces murmúrios de satisfação dela. A escuridão

agora era impenetrável; ele praguejou consigo mesmo não poder vê-la mais uma vez antes de se abandonar ao sono. Ao lado dele, a respiração dela ficava rasa, então soube que Chrestien dormiria rápido. Aquecida e satisfeita, ela não tremia mais. Weston sorriu. Puxando o manto sobre o corpo nu de Chrestien, enterrou o rosto no cabelo dela, contente só por sentir o perfume de sua esposa.

— Você é minha — murmurou ferozmente, e sentia isso no fundo da alma.

CAPÍTULO DOZE



A manhã irrompeu cheia de luz. Raios dourados penetravam a folhagem e atingiam o chão da floresta.

Chrestien despertou e se viu sozinha. Grata pelos minutos para cuidar da toalete, correu para recolher o vestido e a camisola. Ver as roupas amontoadas provocou uma profusão de rubores no rosto dela ao recordar a primeira noite com seu marido. Agora, na manhã seguinte, ela percebeu que não havia como se enganar quanto ao ato de fazer amor. Agora estava envergonhada por pensar que tinha sido deflorada antes dos votos, pois estava bastante enganada.

— Meu marido — disse em voz alta para ver como soava. — Meu marido — repetiu, com um suspiro desejoso ao colocar o vestido sobre a cabeça e amarrar os cordões. — Weston — disse ela, sorrindo com a intimidade disso. — Meu marido... Weston — concluiu ela com alegria.

Weston se recostou numa árvore com a caça daquela manhã na mão para ouvir a esposa tagarelando. Sorriu ao vê-la tão sorridente ao mencionar seu nome, então decidiu participar da brincadeira.

— Minha esposa... lady Chrestien.

Ela se assustou com o som da voz dele e virou-se, tomada de rubores. Weston apreciou as emoções tão aparentes em suas expressões cândidas, e aquilo o deixou muito satisfeito. Uma centelha de travessura brilhou nos olhos dele enquanto erguia as sobrancelhas em desafio.

— Ou prefere Senhora Lobo Prateado?

Ela devolveu o sorriso travesso.

— Sim, milorde, pois eu bem o mereço. Afinal, derrotei o Lobo Prateado não

apenas uma, mas duas vezes. — Ergueu as sobranceiras num desafio e Weston atirou a cabeça para trás com uma gargalhada. Ela não era nenhuma megera sedenta por poder, mas também não era nenhuma mulher submissa, e saber disso o deixou empolgado. O bom humor brilhava nos olhos dele.

— É verdade, e você descobriu exatamente o motivo porque me casei com você. Prefiro manter esse detalhe como um segredo de família, minha adorável esposa.

Chrestien riu e a respiração de Weston acelerou ao ver seu sorriso. Teve uma súbita vontade incontrolável de beijar seus lábios macios e quentes outra vez. Aproximando-se dela com esse exato propósito, largou o coelho que carregava, sem se importar de deixar o desjejum à mercê das criaturas da floresta. Tinha outro desjejum em mente. E não houve como enganar sua intenção quando tomou a esposa nos braços e os lábios buscaram os dela, marcando-a com seu desejo.

Chrestien retribuiu seu desejo com igual fervor. Não havia como recusá-lo, percebeu ela, sentindo as mãos se aventurando por baixo da camisola, tocando-a febrilmente. Weston passou os braços pela cintura dela, acariciando a pele nua antes de esmagá-la junto dele.

— Milorde — reclamou, deliciada apesar do protesto. — Acabei de me vestir!

— Devo parar? — perguntou ele, rouco.

Chrestien sacudiu a cabeça, sorrindo. Não havia como negar sua própria vontade – e ela nem mesmo pensou em fazer isso. Os braços foram para o pescoço dele com ansiedade, os dedos prenderam os cachos da nuca. Weston olhou nos olhos dela e seu olhar foi como uma carícia suave. Erguendo-a de repente, reclamou-lhe os lábios mais uma vez, dando alguns passos trôpegos até colocá-la com cuidado sobre um galho de árvore grosso e baixo.

Impaciente, ergueu-lhe a camisola e o vestido pela cabeça, atirando-os para o lado, depois livrou-se da própria cota de couro. Chrestien nem reclamou do galho áspero arranhando seu traseiro, pois logo sentiria a espada de seu homem adentrando-a com doçura.

As mãos dele a seguraram pela cintura enquanto os cinzentos olhos azuis se banqueteavam com o busto, e ali permaneceram, devorando-a com o olhar, deixando a febre aumentar entre eles. Aquele olhar sozinho foi o bastante para incendiá-la, admitiu Chrestien, os lábios se erguendo involuntariamente para encontrar os dele. Bom Deus, parecia que cada parte dela pedia para ser tocada por Weston. Ela enrodilhou as pernas na cintura dele, trazendo-o mais perto,

sorrindo com travessura.

Sua ousadia inocente o excitou, então Weston levou a mão ao traseiro dela, envolvendo-o delicadamente enquanto a erguia. Lentamente, saboreando o momento, levou os seios aos lábios e sugou cada um antes de ficar de joelhos com ela. Louco de vontade, trouxe-a de volta ao chão cheio de orvalho, enfiando o rosto na curva do pescoço, apreciando a sensação da pele macia contra seu rosto. Mas quando ele se ergueu para olhar o rosto de Chrestien em cheio, viu a vermelhidão da bochecha causada por sua barba, então inclinou-se para apagar a vermelhidão com um beijo. Lentamente, Weston foi descendo pela barriga até as coxas...

Nunca quis tanto agradar uma mulher a ponto de negar a si a própria vontade. Não tinha muito para lhe dar, mas jurou dar tudo o que estivesse ao seu alcance — a começar pela única coisa que ela já tinha perdido: ver a irmã.

O cabelo de Chrestien estava espalhado feito uma coroa de seda sobre o chão, entremeado por folhas com tonalidades de joias. Mas seus olhos escuros eram as gemas mais arrojadas de todas. Pareciam implorar silenciosamente para que ele continuasse, acenando para que ele abandonasse seu controle. Ajoelhando-se, Weston posicionou-se para sentar sobre a barriga dela.

ELA O AMAVA.

Essa conclusão deixou Chrestien sem fôlego.

Levou as mãos ao cordão do calção dele, ansiosa para livrá-lo novamente. Chrestien o desamarrou com facilidade, mas as mãos tremiam, então ela parou por um instante para controlar o nervosismo que crescia por dentro. Weston se mexeu para ajudá-la, daí os cordões se abriram de repente como neve derretendo nas mãos dela. Os músculos do abdome dele contraíram na expectativa do toque de Chrestien.

Ela mal podia acreditar na beleza do marido. O peito era largo, musculoso como o de nenhum outro homem que já tivesse visto. A cintura era estreita, com um escuro trecho de pelo que terminava nos cachos da virilha.

Impressionado e ao mesmo tempo comovido com a admiração do olhar da esposa, Weston não deixou de fazer uma careta quando os dedos de Chrestien tocaram sua nova cicatriz abaixo do ombro, aquela que ele recebeu das mãos dela. Gentilmente, Chrestien delineou o ferimento cicatrizado com a ponta do dedo. Quando os olhos dela buscaram os do marido novamente, suas belas poças escuras estavam cheias de lágrimas por derramar. Weston levou a mão ao queixo

dela, a voz rouca de emoção ao falar.

— Não, Chrestien, não chore... prefiro ver você sorrindo.

Ela levou as pontas dos dedos aos lábios, como se quisesse beijá-los, depois tocou a cicatriz, como que oferecendo um beijo de cura. Weston estremeceu violentamente com a intimidade do gesto. Aquilo lhe roubou o fôlego.

— Sinto muito — disse ela. — Não queria...

Weston a silenciou, sorrindo com melancolia. Olhando para trás, também queria que aquilo não tivesse acontecido, mas agora não era momento para lamentações. Tirou a mão dela do peito e beijou cada dedo lentamente, com grande promessa.

— Sinto muito — murmurou ela de novo.

Ele curvou-se para cobrir-lhe a boca com a sua, pois não queria ouvir mais nada.

— Esqueça, meu amor. Eu te perdoo.

A mão dela se colocou entre os lábios dos dois.

— Mas...

— Esqueça — ordenou ele baixinho, afastando a mão dela de sua boca para poder amar aqueles lábios novamente.

Resignando-se à vontade dele, os dedos deslizaram pelos braços do marido enquanto as bocas se uniam. O beijo foi quente e amoroso, provocando uma incrível onda de calor pelo corpo dela. Chrestien se submeteu a ele, sabendo que sua vida jamais seria só sua – ainda assim, entregou-se com vontade, de coração e alma.

Mais uma vez, ele se colocou entre as coxas dela, mas dessa vez Chrestien ergueu os quadris para lhe dar melhor acesso. Weston se enterrou nas profundezas dela, gemendo de prazer.

Outro gemido ecoou nos ouvidos de Chrestien – dessa vez o seu – conforme o corpo participava do antigüíssimo ritual, selvagememente e sem restrições, com o calor enfurecendo entre eles como nenhum fogo conseguiria.

Ela recebeu as poderosas investidas com ansiedade, e gritou de êxtase quando pequenos tremores se multiplicaram por seu corpo. Embora tivesse encontrado satisfação, Weston não parou. E enquanto ela ficava ali, o corpo sendo acariciado por dentro, outra chama se acendeu, e Chrestien juntou-se ao marido novamente, gemendo baixinho de surpresa.

Um urro primitivo soou pela floresta quando Weston encontrou satisfação. Chrestien o acompanhou novamente, em silêncio, com gosto, até um paraíso de prazer. Suspirando satisfeita, ficou dormente nos braços de Weston, que a

esmagava possessivamente.

— Você ainda vai ser a minha morte — jurou ele. Mas Chrestien sabia que não era uma reclamação.

Mais tarde, quando estavam vestidos e novamente no caminho, Chrestien mal conseguia tirar os pensamentos daquele momento entre eles. Conforme as noites avançassem, talvez fosse preferir uma cama, mas estava contente por não terem esperado. Nunca na vida tinha se sentido tão próxima de outro ser humano, ainda mais dessa maneira.

Estava tão distraída em pensamentos, devaneando, que não percebeu a direção que tinham tomado até a floresta abrir espaço para uma clareira conhecida. Não demorou para que o castelo de Montagneaux se tornasse visível.

— Está me levando para ver minha irmã? — perguntou, chocada.

— Não era o que queria?

Ela só tinha pedido uma vez, e só uma. Ficou comovida por ele ter lembrado.

— Sim, obrigada, milorde! — Mas de repente sentiu curiosidade quanto àquele primeiro encontro na floresta. — Milorde? Por que foi me ajudar naquele dia na floresta?

— Michel e eu vimos vocês passarem por nosso acampamento — disse ele. — Vocês pareciam deploráveis. Quando a segunda tropa passou em disparada, soubemos que não teriam chance de se defender.

Chrestien franziu a testa, pensando no que Aubert havia revelado.

— Sim, mas como sabia que estavam atrás de nós?

— Não havia engano, Chrestien. Eles cavalgavam com propósito e estavam preparados para uma batalha.

Viajaram em silêncio enquanto Chrestien contemplava o fato.

— Sei que você vinha de Montagneaux — disse ele. — Mas suspeito que os outros também.

Chrestien se virou para encará-lo.

— Como sabe que vim de Montagneaux?

— Sua irmã me contou.

— Adeline?

— Você tem outra? — Sem esperar resposta, ele explicou: — Ouvi quando ela contou a história para Aleth.

— Então Aleth sabe que não sou homem. Minha Nossa Senhora! O que ele deve estar pensando de mim agora?

Havia um sorriso na voz dele.

— Aposto que está agradecido por não ter casado com você.

Fosse dito de bom humor ou não, Chrestien se irritou. Ela enrijeceu as costas.

— Se sou tamanho fardo, milorde, por que se sobrecarregou comigo?

— Tenho certeza de que vou me fazer a mesma pergunta centenas de vezes antes de encontrar meu criador — disse ele com jovialidade.

Mas não foi engraçado.

Chrestien não sabia direito por que a resposta dele doía, mas doía.

— Seu grosseiro! Como pode me dizer uma coisa assim? Pedirei ao *seu* rei que anule o casamento! Isso, milorde, é o que farei!

Não havia qualquer traço de humor no tom de Weston agora.

— Não fará mesmo!

— Diga, por que se casou comigo? E não me diga que foi por minha honra, porque agora sei que não me desonrou antes dos nossos votos serem feitos. — O rosto dela ficou vermelho de vergonha e raiva. — E você, senhor, já deve ter tomado muitas moças inocentes para saber. Então, por favor, diga por que casou comigo. — Ela queria ouvir que ele sentia algo – qualquer coisa.

— Não, não a desonrei antes dos votos, mas você agora é minha e não há nada que possa fazer para remediar o fato. Nem mesmo pedir ao rei, pois foi ele quem ordenou que nos casássemos.

As palavras foram ditas, e lamento nenhum poderia apagá-las.

— Seu rei ordenou que nos casássemos? — perguntou ela baixinho, sentindo-se traída, mas sem conseguir discernir bem o porquê. Ousou imaginar que ele a queria, que se casou porque achava que poderia amá-la... um dia talvez.

Weston não falou mais nada, mas o silêncio foi incriminador. Chrestien sentiu uma dor crescer no coração. Então essa era a verdade. Pelo menos não precisava mais descobrir os motivos de Weston. Grandes lágrimas escorreram por suas faces. Ela ficou ereta, sem se mover, sem falar, olhando diretamente para o castelo que surgia, querendo os braços de conforto da irmã.

Sob as sombras das muralhas do castelo, a porta corrediça de ferro foi erguida, e Chrestien notou a maneira como os guardas cumprimentaram Weston. Era óbvio que o reconheciam e estavam honrados com sua visita.

Aposto que está agradecido por não ter casado com você.

Ela se manteve em silêncio até Adelaine aparecer no pátio. Naquele momento nem o demônio poderia mantê-la longe de sua gentil irmã, e ela quase pulou do lombo do cavalo na pressa de alcançar Adelaine.

Weston, ao que parecia, possuía mais força que o demônio. Manteve-a no lugar com apenas uma mão. Depois, com a mesma mão, ele a ergueu sem esforço do cavalo e a baixou ao chão.

A gentileza fez com Chrestien o encarasse com expressão cheia de ódio, depois, com braços estendidos, ela correu para o abraço de Adelaïne.

Weston observou a esposa erguer as saias e correr para a irmã.

As duas se agarraram num abraço tão ardente que era difícil distinguir uma da outra. Se não fosse pelo cabelo curto e o vestido velho de Chrestien, teria sido quase impossível diferenciá-las. Mas daí ele se lembrou de outra adorável qualidade dela – a língua afiada – e soube que ele jamais a confundiria com a outra.

— CHRESTIEN! Não deve ser tão ruim assim! — Adelaïne esfregou as costas de Chrestien, que chorava, e Janelle sacudia a cabeça com desaprovção.

— Pare de chorar antes que seus olhos fiquem inchados e vermelhos! — ralhou Janelle.

Chrestien estava contente por Janelle já estar ali, esperando por ela, mas no momento não estava gostando de ter seus sentimentos minimizados.

— É *bem* ruim assim! — soluçou ela. — Ele não me ama!

Adelaïne a encarou com preocupação.

— Ele não machucou você, machucou?

— Não!

Exasperada, Janelle ergueu o queixo de Chrestien com sua mão velha, mas carinhosa.

— De que importa se ele não te ama, criança, se ele te quer? — A pergunta foi concluída com um estalo da língua. — Tenha vergonha! Desde quando amor tem a ver com casamento?

— É, mas ele não me quer de verdade! — reclamou Chrestien.

— E como você sabe disso? Ele falou? — perguntou Janelle.

Aborrecida, Chrestien tirou a mão da criada do queixo.

— Ele não precisa falar, eu sei. Ele não se casou comigo porque quis, Janelle. Foi por causa da ordem do rei Henrique. Não quero um casamento que me foi forçado.

— Ele forçou você a se casar? — perguntou Janelle.

— Não, mas ele se casou comigo à força — argumentou Chrestien.

Adelaïne ficou estática com a revelação.

— Por que o rei Henrique decretaria o casamento de vocês?

— Ah, Adelaïne! Se eu soubesse. Não sei o que ele ganha com isso. Lontaine não me pertence mais – é sua, eu creio – e eu não tenho mais nada de valor!

— Ah, mas claro que tem — insistiu Janelle. — Você tem muito a dar, minha querida. — O tom dela era carinhoso ao acariciar a massa de cachos dourados e selvagens de Chrestien.

Adelaine franziu a testa, ainda intrigada com a questão.

— É possível que Henrique queira dar Lontaine para Weston. Afinal, duvido que ele confie cegamente em Aleth. Seria conveniente que seu Lobo o vigiasse.

Chrestien perdeu o ânimo.

— *Isso* faz sentido.

— Mas Chrestien, talvez ele te queira também. Será que não foi ele quem pediu sua mão ao rei? — Ela sorriu de repente. — E eu sei o jeito de descobrir a verdade. Você o ama? Está disposta?

Chrestien mal conseguia encontrar vontade para sorrir.

— Para falar a verdade, não sei direito o que sinto, Adelaine, só que me dói muito pensar que ele nem se importa comigo.

Chrestien viu o rosto de Adelaine se iluminar com alegre expressão de travessura, e achou um tanto engraçado a troca de papéis. Antigamente, era Chrestien quem fazia esquemas. Mas a curiosidade agora estava grande e ela estava quase ansiosa para ouvir o plano.

Durante toda a vida, Adelaine sempre ficou contente em ficar à sombra de Chrestien, sem ganhar muita atenção, pois nunca a procurou, mas era bom saber que ela estava tomando seu lugar ao sol. Isso era uma coisa que a agradava. Aleth devia ser bom para sua irmã, senão Adelaine não teria ganhado tanta confiança.

— Pois bem. Seja o que for, estou disposta — capitulou Chrestien, com um sorriso.

Horas depois, as duas ainda estavam tramando, mas bem mais próximas das respostas.

— Acha que vai funcionar? — perguntou Chrestien.

— Sei que vai — retrucou Adelaine sem reservas.

Criados perfilaram-se um a um, carregando grandes baldes de água quente. Por fim a banheira estava cheia e, na empolgação para sentir o delicioso calor, Chrestien quase mergulhou desesperada para sentir a água limpa.

— Dane-se a Igreja! *Como tomar banho pode ser pecado?*

Ela notou os entalhes na borda da banheira.

— Ah, nossa! É você! — exclamou.

Adelaine corou.

— Foi o presente de casamento que Aleth me deu, embora eu não saiba por

que eu desejaria sentar numa banheira cheia de imagens minhas.

Chrestien gargalhou e examinou o cômodo. O quarto de Adelaine era magnífico. Parecia que Aleth a cobria com todos os tipos de luxos. Nunca tinha visto nada igual antes. As janelas eram cobertas por venezianas de madeira decorada, intrincadamente entalhada com figuras delicadas. A cama era uma coisa monstruosa, precisava de degraus para se subir. A cobertura era da mais fina pele, tão bem costurada que não se viam as emendas – bem diferente dos cobertores de patchwork de Lontaine.

Suspindo com melancolia, observou Adelaine alisar as rugas de uma bela túnica de brocado lavanda. Depois dela veio um manto com capuz de puro veludo branco, ornado de arminho. E quando Adelaine tirou outro exatamente igual do baú, Chrestien ficou chocada.

— Você tem dois?

Adelaine piscou para ela.

— Claro, boba. Sei que é escandaloso, pois você estava indo para a abadia, mas não conseguiria desfrutar nada disso... se não pudesse compartilhar com você de alguma maneira — confessou ela.

Lágrimas correram dos olhos de Chrestien.

— Tem sido tão difícil ficar longe de você, você é uma parte grande de mim, Adelaine.

— E você, de mim — completou Adelaine. — Senti falta até da sua tirania, Chrestien.

Chrestien engasgou com a gargalhada, depois as duas começaram a chorar de repente – lágrimas de alegria.

Simulando horror, Adelaine perguntou:

— O que Janelle diria se nos visse assim?

— Não sei, mas não quero descobrir. — Chrestien deu uma risadinha e secou todos os vestígios de lágrimas. Adelaine fez o mesmo. — Rápido! Antes que ela volte!

Adelaine desanimou de repente.

— É uma pena que Janelle e Aubert tenham vindo pra cá — explicou.

— Eles estão melhor aqui — disse Chrestien.

— Fiquei tão preocupada quando Janelle me contou o que aconteceu entre você e o Lobo.

Chrestien suspirou e as duas trocaram um olhar.

— E se ele não se importar? — perguntou Chrestien, preocupada.

— Acredite — garantiu Adelaine, os olhos cintilando com diabrura. — Ele vai

se importar. Espere para ver...

O SALÃO FERVILHAVA DE ATIVIDADE.

Aleth tinha convidado artistas para ficarem durante a semana, e eles estavam de fato ganhando seu sustento naquela noite. Um malabarista altíssimo vestido com calção e túnica multicoloridos entrou no salão carregando um saco igualmente colorido. O rosto pintado se contorcia em expressões exageradas conforme parava para admirar cada mulher. Por fim, ele parou bem à frente da mesa do lorde. Arregalou os olhos de maneira cômica, depois largou o saco que carregava para esconder o rosto com suas mãos multicoloridas. Abrindo apenas uma fenda entre os dedos, espiou por ali, e os fechou novamente fingindo pânico ao ver as gêmeas.

O salão irrompeu em gargalhadas quando o malabarista estendeu a mão diante do rosto e olhou para ela como se estivesse vendo um espelho. Depois ele olhou por trás do falso espelho e arregalou os olhos enquanto apontava um dedo vermelho para as gêmeas, fazendo as duas rirem do movimento engraçado. No fim, retomando a tarefa de fazer malabarismo, ele apontou para o saco e ergueu as mãos como se acabasse de encontrá-lo depois de uma longa busca. Abrindo-o, atirou uma bola vermelha para cima sem qualquer cuidado. Ela caiu em sua cabeça e saltou no ar. Quase simultaneamente veio uma dourada, uma azul e uma verde. O salão ressoou com aplausos quando o malabarista iniciou sua praticada rotina, acompanhado do som celestial da lira. Chrestien aplaudia mais do que todos, por isso foi recompensada com um cômico sorriso do malabarista, que a fez gargalhar ainda mais.

Weston achou que o sorriso de sua esposa estava chamando mais atenção do que a apresentação do malabarista.

Sua constatação foi comprovada quando o próprio malabarista parou a demonstração e deixou cada bola cair no chão de madeira com um grande baque, cada pancada exagerada por um alto acorde da lira, como se o malabarista fingisse estar ficando apaixonado. Outra bola caiu em sua cabeça, rendendo outra rodada de gargalhadas. Chrestien aplaudiu ainda mais alto.

Não conseguia imaginar o porquê do insignificante malabarista irritá-lo tanto. Mas Weston estava de fato irritadíssimo. Mascarava isso muito bem, abafando as palmas entusiasmadas de Chrestien com seu estrondoso aplauso.

Mansamente, como se soubesse que o que estava para fazer poderia ser mal interpretado, o malabarista escolheu duas das suas bolas pintadas, a dourada e a

verde, e entregou a dourada a Adelaine. A verde ele deu a Chrestien.

As gêmeas o recompensaram com um sorriso, e o malabarista recolheu as bolas restantes e afastou-se da mesa enquanto um grupo de dançarinos tomava seu lugar.

— Ah, Aleth! Isso é maravilhoso! — exclamou Chrestien, rindo. — Papai nunca aceitou artistas em Lontaine. É a primeira vez que os vejo!

Aleth sorriu, e Adelaine sorriu ao ouvido do marido, dando-lhe depois um beijo na bochecha. A Chrestien, ele disse:

— Eles ficarão aqui a semana inteira. O que me diz disso, *Chris*?

Chrestien abriu um grande sorriso.

— Você foi muito gentil, milorde!

Weston ficou impressionado por uma coisa tão simples causar tanto prazer à esposa. E isso bastou para diminuir sua irritação, pois não podia ficar realmente aborrecido com um sorriso que iluminava o ambiente inteiro. O perfume de água de rosas chegava até ele, que queria enterrar o rosto em seu cabelo mais uma vez. O vestido lavanda a vestia de uma maneira que fazia seus olhos parecerem violeta, daí ele jurou que mandaria fazer uma dúzia de vestidos lavanda para ela usar.

A pele parecia a neve imaculada das charnecas, lisa e sedosa, sem uma única imperfeição. Apostava que se Chrestien já não fosse sua, todos os homens do salão estariam ambicionando a mão dela nesse momento. De repente, ele ficou feliz porque a primeira visita dela ao castelo de Montagneaux fora disfarçada de homem. Contudo, era impressionante como alguém – inclusive ele – a tivesse tomado por um.

Ocorreu-lhe um pensamento sombrio de repente, então Weston examinou os rostos no salão. Será que alguém tinha descoberto quem ela era? Quem havia liderado a emboscada tinha vindo de Montagneaux, ele estava certo disso.

Examinou cada rosto no salão, sem serventia. Todos estavam apenas se divertindo. Até os mais ousados, que olhavam diretamente para Chrestien, agora estavam reagindo como qualquer outro homem normal quando pego no ato de admirar a esposa de outro. Desviaram o olhar em submissão à sua expressão de aviso.

Os dançarinos se afastaram do estrado. As mesas baixas foram limpas e desmontadas para abrir espaço para que os convidados dançassem. A lira foi acompanhada pelo alaúde, e os casais aglomeraram-se na pista de dança.

Weston ainda não tinha trocado uma palavra com Chrestien, e não seria o primeiro a quebrar o silêncio entre os dois chamando-o para dançar. Ela que

tomasse a iniciativa, ou nada feito. Não tinha sido ele a começar com a hostilidade, então não seria ele a terminar. Não estava acostumado às intrigas do coração.

Adelaine cutucou o marido, pedindo que Aleth tirasse sua irmã para a primeira dança já que Weston não o faria. Aleth se dirigiu a Weston por respeito.

Weston sorriu, mascarando a irritação quando anuiu sua aprovação.

— Sem dúvida — disse com cavalheirismo. Mas por dentro, ele fervilhava, ainda mais zangado consigo mesmo por não conseguir colocar um fim naquela charada ridícula. Ele observou Aleth conduzir sua esposa, graciosamente, em meio aos outros dançarinos, e rangeu os dentes. Por Deus, Aleth possuía sua própria esposa. Chrestien não precisava de mais atenção do que estava recebendo naquela noite.

Arriscou outra olhada na esposa, e um rosnado quase explodiu do seu peito. Ela e Aleth estavam rindo; sem dúvida, Chrestien estava contente por ele estar sentado sozinho. Weston desviou o rosto da pista de dança, alheio ao olhar de Adelaine, até deparar-se com seus reluzentes dentes brancos. Daí percebeu que era observado enquanto observava a esposa.

Será que ela estava rindo dele também?

Será que ela suspeitava da sua raiva?

Ele desviou o olhar por um instante para tirar o mau humor do rosto, depois tornou a olhar para Lady Adelaine. Dois podiam participar da brincadeira, decidiu ele, oferecendo o braço a Adelaine.

— Gostaria de dançar, milady?

Adelaine sorriu com doçura.

— Ah, não, milorde, mas fico agradecida. Veja... Acabei torcendo meu tornozelo. Mas Aleth não tomará Chrestien por muito tempo — prometeu.

Weston franziu o cenho com a resposta que recebeu.

— Mas milorde — aventurou-se ela a dizer. — Devo dizer que estou em débito com você por trazer minha irmã a Montagneaux. Estava sentindo muita falta dela. Nunca vivemos separadas, sabe? Até agora.

Weston forçou um sorriso.

— Ela está se divertindo tanto! Não concorda? Ela nunca viu essas coisas antes. Claro, nem eu, até casar com meu marido.

— Foi o que soube — disse ele, o tom cheio de sarcasmo.

Adelaine tornou o olhar para a pista de dança e sorriu ligeiramente.

— Ela fica tão bonita naquele vestido... e dança tão divinamente. Não concorda, milorde?

— É arrebatadora — respondeu ele, mas fez questão de inspecioná-la da cabeça aos pés, pois achou um tanto arrogante que Adelaine estivesse elogiando sua gêmea idêntica e queria que ela soubesse.

Percebendo que tinha basicamente elogiado a si mesma, as faces de Lady Adelaine ruborizaram.

Por fim, Aleth devolveu Chrestien à mesa. Adelaine levantou-se segundos depois da chegada deles.

— Você parece pálida — disse Aleth, imediatamente ao lado da esposa.

— Estou bem, meu marido. Só preciso de ar fresco. — Ela sorriu com doçura para Weston. — Se milorde Weston puder dar licença à minha irmã por alguns instantes.

— Claro — disse Weston entre os dentes.

Três artistas entraram no salão e Weston se virou para elas ao dizer:

— Na verdade, isso daria a Aleth e eu uma chance de... conversarmos.

— Claro que sim — disse Aleth com um sorriso ao sentar para apreciar as dançarinas também. Foi assim que Adelaine e Chrestien os deixaram: olhando arregalados para as mulheres escassamente vestidas que estavam se contorcendo feito víboras diante deles. Contudo, no instante em que ela e Adelaine deram as costas, o olhar de Weston acompanhou a esposa, e ele ficou olhando até que as duas irmãs desaparecessem pela porta.

Um rosto familiar se levantou e as seguiu. Weston cutucou o braço de Aleth, apontando para o homem antes que ele desaparecesse pelas imensas portas de carvalho.

— Quem é aquele?

— O escudeiro do pai delas.

Weston anuiu. Não o reconhecera, pois não via Aubert desde o dia em que os levou para Lontaine – para não mencionar o fato de que ele estava bem pior por causa dos trajes. Mas Weston foi imediatamente tomado por uma inundação de memórias desagradáveis: Aubert defendendo Chrestien na floresta, arriscando a própria vida. Aubert deitado perto de Chrestien na tenda. Chrestien deitada ao lado de Aubert na carroça, cobrindo-o de carícias.

— Aubert não é? — murmurou consigo mesmo.

Lá no pátio, Adelaine deu uma risadinha empolgada.

— Acho que está funcionando, Chrestien! Devia ter visto ele olhando pra você enquanto dançava! Pensei que os olhos fossem sair das órbitas. Espero que ele me perdoe, porque lhe provoquei bastante os nervos.

— Não se aflija, Adelaine. O Lobo Prateado é um cachorrinho. Já nem

acredito mais nas coisas que já ouvir falar sobre ele — confessou Chrestien. — Ele não fez nada além de coisas nobres desde a primeira vez em que o vi.

— Se ele é um cachorrinho, é porque você o domesticou. Acredite em mim. Esse homem é capaz de tudo o que se diz e mais!

Chrestien deu uma olhada questionadora na irmã.

— O que você sabe que eu não sei?

— Basta dizer que prefiro ficar nas boas graças dele.

Passos soaram de repente atrás delas. Chrestien girou, esperando descobrir que o marido a seguira.

— Aubert! — Ela se atirou nos braços do querido amigo.

Aubert a ergueu no ar, girando-a com alegria.

— Pensei que nunca mais fosse te ver! — disse Chrestien, beijando-o com firmeza no rosto. — Senti muito a sua falta — confessou ela.

— E eu senti a sua, petulante! Disseram-me que se casou com o Lobo de Henrique.

Chrestien deu um fraco sorriso.

— Sim, mas não foi escolha minha, nem dele, mas nos casamos.

— Não está contente? Minha mãe disse que você amava o bruto.

— Minha Nossa Senhora! Janelle não sabe o que se passa no meu coração!

Aubert deu uma risadinha perspicaz.

— Conhece minha mãe, Chrestien. Se ela enfiou na cabeça que você ama o patife... concordando ou não, é melhor dizer que sim.

Chrestien deu um sorriso torto e o abraçou de novo.

— Como senti a sua falta — repetiu.

— Foi o que disse, petulante, mas acho que não definiu de tanta saudade.

Aubert pegou Adelaine e Chrestien pela mão, puxando as duas para prendê-las num grande abraço.

— Se o pai de vocês as visse agora — disse ele com um sorriso. — Nunca as vi tão lindas!

— Ah! — Lembrando de uma coisa que queria ter mostrado mais cedo a Chrestien, Adelaine saiu do abraço, acenando para que Chrestien e Aubert a acompanhassem. — Venham, tem uma coisa que quero mostrar.

Chegaram a um pequeno jardim fechado, bem iluminado por pelo menos uma dúzia de tochas de piche. Quando Chrestien viu a duplicata exata das roseiras de Lontaine, quase desmaiou de alegria.

— Como você conseguiu?

— Aleth é muito, muito bom comigo, Chrestien. Só precisei dizer o quanto

aquele jardim significava para mim – para nós – e ele mandou seus homens construírem esse e trouxe para cá as rosas do herbário. Flora, a cozinheira, quase teve um ataque pelo que Janelle me contou, porque ela usa as rosas nas pomadas e como ornamento para seus pratos. Mas ela é bem-vinda a pegá-las daqui.

— Isso é lindo, Adelaine! E, ah! Você tem aquela rosa branca de que eu tanto gosto!

— Acho que é agora que devo me retirar. — Aubert sorriu e deu um beijo no rosto de cada uma antes de deixá-las.

Adelaine alargou o sorriso enquanto o olhava se afastando.

— Ele nunca teve estômago para conversa de mulher — disse ela. — De qualquer forma, veja, existe até uma réplica pequena dessa rosa. Venha — disse ela, pegando a mão de Chrestien e levando-a para outro jardimzinho elevado de onde arrancou uma minúscula rosa branca.

— Ah, Adelaine... Nunca vi uma dessas antes. É tão pequenina! — Chrestien estava impressionada com a miniatura de flor. Pegando-a da mão de Adelaine, levou a rosinha ao nariz, aspirando fundo seu perfume. — Como descobriu uma curiosidade assim?

— Foi um presente — disse, contente por deixar Chrestien tão maravilhada. — Do irmão de Aleth. Acho que ele conseguiu a rosa numa cruzada. Ele a trouxe para sua amada, mas, ah, ela o trocou por outro, então Rolfe a deu para mim como presente de casamento. E ele tem outra — disse Adelaine, observando Chrestien. — Uma vermelha. Ele prometeu que me daria. Quando a trouxer, vou dá-la a você como presente de casamento. Mas queria tirar uma muda primeiro, se você não se importar muito.

— Claro que não me importo! — O coração gentil de Adelaine não deixava de impressionar Chrestien. — Onde está Rolfe? — perguntou distraidamente, admirando a rosa em miniatura.

— Partiu pouco depois que Janelle e Aubert chegaram porque precisava resolver um assunto em Caen. Você deve conhecê-lo quando ele retornar — prometeu ela. — E aí lhe darei sua rosa.

CAPÍTULO TREZE



Virando-se da janela, Chrestien espiou a túnica que Adelaine retirou do baú – duas, na verdade, ambas de forte cor esmeralda, que faziam conjunto com vestidos de fina seda marfim. Um já estava disposto sobre a cama.

— Quantos conjuntos de vestido você tem? Nunca vi tanto luxo em toda a minha vida!

Adelaine corou.

— Foi como me acalmei assim que cheguei a Montagneaux. Senti muito a sua falta.

Chrestien compreendia, pois também tinha sentido a mesma dor da perda logo assim que se afastaram.

— Esses são seus para levar quando se for — disse Adelaine entregando-lhe um.

— Você é boa demais comigo. — Chrestien sorriu, estragando a repreensão. Então pegou o vestido e abraçou sua nova aquisição com alegria. — Será que Weston vai gostar desse?

Adelaine a fitou com adoração.

— Como não poderia? Você ficará deslumbrante nele.

— Sabia que ele não me disse uma única palavra, nem mesmo olhou para mim, nesses três dias? Ele vem tarde para a cama e sai antes que eu acorde.

— Eu costumo observá-lo, Chrestien. Quando acha que você não está vendo, ele olha para você com carinho. Ele te *quer* sim. Mas é teimoso demais, muito mais do que eu previ, e minha querida irmã, jamais imaginei que encontraria alguém mais teimoso do que você.

Chrestien fez cara feia.

— Acha que sou teimosa?

— Imagine! Essa é a pergunta mais tola que já ouvi. Mas tem que me prometer uma coisa... Se ele não ceder hoje, você *precisa* procurar por ele. Dói ver você tão infeliz e alguém precisa providenciar um gesto de boa vontade.

Devia ser ele, pensou Chrestien, mas cedeu:

— Está bem.

Adelaine sorriu radiante.

— Agora vá se vestir. Aubert está nos esperando no pátio com nossas montarias.

WESTON ASSISTIU A VISÃO diante dele se tornar cada vez mais clara.

Da entrada arqueada do salão surgiram sua esposa e a irmã. Em semelhantes vestidos esmeralda com mantos de veludo branco, elas bailaram pelo pátio. Não fossem pelos olhos ardentes, ele não distinguiria uma da outra porque o cabelo de ambas estava coberto por um capuz de veludo branco – mas os olhos diziam tudo.

Quando se aproximaram, Weston deu um passo adiante e tomou a mão de Adelaine, beijando-a com nobreza enquanto dizia:

— Você está adorável, *demoiselle*.

Adelaine curvou a cabeça.

Forçando um sorriso, sua esposa virou-se para montar no cavalo, mas antes que Weston pudesse ajudá-la, Aubert correu para junto dela. Weston rosnou descontente. Deus do céu, se ele estava pensando que ia acompanhá-las, teria que pensar de novo.

— Aubert, preciso de você aqui comigo — disse de maneira irascível.

Mesmo parecendo espantado, Aubert não discutiu. Aquiesceu ao pedido de Weston com um aceno da cabeça e foi para o lado dele observar as irmãs passarem a cavalo pelo portão. As duas foram acompanhadas por cinco dos guardas musculosos de Aleth.

Weston examinou o rapaz, notando com certo aborrecimento que ele manteve a atenção em sua esposa até ela desaparecer de vista. Assim que as duas sumiram, ele bateu nas costas de Aubert sem muita gentileza.

— Aleth me disse que você está procurando um lar para suas habilidades e eu estou precisando de um escudeiro. Está disposto?

— Mas já não tem um, milorde?

— Não. Guy é homem de Michel e já o dividimos por tempo demais. Perdi o

meu em Tinchebray — explicou Weston.

Um momento de silêncio se fez enquanto os dois homens pesavam suas perdas. Tinchebray havia mudado de maneira irrevogável suas vidas para sempre. Weston sabia que seria difícil para Aubert abraçar a oferta com entusiasmo, pois aceitá-la significava abandonar suas antigas lealdades. Contudo, ter ele por perto agradaria sua esposa e Weston poderia vê-la sorrir, apesar da solicitude de Aubert aborrecê-lo.

— Seria um prazer — insistiu ele. — Meu capitão ficará contente com a devolução de Guy. Além disso, Chrestien ficaria calma com sua presença. O que me diz?

Os dois trocaram um longo olhar, mas Aubert por fim cedeu:

— Eu ficaria honrado, milorde.

— Pois bem. Só tem uma coisa que quero que faça por mim, Aubert.

— Claro, milorde.

Weston o encarou enfaticamente.

— Fique longe da minha esposa.

O ar de surpresa no rosto do rapaz foi tão inesperado quanto a desafiadora linguagem corporal. Ele ergueu os ombros, pronto para a batalha.

— Não posso, milorde! Chrestien é minha irmã!

— Sua irmã? — A surpresa na voz de Weston pareceu ser encarada como um desafio, pois o rapaz ergueu o queixo e foi então que Weston reconheceu a semelhança nas feições.

— Eu tenho provas — disse o rapaz. — Caso queira confirmar.

— Quero, de fato — respondeu Weston, embora realmente não fosse necessário. De repente, muita coisa fez sentido. Uma sensação de alívio diminuiu a tensão em suas pernas.

Como prova, Aubert o levou até uma velha criada, cujos dentes retiniam enquanto ela revelava tudo.

— Sim, meu filho é prole de Gilbert de Lontaine... embora Gilbert nunca tenha reconhecido abertamente.

Weston franziu o cenho enquanto assimilava a confissão da criada, mas não disse uma palavra, deixando que ela continuasse.

— Considere, milorde. Ele fez do filho de uma criada um guerreiro. Será que isso não prova a verdade do que digo?

Ainda assim, Weston permaneceu em silêncio, considerando a confissão, examinando Aubert.

Uma expressão distante tomou os olhos da mulher, que voltou a falar.

— Gilbert nunca amou ninguém além de sua Elizabeth. Mas no fim... ele era um homem e eu, uma mulher... Ele foi muito bom comigo. Deixou que eu cuidasse livremente de Lontaine e confiou a mim a criação das suas filhas.

Os olhos da criada brilharam as lágrimas que lhe assomaram. Weston concluiu que já tinha questionado o bastante.

— Sossegue, mulher. Não precisa me contar o resto. Acredito em você.

O alívio dela ficou óbvio em sua expressão, mas então ela enrugou a testa e apertou as mãos com nervosismo.

— Mas Adelaine e Chrestien? Vai contar pra elas, milorde?

Weston suspirou enquanto ponderava a questão, mas no fim disse exatamente o que a mulher de aparência cansada esperava ouvir.

— Não, mas espero que você ou Aubert o façam de uma vez. Mas podem escolher um bom momento. Não farei interferências.

— Abençoado seja, milorde! Abençoado seja! Vamos contar assim que elas retornarem – eu juro!

O SOL já ia alto no céu de outono.

Era quase a hora sexta e elas estavam cavalgando pelos parques de Montagneaux há cerca de duas horas. Antigamente Adelaine já estaria cansada da excursão, por isso Chrestien se maravilhou porque a irmã não demonstrava nenhum traço de fadiga. Em vez disso, parecia se sentir tão revigorada quanto Chrestien. Aleth havia provocado muitas mudanças, e Chrestien não hesitou em confidenciar isso à irmã.

— Ele é bom comigo — confessou Adelaine. — Eu o amo. E por falar de amor... Viu a expressão no rosto de Weston? — perguntou. — Ele a reconheceu imediatamente, apesar dos vestidos parecidos. *Esse* é um homem que conhece e adora a esposa — garantiu.

— Você acha mesmo?

Adelaine anuiu com certeza.

— Quase ninguém consegue nos distinguir — disse ela. — Aleth consegue. Weston também e só tem olhos para você, Chrestien.

Chrestien suspirou. Mesmo que a irmã estivesse falando a verdade, ela não sabia como colocar um fim no desentendimento entre os dois. O silêncio dele a estava matando.

— Que felicidade a sua não ter a minha língua, Adelaine, porque essa maldita só me causa sofrimento.

— Sábio é o homem que consegue conquistar o homem...

— Sim, essa eu sei: e mais sábio ainda aquele que conquista a língua. Já escutei isso mil vezes, garanto.

— Ouvir sem escutar...

— Sim... sim... É comer sem mastigar... logo você se sufoca com as palavras negligenciadas. Chega, Adelaine! Antes que me deixe doida!

— Papai era um homem sábio — concluiu Adelaine. — Sinto muitas saudades dele.

— Eu também — concordou Chrestien. — Mais do que palavras poderiam dizer.

A melancolia sobreveio à admissão e, com pensamentos solenes, Chrestien refreou a montaria e olhou para o céu. Era um belo dia para cavalgar, embora isso lhe trouxesse muitas lembranças, pois seu pai as levava para passear. Às vezes, quando Chrestien cavalgava, ainda o sentia ao seu lado.

Adelaine parou ao lado dela, girando sua égua para encarar a irmã.

— Ah, Chrestien! Quero que tenha um casamento como o meu e quando você e Weston resolverem essa briga boba, oferecerei um casamento decente... aqui em Montagneaux.

Chrestien sacudiu a cabeça.

— Não. Ele nunca aceitaria, disso tenho certeza.

— Você tem um cérebro de ervilha! — disse Adelaine com uma risadinha. Aquele homem lhe daria qualquer coisa que quisesse. — Disso eu...

Um lampejo surgiu no horizonte, atraindo a atenção de Adelaine, que parou, inclinando a cabeça para examinar o clarão.

Chrestien espiou também, mas o brilho sumiu num instante. Notou que os guardas tinham dado pouca atenção. Na verdade, dois deles estavam se encaminhando para a floresta, então ela imaginou que deviam precisar se aliviar.

Cutucando o pé de Adelaine com o seu, Chrestien inclinou a cabeça, indicando uma brecha na floresta.

— Ali adiante é onde Weston e eu acampamos depois das nossas núpcias. Sempre me lembrarei daqui com afeto.

Chrestien suspirou saudosa.

— Foi o que você me disse, mas não imagino você deitada nua feito uma ninfa da floresta no chão – ainda mais na chuva fria! Essa não é a minha ideia de um encontro íntimo com o amado. Não, para mim é um quarto aconchegante iluminado com velas perfumadas e suaves palavras de amor.

Os olhos âmbar de Adelaine brilharam como ouro e sua felicidade estava

evidente no sorriso que daí veio.

Chrestien ficou feliz de ver a irmã tão satisfeita, mas enrugou o nariz em resposta à noção que Adelaine fazia de romance.

— Eu não teria nada disso com Weston — garantiu ela. — Mas eu não o desejaria de nenhum outro jeito.

Chrestien observou com curiosidade quando outro dos guardas foi para a floresta. Poucos segundos depois do desaparecimento dele, flechas voaram das árvores, atingindo os dois homens que ainda as vigiavam.

— Santa Maria! — Mal disse essas palavras quando viu a tropa se aproximando... poucos segundos antes de Adelaine avistá-los também.

— Não são homens de Aleth, Chrestien.

— E nem de Weston – venha comigo!

Chrestien girou a égua e seguiu para a floresta numa velocidade vertiginosa, enquanto o clangor de armaduras vinha logo atrás. Adelaine a seguiu, sem precisar de insistências. A mente de Chrestien estava disparada, procurando uma maneira de salvá-las, quando de repente lembrou-se do abrigo escondido que tinha compartilhado com Weston. Era a única chance, caso conseguissem chegar lá.

O retinido do metal chegava mais perto.

De repente, a floresta as cercou.

Chrestien não perdeu tempo verificando se Adelaine estava atrás dela. Sabia que ela estava. A árvore caída surgiu antes que Chrestien percebesse que ela estava ali. Sua montaria hesitou apenas um segundo antes de pular o obstáculo, ultrapassando o tronco morto com facilidade. Mas justo quando sua montaria tocou o chão novamente, ela quase foi atingida pelo galho de um velho carvalho. Ela o errou por pouquíssimos centímetros.

Mal houve tempo para sentir alívio. Um baque alto e nauseante a parou de imediato.

Adelaine!

Instintivamente, Chrestien soube que a irmã não tinha passado pelo tronco de carvalho e o pânico fincou domínio no seu coração. Girando a égua, ela viu Adelaine desabada sobre as folhas esmagadas, inconsciente, o sangue fluindo de alguma ferida escondida na cabeça. O sangue era tanto que Chrestien mal conseguia ver o rosto da irmã!

Sentiu um gosto amargo subir a garganta quando se jogou da sela. Caiu ao lado de Adelaine.

— Ah, Adelaine!

Em pânico, sacudiu o ombro da irmã. Implorando, ela gritou:

— Não! Ah, não, Adelaine! Não!

Vendo de repente o talho por onde a vida de Adelaine escapava, tentou estancar o sangue. Pressionando a mão contra o ferimento, viu horrorizada o sangue escorrer por seus dedos. Subitamente enjoada, observou com impotência o capuz de veludo branco que Adelaine vestia tingir-se de carmim.

Com o coração disparado, ela ergueu a irmã, sabendo que a qualquer momento os soldados as alcançariam. Com uma força que não sabia possuir, ela colocou Adelaine sobre seu próprio cavalo, deitada de barriga na frente do cepilho da sela.

A rugido de metal ficava mais intenso, então Chrestien deu um tapa na anca da égua da irmã, disparando-a na direção oposta ao abrigo. Daí, montando atrás de Adelaine, incitou sua própria égua na direção que era sua intenção original.

Em poucos instantes alcançou o abrigo e desmontou para guiar o cavalo para dentro, mantendo um olho vigilante às suas costas para ter certeza de que não estava sendo seguida.

Uma vez lá dentro, rasgou uma tira do vestido e o colocou entre o ferimento e o capuz. Poucos segundos se passaram antes que estivesse ensopado de vermelho, então Chrestien rasgou outra tira, apertando-a bem sobre a antiga.

Lágrimas escorriam por seus olhos enquanto ela beijava a testa de Adelaine, nublando-lhe a visão. Recusava-se a admitir qualquer coisa que não fosse a inconsciência da irmã – não podia perder tempo nenhum. Precisava encontrar um lugar onde pudesse espiar os soldados sem ser vista. Só aí poderia escapar e levar Adelaine para alguém que pudesse ajudá-la – alguém que com certeza não era ela, já que não havia aprendido nada da arte da cura, pois teve a estupidez de deixar essa tarefa asquerosa para Adelaine e Janelle.

Não demorou muito para que os cavaleiros armados retornassem para rastreá-la. Um tremor de reconhecimento percorreu-lhe a espinha quando percebeu uma figura inteiramente armada se aproximar.

Era o mesmo cavaleiro que a emboscou naquela primeira vez; não havia como se enganar. Havia algum símbolo vermelho adornando o peito coberto pela cota de malha, mas Chrestien não conseguia vê-lo inteiro por causa do escudo que o homem carregava. O escudo também portava um símbolo, talvez o mesmo que ele usava no peito, mas ela não conseguia distingui-lo. O elmo cônico era cortado na parte superior do rosto, expondo os olhos, e um arrepio passou por sua nuca ao examinar a escuridão deles.

Onde tinha visto aqueles olhos antes?

Tinha visto na outra vez na floresta, disso estava certa.

Seu coração parou quando percebeu que ele estava olhando diretamente na direção dela. Um tremor passou pelo corpo de Chrestien ao ver metade de uma sobranceira maldosa ser erguida.

Ela quase saiu em disparada do esconderijo, mas o medo a manteve presa ao lugar. Foi uma coisa boa, pois apesar de parecer que tinha sido descoberta, o homem se virou abruptamente e desapareceu adentrando mais a floresta.

Ela conseguia distinguir pedaços de seus resmungos... *desgraçada... escapou de novo... vadia...*

Onde tinha ouvido aquela voz antes?

Cada parte do corpo de Chrestien ganhou vida, ardendo de vontade de gritar, correr, alguma coisa, qualquer coisa! Mas ela não fez nada. Permaneceu parada naquele lugar.

Outro cavaleiro aproximou-se do primeiro, aparentemente vindo do nada. E quando começaram a cavalgar juntos, afastando-se de Montagneaux, Chrestien soube que essa seria sua única chance de escapar.

Era óbvio que ele não tinha caído no embuste e era apenas questão de tempo antes que vasculhassem todos os bosques adjacentes aos parques de Montagneaux. A hora de fugir era agora, enquanto os homens estavam separados. Uma vez que se reunissem novamente para vasculhar, seria tarde demais.

Pegando a égua já nervosa pelas rédeas, avançou devagar, o mais silenciosamente possível, na direção da abertura na vegetação. Uma vez lá, Chrestien examinou a área procurando algum sinal de seus atacantes. Quando não viu nenhum sinal deles, com uma pontada de angústia, firmou o corpo inerte de Adelaine no cavalo, remontou e encaminhou-se para a clareira.

A cobertura das árvores deu lugar para o familiar céu azul, mas o rastro de gritos atrás dela assegurou-lhe que tinha sido vista. Não perdeu seus preciosos segundos olhando para trás, pois sabia que estava sendo perseguida.

Tudo o que podia fazer era manter a égua assustada galopando naquele ritmo extenuante, mas sentia que o animal estava tenso como se prestes a pinotear. Debruçando-se, Chrestien sussurrou palavras desesperadas de elogio à égua, esperando tranquilizá-la, enquanto o corpo de Adelaine escorregava de lá para cá, ameaçando cair do lombo do animal.

Minha nossa, Adelaine! Ela estava tão branca quanto um pergaminho novo – e coberta com o próprio sangue!

O retinido de metal era um rugido nos ouvidos de Chrestien, que imaginava o

bafo quente do demônio atingindo sua nuca.

Por um instante, virou-se para olhar para trás e surpreendeu-se ao deparar-se com aqueles olhos tão próximos. Podia ver a cor deles: olhos negros, furiosos, insanos.

Não mais do que de repente, outra emoção se registrou neles e, se Chrestien já não soubesse que o homem estava atrás dela como na outra vez, teria jurando que os olhos dele expressavam surpresa. Daí o ele fez uma coisa pela qual ela não esperava. Quando Chrestien quase pôde sentir o braço dele se esticando para agarrar suas rédeas, o homem refreou e parou de persegui-la.

As torres do castelo de Montagneaux estavam à vista. Rolfe refreou o cavalo, a mão segurando firme o escudo que carregava – tão firme que os nós dos dedos cerrados ficaram brancos sob a malha.

A surpresa trabalhou contra ele. Tendo visto o rosto da mulher ferida sobre as espáduas do cavalo, não esperava ver o mesmo rosto assustado olhando para ele, o que o enervou. Sabia que eram gêmeas, mas jamais lhe ocorreu que fossem gêmeas idênticas. Quando se recuperou do choque, era tarde demais. Não ousou ficar ao alcance da visão da guarnição militar. Na situação em que estava, tinha se arriscado ao subornar os homens enviados para proteger as malditas mulheres.

A voz de Rolfe ficou embargada pela raiva.

— Acho que era Adelaine... Ela me viu – maldita seja!

Rangendo os dentes, atirou o escudo contra o homem mais próximo, quase atingindo o rapaz na têmpora.

— Maldita seja essa vadia!

Maldita seja – maldita, maldita, maldita!

Adelaine agora teria que morrer, ele não podia correr riscos. Deixou voar outra saraivada de maldições e virou com raiva o cavalo, dando as costas para o castelo de Montagneaux, as veias no pescoço pulsando de um jeito que pareciam prestes a explodir.

Mas e se fosse Chrestien? Nesse caso, se aquela que se virou para olhá-lo fosse Chrestien, ela não o reconheceria.

— Gervais... Volte para Montagneaux e descubra o que Adelaine sabe.

Gervais assentiu.

— Mas não vá antes do anoitecer — acrescentou, para em seguida berrar: — Aquela vadia tem mais vidas que o espírito de Satã!

Rolfe se virou na sela para observar o escudo caído, e Gervais fez o mesmo.

— Devo pegá-lo, milorde?

A profunda e inesperada risada de Rolfe soou pela campina, e foi como se

nuvens escuras surgissem de repente no horizonte.

— Não. Não fui tolo de usar o meu — disse, abrindo um sorriso.

Era o escudo do mais confiável conselheiro de Aleth, Roland le Blanc. Le Blanc finalmente receberia o que lhe era devido. O desgraçado tinha conseguido adiar sua execução por tempo demais. Na noite anterior à batalha em Tinchebray, ele havia abandonado o acampamento e partido em busca de Aleth. Tinha sido uma aflição enorme para Rolfe saber que Roland havia alcançado seu irmão primeiro.

Será que Roland tinha escutado quando ele e Gervais estavam fazendo planos? Será que tinha alertado Aleth?

Não, senão Aleth já o teria confrontado com as acusações: seu querido irmão teria lhe dado a chance de negar as alegações feitas contra ele. Sua honra era impecável. Não, Aleth não suspeitava de nada.

E Roland provavelmente também não, pois era um homem estúpido demais para conjecturar qualquer coisa.

— Deixe aí — ordenou. — Com um pouco de sorte, ele será encontrado e outro de nossos obstáculos será removido.

CAPÍTULO CATORZE



Pe la graça de Deus, o portão estava aberto para recebê-las. Chrestien passou em disparada, desmontando diante da fortaleza. Foi como se todos dentro das muralhas do castelo de Montagneaux se aglomerassem imediatamente ao seu lado.

Com a ajuda de um guarda do castelo, Chrestien puxou Adelaine da montaria; enquanto isso, as lágrimas corriam por suas bochechas. Quando Aleth veio do salão, ela correu até ele.

Weston viu quando Adelaine correu até Aleth, abraçando-o com força.

Com um nó na garganta, seu olhar se cravou inevitavelmente na esposa, que estava deitada sobre o pavimento de pedras. O corpo jazia sem movimento, os braços estendidos estavam estáticos e o pescoço estava inclinado numa posição apavorante – parado num ângulo impossível. O instinto de guerreiro lhe disse que o pescoço estava quebrado, e tal constatação irrompeu com uma claridade nauseante. O coração dele explodiu do peito quando correu até Chrestien, tomando o corpo inerte nos braços. Ele não conseguia conter a dor, que estava atingindo um peso insuportável, ameaçando esmagar seu coração.

Uma lágrima solitária e silenciosa escorreu pela bochecha enquanto Weston admirava o rosto angelical diante de si. Os olhos dela estavam fechados. Apesar do rosto coberto de sangue, Chrestien estava linda como sempre.

Destroçado, ele se inclinou para beijar os lábios da esposa, afastando-se com o rubi do sangue nos seus.

Sabia que ela estava morta – já tinha visto a face da morte inúmeras vezes para reconhecê-la.

LÁGRIMAS ESCORRIAM DOS olhos de Chrestien ao abraçar Aleth.

— Adelaide! — Ela mal conseguia falar. — Ela caiu!

A confusão turvou a mente de Aleth enquanto olhava para a mulher diante de si. Os olhos eram profundos e escuros, não eram os doces olhos cor de mel que aprendera a amar.

O pavor tomou conta dele. Lábios familiares estavam se movendo, mas ele não conseguia ouvir o que ela dizia... os olhos não eram aqueles que ele conhecia...

Em algum momento de sua confusão, Aleth percebeu Weston passar por ele, carregando Chrestien para o salão. Mas não era Chrestien quem ele carregava, pois Chrestien estava ali diante dele agora. Empurrando-a para o lado sem muita gentileza, ele foi atrás de Weston... e sua esposa.

O PEITO DE WESTON INFLOU, esforçando-se para buscar ar que lhe sustentasse. Ele a deitou sobre uma mesa e esforçou-se para ouvir o coração. Mas não ouviu nada, exceto as batidas do seu próprio coração. Pressionou a bochecha na dela, esperando sentir a respiração no rosto. Foi quando sentiu Aleth ao seu lado, mas não conseguiu erguer o olhar para reconhecer sua presença.

A bochecha estava junto do nariz ensanguentado, mas por mais que rezasse fervorosamente em seu coração, Weston continuava sem sentir a respiração dela. Sentindo-se perdido, deixou o rosto dela escapar de suas mãos calejadas. Com o coração partido, permitiu que Aleth tirasse o corpo dela de seu abraço.

Aleth tomou o corpo inerte dos braços de Weston e o abraçou forte. Enquanto isso, em algum lugar ao longe, ele ouvia uma mulher berrando – ou será que os gritos eram dele?

Não, eram os gritos de uma mulher.

Sentia-se atordoado e não conseguia identificar a origem, pois parecia que sua própria alma estava berrando também.

Entorpecido, tentou acalmar a atormentada Adelaide, mas ela não reagia. Os berros de lamento estavam torturando sua alma. Ele sacudiu a mulher enlouquecida até quase esmagar-lhe os braços. Ainda assim, ela não parava e aquela voz era como uma adaga fatiando seu cérebro!

Maldito Aleth, deveria estar confortando a própria esposa!

Por um instante, em seu atordoamento, Weston não conseguiu enxergar as feições dela. Mas por fim se concentrou naqueles angustiados olhos escuros. Eles

eram escuros, notou ele – escuros. Os de Adelaine eram âmbar.

A mulher diante dele era Chrestien.

De repente, as pálpebras dela fecharam e o berreiro cessou quando ela desabou em seus braços.

O BELO CÉU azul traía o dia, pois era um dia negro – tão negro quanto os olhos do demônio que colocara sua irmã naquele lugar.

O padre pronunciou suas palavras sagradas e o caixão foi descido sem qualquer cerimônia ao chão.

Atordoadada pela dor, Chrestien pegou um punhado das pequeninas rosas brancas que sua irmã tanto amava e salpicou-as sobre o caixão.

Assim que pudesse, plantaria as rosas no túmulo dela. Adelaine teria gostado, disse ela tinha certeza. E quando Rolfe trouxesse as rosas vermelhas, ela as colocaria ali também. Sim, ela pediria a Aleth que lembrasse seu irmão do presente prometido.

Chrestien sentiu vagamente a pressão esmagadora das mãos de Weston em seus ombros, sentiu vagamente que ele a afastava da terra que estava sendo jogada de volta ao chão úmido, enterrando consigo parte dela.

Era tudo culpa dela, Deus do céu. Adelaine era uma inocente! Como poderia ela agora ficar debaixo do chão frio?

— Não — sussurrou, com desalento. Era a primeira palavra que pronunciava em dois dias – os dois dias mais longos da sua vida. Um peso estava alojado em seu peito de uma maneira que jamais havia sentido antes.

Era como se parte dela tivesse morrido com Adelaine... E tinha, já que Adelaine era mais do que uma irmã... Era sua amiga também. Não, ela era muito mais do que isso; era metade do seu corpo, da sua mente, da sua alma.

— Não! — chorou, livrando-se de Weston e caindo no chão, os dedos agarrando a terra enquanto soluços torturados sacudiam seu corpo.

Quando Weston tentou erguê-la do chão, Chrestien afastou-lhe as mãos.

O toque dele a traria de volta à realidade, e ela não queria voltar para lá... não sem a irmã.

Aubert aproximou-se e pôs suas mãos no ombro de Chrestien. E como Chrestien não o afastou, ele ergueu o rosto dela carinhosamente e limpou com delicadeza a terra úmida que ali estava.

— Venha, Chrestien... Preciso de ajuda para aliviar o peso no coração, porque ela era minha irmã também.

Era a hora de contar, concluiu ele.

O que Chrestien mais precisava agora era a proximidade de alguém da mesma carne e sangue. Ela havia amado muitíssimo a irmã e agora, sem Adelaine, Chrestien não se sentia mais inteira. Aubert entendia isso tão bem quanto a sua própria dor.

Ver o pai tombar em batalha, sem jamais chamá-lo de filho, causara-lhe muito pesar. Mas ver Adelaine enterrada em solo sagrado... Aquela cruel irrefutabilidade era de esmagar o coração. Seu dever agora era ser um irmão para Chrestien, mesmo que ela não soubesse que possuía um.

CHRESTIEN OLHOU NOS olhos do irmão e soube que ele dizia a verdade. O cabelo dourado e a postura orgulhosa proclamavam sua herança viking – as feições eram bem parecidas com a de seu pai. Fazia muito tempo que ela suspeitava disso, mas ver o sofrimento nos olhos de Aubert confirmou tudo. Deixou que ele a erguesse do chão, tombando nos braços dele, soluçando; pelo pai, pela irmã, e pelo irmão que Deus tivera a misericórdia de lhe conceder.

Por fim, quando as lágrimas cessaram, ela olhou no rosto sofrido de Aleth. Ele parecia ter envelhecido da noite para o dia. Linhas finas enrugavam seus olhos, feito pequenos pés de passarinho, e no rosto pálido estava vincado uma testa permanentemente franzida. Que crueldade receber o gostinho do verdadeiro amor e vê-lo tomado dentro de um período tão curto.

Aleth estendeu a mão para Chrestien, que foi até ele, abraçando-o com toda a energia que tinha, dando-lhe sua força, sua raiva e, no fim, suas palavras de carinho.

— Você a amou, eu sei, e fico muito grata por isso, Aleth.

A voz dele estava rouca de emoção.

— Era fácil amá-la.

Lágrimas ardentes escorreram pelo rosto dela.

— Isso é verdade.

— Mesmo que ela tenha vindo até mim há pouco tempo, jamais esquecerei...

— A voz de Aleth sumiu, e ele demorou um tempo para se recompor. — Jamais apagarei a memória dela do meu coração, pois foi como se ela estivesse comigo desde sempre. Meu único conforto agora... é saber que o assassino pagou por seu ato de traição.

Os olhos de Chrestien buscaram os dele.

— Você sabe quem foi?

Aleth acenou com a cabeça, o queixo tenso.

— O escudo dele foi encontrado onde meus homens disseram que ele desistiu da perseguição.

— Então ele está morto? — Chrestien queria ouvir que ele tinha sofrido, que tinha morrido sem piedade.

Os olhos de Aleth eram poços de lamento, transbordando com uma emoção que mal lhe permitia falar.

— A justiça foi feita. — Foi tudo o que ele conseguiu dizer.

Virou o rosto e Chrestien entendeu que ele nãoalaria mais no assunto. O queixo estava apertadíssimo, os olhos se tornaram adagas. Por um breve instante, surgiu o indicio de algo mais, o relance de outra pessoa, e ela estremeceu só de pensar. Sabendo que ele não lhe daria ouvidos, ela assentiu em aceitação, e finalmente buscou por Weston.

Ele estava afastado dos outros, deixando que lamentassem sem distrações. Mas havia tristeza nele também.

Chrestien foi até o marido, colocando a mão na dele, já que ele havia desviado o olhar. Com carinho, beijou-lhe os dedos. Quando olhou nos olhos dele, viu tanta compaixão ali que se perguntou como poderia sequer duvidar dele.

Levaria tempo, ela sabia, mas valeria a pena domar o Lobo, pois aquele homem só entregaria seu coração uma vez. Seu pai costumava dizer que algo de valor nunca se é fácil de conquistar.

Ela observou Aleth tomar sua montaria na direção de Montagneaux, daí voltou o olhar para a sepultura recente. Agora todos haviam partido, exceto por Aubert e Weston, então Chrestien acenou para os dois indicando que partiria também.

Weston montou seu corcel. Aubert elevou Chrestien aos braços de Weston, depois montou seu próprio cavalo.

Uma vez sentada no corcel preto, a mão de Chrestien procurou pelo braço de Weston. Sem perceber, ela cravou as unhas na carne dele.

Weston parecia saber instintivamente que ela não estava pronta para ir, então ficaram parados ali por um longo tempo: Weston com o braço em sua cintura, Aubert com a cabeça baixa em oração, e Chrestien olhando sem expressão para o túmulo da irmã.

Uma brisa mordaz arrancou o capuz da cabeça de Chrestien. Ela estremeceu, mas não o recolocou. O inverno estava chegando. Seria o primeiro sem seu pai e Adelaine.

Sua irmã sempre amou o inverno, escrevia em seu pequeno livro sobre sua

beleza, encontrando maravilhas em tudo que ele tinha a oferecer: um bando de pássaros anunciando o fim do outono, um açafreão solitário erguendo sua cabeça florida na neve. Mesmo no cenário morto e sem cor do inverno, Adelaine conseguia enxergar glória... pois, dos parques galhos de vegetação abatida pelo inverno, surgiam as flores da primavera.

Uma lágrima solitária desceu pela bochecha de Chrestien, que olhava para o solo revolvido recentemente quando levou os dedos aos lábios e disse:

— A ti entrego minha canção, junto com a de Deus, para que se erga até as estrelas e ecoe no vento. De ti me despeço com meus dedos nos lábios e a ti envio meu beijo para que seja levado até tua alma em pétalas ao vento... Viu, Adelaine... Eu me dediquei a ler, mas foi a sua prosa que me comoveu... Eu te amo.

Ela beijou as pontas dos dedos e os estendeu para a leve brisa. Em resposta, o vento veio e os soprou.

— Adeus, irmã — sussurrou ela depois disso.

NÃO HAVIA NENHUMA VELA ACESA, mas a lua cheia iluminava suficientemente bem o quarto para que Chrestien soubesse que estava sozinha. Um pouco desorientada por causa do longo sono, levou um instante para perceber que estava em seu quarto em Lontaine.

A cavalgada desde Montagneaux a cansou mais do que havia imaginado, pois chegaram em Lontaine perto da nona hora e ela pensou em tirar apenas um pequeno cochilo. Aquele cochilo havia se transformado num sono pesado que se estendeu por horas.

Weston cavalgou num ritmo rápido e intenso. E aquilo serviu muito bem a Chrestien, pois ela ansiava por estar onde estavam as preciosas lembranças da irmã.

Aleth fora bem gentil, oferecendo o conforto de Montagneaux até que se fizessem os preparativos para o retorno deles a Lontaine. Mas Chrestien precisava ir para Lontaine, então ele e Weston compreenderam.

Ela tinha dormido um pouquinho nos braços do marido enquanto estavam cavalgando, mas não foi nenhum sono reparador, pois foi assombrada por pensamentos sobre a irmã. Sentindo o inchaço nos olhos pela primeira vez, pressionou os dedos na área irritada. Janelle teria que preparar uma compressa de ervas para diminuir o inchaço. A doce ama tinha retornado com eles e, aparentemente, Aubert tinha aceitado uma posição na guarnição de Weston.

As brasas cintilantes no braseiro davam à sua metade do quarto uma sensação de calor, mas, quando ela foi à janela do outro lado do cômodo, foi atingida pela sensação gelada do ar. Destrancou com agilidade as venezianas e olhou para o pátio lá embaixo.

Nenhuma alma se mexia no pátio e, a julgar pelo céu, ainda faltavam algumas horas para o nascer do sol. Mas ela não estava com sono nenhum. Só que Chrestien também não ousava deixar o quarto porque não queria acordar Janelle, que poderia estar dormindo na antecâmara.

A passagem de Adelaine também foi difícil para Janelle e Aubert. Ela se encolheu, lembrando das lágrimas de Aubert. Ela nunca o tinha visto chorar antes. Mesmo quando criança, quando caiu do cavalo de Chrestien e quebrou o braço, ele não deixou cair uma única lágrima. Quando Janelle rearranjou o osso quebrado, ele apenas fez uma careta, olhando para seu pai durante o tempo inteiro. E quando seu pai sorriu com aprovação, Aubert abriu um grande sorriso em resposta.

Agora estava claro para ela que Aubert sempre soube que compartilhavam o mesmo sangue. Era notável que jamais tivesse demonstrado a mínima amargura quanto a ela ou sua irmã, pois, dadas as mesmas circunstâncias, Chrestien não teria sido tão graciosa. Mas parecia que Aubert tinha amado o pai de verdade.

Ela deu um pesado suspiro.

O passado não podia ser mudado, por mais que ela quisesse.

Ombros caídos, ela refez o caminho até a cama, desabando nela de qualquer jeito. Começou a puxar a coberta sobre si quando de repente sentiu uma grande vontade de estar com Weston. Era engraçado como às vezes simplesmente sentia essa vontade. E de repente, nem o medo de acordar Janelle foi suficiente para mantê-la no quarto.

Uma rápida espiada lá fora mostrou que Janelle estava mesmo na antecâmara, mas a criada nem se mexeu quando ela abriu a porta – prova de seu cansaço.

Mesmo que estivesse escuro, Chrestien não precisou de vela para achar seu caminho na pequena fortaleza. Podia fazê-lo de olhos vendados – e chegou aos aposentos do pai, no andar de baixo e atrás da partição telada no salão em que não havia uma alma acordada.

Quando chegou em Lontaine, ela só queria a solidão, mas agora precisava subitamente dos braços fortes do marido ao seu redor. Esgueirando-se na cama para junto de Weston, tomando o cuidado de não acordá-lo, ergueu-lhe o braço e adentrou seu bem-vindo calor.

Não foi surpresa os olhos ficarem tão pesados quanto chumbo, forçando-a a fechá-los e cair no sono.

CHRESTIEN ABRIU OS olhos e encontrou o marido admirando-a.

— Bom dia, querida.

— Bom dia — murmurou ela, sorrindo. Ele era tão bonito... E quando a olhava daquele jeito, seu coração falhava uma batida.

— Fiquei espantado de encontrá-la aqui — disse ele, afastando uma mecha de cabelo do rosto dela.

— Prefere que eu durma na minha própria cama? — perguntou Chrestien, começando a se levantar.

Ele lhe enroscou a cintura com o braço e a puxou para perto com firmeza, os lábios roçando os dela, tão delicados que o coração de Chrestien flutuou com a carícia.

— Você — disse ele, sorrindo languidamente — não vai a lugar nenhum, meu amor.

Ela não conseguia deixar de admirar o sorriso dele. Esticou as mãos para alisar o prateado das têmporas, e Weston a puxou ainda mais, os olhos azul-acinzentados ardendo enquanto a observava.

— Você não me parece tão velho — provocou ela.

Ele ergueu a sobrancelha.

— Se já não tivesse os cabelos prateados, essa última provação teria me envelhecido da noite para o dia — jurou ele.

— Sinto muito.

Ele a apertou com carinho.

— Não peça desculpas. Eu é que deveria lamentar tudo o que aconteceu entre nós. Eu deveria estar com vocês naquele dia.

Chrestien sacudiu a cabeça.

— Você não poderia adivinhar.

Weston assentiu, mas disse após um instante:

— É por isso que me chamam de Lobo Prateado, sabe? Meu cabelo.

Chrestien sorriu com malícia.

— *Não foi* o que eu soube — retrucou com travessura.

— É? E o que foi que soube? — desafiou ele com brandura.

Chrestien encolheu os ombros, afastando-se um pouquinho, pensando nas palavras de Michel: que sua proeza no campo de batalha só deixava a desejar à

proeza com as damas.

— Acho que não preciso revelar tais coisas para você.

Ele a puxou de volta.

— O passado agora ficou para trás — jurou. — *Você* é minha esposa.

Chrestien queria ouvir que ele a amava também, mas sabia que era cedo demais para ele conseguir tanto. Um arremedo de sorriso iluminou-lhe os lábios, mas desapareceu com a mesma velocidade.

— Que pensamentos produzem esse sorriso tão melancólico? — perguntou ele baixinho.

— Só estava me lembrando do dia em que partimos para Montagneaux — Adelaine e eu. — Ela enxugou uma lágrima fujona. — Se eu pudesse reviver aquele dia, não teria feito com que ela partisse tão depressa.

— Ela estava feliz — disse ele, e Chrestien sabia que era verdade. Ainda assim, aquilo não aliviava a terrível dor em seu coração.

— Você nunca me contou como decidiu apresentar Adelaine a Aleth. Foi uma solicitação do seu pai?

Chrestien sacudiu a cabeça.

— Não, foi ideia minha — admitiu tranquilamente. — Mas papai tinha laços com Aleth.

— Foi o que presumi, o que torna ainda mais difícil acreditar que Aleth não sabia que seu pai tinha filhas gêmeas. Ele nunca veio a Lontaine?

— Não muito, mas veio. Mas parece que papai costumava visitá-lo para evitar que nós duas ficássemos na presença dele. Acontece que eu ouvi uma discussão entre os dois uma vez. Papai queria que Aleth se casasse com Adelaine, mas Aleth já estava comprometido com outra. Ele recusou, e os dois ficaram sem se falar por anos.

— E ainda assim Aleth casou com sua irmã? O que aconteceu com a mulher com quem ele estava comprometido?

Chrestien deu de ombros.

— Parece que Lady Gwynith desapareceu misteriosamente. Papai ajudou nas buscas, mas não acharam rastro dela. Dizem que ela saiu um dia para dar esmolas aos pobres e não retornou — e jamais foi encontrada.

Os olhos de Chrestien de repente arderam com as lágrimas que assomaram.

— Depois de tudo, acho que Aleth só se casou com Adelaine por causa do meu pai... Mas acho que ele aprendeu a amá-la. Ele estava tão triste quando partimos de Montagneaux. Não estava?

Weston parecia distraído.

— Qual era a família dessa Gwynith?

— Tantas perguntas. No que está pensando?

— Nada — disse Weston. — Só estava curioso para saber qual era a família dela, é uma história interessante.

Weston não queria alarmar Chrestien alardeando seus temores. Ela acreditava que seu atacante estava morto, então, enquanto ele não tivesse provas, não diria nada que inferisse o contrário. Mas havia algo de errado em Montagneaux, disse Weston estava certo. Sua esposa fora atacada duas vezes bem perto de seus portões.

— Acho que o pai de Gwynith era o capitão de Aleth... Roland le Blanc — revelou ela. — Dizem que a filha dele era belíssima, mas devo admitir que nunca a conheci. Entretanto, papai disse que Aleth estava impressionado com ela... tanto que nem se importava com o fato de ela não ter dote ou título.

Weston enrugou a testa, recordado a expressão de Aleth quando seus homens lhe mostraram o escudo que descobriram. Foi infelicidade Roland entrar no salão naquele momento. Tão cego de fúria estava Aleth naquela hora que nem permitiu que o homem se pronunciasse em sua defesa.

Mais tarde, Aleth parecia estranhamente distante do assunto, mas não deu nenhuma explicação para sua precipitação, exceto dizer que sempre teve dúvidas. Aquela afirmação em si oferecia pouco esclarecimento, mas o relato de Chrestien lançava certa luz no caso. Parecia que o capitão devia culpar Aleth pela morte da filha. Mas no entendimento de Weston, a acusação em si não era um crime. Devia haver mais coisas na história, senão Aleth não teria lhe dado *le coup de grace* tão fácil.

O que era ainda mais intrigante, pois Aleth não parecia do tipo que julgava tão rápido e injustamente. E não permitir que um homem se defendesse era de fato injusto. O que mais teria ocorrido entre os dois para selar o destino do homem? Era uma pergunta que deveria ser ponderada ainda. E, de alguma forma, Weston sabia que o responsável pelo desaparecimento da moça era também responsável pela emboscada de Chrestien. Se, de fato, Le Blanc era responsável, então não tinham nada com o que se preocupar... ainda assim, Weston se sentia incomodado.

Chrestien levantou da cama. Indo até a janela, destrancou as venezianas. Em sua camisola, ela ficou assistindo o nascer do sol da janela aberta. A manhã ainda retinha o frio da noite em sua neblina.

Deitado na cama, os braços cruzados atrás da cabeça, considerando tudo o que tinha descoberto, Weston pensou que nunca vira visão mais sedutora que a

esposa. O cabelo estava afogueado pelo suave brilho do sol, e com a camisola de linho branco oscilando gentilmente sob a brisa da manhã, Chrestien parecia um anjo saído dos seus sonhos.

A dor na virilha assegurou que ele não estava sonhando, então se levantou da cama para recuperar sua sedutora esposa. Tomando-a nos braços, Weston a carregou de volta para a cama.

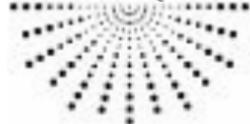
Chrestien abriu a boca para protestar, mas ele a silenciou com um beijo longo e insistente. Os lábios dele esmagaram os dela com o fervor da necessidade. Quando os braços dela buscaram o pescoço do marido por conta própria, ele exigiu:

— Diga que me ama, Chrestien... Que quer só a mim.

— Eu só quero você — jurou ela.

Ele rosnou de satisfação e debruçou-se para beijar-lhe a boca naquele ritmo lento que previa que outros prazeres estavam por vir...

CAPÍTULO QUINZE



— Por que não me contou? — perguntou Chrestien.

Claro que Janelle sabia do que ela estava falando, já que cedeu de imediato.

— Era o desejo do seu pai. Ele temia que vocês acreditassem que ele tinha desonrado a memória da mãe de vocês... e eu era uma mera criada.

Chrestien foi até o toucador, pegando um pente de prata. Ela o passou com cuidado pelo cabelo úmido e embaraçado.

— Meu cabelo cresceu — disse distraidamente, incerta do que falar em seguida. Mas ousou perguntar: — Você amava papai... não amava?

— Sim — respondeu Janelle sem hesitação, os olhos úmidos de lágrimas por cair. — Por favor, não me julgue por isso, Chrestien. Eu o amava demais.

Chrestien esticou os braços, chamando Janelle para seu abraço.

— Você sempre foi uma mãe para mim. Meu único pesar é que Adelaine não tenha sabido também. Teria sido maravilhoso compartilhar isso com ela.

Janelle esfregou os suaves olhos castanhos com seus dedos gordos e segurou a mão de Chrestien com a sua.

— Seu coração é bom e verdadeiro, Chrestien.

Lágrimas surgiram nos olhos de Chrestien.

— Não tão bom e verdadeiro quanto o da minha irmã. Sentirei falta da gentileza dela na minha vida — confessou. — Ela era a minha outra metade, Janelle. Era o que nunca consegui ser. O que me faltava, ela possuía.

Janelle a fitou com olhos amorosos.

— Pode ser verdade, criança. Mas nem tudo está perdido, porque Deus te deu alguém para amar. Pode não ser a mesma coisa, mas você agora deve colocar

seu coração nas mãos do seu marido.

Chrestien anuiu já que, de qualquer forma, já o havia feito.

Janelle lhe lançou uma olhada preocupada.

— Vá se arrumar — disse. — E agora seja forte, minha criança. Um mensageiro veio anunciar a chegada do rei Henrique.

Por que o rei Henrique se importaria com Lontaine?

Mesmo fazendo a si mesma a pergunta, Chrestien lembrou quem seu marido era: o favorecido Lobo Prateado do rei. De certa forma, ela já não o enxergava mais como o guerreiro temido e impiedoso. Mas ele era, mesmo assim.

Lembrando-se do dia em que o conheceu, confessou a si mesma que não teve esses mesmos pensamentos. Os olhos dele eram violentas chamas azuis, sombrias e abrasadoras – e ela sentiu um estremecimento ao pensar nele naquela maneira. Outra coisa para detestar em Henrique: tornar seu marido um carniceiro sanguinário.

Mas em pouco tempo ela seria obrigada a receber aquele homem detestável na casa de seu pai. Que irônico que a mesma pessoa que causou a morte de seu pai fosse agora ser entretida e lisonjeada no amado salão de seu pai! Ainda mais detestável era o fato de que Weston cederia a seu suserano o melhor cômodo que Lontaine tinha a oferecer para o uso do rei – os aposentos de seu pai – pois era assim que as coisas funcionavam.

— Ah, papai — sussurrou —, eu sinto muito.

Precisava mais do que nunca da irmã agora, mas isso jamais aconteceria de novo. Não havia como Weston sequer compreender como ela se sentiria com aquela situação, mas resolveu procurá-lo mesmo assim, esperando fazer com que ele compreendesse.

— As muralhas estão, de fato, bem mantidas — concordou Weston.

Aubert parecia orgulhoso por aceitar os elogios ao pai e continuou a ressaltar a engenhosidade de Gilbert.

— Gilbert era bastante detalhista, como eu disse. O castelo é modesto, mas bem-protegido. — Ele apontou para o horizonte, movendo a mão para denotar todo o parque. — Se verificar, não há árvores a menos de duzentos metros das muralhas... E a fortaleza também está numa altura que torna fácil utilizar as seteiras da torre com segurança – assim não colocamos em perigo nossos homens em batalha armada embaixo. Também não perdemos inúmeras flechas para as árvores que abrigam o inimigo.

— Homem sábio — concordou Weston, mas se a fortaleza fosse sua, teria construído uma cortina dupla, parecida com a que Aleth tinha empregado. A

exterior seria mais baixa, ficando bem abaixo do muro interno, que contaria com uns bons dez metros ou mais, o que lhe ofereceria dupla proteção contra intrusos.

— Claro, o fosso está seco agora, mas só porque foi esvaziado para limpeza justo antes... — Ele encarou Weston com cautela e então acrescentou: — Bom, antes de Tinchebray. Gilbert o deixou assim por falta de tempo e chuva para repô-lo.

— Ele não se preocupou com aqueles que poderiam tomar vantagem disso durante sua ausência?

— Imensamente — admitiu Aubert. — Mas não havia como evitar. Curthose exigiu que ele organizasse e empregasse todas as suas levas e foi demorado reunir aqueles que defenderiam abertamente o duque contra Henrique. Como você sabe, nem mesmo Aleth faria isso abertamente. Ainda assim, Gilbert não era menosprezado como adversário e por aqui não são muitos os que lhe fariam oposição — principalmente com Montagneaux como aliado. De qualquer forma, essa fortaleza não tem uma boa reputação.

Weston o encarou com curiosidade.

— O que quer dizer?

Aubert deu de ombros.

— Dizem que é assombrada.

Weston tinha ouvido e ignorado a história. Mas estava além da sua compreensão que alguém desse crédito a isso.

— E Gilbert encorajava uma tolice dessas?

Aubert sorriu.

— Por que não? Servia-lhe muito bem que os outros acreditassem. Ainda mais se ele pudesse manter os pretendentes indesejados longe das filhas. — Aubert lhe deu uma olhada curiosa. — Então você conhece a história?

Weston examinou a agourenta torre diante deles.

— Ouvi dizer que a jovem esposa morreu naquela torre.

Aubert acenou com a cabeça.

— Na verdade, o aposento não é ocupado desde a morte dela, mas só porque as lembranças eram muito sofridas para Gilbert. Simples assim. Mas alguns dizem que viram o espírito dela vagando pelos corredores da torre. Gilbert nunca dissuadiu os rumores. Mas fosse simplesmente para manter as pessoas longe da torre, ou para manter os supersticiosos longe de Lontaine, aí não sei dizer.

Weston sabia que Henrique desejaria um relatório completo, então ele pretendia explorar a torre tão logo terminassem de inspecionar a muralha. Lontaine era uma fortaleza pequena, mas estavam em condições impecáveis.

Henrique ficaria satisfeito. Alguém que estivesse nas boas graças do rei ficaria satisfeito com a concessão desta propriedade.

A torre em si era uma das estruturas mais altas que já vira fora das propriedades reais. Se houvesse tempo antes da chegada de Henrique, talvez devesse mandar preparar os aposentos da torre para que ele pudesse aproveitar a vista dos parques de Lontaine de seu quarto. Se não, colocaria o rei nos aposentos do lorde, como era adequado.

CHRESTIEN ENCONTROU WESTON no pátio com Aubert, recém-chegado de uma cavalgada.

Percebendo sua agonia, Aubert a olhou com cautela e fugiu, e isso só serviu para irritá-la ainda mais.

Claro que Chrestien não pretendia fazer ultimatoss, mas o simples fato de que Weston não veria razão para sequer considerar suas preocupações, deixava seu humor péssimo.

— Não! — insistiu ela. — Você não instalará seu rei naquela torre!

O queixo dele estava tenso, rígido.

— Pelo contrário! Por que se importa se ninguém usa aquele quarto além de aranhas e ratos?

Chrestien parecia não conseguir fazê-lo entender. Aquele quarto estava vazio por uma razão. Sua mãe dera o último suspiro lá. Adelaide o considerava sagrado. Quando alguém sequer entrava naquele quarto, isso era feito com reverência. Mas colocar o próprio homem responsável pela morte do seu pai parecia ser o desrespeito máximo com seus pais.

Ela cruzou os braços, desacostumada a receber ordens em sua própria casa.

— Bom, eu não permito!

Uma sobrancelha escura e desafiadora emoldurou os olhos azuis.

— *Você* não permite?

Chrestien apenas o encarou. Ele avançou um passo e ela manteve os braços nas laterais do corpo, sentindo-se subitamente constrangida.

— Você não tem escolha. Lontaine não lhe pertence mais para que dê ordens — disse impassivelmente. — Pertence à Inglaterra e a Henrique e logo será de quem Henrique escolher.

Lágrimas assomaram aos olhos dela. Senhor, não bastava ter perdido o pai e a irmã? Agora ela não perderia a casa também – o mesmo lugar em que ela dera seu primeiro suspiro e a mãe dera o último. Chrestien estava resignada com

a perda, mas só porque pensou que a propriedade de seu pai passaria para Adelaine e Aleth. Mal podia suportar a ideia de estranhos dormindo no quarto da sua mãe. Nem mesmo seu pai tinha ousado ocupar o quarto depois da morte dela. E Chrestien sabia muito bem que era por isso que ele não tinha abandonado Lontaine pela fortaleza-irmã, apesar de ser bem maior e mais moderna. As lembranças eram preciosas demais para serem abandonadas.

Weston jogou a cabeça para trás, como se estivesse tentando manter a compostura.

— Muito bem — cedeu ele. — Se não for na torre, onde é que Henrique dormiria?

Todas as opções eram insuportáveis! Ela ponderou o assunto e não teve nenhuma resposta boa. Não pensou no que disse em seguida e provavelmente não teria dito aquilo se o coração não estivesse quase quebrando.

— Deixe que ele durma com você! — anunciou Chrestien, virando-se para fugir para o salão antes que pudesse se desgracar com as lágrimas.

Weston a seguiu até o salão, e Chrestien fugiu para a escadaria.

Para seu desgosto, ele foi atrás dela enquanto se encaminhava para os degraus em caracol. Chrestien correu mais rápido. Na metade do caminho, Weston a segurou e tomou nos braços, carregando-a para o baixo.

— Solte-me! — exigiu ela, mortificada pelas lágrimas.

Ele não disse nada e a levou para seu quarto — o quarto do pai dela. Abrindo a porta com um chute, tirou-a de costas sobre a cama.

— É aqui que você dorme agora — ordenou ele. — Seu lugar é comigo, Chrestien. Nunca se esqueça! Quando for se retirar à noite, é para cá que virá. Quando eu pedir que vá para seu quarto... é para cá que virá. Quanto a Henrique, ele receberá a honra que lhe é devida como meu soberano – e como o seu! Entendeu?

Chrestien ergueu o queixo em desafio e levantou-se num pulo, ficando de pé na cama, furiosa com o tratamento dele. Weston não podia simplesmente carregá-la e jogá-la como se fosse um saco de adubo numa pá! Aquela era a casa dela!

Ela pôs as mãos nos quadris.

— Sim, meu senhor, eu entendi muito bem! E vai me mandar para o quarto quando seu rei estiver na casa? Claro que vai, pois acabou de me mostrar que eu não sou nada além de um bem material – que você pode fazer comigo o que quiser – inclusive me envergonhar na frente do seu suserano. — As lágrimas escorreram pelas bochechas e ela as esfregou com raiva. — Não é isso? Claro

que é, milorde. Claro, eu não significo nada para você!

Como Weston não reagiu, ela berrou:

— Não quero ser sua esposa!

Ele se arremessou contra ela, encontrando apenas o ar onde os pés dela deveriam estar. Na tentativa de evitá-lo, Chrestien caiu no chão, levando grande parte do impacto no traseiro. Mas Weston a atacou de novo, arrancando-lhe o ar dos pulmões quando aterrissou sobre ela.

Quando ela recuperou os sentidos, Weston pairava a poucos centímetros do seu rosto. Chrestien pinoteou, tentando desalojá-lo, e se viu presa.

— Você é minha esposa e jamais deixarei que você se vá! — jurou ele.

Chrestien esperava ouvi-lo dizer que a amava.

Que precisava dela.

Que a queria.

Lágrimas escorreram por seus olhos.

— Não pode permitir que seu rei durma no quarto da minha mãe — disse ela, desesperada. — Nem no do meu pai!

O olhar dele abrandou.

— Seria um insulto não permitir, Chrestien... Mas se você realmente não quiser que ele use o quarto da torre, terei que abdicar desse. Ele dormirá aqui e eu não vou querer ouvir mais uma palavra sobre isso. Ele é nosso rei.

— *Seu rei – não o meu – não atenderei a cada desejo dele. Os homens dele – seus homens mataram o meu pai! E eu não posso nunca perdoar você por isso! Solte-me – exigiu. – Eu te odeio!*

A raiva sumiu completamente dos olhos de Weston, que pareceu subitamente derrotado, mas mesmo assim não falou nada de amor. O coração de Chrestien apertou. Quando ele finalmente a largou, ela fugiu do quarto, subiu os degraus de pedra, mas não parou em seu próprio quarto. Em vez disso, ela prosseguiu para o cômodo da torre e escancarou a porta.

O aposento estava escuro, então Chrestien destrancou as venezianas para permitir que a luz entrasse, revelando o completo vazio do quarto. A mobília permanecia, mas a cama estava vazia. Fazia muito tempo que nem Adelaine o usava, então pelo menos meio centímetro de poeira havia se acumulado sobre o chão e as teias de aranha cobriam os cantos mais altos. Limpando um lugar no chão com a saia, Chrestien sentou e contemplou sua situação.

Sim, ela culpava Henrique da Inglaterra pela morte do pai. Provavelmente sempre o culparia, mas eram muitos homens em Tinchebray para acreditar que Weston tinha sido aquele a enfiar a espada no peito de Gilbert. Na verdade, seu

pai tinha escolhido defender o duque e sua morte era uma consequência das suas ações – as mesmas consequências às quais Weston se arriscava sempre que levantava a espada.

O fato é que ela nem mesmo havia dado um enterro apropriado ao pai e doía pensar que ele poderia estar largado em alguma cova comum, enterrado com mil outros homens desconhecidos. Onde estava o corpo dele? Onde estavam seus ossos? Ele merecia algo melhor do que ser atirado num buraco feito um leproso.

A vista borrou, e Chrestien esfregou as lágrimas que escorriam pelo rosto.

Mas percebeu que Weston estava certo. Ele não tinha escolha – assim como seu pai não poderia ter feito outra. Assim como ela não teve outra escolha quando ela e Adelaine tiveram que enfrentar um futuro incerto.

E agora Adelaine havia partido.

Essa era a sua consequência.

Mas, felizmente, Adelaine não tinha sofrido.

Seus olhos arderam novamente com as lágrimas. Eram coisas demais para suportar, mas não queria ter dito nada do que disse ao marido.

Assim que Henrique fosse embora, faria as pazes com ele – mostraria como suas palavras eram falsas, que realmente o amava. Chrestien não tinha muita certeza de quando percebeu o fato, apenas que o percebeu.

— Ah, Adelaine — murmurou com desalento. — O que farei sem você?

A luz da janela iluminava a maior parte do quarto, mas, por onde as venezianas capturavam os raios do sol, uma sombra era lançada no chão de madeira. Os dedos de Chrestien desenharam círculos e, para sua surpresa, ela descobriu um cordão de prata. Tirando-o da poeira, ela encontrou um amuleto carmim adornado com uma rosa de marfim. Um sorriso surgiu nos lábios dela.

Era de Adelaine... Uma mensagem da sua querida irmã. De fato, Chrestien imaginou que o quarto da torre talvez fosse mesmo assombrado.

Largando o amuleto de modo a deixá-lo intato, Chrestien se levantou do chão, espanou a poeira da saia e foi procurar Janelle e Eauda. Juntas endireitariam o lugar e o rei de Weston não teria nada a desejar.

CAPÍTULO DEZESSEIS



Dos muros, a armadura do rei piscou sob o sol forte da tarde. O estandarte real pairava em lanças com pontas de prata, que cintilavam intensamente. Elmos e escudos adornados de ouro entraram na dança de fulgor do sol e, quando a tropa se aproximou o suficiente, o som do metal podia ser ouvido como uma canção ao ouvido do guerreiro.

Mas embora seu exército fosse impressionante em sua grandeza, não poderia haver homem mais simples no vestir do que o filho caçula do Conquistador. Com tantas riquezas que lhe eram disponíveis, Henrique preferia a vestimenta mais simples. Embora o tecido de suas roupas certamente pudesse ser descrito como rico ou fino, ele preferia não adorná-las de maneira vistosa. Então quando um homem de grande estatura, com o cabelo preto cortado reto na testa, à maneira normanda, desmontou e se aproximou de Weston, quem observava jamais teria adivinhado que ele era o próprio rei. Mas quando deu seus cumprimentos, seu porte real ficou evidente nas palavras, cuidadosamente consideradas e articuladas com graça. Meio que por medo, meio que por respeito, os vilões deixaram o pátio e foram cuidar de seus afazeres.

Estava claro no sorriso do rosto de Henrique, e no de Weston, que havia grande afeição entre os dois homens. Henrique bateu nas costas de Weston.

— Faz muito tempo, meu amigo.

Weston fez uma reverência com a cabeça.

— É verdade.

Henrique sorriu de modo magnânimo.

— Recebi a mensagem dizendo que estava casado e quis vir depressa

conhecer sua adorável esposa — confessou. — Valha-me Deus, nunca pensei ver este dia!

Weston ergueu a sobrancelha.

— Na verdade, isso talvez nunca acontecesse se não fosse sua ordem, mas bastava ter pedido que eu a levaria até sua presença, Vossa Majestade.

Henrique deu de ombros.

— Não há necessidade de tais formalidades depois de todos esses anos, FitzStephen. De qualquer forma, eu precisava espiaçar um pouco e trouxe um convidado comigo.

Só então Weston notou o homem corpulento, de idade já avançada, parado ao lado do rei. O cabelo, que era loiro-dourado, havia recuado até sobrar apenas um remendo de cada lado da cabeça e uma franja dourada, que cobria a nuca gorducha.

Henrique acenou para que o homem se aproximasse.

— Este, meu amigo, é o barão Geoffrey Grey... avô de sua esposa.

O homem parecia incerto da acolhida e, apesar da apresentação de Henrique, manteve os olhos no chão.

Weston franziu a testa, examinando o homem.

— Eu não sabia que ela possuía família além da irmã, que sinto informar que faleceu há menos de uma semana. — Ele olhou de modo significativo para Henrique, deixando-o saber que havia mais a ser dito, mais tarde, quando estivessem sozinhos, e acrescentou: — Existe um meio-irmão também.

O olhar de Grey ergueu-se com surpresa.

— Um filho?

— Sim, é o que parece, Sir Grey.

— Reconhecido por Gilbert?

— Não diretamente — disse Weston. — Mas considerando o fato de que era o filho de uma mulher comum, aprendeu as habilidades de um guerreiro com o próprio Lontaine, o que nos leva a acreditar que Gilbert o aceitava. E quando vir o rapaz saberá imediatamente que ele carrega o sangue de Gilbert.

— Ai de mim — disse Grey. — Ele não carrega meu sangue. — Ele suspirou desapontado. — Embora eu seja um homem velho, cometi muitos erros. Poder repará-los é o meu maior desejo. Gostaria de conhecê-lo também.

Weston anuiu.

— Garanto que sua neta o receberá de braços abertos.

Os olhos de Grey cintilaram um pouquinho.

— Ah, ela agora é minha única herdeira — revelou. — Eu o saúdo como

meu mais novo filho.

— Seja mais do que bem-vindo — disse Weston com sinceridade, esperando que Chrestien, por sua vez, também ficasse satisfeita.

DURANTE A COMOÇÃO COM a acomodação dos homens do rei, Chrestien aproveitou a oportunidade para dar um rápido passeio com Relâmpago – para desanuviar a cabeça.

Não era fácil colocar de lado a amargura pela morte do pai, e o rei Henrique era, de um jeito ou de outro, o homem que ela julgava responsável.

Sendo esposa de Weston, jamais o desonraria, mas sabia que precisava encontrar força de vontade para aceitar Henrique senão jamais haveria paz entre os dois. Sabia com certeza que seu pai não a desejaria infeliz em sua própria casa e, apesar da lealdade ao duque, ele teria colocado a animosidade de lado para amenizar as coisas para ela. Já não tinha feito o mesmo por sua mãe?

Seu avô havia relutado em consentir que sua mãe se casasse por amor com seu pai, por isso, quando ela morreu, seu avô exigiu a devolução do dote. Seu pai aceitou imediatamente, abrindo mão de tudo o que o barão requisitou – em favor do que era correto e verdadeiro.

Era aquilo o que a movia agora: a mesma coisa que havia movido seu pai quando se manteve perto de Aubert, que havia movido Adelaine quando aceitou Aleth como marido apesar de mal conhecê-lo. Era a coisa certa a ser feita.

Ela já tinha preparado os aposentos do pai para o rei e ordenado a preparação de uma refeição que deixaria seu marido orgulhoso.

Tudo o que restava agora era colocar sua mente no lugar. Uma vez que conseguiu e já tinha cavalgado bastante, Chrestien começou a voltar para a fortaleza, esperando retornar antes que o marido notasse sua ausência.

O sol estava se pondo e a campina parecia fria e triste. Se antes aqueles parques tinham lhe oferecido paz e força, ela não encontrou nada disso naquele dia, apesar da comunhão com seu querido capão. Hoje ela soube instintivamente que a única paz e força que encontraria estava lá, dentro das muralhas de Lontaine, nos braços do homem que antes ela tanto queria desprezar.

Refreando a montaria, Chrestien olhou para a fortaleza que o pai antes usava para proteger suas filhas do mundo em geral – muralhas que Gilbert manteve imaculadas. Mas nem mesmo aquelas muralhas podiam manter o mundo acuado agora que seu pai havia partido.

Era hora de aceitar seu destino, qualquer que fosse e onde quer que estivesse,

e Chrestien percebeu que poderia suportar qualquer coisa com Weston ao seu lado.

Sentiu um frio na barriga quando viu alguém se aproximando a cavalo. Pensando que fosse Weston, preparou-se para receber o peso de sua raiva por deixar as muralhas do castelo sem avisá-lo.

Quando o homem se aproximou, ela percebeu que não era Weston, então pensou que o marido talvez tivesse notado sua ausência e mandado alguém buscá-la.

Era um homem estranho trajando uma rica túnica azul e um manto, carregando, por incrível que pareça, um vaso de rosas. Ele parecia familiar, mas se não estivesse carregando a rosa, talvez Chrestien estivesse temerosa. Mas a rosa em miniatura, junto com a semelhança com Aleth, entregou a identidade do homem. Imediatamente, lembrou-se dele da primeira visita a Lontaine. Chrestien abriu um sorriso na mesma hora, reconhecendo o presente sincero, pois apesar da partida de Adelaine, ele manteve a promessa feita.

— Trago boas notícias e um presente atrasado — disse o homem com um sorriso.

— Caro Rolfe, você tem minha gratidão — disse ela. — Mas quero plantar a rosa no túmulo de Adelaine quando eu puder.

— Eu mesmo pensei em fazê-lo — retrucou ele —, mas no fim decidi que a honra é sua, *milady*.

Ela olhou à procura dos homens dele, buscando os de Aleth talvez, mas parecia que Rolfe estava sozinho. Chrestien se perguntou se ele tinha vindo com Henrique e seus homens. Ela enrugou a testa.

— Veio com Henrique?

Ele sacudiu a cabeça, sorrindo enquanto se aproximava. Uma vez ao lado dela, Rolfe entregou a rosa, virando-se para olhar na direção de Lontaine, onde o sol estava baixando por trás da alta torre.

Foi então que Chrestien notou a cicatriz na bochecha dele. Ficava logo abaixo do olho e era rosada e recente.

As palavras de Aubert lhe vieram de repente, ecoando em seus ouvidos: *Foi um talho feio aquele que você fez nele, Chrestien – bem embaixo do olho. Mais um centímetro e teria arrancado o olho fora.*

Ela olhou nos olhos dele. Eram negros.

— Foi você — disse, compreendendo tudo de repente.

Claro que ele entendeu ao que Chrestien se referia, pois um sorriso perigoso lhe ergueu os cantos da boca e, sem aviso, Rolfe tentou arrancá-la da montaria.

O vaso de rosas caiu das mãos dela, espatifando-se no chão.

O SALÃO ESTAVA cheio a ponto de transbordar com a comitiva do rei. Parecia haver mais homens do que seria possível acomodar no salão de tamanho moderado.

Weston olhou para a escadaria circular, esperando ver Chrestien surgir da entrada arqueada. Sabia que ela já não estava mais no quarto do pai, pois quando levou Henrique para mostrar onde ficaria acomodado, ficou surpreso ao encontrá-lo impecável e preparado com palhas frescas e lenha nova no braseiro. Era um gesto que não passou despercebido e que ele apreciou imensamente. Sabia o quanto devia ser difícil para ela aceitar Henrique de bom grado apesar da inimizade que devia sentir por ele.

Pensou em subir ao quarto dela para anunciar a chegada do seu avô, mas desistiu. Ela ainda devia estar zangada, se bem conhecia Chrestien – e acreditava que sim. E não queria sujeitar o avô dela a uma discussão inconveniente. Não, era melhor dar tempo para que se acalmasse e conversar com ela mais tarde. Só que uma hora já havia se passado sem sua presença, mas Weston sabia que ela já devia ter ouvido o barulho lá embaixo.

— Será que minha neta ainda demora a descer? Estou ansioso para vê-la — perguntou Grey.

— Não fizemos essa viagem toda só para ver seu rosto bonito — brincou Henrique.

Michel deu uma sonora risada e Weston riu, acenando para que Aubert viesse da mesa mais baixa.

— Eu estava pensando o mesmo. Mas não se preocupe, mandarei o irmão buscá-la agora. Já está na hora de conhecer o rapaz.

— Excelente — disse Grey, os olhos arregalando com a aproximação de Aubert. — Bom Deus! Ele é mesmo filho de Gilbert — disse quando Aubert subiu no estrado.

Weston sorriu com perspicácia.

— Aubert, este homem à minha esquerda é o avô de Chrestien, o barão Grey. Apesar da surpresa que iluminou seus olhos, Aubert cumprimentou o senhor com um sorriso e um aceno de cabeça.

— Temos muito o que conversar — interveio Grey.

— Quero que vá chamar Chrestien — disse Weston, puxando Aubert para mais perto e sussurrando apenas aos seus ouvidos: — Por favor, fale sobre o avô

— que ele está aqui. E diga a ela que se conseguir manter o sorriso durante a noite, ficarei devendo qualquer coisa que ela deseje.

— Está querendo suborná-la? — provocou Michel, escutando.

Weston franziu a testa para seu bom amigo.

— Não usaremos essa palavra, mas sim, faça isso, Aubert.

Aubert assentiu, e seguiu seu caminho pelo emaranhado de mesas. Enquanto Weston o observava se retirar, ousou ter esperanças de que Chrestien atendesse ao seu pedido. Seus pensamentos se dirigiram à maneira como deixou a esposa pela manhã.

Não a via desde a discussão e, nesse momento, ver o rosto dela era o que mais queria na vida. Teria sido impossível adivinhar o quanto Chrestien viria a representar para ele. Sabia do fundo do coração que encontraria uma maneira de fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para satisfazê-la – infelizmente, isso não incluía manter os convidados fora do quarto do pai dela.

Encolheu-se ao lembrar da raiva dela, mas logo sorriu porque, apesar da fúria, Chrestien tinha se comportado como uma dama deveria, preparando o quarto do pai para o convidado. Ele a recompensaria generosamente por isso... e sabia exatamente como satisfazê-la... ao mesmo tempo em que satisfaria a si mesmo. Mal podia esperar para saborear o néctar de seu doce corpo.

A voz de Henrique interrompeu seus pensamentos.

— Vejo que está bastante satisfeito, meu amigo. Quer me agradecer agora ou será teimoso como sempre e negará que está satisfeito?

— Será teimoso, claro, Vossa Majestade — disse Michel, provocando Weston, mesmo na presença do rei.

Weston tomou um gole de cerveja antes de responder, deixando a curiosidade aumentar.

— Lamento desapontá-lo, mas serei teimoso — avisou, encarando Michel. Agora que estavam cara a cara, ele descobriria a verdade. — Mas me diga, Vossa Majestade... O que o levou a dar tal ordem?

Os olhos de Henrique brilharam.

— Ah, por mais que eu saiba que você quer culpar Michel, a ideia partiu dele. — Ele indicou o barão Grey com a mão. — O homem não tem herdeiros. Ou seja, não tem filhos, e sua filha mais velha morreu anos atrás no parto – o marido dela não passa de um grande covarde.

O barão suspirou, e continuou:

— Ah, minha segunda filha pereceu de uma doença debilitante... e minha terceira está prometida à Igreja. Fui amaldiçoado, mas a culpa foi minha. — Os

olhos dele se voltaram para o cálice que segurava. Ele esvaziou o copo, parecendo incapaz de continuar.

Henrique olhou de forma deliberada para Weston.

— A mãe de Chrestien era a quarta filha, e até agora... parece que não há mais ninguém para manter seu título.

— Estou morrendo — disse o velho sem preâmbulos. — Meus dias estão contados.

— Sinto muito — disse Weston.

— Não lamente. — Grey baixou o cálice e acenou para que um servo o enchesse. — Mereço tudo o que me assolou. A verdade é que jamais reconheci as filhas de Elizabeth — admitiu com grande pesar. — Jamais perdoei Gilbert pela morte dela. Ela era minha favorita, entende? Deixei que se casasse com Lontaine porque... bem, porque nunca consegui negar nada que Elizabeth me pediu. E assim que ela se foi dessa vida, não consegui suportar a lembrança dela.

— Elizabeth era uma verdadeira beldade — interveio Henrique. — Mal posso esperar para ver a filha. De qualquer forma... o barão Grey precisava de uma mão forte para proteger suas terras... e, bem, você ainda estava solteiro. Foi a mão do destino — afirmou. — Sua carta chegou quando o bom barão e eu estávamos determinando o futuro da menina e o destino de suas terras.

— Tenho muitos lamentos, FitzStephen. Um é não ter chegado mais cedo — lamentou Grey. — Queria ter conhecido Adelaine também. — Seus olhos se encheram de melancolia. — Mas o que está feito está feito, e eu gostaria de fazer as pazes com Chrestien... por tudo o que fiz — e tudo o que não fiz.

Aubert então apareceu ao lado de Weston, sem Chrestien, e ele imediatamente presumiu que a esposa havia negado seu pedido.

Mas a expressão séria de Aubert lhe avisou que havia mais coisas na história.

— Ela não está — disse o escudeiro, com um tom preocupado na voz, antes mesmo de alcançar o estrado.

— Como assim não está? — repetiu Weston, incrédulo.

Aubert sacudiu a cabeça.

— Não está aqui, milorde. Soube que ela foi vista saindo do castelo há mais de duas horas.

Weston pulou do assento.

— Juro por Deus! Arranco o coração de alguém por não me avisarem disso antes!

Disparou para a porta, pegou sua montaria no estábulo e só parou para interrogar o porteiro.

— Desde criança que milady sai todo dia para visitar os vilões e cavalgar seu capão. Não imaginei que houvesse algo de errado, milorde.

— Melhor rezar para que ela esteja bem — avisou ao homem. A expressão no rosto dele foi tomada pelo medo, mas Weston sentiu o próprio medo na boca do estômago.

Hoje era diferente, pressentiu ele. Sabendo que estavam esperando convidados, Chrestien teria retornado mais cedo. Não acreditava que ela seria tão beligerante para deixá-lo entretendo os convidados sozinho, por mais que desprezasse o rei.

O céu estava escurecendo e o vento se tornando mais cortante. No fundo, Weston percebia que não fazia sentido planejar uma refeição suntuosa e arrumar o quarto de Henrique para esquivar-se do jantar só para contrariá-lo.

Havia algo errado.

Com uma sensação de temor, Weston atravessou os portões como se o próprio demônio estivesse em seu encalço, tomando a liderança e deixando todos que o acompanhavam para trás.

A campina estava desprovida de vida. O parque parecia deserto além das luzes das tochas de Lontaine. O frio impregnava o ar noturno e o céu estava se tornando violeta no horizonte.

Para sua consternação, encontrou Relâmpago desamarrado perto de algumas árvores, vagando sozinho. Ela jamais o abandonaria, isso ele sabia.

Daí o coração dele parou quando viu uma mancha vermelha no chão, alguns metros adiante. Inspeccionando de perto, viu que não era sangue, mas uma rosa.

Aubert refreou o cavalo ao lado dele, o rosto pálido.

— Milorde... Chrestien jamais abandonaria o cavalo. — Ele olhou para as pétalas de rosa. — Ela está em perigo. Eu sinto.

Henrique, Michel e o barão Grey o cercaram quando a brisa soprou forte, fazendo as minúsculas pétalas rodopiarem no ar. Weston ficou ali, vendo suas cores vivas agitarem-se sobre o chão sem cor, sentindo medo pela primeira vez na vida.

O QUARTO ESTAVA ESCURO, iluminado apenas por uma faixa de luar que se projetava de uma janelinha da torre. Mas a luz prateada batia longe de Chrestien, deixando-a sentada nas sombras e clareando nada senão uma seção vazia da parede.

Havia pouco que ela pudesse ver para ajudar a determinar sua localização.

Era noite, sabia, mas isso era tudo o que ela podia discernir. Há quanto tempo estava ali? Não sabia dizer. Rolfe a golpeou na cabeça e depois a carregou para algum lugar que ela desconhecia. Certamente não era Lontaine, nem Montagneaux. E claro, ele não tinha sido enviado por Weston.

Instintivamente, ela tentou levantar a mão para aliviar a dor na cabeça e aí percebeu que suas mãos estavam atadas com uma corda pesada. De tão áspera, cortou seus músculos dormentes quando ela tentou se soltar. Chrestien se resignou a esperar enquanto tentava acalmar a confusão em sua cabeça.

Concentrou-se no que sabia: estava deitada numa cama suja num quarto escuro em algum lugar que não reconhecia. Era noite. Weston já devia ter percebido seu sumiço e estaria procurando por ela. Mesmo que sua ausência em Lontaine não causasse alarme, encontrariam sua montaria e saberiam que ela nunca abandonaria seu estimado capão. Aubert pelo menos saberia disso. E os vilões diriam que ela não lhes havia feito nenhuma visita, pois estava com humor tão azedo que não quis afligir pessoas inocentes.

Quanto tempo teria se passado?

A barriga roncou em protesto, mas Chrestien nem sabia dizer se era de fome. Na verdade, sentia o estômago enjoado e temia pela vida.

Rolfe podia não ter matado Adelaine com as próprias mãos, mas com certeza pretendia o mal – como na primeira vez – e ninguém suspeitava dele. Por quê? O que ela tinha feito? Nada que pudesse discernir. E Adelaine tinha falado tão bem dele, então Rolfe não devia ter nenhumaavença contra sua gentil irmã.

Todas as respostas a desconcertavam.

Mas seu captor não demorou a aparecer.

A porta rangeu num aviso; Chrestien fechou os olhos e rezou.

Os passos eram pesados. O som ecoava com crueldade em seus ouvidos. Quando pararam bem perto, Chrestien soube que ele estava olhando para ela. Uma luz forte dançou diante de suas pálpebras fechadas. Uma lufada de ar passou por sua bochecha, como algo macio tombando sobre a cama.

Jesus, rezou. Dai-me forças!

De alguma forma, apesar do medo, ela conseguiu entreabrir as pálpebras o bastante para vê-lo um tanto borrado, mas o leve movimento dos cílios a entregou, mesmo sob as fortes sombras.

— Então resolveu voltar aos vivos, hein? — A voz de Rolfe era um escárnio, e quando Chrestien abriu os olhos, conseguiu vê-lo com clareza sob a luz da tocha de piche que ele sustinha na mão. A luz provocou um turbilhão de cores diante de seus olhos cansados.

— Pensei que tivesse te matado — disse ele simplesmente, sem qualquer traço de emoção. Na verdade, parecia até Rolfe achava que ela causava mais problemas do que valia a pena. — Trouxe uma muda de roupa... aí na cama. — Indicou uma pilha de tecido ao lado dela.

Um lampejo prateado passou diante dos olhos e Chrestien se esquivou, piscando instintivamente para evitá-la.

— Por que me trouxe para cá?

Ela gemeu, fechando os olhos por causa da dor na cabeça e da náusea que ameaçava aumentar com o medo.

— Porque este é o seu lugar, *minha* senhora — disse ele, com tanta ênfase na palavra *minha* que o estômago dela revirou.

Com o punhal que segurava na mão, Rolfe cortou a corda que lhe amarrava os punhos e Chrestien se encolheu. A carne dos braços formigava de maneira estranha. Ela tentou esfregá-los, mas não conseguia. Sentia pouco controle nas mãos dormentes. Era como se pertencessem a outra pessoa.

Há quanto tempo ela estava ali?

— Você devia ser minha — disse ele. — Devia ter sido minha... e se eu fosse o senhor de Montagneaux, você teria me sido oferecida primeiro.

— Não — contrapôs ela —, eu não seria de homem nenhum porque meu pai me prometeu à Igreja.

— Ah, é? E foi por que isso que você deixou o Lobo de Henrique enfiar o pinto dentro de você? Porque estava prometida à Santa Igreja?

Chrestien estremeceu pelo modo como ele a olhava.

— Você é desprezível! — exclamou.

A resposta de Rolfe foi uma risada insana, sem razão, e Chrestien concluiu que não devia continuar discutindo. Aquele homem era louco!

A gargalhada cessou abruptamente e ele encolheu os ombros com indiferença.

— De qualquer forma, se não você, teria sido sua irmã. Não há diferença entre vocês duas... Só que agora ela está morta e você não.

Lágrimas surgiram nos olhos de Chrestien.

— Você a matou! — acusou. — E para quê?

Ele deu de ombros.

— Por Lontaine, claro. Era minha por direito de nascença e seu maldito pai a roubou de mim.

— Mentiroso! Aleth a deu para meu pai.

Rolfe sorriu de leve, ignorando a verdade.

— Acho justo que a filha de Gilbert pague por seus débitos. Não acha?

— O que você tem a ganhar comigo? — perguntou Chrestien. — Já estou casada e o rei Henrique jamais lhe entregará o que quer.

Ele sorriu de novo, e por um instante fugaz os olhos dele assumiram um ar gentil e sequioso.

— Não quero te machucar — prometeu, os dedos tocando-lhe a face.

Chrestien não podia recuar do toque dele, que acariciava sua bochecha com o polegar. Encolheu-se, os músculos do pescoço tensionando de medo.

— Talvez não possa me casar, mas você será para mim tudo o que uma esposa deve ser — respondeu ele, desejo.

Chrestien sacudiu a cabeça, horrorizada com a perspectiva.

— Eu já sou casada!

Ele a segurou pelo cabelo.

— Você me obedecerá — exigiu ele com raiva.

Deus do céu, ele não queria pedir resgate. Pretendia mantê-la ali.

— Não, jamais obedecerei! — jurou. E teria berrado, mas sabia que seria fútil, pois percebia instintivamente que, fosse lá qual o lugar para onde tinha sido levada, não haveria ouvidos para ouvir seus gritos. E a julgar pela aparência do quarto em que estava, aquela propriedade não via o calor do amor há décadas.

— Ah, obedecerá — jurou ele. — O tempo a tornará minha, Chrestien... pois você jamais deixará as paredes dessa torre.

— Não pode me manter trancada para sempre — disse ela, incapaz de mascarar o desprezo que sentia. Conforme o formigamento nos punhos diminuiu, ela sentiu uma súbita pontada de dor e gritou. Mas não choraria: recusava-se a dar a Rolfé a satisfação de destroçar seu espírito. Encontraria um jeito de escapar dali. Qualquer jeito.

— É só o sangue correndo de novo nos punhos — revelou ele. — A sensação vai passar.

A mão dele retornou à face dela, mas Chrestien virou o rosto. Mais uma vez, a mão se enfiou nos seus cabelos, puxando-a para perto.

— Não vire a cara novamente! — avisou.

Rolfé a largou de repente e sentou ao lado dela na cama. A voz era um sussurro de súplica ao levar os lábios ao rosto dela, o temperamento mudando aparentemente sem razão.

Ele inclinou a cabeça. Lágrimas inundaram os olhos de Chrestien quando ele tentou abrir-lhe os lábios com a língua, levando à força sua nojenta umidade para dentro de sua boca. Como ela não cedeu o bastante, Rolfé mordeu seu lábio

inferior com dentes afiados, cortando até ela sentir o sal do próprio sangue. Chrestien então abriu a boca com um grito de pavor e o beijo dele se tornou gentil, traindo a grosseria de seu trato. Aquilo em nada incitou o fogo que ela havia conhecido com Weston. Ela se encolheu quando Rolfe seguiu para o pescoço, explorando...

— Por favor — implorou ela. Mas quando percebeu que ele não ia desistir, Chrestien começou a soluçar de verdade e os beijos pararam de repente. Rolfe enterrou o rosto no cabelo dela, segurando-se para controlar o desejo, tremendo devido à sua potência. Ela percebia isso agora.

Uma vez que Rolfe se recompôs, não havia mais ternura em seu olhar. Os dentes estavam trincados e o lábio trêmulo traía a fúria mal contida.

— Chegará o dia, Chrestien, em que você vai gostar do meu toque — vai implorar por ele, até. Chegará o dia — avisou ele. — Porque, na verdade, você jamais sairá daqui — reiterou Rolfe ao se levantar.

E deu-lhe as costas, soltando uma súbita gargalhada que gelou seus ossos.

— Weston *vem* me buscar — garantiu ela, com mais confiança do que sentia. — E quando ele chegar, vai te matar.

— Pensei que fosse mais esperta, Chrestien — disse Rolfe ao fechar a porta, trancando-a ao passar.

Mesmo através das grossas portas de carvalho, Chrestien conseguiu ouvir as palavras seguintes, que dispararam pequenos calafrios por sua espinha.

— Mas se ele vier... Eu o matarei e deixarei os ossos onde possa vê-los da janela da torre. — A risada disparou novamente, ecoando pela fortaleza e retornando sem resposta.

CAPÍTULO DEZESSETE



No fundo, Weston não conseguia acreditar que Chrestien o deixaria.

Em sua angústia, o barão Grey havia sugerido que talvez a esposa tivesse fugido dele por medo. O sujeito era pior que uma velha com suas acusações absurdas. Weston nunca trataria Chrestien mal, e ficou ressentido com aquela insinuação. Ainda assim a alma dele chorava, pois as últimas palavras entre os dois antes do desaparecimento dela tinham sido de raiva.

Henrique tentou consolar o idoso. Mas no fim Weston não conseguiu mais suportar as lamentações e mandou o barão embora, prometendo que enviaria notícias assim que soubesse de alguma coisa. Com relutância, e certa persuasão do rei, Grey por fim foi-se embora com Henrique. Mas para a eterna gratidão de Weston, Henrique o deixou com um grupamento de homens para ajudá-lo na busca por Chrestien.

Assim que o rei partiu, a busca prosseguiu noite e dia, sem que ninguém dormisse por mais de uma hora ou duas aqui e ali, retornando a Lontaine só para conferir.

Lá fora, em algum lugar, Chrestien precisava dele.

Weston não podia desapontá-la.

ROLFE VINHA PELO menos duas vezes ao dia.

Felizmente, ele não a tocava, mas às vezes fazia perguntas que Chrestien se negava a responder. Quando ficava bastante aborrecido com seu silêncio, ele partia.

Céus, ela nem sabia o que faria se ele a tocasse novamente.

Agora já havia notado que, desde que o encarasse com seriedade e não demonstrasse temor, Rolfe não a machucaria. Era só quando ela exibia fraqueza que ele se irritava.

Há quantos dias estava ali? Ah, depois de tanto tempo, Chrestien estava começando a acreditar nas palavras de aviso dele: Weston não viria buscá-la. Ainda assim, bem no fundo da alma, ela se apegava à esperança.

Queria ir para casa – sentia muita falta do marido, precisava muito dos braços dele ao seu redor. Seu sofrimento era palpável e Chrestien estava sentindo frio até os ossos naquela torre horrorosa, apesar dos cobertores esfarrapados que Rolfe lhe dera. Onde quer que estivesse, era um lugar miserável, em que faltava tudo, exceto aranhas e teias.

Depois de tanto acusar seu pobre marido de maltratá-la, agora ela sabia o verdadeiro significado de maltrato. Weston podia ser um homem teimoso, mas era tão gentil quanto um cachorrinho. Rolfe, por outro lado, podia ser malvado quando enfurecido, por isso ela tentava não atiçá-lo.

— Weston... Onde você está? — sussurrou ela com desalento, pegando uma pedrinha no chão para marcar outro dia na parede.

Se seus cálculos estivessem corretos, os doze dias de celebração do Natal chegariam em breve e parecia que ela os passaria ali, naquela fria torre cinzenta.

Com um suspiro, Chrestien se levantou e foi até a janela, imaginando se Aubert e Janelle acenderiam o tronco de Yule sem ela este ano. Parecia egoísmo pensar que eles esperariam, mesmo assim Chrestien não conseguia suportar a ideia de que a vida prosseguiria enquanto ela definhava na torre de Rolfe.

Da alta e estreita janela, ela conseguia enxergar quilômetros, mas não havia nada de familiar ali no cenário e Rolfe ainda não havia dito onde estava. Poderia estar até mesmo na distante Inglaterra, mas ela não acreditava que tivesse dormido por tanto tempo após ser sequestrada por ele. Ainda assim, era um lugar desolado. Nem uma alma passada pela decrépita fortaleza e Chrestien nem imaginava porque Rolfe não lhe dava pelo menos uma vela para iluminar a escuridão da noite.

Por outro lado, por que ela precisaria de uma vela? Não havia nada para fazer naquela prisão na torre senão contar arranhas e rachaduras nas paredes.

Rolfe pelo menos lhe dera artigos de costura, mas ela não sabia costurar e não conseguia enxergar. Só tinha conseguido furar o dedo com a agulha uma dúzia de vezes, mesmo à luz do dia com a janela aberta. Até o momento, só existiam manchas vermelhas no tecido por causa das picadas de agulha que

sangraram. E assim que a escuridão surgiu, nem isso ela tinha para passar o tempo. Ela supôs que Rolfe não queria que ninguém que passasse soubesse que a torre estava ocupada, mas nunca via uma alma passar por aquela pilha de ruínas.

À noite, a janelinha lançava pouca luz no quarto e o vento assobiava pelas fendas abertas. O frio era tão tangível quanto as lúgubres pedras cinzentas das paredes.

Pior ainda era que, ultimamente, ela tinha que lutar contra um crescente enjoo que sentia pelas manhãs e noites. Primeiro temeu estar doente por causa das refeições nojentas que Rolfe lhe levava. Mas ultimamente a comida tinha melhorado, então ela imaginou que Rolfe já não aguentava mais ver o urinol cheio de vômito. Mas o enjoo persistia e Chrestien não conseguia imaginar que doença lhe havia acometido. Vinha tão de repente que tudo o que ela conseguia fazer era correr até o urinol antes de botar os bofes para fora. Só a força de vontade a impedia de vomitar no chão, senão teria que conviver com a sujeira, já que duvidada que Rolfe tivesse criados ali naquela pilha de pedras.

Vindo do corredor, ouviu o distante *click-click* de suas botas com esporas sobre os degraus de pedra, então fechou os olhos preparando-se para o pavor de vê-lo novamente. Ela sabia que era Rolfe, porque ninguém mais a servia. Quando a porta rangeu para revelá-lo parado sob a luz da tocha gotejante, Chrestien forçou uma expressão estoica.

Ele entrou no quarto, fechando a imensa porta de carvalho com um chute, antes de colocar a tocha no único suporte de ferro na parede. O suporte permanecia vazio quando ele não estava por perto.

Na outra mão, ele carregava uma trouxa de roupas de cama e vestimentas, que foram atiradas sobre a cama. Os olhos se iluminaram imediatamente com o prato de comida deixado pela metade, depois se estreitaram.

— Assim vai acabar doente — ralhou ele.

A garganta de Chrestien embargou dolorosamente. Não podia responder, por mais que quisesse gritar que o odiava. Queria se atirar sobre Rolfe e arrancar aqueles malignos olhos pretos do rosto, mas apenas reagiu encolhendo os ombros.

— Prefere que eu mesmo te alimente? — ameaçou Rolfe.

Chrestien piscou, os olhos escuros verdadeiras poças vazias, destituídas de entusiasmo. Ela não respondeu, e ele sentiu uma pontada de emoção que não conseguia identificar.

Seria por causa da garota que estava definhando?

Ou seria arrependimento?

Não, Rolfe não se arrependia, mesmo que ela estivesse ficando doente – e

não suportava o fedor de seus vômitos.

Impulsivamente, saiu, trancando a porta ao passar, e retornou minutos depois com um balde de água quente e um trapo.

Ela era linda... essa garota que assombrava seus sonhos. O cabelo tinha crescido muito e, mesmo em seu estado imundo, ela não deixava de aparentar um resplendor adorável. O rosto, com os malarcs altos, era régio, e os volumosos lábios rosados eram uma visão tentadora. Rolfe se encolheu de remorso quando notou o machucado que ainda estava aparente no lábio inferior. Tinha mordido com muita força, percebeu ele. Mas, maldita, ela o enfureceu.

Sua fúria era uma besta viva que nem mesmo ele conseguia dominar – e ele sempre pedia que Deus lhe valesse quando Chrestien erguia a cabeça, irada.

Ele sentou na cama, perto de Chrestien, que se afastou imediatamente.

Quando ficou óbvio que Rolfe só queria limpar o rosto dela com o pano que tinha levado, ela afrouxou a postura e deixou que ele a lavasse sem criar caso. Parecia que ainda restava um pouco de espírito de luta nela. Logo ele seria quebrado, e Chrestien aos poucos aprenderia a amá-lo por vontade própria.

As mãos dele eram gentis enquanto limpavam o rosto dela com o pano úmido, mas um calafrio percorreu a espinha de Chrestien quando ele teve o cuidado de afastar seu cabelo do rosto.

Rolfe começou a limpar o corpo dela também, mas algo o deteve de repente, e ele acabou lhe entregando o pano, deixando que ela terminasse a tarefa. Uma coisa boa, porque Chrestien não suportaria por muito tempo o toque dele.

Ficando de pé, Rolfe ficou de costas para lhe dar certa privacidade e, ao fazê-lo, notou o urinol vomitado novamente. Virou-se, uma expressão de raiva no rosto enquanto a encarava.

— Está grávida?

Chrestien ofegou, espantada com as palavras dele.

— É, não tive muita certeza no começo, mas agora sei que está. Você está gerando o bebê do FitzStephen.

Rolfe cuspiu uma explosão de imprecções.

Foi tudo o que conseguiu fazer para admitir o fato sem descarregar a raiva que havia aprendido a esconder dela. Sabia que ela morria de medo dele, apesar da expressão corajosa que exibia. Por estranho que parecesse, era essa natureza destemida que o fazia respeitá-la ainda mais. Mesmo que às vezes ficasse com vontade de submetê-la com uma surra, não conseguia se permitir isso.

Estava preparado para odiá-la, pois não sabia que seria possível amá-la. Mas devia ser amor – o que mais poderia explicar essa necessidade de cortejá-la e a

terrível sensação de desespero sempre que não conseguia satisfazê-la?

E mesmo que o desejo por ela fosse grande, Rolfe não conseguia submetê-la à força. A maior parte dele precisava da aceitação dela, do consentimento – e ele o conseguiria... mesmo que levasse a vida inteira para concluir a tarefa.

Rolfe suspirou fundo, indo examinar a janela aberta.

Sabia que aquele não era lugar para uma dama viver. Ninguém nem mesmo se incomodava em dominá-lo, apesar da falta de guarnição. Era uma pilha de lixo, um lugar de terra fétida em que nada crescia. Sobras sem valor de seu irmão, que era bastante cego, bastante tolo ou bastante despreocupado com seu próprio sangue para lhe entregar algo em que construir – era apenas um ponto no mapa que Aleth estimava o suficiente para não abandonar completamente.

Não sabia o que fazer com o bebê.

Será que podia aceitar a carne e o sangue de outro homem?

Queria Chrestien, mas se mandasse a criança embora, jamais ganharia sua confiança... nem seu amor. Se mantivesse a criança e a maltratasse... O que Chrestien pensaria dele? Mas pouco podia suportar a ideia de lidar com uma peste de criança, chorando pela mãe o tempo inteiro.

Ainda assim... Quantas vezes não amaldiçoou o pai pela falta de carinho? Não, não cometeria esse erro com esse bebê.

Anuindo consigo mesmo, decidiu que criaria a criança como sua. E seria um pai melhor para o bastardo do que seu próprio pai havia sido. Mesmo reconhecido como filho ilegítimo, seu pai nunca o tratou com nenhuma afeição. Aleth foi sua única luz – seu precioso herdeiro.

Rolfe sempre quis muito receber do pai alguma coisa, qualquer coisa que dissesse: “Você também tem meu sangue, Rolfe”. Mas tal gesto jamais aconteceu.

Ele examinou o horizonte sombrio, vendo seu velho pai na mente. Após tantos anos, não lamentava ter assassinado o velho. E teria matado Aleth também, se não fosse pela interferência de Gilbert.

Sem dúvida, Rolfe não lamentava nem um pouco a morte de Lontaine. Mas precisava lhe dar certo crédito. Tinha criado uma filha digna de ser a esposa de um guerreiro. Chrestien era a filha de seu pai completamente.

Virando-se da janela para avaliar a garota novamente, os lábios dele se curvavam com escárnio. Mesmo no fim, Gilbert lutou feito um leão. Muito conveniente que seu emblema dele fosse um leão dourado alado e o seu, um rubro que rosnava. Juntos, ele e Chrestien teriam muitos filhos excelentes. Na verdade, pensando bem, não era surpresa que Gilbert mantivesse Chrestien

apenas para si, pois só um homem extraordinário seria digno de uma mulher como ela.

— Presumo que não tenha percebido.

Lágrimas transbordavam dos olhos de Chrestien, e depois de um bom tempo ela conseguiu sussurrar:

— Não percebi.

— Não importa...

Pretendia dizer que ele sempre cuidaria dela e trataria seu filho com o amor de um pai... Mas depois achou melhor não revelar seus sentimentos.

Era melhor que ela não soubesse de sua fraqueza.

Chegaria o dia em que ela se entregaria a ele livremente... Só então ele revelaria tudo o que estava em seu coração.

WESTON ESTAVA SENTADO, de olhos fechados, na cadeira do lorde no salão de Lontaine, os dedos entrelaçados na jarra quase vazia que ele segurava.

Tinha vasculhado cada centímetro das florestas, e onde ele não vasculhou, Michel o fizera em seu lugar. Verificou em cada abadia, em cada estalagem... Até em Montagneaux. Aleth não a viu. Ninguém a viu. Chrestien tinha simplesmente desaparecido, sem que ninguém soubesse.

Aleth até tinha buscado a ajuda de seu irmão na distante Poitiers, mas duvidava que Chrestien tivesse chegado tão longe sozinha. Fazia dois meses que ela tinha sumido... Dois miseráveis meses e ele mal podia suportar.

Henrique lhe concedera Lontaine, mas sem Chrestien, que importância tinha não ser mais um cavaleiro sem terras? Pelo que lutaria se ela não estava mais lá?

Um grande gole da jarra esvaziou o pouco que restava, e ele esticou a cabeça para trás para aliviar a tensão no pescoço. Esperava oferecer à esposa um Natal memorável... para promover um novo começo para sua vida de casados. Mas o salão estava escuro. Ninguém cantava. Não havia alegria.

Os músculos da nuca doíam de tantas horas de tensão, então ele os esfregou, fechando os olhos. Abatido, recostou a cabeça na cadeira de madeira para se concentrar na imagem dela em sua mente. Ela agora costumava surgir em seus pensamentos – um anjo banhado em luz divina... com ardentes olhos escuros que penetravam nas profundezas da sua alma.

Quem adivinharia que ele a amaria tanto... apenas para perdê-la.

Mas não, não podia perdê-la! Mesmo que levasse o resto de seus dias, ele a encontraria e traria para casa. Debruçando-se, apoiou os cotovelos no colo e

enterrou o rosto nas mãos trêmulas.

Será que tinha sido mesmo abandonado por ela?

Recusava-se a acreditar que Chrestien estava morta. Ele sentiria em seus ossos se ela estivesse.

Os homens dele – seus homens mataram o meu pai! E eu não posso nunca perdoar você por isso! Solte-me. Eu te odeio!

Era inconveniente para um cavaleiro chorar, mas silenciosas lágrimas quentes fluíram de seus olhos. Weston teve que se esforçar para manter a compostura.

Este era, sem dúvida, o pior Natal que já tinha vivido – pior do que qualquer um sendo um bastardo na casa de seu pai.

Minha nossa... Ele nunca na vida tinha chegado ao ponto de chorar – jamais! E apesar de permitir-se apenas aquela breve exibição em particular, permaneceu inclinado pelo que pareceu uma eternidade, com os dedos pressionados contra os olhos cansados para evitar que suas emoções fossem traídas.

Eu não posso nunca perdoar você por isso! Eu te odeio!

Deixou escapar um gemido gutural ao erguer a cabeça e atirar com raiva a caneca no chão de madeira. Ele estava bêbado e a cabeça estava girando, e agora sentia-se furioso consigo mesmo por estar se entregando ao vinho enquanto Chrestien precisava dele.

Ela estava lá fora em algum lugar.

Recusava-se a acreditar que ela estava morta. Recusava-se.

E ele devia estar lá fora, procurando ainda – não chorando nos copos! Que tudo fosse para o inferno!

Agitado, ele passou as mãos cansadas pela barba rala e a voz dele era um sussurro áspero:

— Onde está você, meu amor?

Uma súbita lufada de ar atingiu seu rosto, e Weston se assustou como um bebê surpreendido pelo sopro da mãe.

Tirou a cabeça das mãos e naquele instante viu, emoldurada pela entrada em arco da escadaria de pedra que levava aos cômodos na torre... sua esposa.

Por um momento, ele não acreditou.

Um punhado de tochas iluminava o ambiente, mas não havia nenhuma presa às paredes da escadaria. Ainda assim Weston enxergava a figura claramente, com os cabelos dourados que brilhavam feito a luz de uma chama agonizante.

Chrestien.

Mas não era Chrestien.

Ela olhava diretamente para ele, chamando-o sem palavras, depois se virou e encaminhou-se para os degraus em caracol, exatamente como no dia da discussão.

Weston fechou os olhos, sacudindo a cabeça, e quando os abriu de novo, ela tinha sumido. Só restava um borrão escuro no lugar em que deveria ser a porta.

Mesmo sabendo que era uma mera visão conjurada por seu torpor embriagado, ousou ter esperanças.

Chamando por ela, tomou da cadeira, quase tropeçando na borda do estrado na pressa de alcançá-la. Ela não estava na escadaria, então Weston gritou seu nome, deixando o berro angustiada ecoar à sua frente dele.

— Chrestien!

O nome reverberou pela fortaleza, retornando sem resposta, então Weston atravessou voando a escadaria e a antecâmara, escancarando a porta do quarto dela.

Ela não estava lá.

Aubert correu atrás dele, tendo ouvido o nome da irmã, mas o aposento estava vazio, exceto por eles dois. Outra lufada de vento frio passou por Weston, provocando-lhe um arrepio inconfundível.

De alguma forma, sabia que devia segui-lo. Empurrando Aubert às cegas, seguiu o sopro frio, correndo mais uma vez pela estreita escadaria. Subiu até o topo da torre, escalando os degraus de dois em dois em sua afobação.

A porta para o aposento no topo da torre estava escancarada, mas o quarto se mostrou vazio. Não havia praticamente nada ali – nunca houve. Afinal, ele não conseguiu acomodar o avô dela ali. Não teve coragem. Mas as venezianas estavam abertas ao vento da noite.

Grossas teias de aranha cobriam cada canto do quarto. Diferentemente do resto da fortaleza, o quarto estava imundo devido aos anos sem cuidado, apesar de ser bem estranho o ponto no chão que parecia ter sido limpo pelas mãos de alguém.

Por um instante, Weston viu o lampejo de uma mulher, um vislumbre de recordação que não lhe pertencia. E então a imagem se dissipou.

Aubert foi mais uma vez atrás dele, a expressão cheia de confusão.

— Milorde! Ficou completamente doido?

Ele não pretendia insultá-lo, Weston sabia.

— Talvez sim — confessou, esfregando a mão pelo rosto. O queixo ficou tenso com a admissão e ele engoliu em seco convulsivamente. — Pensei tê-la

visto. Mas estou bêbado de saudade.

Os olhos de Aubert buscaram o chão de pedra, onde algo vermelho chamou sua atenção. Aproximando-se dali, ergueu o pequenino amuleto vermelho. Ao virá-lo nos dedos, inspecionando a rosa pintada no meio, veio-lhe uma lembrança.

— As rosas — sussurrou de repente.

Weston olhou para ele, confuso.

— Sim, as rosinhas... Elas estavam espalhadas no chão no dia em que ela desapareceu.

Havia algo nos olhos dele que deu esperança a Weston. Foi com mãos trêmulas que Aubert estendeu o amuleto prateado para Weston, oferecendo-lhe.

— Era de Adeline... Ela costumava vir aqui para ler, mas a rosa no pendente... Ver isso agora me traz à mente uma coisa que fui muito tolo de ignorar. Lá em Montagneaux, Adeline mencionou sobre uma pequenina rosa vermelha... uma que foi trazida da cruzada por Rolfe, irmão de Aleth. Ele está com ela, Weston, pois dizem que essas rosinhas não são uma variedade comum e, lembra, vimos o vaso quebrado bem perto de onde encontramos o cavalo dela.

— Tem certeza, Aubert?

— Mais certeza a cada segundo que passa — disse ele. — Antes de deixarmos Montagneaux, ela pediu que Aleth mandasse um recado ao irmão... Que trouxesse a rosa vermelha para ser plantada ao lado da branca. Era um pedido de Adeline.

Uma súbita rajada de vento passou pelos dois, batendo as venezianas de madeira ao passar e deixando o quarto na escuridão. Um arrepio desceu pela espinha de Weston.

Ali na mais fria e completa escuridão, Weston compreendeu a verdade.

— Reúna meus homens — disse ele. — Partimos para Poitiers esta noite.

CAPÍTULO DEZOITO



Abraçando-se para se proteger do frio, Chrestien ficou na ponta do pé para espiar pela alta janela. Ouvia vozes – uma coisa estranha naquela fortaleza quase deserta. Curiosa, agarrou o parapeito de pedra e se ergueu para espiar lá embaixo. Esforçando-se, conseguiu ver de relance algumas pessoas lá embaixo antes de perder a força para se sustentar pendurada.

Jesus! O que não daria por um banco ou alguma coisa que pudesse colocar debaixo da janela para ver os acontecimentos lá embaixo?

Entretanto, de que adiantaria? Eram todos lacaios dele e ninguém a ajudaria mesmo. Abandonando a pequena esperança que sentiu, largou-se no chão de pedra e puxou a costura de baixo da cama, pegando a agulha. Era melhor usá-la enquanto podia, antes que escurecesse.

Fazendo careta, inspecionou as mãos, enrugando o nariz para tantas marcas de agulhada. Daí, com um suspiro, Chrestien largou a agulha, deitou no chão frio e começou a cantar com melancolia... um verso que Janelle lhe ensinara. Era uma velha canção entoada pelos bardos na Normandia. Dizia-se que a história vinha da Noruega, e falava sobre uma mulher bela e gentil, com cabelo cor de meia-noite, olhos da cor do mar. Ela era a formosa Genevieve de nobre berço, cruelmente abandonada pela família... apenas pelo fato de ter lhe sido concedido ao nascer o dom da profecia.

Surpreso com o som do canto, Rolfe subiu os degraus da torre.

Abrindo uma fresta da porta, encontrou-a deitada no chão duro e fez um lembrete mental de levar um tapete para cobrir a pedra fria. Não queria que ela ficasse com febre. Do jeito que estava, Chrestien estava emagrecendo a cada

dia. Mas pelo menos naquele momento estava cantando. Será que podia esperar que ela estivesse sendo vencida?

— Sua canção é linda, Chrestien. Por que não vai para a cama, onde está mais quente?

Assustada, ela ficou de pé num pulo, feito um animal acuado.

— Estou bem! Quem está aí? — perguntou, lançando um olhar indagador. — Ouvi vozes lá embaixo.

Ele sacudiu a cabeça.

— Ninguém importante, garanto.

AS ESPERANÇAS DELA AUMENTARAM, apesar de não ter intenção.

Sabendo que ele manteria distância, Chrestien não se sentia mais alarmada com a presença dele. Ele não tentou tocá-la de novo depois daquela primeira noite e, estranhamente, parecia que estava sendo cortejada, pois Rolfe estava recorrendo a presentes.

Entrando definitivamente no cômodo, ele ofereceu uma mão fechada, mantendo a outra às costas. Chrestien apenas olhou.

— O que é? — perguntou com mais seriedade do que pretendia.

— Veja você mesma — insistiu ele, ignorando o tom de suspeita.

Cansada, Chrestien obedeceu. Ela estendeu a mão debaixo da dele, tomando o cuidado de não tocá-lo, daí ele largou uma cruz na mão dela.

— Era da minha mãe — disse ele.

Como Chrestien parecia intrigada, ele explicou.

— Quero que seja sua.

— Não! Não posso aceitar! — Ela a empurrou de volta, mas ele não a aceitou.

Tirando a outra mão das costas, Rolfe revelou um cestinho cheio de comida. E, nossa, por mais que ela quisesse declinar, o cheiro agradável do pão e do queijo chegou às narinas e Chrestien sabia que não conseguiria.

Ele sorriu, mas para Chrestien, aquela visão era horrenda.

— Ficou satisfeita — que bom!

Não adiantava negar, concluiu ela. Isso só serviria para enfurecê-lo — o que talvez pudesse fazer com que Rolfe levasse o cesto embora. E ela estava faminta.

Os acessos de náusea tinham diminuído, mas Rolfe não percebeu e não tinha levado muita comida nos últimos dias.

— Sim — respondeu ela depressa, pegando o cesto e sentando com ele na

cama.

— Faz bem ao meu coração vê-la feliz, Chrestien.

Feliz?

Chrestien o encarou incrédula, mas não disse nada. Enfiou outro pedaço de queijo na boca e tentou não engasgar quando engoliu.

Ele assistia com um sorriso enquanto ela investigava o cesto de guloseimas.

Feliz? Chrestien refletiu com tristeza. Não, não gritaria negando naquele instante, não quando sua vida – e sua morte – estava nas mãos dele. Não quando o cesto de comida em seu colo tinha um gosto melhor do que qualquer coisa que ela já tivesse comido na vida.

Rolfe a observava.

Ela tinha deixado a cruz de prata de lado, esquecida, muito mais entretida com a comida. Olhando para a cruz, Rolfe a apanhou, tocando-a com gentileza.

— Era da minha mãe — repetiu. — Um presente do... meu pai.

As palavras dele carregavam uma dose de dor e o rosto se contorceu feito um garotinho lutando contra as lágrimas.

Chrestien engoliu um pedaço de pão e olhou para ele.

Incorajado com a atenção dela, Rolfe prosseguiu:

— Ela prezava esse presente que ganhou dele mais do que qualquer coisa – ela era louca, sabia?

— Louca?

— Sim. Morreu quando eu era jovem — revelou ele.

— Que... terrível... para você... e Aleth — solidarizou-se ela.

As sobrancelhas de Rolfe chocaram-se com violência.

— Ela *não* era mãe do Aleth!

Maldito temperamento infernal. Chrestien ergueu o cesto como que para se proteger e, lamentando imediatamente o tom áspero, Rolfe emendou:

— Acho que você não sabia.

Ela continuou a comer, ouvindo sem lhe dar atenção. Vendo que ela havia se retirado para a proteção do silêncio novamente, tentou atrair a atenção dela outra vez. Essa era a primeira discussão que eles tinham.

Pegando a cruz e o cordão, Rolfe o colocou no pescoço dela, onde o relicário pousou sobre o volume do busto, atraindo a atenção dele para o vestido azul desbotado. Só tinha levado dois vestidos de lã áspera até agora, mas remediaría a situação.

Chrestien fitava a cruz com ar de horror, congelada na cama.

— Terei que comprar tecido para você em breve. Tenho uma menina

talentosa com a agulha, mas ela nunca tentou nada muito fino que seja digno de uma dama. — Notando que Chrestien parecia pouco interessada, ele tentou envolvê-la na conversa. — Vejo que está melhor. Não é?

Ela não respondeu. Ainda estava olhando para a cruz como se queimasse a sua pele, mas temia retirá-la e deixá-lo com raiva.

— Tem um pedaço de bolo no fundo... Mel também.

Chrestien assentiu e por fim desviou o olhar da cruz, procurando o agrado dentro do cesto, encarando-o com cautela através dos cílios pretos.

— Precisa de alguma coisa, Chrestien?

— Nada — mentiu, o coração batendo loucamente.

Chrestien deu de ombros, o gesto traíndo a raiva que crescia dentro dela novamente. Precisava ir para casa. Precisava de Weston, o pai de seu filho. Precisava de Janelle e Aubert também!

— Nada — repetiu ele. — Nada mesmo?

Dando de ombros novamente, Chrestien deixou a mente vagar e os olhos se concentraram na janela.

— Talvez uma cadeira... se quiser — ousou pedir. — Para eu costurar perto da janela — acrescentou depressa, vendo o olhar dele se dirigir à janela aberta.

Sabendo que ela não podia exatamente fugir de uma altura tão grande, Rolfê aceitou.

— Considere feito.

Aparentemente querendo arranjar a cadeira logo, ele se levantou, segurando a mão de Chrestien ao fazê-lo. Levando-a aos lábios, beijou-a com delicadeza, franzindo o cenho quando ela foi puxada.

— Não demoro a voltar... com a cadeira — prometeu ele. Chrestien anuiu, sem se importar com uma coisa ou outra.

Ele saiu e, alheia à atenção de Chrestien, uma porta se fechou de mansinho. Ela estava vagamente ciente de que estava sozinha mais uma vez.

Jogando-se de costas na cama, ela de repente se sentiu muito, muito exausta. Os olhos se fecharam sozinhos.

Por que Weston não vinha buscá-la?

Cansada, ela caiu no sono... onde doces sonhos com o marido a aguardavam.

UM FRIO DIA de dezembro provocou certa movimentação lá no pátio. Seria a celebração de Natal? Parecia que aqueles que tinham vindo – por qualquer que fosse o motivo – estavam agora de partida. Chrestien olhou para eles da janela da

torre, o coração dolorosamente disparado, tentando decidir se os chamava ou não. Se pertenciam àquele mísero lugar, deviam ser amigos, não inimigos, mesmo que a ideia de Rolfe ter amigos a chocasse.

Será que estavam só de passagem, pedindo cama e comida ao lorde da fortaleza? Nesse caso, talvez ela conseguisse convencê-los a pedir ajuda.

Podia ser a sua única chance.

Esperando que alguém a ouvisse e viesse dar uma olhada, ela começou a cantar na torre, mas ninguém apareceu. E agora parecia que estavam indo embora, levando sua última esperança de resgate.

Mas se ela gritasse e não fosse ouvida, Rolfe a puniria. Ele levaria a cadeira. Ele a deixaria sem comida. Talvez lhe batesse. E agora era preciso pensar no bebê. No fim, Chrestien decidiu que não podia arriscar. Quando as pessoas partiram a cavalo do pátio, ela os observou com lágrimas congeladas nos olhos.

Mais tarde, quando perguntou a Rolfe sobre os convidados, ele disse que eram seus soldados voltando para Montagneaux para passar a vigília de Natal com as famílias. Aparentemente, Aleth tinha enviado homens com notícias e convidado Rolfe para participar.

Pelo menos ela sabia que a vigília de Natal ainda estava por vir, então ousou imaginar que um dos homens tivesse descoberto sua situação e avisasse Aleth.

Mas então outro pensamento a desesperou: e se Aleth já soubesse e não se importasse? E se tivesse mostrado sua melhor face para Adelaine, mas na verdade fosse tão traiçoeiro quanto o irmão? Não tinha gostado muito dele quando o conheceu, mas refletiu que era porque tinha sido ignorada bem depressa. Ainda assim, ele tinha sido gentil com Adelaine e ela reconhecia a sinceridade quando a via. Não, Aleth havia amado sua irmã de verdade. Ela rezou para que alguém lhe falasse sobre o irmão.

Vários baús com roupas novas lhe foram levados, mas ela nem inspecionou a maioria por falta de interesse. Para quem se vestiria? Rolfe? Nem mesmo para seu funeral! Ela nem conseguia tolerar tal ideia.

Para aquecer o ambiente, Rolfe havia colocado belas tapeçarias decoradas nas paredes: uma retratando a traição de Cristo por Judas; outra, a Virgem Maria com o halo sagrado segurando seu abençoado filho. Uma terceira tapeçaria, retratando uma cena de batalha, foi estendida no chão para impedir que o frio se infiltrasse pela pedra fria. Parecia que todos os dias ele trazia algo novo na tentativa de agradá-la.

A verdade era que os dias agora passavam mais depressa, mas as noites estavam mais longa. Chrestien as passava numa fria tristeza. A princípio, seus

sonhos com Weston eram agradáveis e a deixavam com uma dolorida saudade de seu toque gentil. Mas ultimamente, eles só a deixavam confusa e assustada.

Não conseguia se lembrar de todos com detalhes, mas um em particular assombrava tanto os seus dias quanto suas noites. Em sono profundo, seu corpo reagia ao toque do amado. Os braços de Weston eram muito fortes e seguros. Então ela olhava para o rosto dele e descobria que estava sendo abraçada por Rolfe. Gritando, ela corria até não aguentar mais e, no pânico, acabava caindo num buraco. Só que não era um buraco – em vez disso, ela se via numa cova comum junto com Adelaine, seu pai e seu filho em gestação. Gritos angustiados ecoavam em seus ouvidos e ela tentava parar de ouvi-los. Ao acordar, Chrestien tapava os ouvidos e chorava descontroladamente, vendo novamente o rosto ensanguentado de Adelaine como quando caiu no meio do amontoado de folhas de outono, pálida e imóvel.

Novamente, naquela noite, ela teve o sonho.

Um sussurro rouco vindo do outro lado do quarto a assustou, então Chrestien se concentrou e se deparou com Rolfe sentado na cadeira junto da janela, olhando para ela na escuridão. Chrestien se encolheu ao descobrir, pois apesar de nunca tocá-la, o olhar a deixava devastada.

Ele não tinha sido cruel com ela ao longo das semanas que se passaram, mas ainda assim não a permitia sair daquele quarto de jeito nenhum. Ela era uma prisioneira naquele cômodo escuro, úmido e frio.

— Está acordada?

Apesar de não tocá-la, ela parecia apavorada e mal tirava os olhos das cobertas.

— Sim — sussurrou ela bem baixinho.

— Outro sonho?

— Sim — respondeu, desalentada.

Rolfe não precisava de explicação. Ultimamente Chrestien andava conversando com ele, então sabia bem mais do que desejaria. E o que ele sabia acima de tudo era que seria esperança demais que ela viesse a amá-lo um dia. Ela não podia, pois seu coração pertencia a outro. Embora ainda não estivesse fisicamente aparente ainda, a cada semana que se passava, o bebê crescia... e com isso o amor pelo pai dele. Senhor, queria que fosse seu próprio filho... e que Chrestien fosse sua esposa. Aquilo supriria tudo o que ele tinha sofrido durante toda a vida. Faria qualquer coisa para ganhar o amor dela, mas sabia que seria um sonho fútil.

Essa beldade, que deveria ser dele, só entregaria seu coração uma vez.. e

isso já acontecera. O amor dela pertencia a FitzStephen, e apenas ele.

— Trouxe outro cobertor, você disse que o cômodo ainda estava um pouco frio, não foi?

Chrestien assentiu na escuridão e Rolfe soube que o que estava para fazer seria a coisa mais difícil do mundo.

Mas precisava ser feito.

Chrestien precisava ter uma escolha, pois ficava mais pálida e melancólica a cada dia que passava. O coração dela tinha abrandado um pouco em relação a ele, que acreditava detectar certa pena nos olhos dela também, o que não podia admitir.

Vagas lembranças voltaram para atormentá-lo, lembranças que ele havia escondido nos recessos mais escuros do coração e da mente – uma beldade de cabelos escuros de sua juventude... Gwynith foi sua primeira paixão, mas ela também o desprezou em favor do irmão caçula. O maldito Aleth que ganhava tudo... Mas Rolfe? Não lhe sobrava coisa alguma!

Gwynith se matou depois de permanecer ali com ele, enforcou-se nas vigas com a corda com que tinha sido presa. Ela havia começado a odiá-lo muito depois que a filha lhe foi tomada. Mas não havia como evitar... Ele nunca seria um bom pai para a menina, pois sempre que olhasse para aquela coisinha só veria o irmão. E como não seria parecia com seu maldito irmão, se tinha sido colocado na barriga dela por Aleth?

Naquele instante de lembrança, foi como se uma barragem de emoções tivesse irrompido a superfície com antigas memórias, uma inundação de palavras de ódio que Gwynith atirou sobre ele. *Eu amo Aleth – não você! Como uma mulher poderia te amar se você não tem o mínimo que um homem deveria ter? Você não passa de um escarro que precisa ser limpo das botas do seu irmão... um escarro... escarro... escarro... que precisa ser limpo das botas do seu irmão! Até seu pai te desprezava!*

Era tudo verdade.

As palavras de Gwynith ecoaram dolorosamente na mente dele, até não aguentar mais e levantar-se da cadeira, sacudindo a cabeça para dispersar as lembranças. Rolfe foi até a cama de Chrestien e ficou sentado ali olhando para o lindo rosto por um tempo. Mesmo que a tivesse levado da mesma maneira como sequestrou Gwynith, Chrestien não o tratava com o mesmo desprezo.

A voz de Rolfe falhou com o fardo das emoções agitadas.

— Você é linda, Chrestien. FitzStephen é um homem afortunado.

Como que atingida pelas palavras dele, ela virou o rosto para esconder as

lágrimas, escondendo-se debaixo das cobertas conforme as primeiras luzes do amanhecer invadiam a janela.

— Sempre vai amá-lo, não vai?

Ele a viu anuir, quase imperceptivelmente.

Contudo... Chrestien havia admitido.

— Só me pergunto... se com o tempo... você poderia pensar em mim com carinho. — Pegando-lhe a mão, ele a apertou e murmurou: — Será que posso ter esperanças?

Os olhos escuros de Chrestien enfrentaram os dele com seriedade.

— Meu coração nunca te pertencerá — falou com honestidade. — Mas antes eu temia você, Rolfe — admitiu com melancolia. — Já não temo mais.

Aquelas simples palavras significaram mais para Rolfe do que qualquer coisa na vida, e ele teve certeza de que lhe ofereceria meios de partir... se esse fosse o desejo dela.

Tomando-lhe a mão delicada novamente, levou-a aos lábios para deixar um beijo dos mais gentis. Daí, apertando-a forte contra o peito, começou a dizer:

— Chrestien, meu amor, lamento muito por sua irmã. Não pretendia causar a morte dela. Só queria ter você... e não me preocupei com o preço. Ah, se eu tivesse a chance de reviver aquele dia... Bom, ela estaria viva hoje.

Lágrimas escorreram dos olhos de Chrestien ao ouvir aquela confissão inesperada.

— Por favor, por favor! Não quero ouvir isso! Não suporto ouvir nada disso! — Ela nunca o perdoaria de fato, e nem conseguiu ouvir suas desculpas. Sua irmã agora estava morta. Ela queria ir para casa.

— Sim, você deve! Porque quero que saiba de tudo antes que eu saia deste quarto. Eu me considero culpado pela morte dela, por seu sofrimento.

Chrestien tapou os ouvidos.

— Por favor! Chega! — A raiva encheu seu coração. Por causa da necessidade de vingança de Rolfe, Adelaine jamais estaria entre eles novamente! Não queria sentir pena dele; queria odiá-lo para todo o sempre.

Contudo, ele persistiu.

— Eu estava cego de ódio do meu irmão, mas não me perdoou pelo que fiz, nem posso mudar o que sou. Por favor, saiba que você é a única que já ameii nessa vida.

Chrestien o encarou. Você não sabe nada de amor, berrou a mente dela!

— Só peço que pense em mim com carinho... quando pensar em mim... se em algum momento pensar em mim.

As palavras dele a confundiram. Será que estava dizendo tais coisas porque iria libertá-la?

O coração dela quase explodiu com essa nova ideia.

Talvez ele fosse soltá-la!, berrou uma voz dentro dela, mas Chrestien permaneceu composta e silenciosa, mascarando seus pensamentos.

Rolfe levantou-se da cama e ficou ali olhando para ela por um bom tempo.

Deixaria a tocha de piche no suporte da parede para que ela não caísse e quebrasse o pescoço nos degraus escorregadios.

Abrindo a porta, ele a atravessou e se virou, depois ficou ali olhando para dentro do quarto, sem realmente querer fechar a porta. No fundo do coração, ele sabia que quando retornasse, ela teria ido embora.

Quando finalmente terminou de fechar a porta, depois de uma eternidade, Rolfe subiu os degraus da torre em vez de descer o corredor. Iria para o telhado para observá-la pela última vez sem ser visto.

Ele havia ordenado que Gervais colocasse a sela no cavalo branco que era bem parecido com o de Chrestien e enchesse seus alforjes com suprimentos. Além disso, o portão foi deixado aberto e, assim que ela o atravessasse, Gervais garantiria que ela chegaria em segurança a Lontaine. Ele a seguiria à distância, dando-lhe pistas do caminho certo. Era a coisa certa a ser feita, embora o deixasse gélido. Seu cérebro sabia disso mesmo que o coração não.

Enquanto subia os degraus, Rolfe sentia o último vestígio morno de sua humanidade se extinguir para toda a eternidade... Mas como um homem morto que se contorce após a morte, seus pés continuaram se movendo por vontade própria.

Chrestien não ouviu o clique da trava. Ficou congelada quando ele fechou a porta e se afastou, os passos desaparecendo conforme Rolfe se afastava.

Ela se sentiu tonta de esperança.

Ele não tinha trancado a porta.

Por que não?

Será que podia ter esperanças?

Chrestien pulou da cama assim que ele se foi e ficou parada perto da porta repulsiva... temerosa de tentar, temerosa de que a trava não cedesse quando ela a mexesse.

Ficou em pé por muito tempo, sentindo o frio da porta atingir sua bochecha, tentando ouvir algum som que indicasse a presença dele do outro lado.

Por fim, respirando fundo, ela testou a porta, descobriu que ela estava destrancada e quase desmaiou de alegria.

Chrestien olhou para a tocha no suporte fora da porta. Tinha sido deixado para ela. Rolfe sabia o que ela faria e a deixaria ir.

A respiração dela acelerou quando pegou a tocha com mãos trêmulas e foi logo descendo os degraus estreitos.

Lágrimas silenciosas arderam nos olhos de Chrestien enquanto descia apressada a longa escadaria, verificando as sombras com apreensão, feito um coelho com medo de ser pego na armadilha do caçador. Ela tinha certeza de que Rolfe havia deixado a porta destrancada de propósito e temia que ele mudasse de ideia e voltasse.

Será que ela o odiava tanto assim?

Rolfe não esperou mais do que alguns minutos nas ameias para vê-la atravessar o pátio sorrateiramente, o fogo da tocha oscilando de leve ao amanhecer.

O rosto estava dormente de tanto tensionar o queixo, a túnica estava ensopada com lágrimas que ele não percebeu terem caído. Fechando as pálpebras com força para impedir que as lágrimas caíssem, ele rosnou sua miséria.

Quando as lágrimas indesejadas finalmente cessaram, Rolfe abriu os olhos e viu os cavaleiros se aproximando – parecia ser um exército!

A raiva, sua velha companheira, tomou lugar no peito enquanto ele os observava adentrarem o portão aberto. Não havia dúvida quanto ao líder: FitzStephen!

De seu lugar no topo do telhado da torre, viu que Weston já tinha enxergado Chrestien fugindo para o estábulo. E naquele momento compreendeu que não poderia viver o resto de seus dias sabendo que ela estaria nos braços de outro homem. Sabia que tinha arranjado sua própria morte por enfrentar Weston sozinho – todos os seus homens, exceto Gervais, já tinham lhe abandonado –, mas ele não podia viver assim: sabendo que a capturara e a deixara ir. Desceu correndo a escada, sacando a espada ao mesmo tempo.

Chrestien ficou um pouquinho surpresa por encontrar o cavalo branco completamente arreado e pronto para viajar. Os alforjes volumosos confirmaram que sua fuga era um desejo de Rolfe. Sem ousar se preocupar como encontraria seu caminho, desesperada para deixar aquele lugar, ela pôs a tocha num suporte e levou o animal até um parapeito para montá-lo.

Preocupada com o bebê, Chrestien se ergueu e montou com cuidado, mas antes que pudesse se acomodar direito na sela, ouviu a voz *dele*.

— Chrestien?

Aquela única palavra foi uma carícia sincera, pois conduziu meses da

preocupação dele aos ouvidos dela.

Escorregando de volta para o parapeito, Chrestien quase caiu na pressa de vê-lo, pois sabia que aquela voz não pertencia a ninguém senão Weston.

Ele tinha vindo buscá-la, afinal!

Virando-se depressa, deu dois passos e a visão escureceu. Chrestien desabou na palha aos pés dele.

— Chrestien!

Ficando de joelhos, Weston puxou a esposa para os braços, completamente apavorado de que ela estivesse ferida de alguma forma. Erguendo-a, carregou-a para a luz da manhã no pátio. Felizmente, Chrestien abriu os olhos, e seu sorriso imediato estava cheio de amor, chegando com clareza aos seus belos olhos escuros.

Weston congelou onde estava, avesso a falar ou se mover, temendo que ela desaparecesse dos braços dele novamente, temeroso de quebrar o encanto que os reunira.

Os olhos de Chrestien se encheram de lágrimas.

Secando-as depressa para ver o marido com clareza, o coração palpitou e Chrestien não conseguiu conter o sorriso que surgiu nos lábios.

Weston levantou o olhar de repente e ficou tenso, daí a colocou de pé no chão, ao lado de Aubert. Chrestien soube instintivamente o motivo...

Rolfe surgiu no pátio.

Ela se virou para vê-lo se aproximando e subitamente temeu ver uma batalha entre os dois. Um deles morreria, ela sabia, mas não podia suportar que fosse Weston.

— Não lute por minha causa — implorou ela. — Esqueça isso, ele me deixou partir!

Weston não podia ser detido.

A vingança tinha sido sua sombra desde que ele descobriu quem era o captor da esposa, então não podia simplesmente esquecer.

Rolfe veio andando até ele, sorrindo maldosamente, com arrogância a cada passo que dava. Ele praguejava e gargalhava de maneira horrível.

— Não vai dar ouvidos a essa meretriz, vai, FitzStephen? Você *quer* duelar comigo porque gosta mais do gosto do sangue do que do gosto da sua esposa!

Lutando contra a tremenda vontade de pular na garganta de Rolfe e silenciá-lo para sempre, Weston manteve-se no lugar, mas desembainhou a espada. Rolfe tinha chamado sua esposa de meretriz, mas perder de foco a raiva de alguém era um pecado mortal no calor da batalha e ele não deixaria que Rolfe tomasse a

vantagem, pelo bem de Chrestien.

— É, eu já testei seus muitos favores... que você deve conhecer muito bem — provocou Rolfe. — Ela geme que nem uma vadia.

— Mentiras! — Chrestien gritou e quis se atirar em Weston, mas Aubert a segurou.

— Ela tem gosto de mel, não tem? Doce, molhada e cheia de paixão!

O estômago de Weston ardeu.

A raiva o cegou.

A lâmina de Rolfe cortou o ar diante de Weston, passando bem longe do alvo. Não eram os movimentos de alguém que venceria, pois eram desajeitados e sem mira. Weston estava com muitos homens armados às suas costas para que Rolfe acreditasse que sairia dali incólume.

O homem gargalhou horrivelmente.

— O campeão do rei — bobagem! Era o que todos acreditavam, mas não passa de um simples bastardo como eu. Posso provar seus favores também, FitzStephen. Meu pinto já cansou da sua mulherzinha!

Os pelos na nuca de Weston eriçaram.

Ele podia tolerar ser chamado de bastardo, pois na verdade era um, mas saber que Rolfe tinha usado Chrestien para suas necessidades básicas estava sendo sua ruína. Rolfe teria morrido mil vezes se Weston pudesse providenciar, mas já que o combate estava estabelecido, uma vez que cada um portava uma espada longa, Weston arrancaria o último suspiro daquele corpo desprezível – e esmagaria o coração daquele peito vil.

Nem Weston nem Rolfe carregavam escudo. A batalha seria curta, pois o primeiro a receber um golpe substancial tombaria perante o outro. Weston pelo menos possuía a vantagem de estar completamente vestido em sua armadura. Rolfe não.

De sua parte, Aubert observou a cena se desdobrar com fúria pouco contida.

Se Rolfe caísse, a justiça teria sido feita. Se Weston caísse, ele defenderia a honra de sua irmã. Será que fracassaria? Só que além dele, havia ainda todos os homens da guarnição de Weston.

De qualquer forma, sua irmã seria libertada hoje, mas ele rezava para Weston ser o vencedor para que Chrestien pudesse saber do amor de seu marido diretamente, não através de histórias. Aubert não era muito bom com histórias. Esse era o forte de Adelaine.

Os dois ficaram rodeando, avaliando as fraquezas um do outro. Rolfe gingou para a esquerda e cortou o ar diante do rosto de Weston.

O clangor do metal veio quando Weston aparou o golpe, erguendo a espada para desviar a de Rolfe. Weston recuou e Rolfe tombou para frente ao perder o equilíbrio. No chão, rolou para longe quando Weston se arremessou sobre ele. Rolfe girou a lâmina com fúria, de qualquer jeito, mas conseguiu cortar a bochecha de Weston com a borda dourada. Encorajado pelo sangue que tirou, girou a espada mais alto. Weston bloqueou. Vendo uma abertura, enfiou a ponta da espada na barriga de Rolfe e cortou a túnica, arrancando sangue.

Berrando feito um demônio, Rolfe perdeu o controle e girou a espada loucamente, mas a largou quando viu a expressão de horror de Chrestien.

Conseguiria viver sem ela?

— Não! — gritou, ficando de joelhos.

Um aperto engolfou o peito, provocando-lhe uma dor insuportável, e Rolfe soube que morreria naquele dia. Era como se seu coração fosse desapontá-lo novamente! Movido pela dor, reergueu-se, apertando o peito, a decisão tomada.

Melhor morrer como um homem!

A espada de Weston ainda estava estendida, mas agora ele considerava cravá-la.

Era contra seu código de honra matar um homem em desvantagem – e Rolfe estava em clara desvantagem. Contudo, não teve tempo de tomar uma decisão. De repente, Rolfe deu um grito pavoroso e arremessou-se contra a espada de Weston, empalando a si mesmo.

Confuso, Weston simplesmente ficou ali, atordoado com o que tinha testemunhado.

Com olhos arregalados de horror, permitiu que Rolfe fosse ao chão e tirou a espada suja de sangue da barriga dele. Quando o corpo de Rolfe liberou a espada, uma poça de sangue jorrou ao chão, escorrendo por baixo dele até os pés.

Chrestien tropeçou ao correr até Weston, abraçando-o. Aos pés deles, a voz de Rolfe soava fraca.

— FitzStephen — grasnou. Ele tossiu, e o sangue encontrou uma nova saída por sua boca. — FitzStephen — repetiu, as palavras quase inaudíveis.

Weston virou o rosto com nojo do homem aos seus pés.

Com certo esforço, Rolfe ergueu-se do chão ensoçado de sangue e esticou a mão para agarrar a perna de Weston.

— Chrestien é nobre demais para ser usada feito uma meretriz. Eu a libertei da minha prisão... porque eu sabia que ela nunca ia dar o coração para mim... Ela pertence a você.

Houve um momento de silêncio em que Rolfe deixou que Weston digerisse a informação. Daí continuou, novamente cuspidando sangue antes de falar.

— O bebê que ela carrega é seu...

O choque o atingiu feito um soco.

Rolfe então fechou os olhos, mas a mão ainda segurava a perna de Weston com firmeza. Quando os abriu novamente, a máscara da morte estava aninhada neles. Era impossível distinguir entre o negro da pupila e o da íris.

Suas palavras seguintes foram dirigidas a Chrestien.

— Quero que leve uma mensagem... — Ele gaguejou de repente, cuspidando um rio de sangue. — Ao meu irmão... Diga que Gwynith não está totalmente perdida... Diga que ela lhe deu uma filha... Terese... Ele a encontrará na abadia da Santíssima Trindade. Ele vai adorar saber que Gwynith nunca me amou também.

Daí fechou os olhos, não os reabriu, estremeceu de repente e cuspiu fora uma golfada de sangue.

Chrestien gritou e virou seu rosto tomado por lágrimas para o peito de Weston coberto pela cota de malha.

A mão dele envolveu o pescoço da esposa, mantendo-a bem perto dele, enquanto a outra oferecia seu consolo, acariciando-lhe as costas.

Ele não lamentava a morte de Rolfe, mas, no momento, estava mais do que agradecido pelas confissões. Sabia que não devia ser fácil para um homem como Rolfe. Mas, ah, meu Deus! Rolfe havia dito que ela estava carregando seu bebê!

Nada mais importava.

A voz estava rouca de emoção quando disse:

— Acabou... Ele está morto, meu amor.

Chrestien assentiu, erguendo o rosto manchado por lágrimas para Weston. O braço voou para o pescoço do marido, e ela encostou o rosto no peito dele, sem se importar com o atrito da cota na bochecha, buscando apenas a segurança de seu abraço. Não queria largá-lo nunca mais.

A respiração dele estava perto de sua orelha, os lábios estavam pousados na bochecha úmida e os braços dele eram quentes e confortadores. As palavras foram ditas com uma suavidade que a fez estremecer.

— Rolfe falou a verdade? Que você me ama de verdade?

Era uma pergunta arrogante, uma que deixava pouco espaço para negação. Mas não houve necessidade de negação, não quando ela havia passado meses rezando pela oportunidade de dizer... Não quando carregava seu filho no ventre... Não quando cada pensamento estava centrado nele e seu corpo implorava pelo

toque dele. Não, ela não negaria.

— Eu amo.

Embargado de emoção, Weston ergueu a esposa nos braços e a beijou intensamente antes de colocá-la em seu corcel para levá-la para casa. Içando-se para sentar atrás dela, passou os braços pela cintura da esposa, afagando-a delicadamente como se admitisse o bebê, antes de deixar um beijo gentil no topo de sua cabeça. Um sorriso surgiu nos lábios dele, rivalizando em brilho com o sol da manhã ao dar a ordem:

— Para a casa de minha esposa, de uma vez por todas!

EPÍLOGO

Elizabeth Adelaine estava nos braços de Janelle, quieta demais para um bebê de cinco meses. Os olhos da velha criada embaçaram, admirando aquela doçura de rosto. Embora os olhinhos fossem tão escuros quanto os da mãe, ela esperava realmente que o bebê tivesse o temperamento de Adelaine, pois Chrestien sempre foi uma criança voluntariosa.

Por tudo o que era mais sagrado, nem ousava imaginar o que ela estava hoje fazendo naquela torre!

Fazia dois dias que Weston tinha saído para buscar o avô dela em Caen, e Chrestien estava trabalhando desde então... Lá em cima, com toda aquela barulheira.

Os olhos de Janelle foram atraídos para o teto, imaginando a diabrura que ela estava fazendo por lá. O barulho era infernal.

Mas suspirou resignada, olhando com carinho para o rostinho da doce filhinha de Chrestien. Na verdade, não poderia estar mais orgulhosa se ela fosse de seu próprio sangue. Só esperava que um dia Aubert encontrasse uma dama para se casar e trouxesse mais crianças para ela amar e cuidar.

Janelle sorriu, já que o barão Grey se revelou um homem bastante honrado. Havia aceitado Aubert sem questionar, apesar de saber que não era de fato descendente de sua filha. Havia pedido a Henrique que o nomeasse como seu herdeiro, então Janelle mal podia acreditar naquela virada de sorte.

Por sua vez, Chrestien estava empolgada porque finalmente conheceria o barão – se não se matasse lá em cima primeiro.

Um som parecido com o de um trovão reverberou lá do alto, então Janelle se

benzeu e rezou.

— Essa é sua querida mãe — disse à menininha na sua voz mais doce. A criança murmurou, riu e lhe deu um tapinha esperto no rosto.

— Talvez você seja como sua mãe afinal — sugeriu Janelle, erguendo a sobranceira.

Lá na torre, o trabalho de Chrestien estava quase completo.

Aquele quarto tinha ficado em desuso por tempo demais.

Weston havia contado sobre a noite em que subiu até lá com Aubert, quando descobriram o amuleto no chão e perceberam que as rosas eram uma pista ignorada. Tudo lhe parecia muito conveniente: não podia deixar de acreditar em certa intervenção divina.

Claro, havia muitas coisas que desafiavam a explicação, mas isso não as tornava um mistério. Mesmo sabendo que a presença do amuleto ali não era nada sobrenatural, pois poderia ter sido esquecido ali anteriormente por Adelaine, mesmo depois de descoberto, Chrestien também o deixou no quarto. Agora muitas pessoas já tinham testem unhado a visão da mãe de Chrestien para duvidar da presença dela, então ela tinha certeza de que, feito um anjo guardião, sua mãe cuidaria de sua filha... e de qualquer outro filho que ela e Weston fizessem juntos.

Ela sorriu consigo mesma, imaginando o que ele diria sobre a novidade.

Weston teria uma surpresa. Deu outra olhada no quarto, bastante satisfeita com o trabalho. Mandou subirem com a cama do lorde, assim como todos os pertences do casal. Agora só faltava mandar construir um novo berço.

Chrestien acariciou a barriga e sentiu as bochechas arderem forte, um tanto envergonhada por outra criança nascer assim logo atrás da primeira.

Seu marido era um homem luxurioso – e, na verdade, ela não preferiria de outro jeito. Mesmo agora mal podia esperar por seu retorno, para que pudessem batizar a cama no novo quarto.

O aposento lá de baixo seria usado para convidados e seu antigo quarto ficaria com Janelle, para que ela pudesse ficar por perto e ajudar Chrestien com as crianças. Com o tempo, ela o transformaria num quarto infantil e Janelle talvez tivesse que retornar para sua própria casa, mas pensariam nisso quando necessário.

Dando uma última olhada no quarto, ela ponderou vagamente se seu avô consideraria Janelle atraente, pois sabia que a criada não era inteiramente imune a ele. Chrestien só ouvia palavras de elogio ao distinto barão Grey. Mas, uma coisa de cada vez.

Apesar das venezianas fechadas, Chrestien ouviu os gritos lá no pátio, dos

homens na muralha, então soube que o marido tinha voltado. O coração pulou e ela levou a mão ao peito, incrivelmente empolgada.

Dando uma última olhada no quarto, admirando o calor que ele agora exalava, as pequenas coisas que o tornavam do casal, Chrestien mal podia esperar para mostrá-lo ao marido. Os olhos dela miraram o amuleto que pendia de um gancho acima do baú que Aleth teve a gentileza de lhe dar – cheio dos adorados tesouros de Adelaine. Não precisava ver os espíritos de sua mãe ou irmã para saber que estariam sempre ali... em seu coração. Por um momento, enquanto o portão estava sendo aberto, Chrestien manteve o olhar ali naquele cantinho antes de sair do quarto e descer depressa a escadaria para cumprimentar o marido e finalmente conhecer seu avô.

No instante em que a esposa saiu da fortaleza à luz forte do sol, Weston desmontou, ansioso para abraçá-la. Ela correu até ele, que a ergueu nos braços, girando-a no ar com exuberância.

— Senti saudades! — jurou ele.

Havia um sorriso nos olhos dela.

— E eu de você! — Todas as outras pessoas foram esquecidas enquanto os dois se olhavam amorosamente, perdidos. — Tenho novidades para você. — Weston a olhou com receio, um tanto temeroso do anúncio. A esposa estava sempre pronta para alguma travessura. Mas ele a amava intensamente. — Só mais tarde — provocou ela.

— Será que precisarei lhe dar umas palmadas? — perguntou ele, dando uma piscadinha.

Ela sorriu.

— Talvez.

Ele sacudiu a cabeça, pensando naquele traseiro atraente, querendo mais do que tudo colocar as mãos nele e depois os lábios. Estava faminto por saboreá-la.

— Darei. E o farei com muita paixão — prometeu ele, erguendo-a novamente para um beijo na boca. — Diga, meu amor... Seu pai te bateu muito quando você era criança?

Chrestien deu uma risadinha, sacudindo a cabeça.

— Nunca.

— Ah, então não me resta esperanças — disse ele. — Porque agora vocês são duas.

O sorriso dela aumentou, incapaz de guardar o segredo.

— Talvez três...

Chrestien riu do ar de espanto que ele fez e resolveu tranquilizá-lo:

— Mas não precisa se preocupar com Lizzy porque Janelle diz que ela puxou o temperamento de Adelaïne.

— Graças a Deus! — exclamou Weston. Chrestien lhe deu um leve tapinha no braço, rindo. — Nossa, como você é brutal! — reclamou ele.

— Se queria alguém mais gentil, devia ter casado com outra — caçoou ela.

— Não — murmurou Weston, rouco. — Nunca aguentaria uma esposa assim... com o devido respeito à sua doce irmã. Agora deixe de tagarelar e me beije de novo, minha querida esposa!

Chrestien conteve a resposta afiada e obedeceu.

Tinha algo a dizer sobre essa questão de submissão, mas entregou-se completamente para Weston, de coração e alma.

Lá na janela mais alta da torre, as duas venezianas se abriram com a brisa, ficaram assim por um longo tempo, como que espiando os dois amantes lá embaixo, e depois, sem qualquer traço de vento, as duas venezianas se fecharam lentamente...